



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Crisiane Nunes Bez Batti

**HISTÓRIA DOS SURDOS DE LAGUNA – RESGATANDO O PASSADO E  
CONSTRUINDO O FUTURO**

FLORIANÓPOLIS

2021

CRISIANE NUNES BEZ BATTI

**HISTÓRIA DOS SURDOS DE LAGUNA – RESGATANDO O PASSADO E  
CONSTRUINDO O FUTURO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Lemos Pizzio

FLORIANÓPOLIS

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bez Batti, Crisiane

HISTÓRIA DOS SURDOS DE LAGUNA - RESGATANDO O PASSADO E  
CONSTRUINDO O FUTURO / Crisiane Bez Batti ; orientadora,  
Aline Lemos Pizzio, 2021.

245 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Resgate histórico; surdos de Laguna.  
I. Lemos Pizzio, Aline. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.  
Título.

CRISIANE NUNES BEZ BATTI

**HISTÓRIA DOS SURDOS DE LAGUNA – RESGATANDO O PASSADO E  
CONSTRUINDO O FUTURO.**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Bruna Crescêncio  
IFSC

Profe. Dr. Marcos Luchi  
UFSC

Profa. Dra. Débora Campos Wanderley  
UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Linguística.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

Profa. Dra. Aline Lemos Pizzio  
Orientadora

Florianópolis, 2021.

Dedico essa dissertação a toda comunidade surda, principalmente a comunidade surda de Laguna. Que essa pesquisa traga um novo horizonte às futuras realizações e que estas garantam que possamos viver com mais dignidade como sujeitos surdos, com nossas identidades surdas e culturais - que sejamos respeitados e possamos ser nós mesmos com nossa língua, com nossa cultura, e nossa própria maneira de ver, perceber e sentir o mundo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me dar saúde, força e coragem para superar as dificuldades. À minha família pelo amor, incentivo e apoio incondicionais, aos meus filhos pela compreensão das ausências e afastamentos temporários. Gratidão também à comunidade surda de Laguna porque esse trabalho é principalmente, fruto de nossas trocas, que contribuíram para a produção dessa dissertação; à professora Aline Pizzio, a quem tive a honra em ter como orientadora com sua experiência e paciência, sempre me apoiando e me aconselhando em minha jornada enquanto pesquisadora e por último minha amiga Karina Lima - pude vivenciar com você várias virtudes que me ajudaram a crescer, só tenho a agradecer pela sua confiança, pelos seus conselhos, seu incentivo e acima de tudo por sempre acreditar no meu potencial.



Uma autoimagem feita pelo surdo lagunense AB, com 14 anos, depois de sete anos frequentando a APAE.

*“Uma árvore não cresce, sem olhar e reconhecer suas raízes.”*

*Karen Skanaan*

*“Percebo inclusive que há uma grande falha pela falta da história do povo surdo,  
pois um povo sem história sente-se errante.”*

*(RANGEL, 2004, p.22)*

## RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo principal resgatar a história da comunidade surda de Laguna – SC nos últimos 80 anos, entendendo que conhecer o passado é um passo vital no entendimento do presente e na construção do futuro. A cidade de Laguna e região da Amurel possui uma comunidade surda extensa. Infelizmente, durante muitos anos esses cidadãos foram privados de um espaço de educação, sociabilização e identidade cultural. O resgate da história se deu através de relatos de memórias de surdos e ouvintes bem como da análise de documentos históricos e do inventário de fotos para a criação de um registro cronológico de eventos. O trabalho se construiu sobre 3 pilares vitais: o direito linguístico (BRITO,1985; SKUTNABB-KANGAS *et al.*,1995; GROSJEAN, 2001; RODRIGUES; BEER, 2016), a política linguística (QUADROS, 2006; RODRIGUES; SILVÉRIO, 2013; RODRIGUES, 2014); e o papel importante do resgate histórico na construção de identidades (HALBWACHS, 1990; ASSMAN,1995; HALL, 1997; PERLIN, 1998). Na análise dos relatos de memórias, da documentação encontrada bem como das fotos arroladas, entendemos que no passado era costumeiro que os surdos fossem encaminhados para a APAE, que não estudassem em escolas regulares e que fossem instrumentalizados para trabalhos artesanais, tendo pouco ou nenhum contato com o aprendizado de Libras. A partir dos anos 2000, uma nova geração de surdos passa a ter maior contato com a língua de sinais em associações fora da cidade, e são inseridos no ensino regular ainda com profissionais que ainda não estavam qualificados para atuação da educação de surdos. A fundação da Associação Lagunense de Pais e Amigos de Surdos – ALPAS em 2016 foi uma avanço para que a comunidade surda se encontrasse em espaços em que a Libras, a identidade e cultura surda fossem respeitadas e em que o aprendizado bilíngue fosse oportunizado. O resgate histórico instrumentaliza os surdos a conhecer-se enquanto indivíduos e enquanto comunidade, se tornado uma porta aberta para novas possibilidades, perspectivas e investigações. Além disso, cria pontes para a implantação e implementação de novas políticas linguísticas visando sanar as lacunas linguísticas atuais, uma vez que a comunidade lagunense ainda é muito deficitária em acessibilidade ainda que esteja em franco progresso.

**Palavras-chave:** Resgate histórico. Direito Linguístico. Laguna. Surdos. Memórias.



## ABSTRACT

This dissertation aims to rescue the history of the deaf community from Laguna – SC in the last 80 years, with the understanding that knowing the past is a vital step in the comprehension of the present and in the building of the future. The city of Laguna and the Amurel region have a large deaf community. Unfortunately, for many years these citizens were deprived of a space for education, socialization, and cultural identity. The rescue of their history was done through reports of memories of deaf and hearing people as well as the analysis of historical documents and the inventory of photos for the creation of a chronological record of events. The work was built on 3 vital pillars: language rights (BRITO, 1985; SKUTNABB-KANGAS *et al.*, 1995; GROSJEAN, 2001; RODRIGUES; BEER, 2016), language policy (QUADROS, 2006; RODRIGUES; SILVÉRIO, 2013; RODRIGUES, 2014), and the important role of historical rescue in the construction of identities (HALBWACHS, 1990; ASSMAN, 1995; HALL, 1997; PERLIN, 1998). Through the analysis of the reports of memories, the documentation found as well as the photos listed, we understand that in the past deaf people used to be sent to APAE, did not study in regular schools and were instrumentalized for craft work, having little or no contact with the learning of Libras. From the 2000s on, a new generation of deaf people started to have more contact with sign language in associations outside the city, and were inserted in regular education with professionals who were not yet qualified to work in deaf education. The founding of the Lagunense Association of Parents and Friends of the Deaf – ALPAS in 2016 was a breakthrough for the deaf community to find spaces in which Libras, identity and deaf culture were respected and where bilingual learning was provided. The historical rescue instrumentalizes deaf people to understand themselves as individuals and as a community, thus becoming an open door to new possibilities, perspectives and investigations. Moreover, it creates bridges for the deployment and implementation of new language policies aimed at solving current linguistic gaps, since the community in the city of Laguna is still very deficient in accessibility even though it is rapidly progressing.

**Keywords:** Historical rescue. Linguistic rights. Laguna. Deaf community. Memories.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Com meus familiares quando eu era criança .....	17
Figura 2 - Em um evento na UFSC antes de me tornar acadêmica .....	22
Figura 3 - Com meu esposo e filhos.....	25
Figura 4 - Laguna nos anos 40.....	51
Figura 5 - Centro de Laguna em 1948 .....	51
Figura 6 - Vista da cidade de Laguna nos anos 50 .....	52
Figura 7 - Vista atual do litoral de Laguna a partir da praia do Mar Grosso .....	55
Figura 8 - Centro histórico de Laguna na atualidade.....	56
Figura 9 - Francisco Lima Júnior .....	60
Figura 10 - Primeiro time de futebol .....	60
Figura 11 - Primeiro dicionário na língua de sinais em Santa Catarina em 1947 .....	62
Figura 12 - Primeira turma de alunos surdos no Círculo de Surdos e Mudos de Santa Catarina.....	63
Figura 13 - Participantes do primeiro curso de Libras no CEAL.....	67
Figura 14 - Programação do 1 Encontro Lagunense de surdos .....	69
Figura 15 - Participante do I Encontro de Surdos de Laguna .....	69
Figura 16 - Plateia no 1 Encontro de Surdos de Laguna.....	70
Figura 17 - Professora Karin Strobel palestrando no evento.....	70
Figura 18 - Matéria no site da prefeitura de Laguna sobre o evento .....	71
Figura 19 - Matéria no jornal A Verdade sobre o Evento .....	72
Figura 20 - Turma do curso de Libras em parceria com a UFSC .....	73
Figura 21 - Visita dos surdos ao FAM .....	74
Figura 22 - Plateia no FAM.....	75
Figura 23 - Plateia no dia da fundação.....	76
Figura 24 - Confraternização após a fundação .....	76
Figura 25 - Entrevista na rádio falando da fundação da ALPAS.....	77
Figura 26 - Visita à FCEE .....	79
Figura 27 - Laudos conseguidos em visita à FCEE.....	79
Figura 28 - Turma animada na sede da Alpas.....	80
Figura 29 - Matéria do jornal online Meu Sul sobre o curso de Libras .....	81
Figura 30 - Folder do curso de Libras oferecido em parceria com a escola Elizabeth Ulysséa Arantes .....	82
Figura 31 - Viagem para um seminário .....	83
Figura 32 - Desfile cívico 2016 .....	83
Figura 33 - Folder dos palestrantes no 2 Encontro de surdos de Laguna .....	84
Figura 34 - Plateia do evento .....	85
Figura 35 - Plateia do evento .....	85
Figura 36 - Professor Palestrante Marcos Luchi .....	86
Figura 37 - Discursando na Câmara de Vereadores .....	87
Figura 38 - Com Sandra Amorim presidente da ASGF na câmara de Vereadores....	88
Figura 39 - Folder com a programação do 3º Encontro de Surdos em Laguna .....	89
Figura 40 - Professora Aline Pizzio palestrando.....	90
Figura 41 - Professor Rodrigo Custódio palestrando .....	90
Figura 42 - Plateia do evento .....	91
Figura 43 - Visão da plateia do Teatro Cine Mussi .....	91
Figura 44 - Matéria no site da prefeitura de Laguna sobre a sala bilíngue.....	92
Figura 45 - Palestra motivacional na UNISUL .....	93
Figura 46 - Palestrando na UNISUL.....	93

Figura 47 - Representando a ALPAS na Alesc .....	94
Figura 48 - Marcando presença do 2 Festival de Cultura Surda de Tubarão .....	94
Figura 49 - Evento em que participei representando a ALPAS .....	95
Figura 50 - Folder do evento em que participamos como Associação .....	95
Figura 51 - Matéria no site da prefeitura de Laguna sobre a sala bilíngue .....	96
Figura 52 - Dando aula na sala bilíngue.....	97
Figura 53 - Alunos surdos na sala bilíngue .....	97
Figura 54 - Saída de campo .....	98
Figura 55 - Visita da ALPAS a uma Escola em Treze de Maio .....	98
Figura 56 - ALPAS presente em Araranguá.....	99
Figura 57 - Folder da programação do 1 Encontro Araranguense de Surdos .....	99
Figura 58 - Palestra na Escola Saul Ulysséa .....	100
Figura 59 - Visita das autoridades à ALPAS .....	101
Figura 60 - Postagem do Instagram da ALPAS com nossa visita ao vereador Peterson Crippa para entrega de requerimento .....	101
Figura 61 - Desfile cívico em 2018 .....	102
Figura 62 - Desfile cívico em 2018 .....	102
Figura 63 - Pedágio solidário.....	103
Figura 64 - Participação do I Festival Literário .....	103
Figura 65 - Manifestação pela presença do intérprete de Libras.....	104
Figura 66 - Certificação da participação da ALPAS no Festival.....	104
Figura 67 - Recebendo a certificação em nome da ALPAS .....	105
Figura 68 - Folder de nossa festa junina .....	105
Figura 69 - ALPAS na Semana cultural de Laguna .....	106
Figura 70 - ALPAS na Semana cultural de Laguna .....	106
Figura 71 - ALPAS na Câmara de Vereadores lutando pelos seus direitos.....	107
Figura 72 - Convite de nossa festa junina .....	108
Figura 73 - ALPAS reunida na festa junina .....	108
Figura 74 - Reunião de parceria para curso com a FENEIS .....	109
Figura 75 - Postagem no Instagram da ALPAS avisando sobre o Pedágio para angariar fundos para realizar o 4 Encontro de Surdos em Laguna .....	109
Figura 76 - Mesa de palestrantes do 4 Encontro.....	110
Figura 77 - Folder da programação do 4 Encontro de Surdos em Laguna .....	110
Figura 78 - Equipe de organização do evento.....	111
Figura 79 - Com Luciellen Lima e Petterson Crippa.....	111
Figura 80 - Palestra da professora Ronice M. de Quadros .....	112
Figura 81 - Representando a ALPAS em palestra na ALESC .....	112
Figura 82 - ALPAS na ALESC .....	113
Figura 83 - ALPAS visitando a ASGF .....	113
Figura 84 - Representando a ALPAS em Brasília.....	114
Figura 85 - Festival de Folclore Surdo em que a ALPAS esteve presente .....	114
Figura 86 - Imagens dos meus registros no diário .....	119
Figura 87 – Prontuário.....	133
Figura 88 - Formulário de entrevista .....	133
Figura 89 – Excertos Prontuário.....	134
Figura 90 - Excertos Prontuários 2.....	134
Figura 91 - Excertos Prontuários 3.....	135
Figura 92 - Corpo do e-mail resposta da FCEE .....	136
Figura 93 - Excertos Prontuários 4.....	137
Figura 94- Excertos Prontuários 5.....	137

Figura 95 - Excertos Prontuários 6.....	138
Figura 96 - Excertos Prontuários 7.....	138
Figura 97 - Excertos Prontuários 8.....	138
Figura 98 - Excertos Prontuários 9.....	138
Figura 99 - Excertos Prontuários 10.....	139
Figura 100 - Excertos Prontuários 11.....	139
Figura 101 - Excertos Prontuários 12.....	139
Figura 102 - Excertos Prontuários 13.....	139
Figura 103 - Excertos Prontuários 14.....	140
Figura 104 - Excertos Prontuários 15.....	140
Figura 105 - Excertos Prontuários 16.....	142
Figura 106 - Excertos Prontuários 17.....	142
Figura 107 - Excertos Prontuários 18.....	142
Figura 108 - Excertos Prontuários 19.....	142
Figura 109 - Excertos Prontuários 20.....	143
Figura 110 - Excertos Prontuários 21.....	143
Figura 111 - Excertos Prontuários 22.....	144
Figura 112 - Excertos Prontuários 23.....	144
Figura 113 - Excertos Prontuários 24.....	145
Figura 114 - Excertos Prontuários 25.....	148
Figura 115 - Excertos Prontuários 26.....	148
Figura 116 - Excertos Prontuários 27.....	148
Figura 117 - Excertos Prontuários 28.....	149
Figura 118 - Excertos Prontuários 29.....	149
Figura 119 - Excertos Prontuários 30.....	149
Figura 120 - Excertos Prontuários 31.....	150
Figura 121 - Excertos Prontuários 32.....	150
Figura 122 - Excertos Prontuários 33.....	150
Figura 123 - Excertos Prontuários 34.....	151
Figura 124 - Excertos Prontuários 35.....	151
Figura 125 - Excertos Prontuários 36.....	152
Figura 126 - Excertos Prontuários 37.....	152
Figura 127 - Laudo de Porto União.....	154
Figura 128 - Relatório de Blumenau – Parte A.....	155
Figura 129 - Relatório de Blumenau – Parte B.....	156
Figura 130 - Relatório – Parte 1.....	157
Figura 131 - Relatório – Parte 2.....	158
Figura 132 - Relatório – Parte 3.....	158
Figura 133 - Relatório – Parte 4.....	159
Figura 134 - Prontuário CM APAE parte 1.....	160
Figura 135 - Prontuário CM APAE parte 2.....	161
Figura 136 - Excertos Prontuários 38.....	162
Figura 137 - Excertos Prontuários 39.....	162
Figura 138 - Excertos Prontuários 40.....	163
Figura 139 - Excertos Prontuários 41.....	163
Figura 140 - Excertos Prontuários 42.....	163
Figura 141 - Excertos Prontuários 43.....	163
Figura 142 - Excertos Prontuários 44.....	164
Figura 143 - Excertos Prontuários 45.....	164
Figura 144 - Excertos Prontuários 46.....	164

Figura 145 - Excertos Prontuários 47 .....	164
Figura 146 - Excertos Prontuários 48 .....	165
Figura 147 - Excertos Prontuários 49 .....	165
Figura 148 - Excertos Prontuários 50 .....	165
Figura 149 - Excertos Prontuários 51 .....	166
Figura 150 - Excertos Prontuários 52 .....	166
Figura 151 - Excertos Prontuários 53 .....	167
Figura 152 - Excertos Prontuários 54 .....	167
Figura 153 - Excertos Prontuários 55 .....	168
Figura 154 - Excertos Prontuários 56 .....	168
Figura 155 - Excertos Prontuários 57 .....	168
Figura 156 - Excertos Prontuários 58 .....	168
Figura 157 - Excertos Prontuários 59 .....	169
Figura 158 - Excertos Prontuários 60 .....	169
Figura 159 - Excertos Prontuários 61 .....	169
Figura 160 - Excertos Prontuários 62 .....	169
Figura 161 - Excertos Prontuários 63 .....	169
Figura 162 - Excertos Prontuários 64 .....	170
Figura 163 - Excertos Prontuários 65 .....	170
Figura 164 - Excertos Prontuários 66 .....	171
Figura 165 - Excertos Prontuários 67 .....	171
Figura 166 - Excertos Prontuários 68 .....	171
Figura 167 - Excertos Prontuários 69 .....	172
Figura 168 - Excertos Prontuários 70 .....	172
Figura 169 - Excertos Prontuários 71 .....	172
Figura 170 - Excertos Prontuários 72 .....	174
Figura 171 - Excertos Prontuários 73 .....	174
Figura 172 - Excertos Prontuários 74 .....	174
Figura 173 - Excertos Prontuários 75 .....	175
Figura 174 - Excertos Prontuários 76 .....	175
Figura 175 - Excertos Prontuários 77 .....	176
Figura 176 - Excertos Prontuários 78 .....	176
Figura 177 - Excertos Prontuários 79 .....	176
Figura 178 - Excertos Prontuários 80 .....	178
Figura 179 - Excertos Prontuários 81 .....	178
Figura 180 - Excertos Prontuários 82 .....	178
Figura 181 - Excertos Prontuários 83 .....	179
Figura 182 - Excertos Prontuários 84 .....	179
Figura 183 - Excertos Prontuários 85 .....	180
Figura 184 - Excertos Prontuários 86 .....	180
Figura 185 - Excertos Prontuários 87 .....	180
Figura 186 - Excertos Prontuários 88 .....	181
Figura 187 - Excertos Prontuários 89 .....	181
Figura 188 - Relatório para desligamento .....	184

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados do Censo Demográfico 2010 .....	29
Tabela 2 - Influências para a fundação das associações de 1803 a 1956 .....	57
Tabela 3 - Resumo do levantamento de dados .....	126
Tabela 4 – Recenseamento geral de 1940 .....	130
Tabela 5 - População de fato no censo de 1940 segundo os municípios .....	131
Tabela 6 - Níveis de deficiência mental .....	146
Tabela 7- Resumo dos participantes das entrevistas .....	185

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1 MINHA TRAJETÓRIA COMO SURDA ATÉ ME TORNAR PESQUISADORA .....	16
1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	25
1.3 PROBLEMA DE PESQUISA .....	26
1.4 OBJETIVOS .....	26
1.5 JUSTIFICATIVA .....	27
1.6 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO .....	31
<b>2 CONCEITOS NORTEADORES DE UM RESGATE HISTÓRICO</b> .....	<b>32</b>
2.1 DIREITO LINGUÍSTICO .....	36
2.2 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS .....	38
2.3 A IMPORTÂNCIA DO RESGATE HISTÓRICO NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES .....	41
<b>3 RESGATANDO HISTÓRIAS</b> .....	<b>46</b>
3.1 CONHECENDO LAGUNA .....	46
<b>3.1.1 Transformações do espaço urbano lagunense ao longo do tempo</b> .....	<b>46</b>
<b>3.1.2 A expansão urbana</b> .....	<b>53</b>
<b>3.1.3 O passado lagunense frente à cidade atual</b> .....	<b>55</b>
3.2 HISTÓRIA DO INÍCIO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E DE SUAS ASSOCIAÇÕES NO ESTADO DE SANTA CATARINA .....	57
<b>3.2.1 O surgimento das associações de surdos</b> .....	<b>57</b>
<b>3.2.2 Lima Júnior e sua contribuição para a comunidade surda em Santa Catarina</b> .....	<b>59</b>
3.3 HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS EM LAGUNA .....	65
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>116</b>
4.1 LEVANTAMENTO DE DADOS PRELIMINAR .....	122
<b>5 ANALISANDO DADOS COLETADOS</b> .....	<b>129</b>
5.1 DOCUMENTOS DA APAE – 1976 A 1995 .....	131
<b>5.1.1 Encaminhamento</b> .....	<b>133</b>
<b>5.1.2 Queixas</b> .....	<b>137</b>
<b>5.1.3 Diagnóstico</b> .....	<b>141</b>
<b>5.1.4 Famílias</b> .....	<b>147</b>
<b>5.1.5 Sociabilidade</b> .....	<b>167</b>

<b>5.1.6 Escola.....</b>	<b>173</b>
<b>5.1.7 Plano pedagógico da APAE para os surdos .....</b>	<b>177</b>
<b>5.1.8 Relato de memória de ES .....</b>	<b>183</b>
<b>5.2 RELATOS DE MEMÓRIA – 1995 A 2010 .....</b>	<b>184</b>
<b>5.2.1 Família .....</b>	<b>186</b>
<b>5.2.2 Sociabilidade .....</b>	<b>190</b>
<b>5.2.3 Escola.....</b>	<b>194</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>199</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>201</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>208</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>209</b>
<b>ANEXO 3.....</b>	<b>211</b>
<b>ANEXO 4.....</b>	<b>223</b>
<b>ANEXO 5.....</b>	<b>224</b>
<b>ANEXO 6.....</b>	<b>225</b>
<b>ANEXO 7.....</b>	<b>226</b>
<b>ANEXO 8.....</b>	<b>228</b>
<b>ANEXO 9.....</b>	<b>230</b>
<b>ANEXO 10.....</b>	<b>231</b>



## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 MINHA TRAJETÓRIA COMO SURDA ATÉ ME TORNAR PESQUISADORA

Quando penso no âmago da minha pesquisa que é resgatar parte da história de uma comunidade, também entendo ser importante resgatar minha própria história. Essa narrativa é válida para entender a intersecção entre minha vida e meu tema de pesquisa.

Minha caminhada até aqui foi e é repleta de desafios, dificuldades, obstáculos. Mas também é marcada por superação – a superação da padronização, da normalização, exigida pela família e pela sociedade por meio do oralismo. Não sei ao certo se minha surdez foi de nascença ou se perdi a audição gradualmente – ninguém sabe me dizer. Minha família conta que contraí uma catapora muito forte, que me deixou com o corpo todo machucado. Eles se recordam que eu não podia me vestir, precisavam colocar óleo pelo meu corpo e me enrolar em um lençol. Após esse episódio de catapora minha família percebeu que minha fala não se desenvolvia como a das outras crianças. Entre meus 3 e 4 anos passei a frequentar a fonoaudióloga e lá logo aprendi a palavra “mãe”. Na mesma época minha família tentava me fazer falar com uso de simpatias como colocar um pintinho para piar na minha boca e tomar água de chuva em uma colherzinha. Quando aprendi a falar “mãe”, eu não entendia o que significava. Por isso tratava todos por essa única palavra. Minha família lembra muito disso, pois minha tia na época quase perdeu um namorado por ele achar que eu era filha dela. O que me recordo dessa época é que, para minha família o mais importante era que eu ouvisse e falasse, meu aprendizado de maneira geral não era algo tão visado.

Até os 6 anos ainda não havia compreendido que eu era surda – e o que isso significava – porque minha própria família não aceitava a surdez e colocava a culpa da maneira como eu me desenvolvia em função do meu temperamento e personalidade. Nessa idade eu comecei a frequentar o pré-escolar. Sentia-me diferente das outras crianças, mas não entendia o porquê. As crianças riam de mim e falavam muito, coisa que eu não conseguia fazer. Eu via as crianças brincando e não interagia. Sentia raiva e por isso era agressiva com meus colegas e costumava ter um comportamento intempestivo, também com os objetos. Costumeiramente, por

conta disso, eu era castigada dentro e fora da escola. Lembro também que na saída da escola eu saía correndo feliz e chamava pela minha avó. Sempre via um grupo de crianças que me esperavam na esquina e eu não entendia por que elas me esperavam passar, por um tempo até me achava importante. Até que um dia descobri que as crianças ficavam ali esperando que eu gritasse pela minha avó, e o papagaio da vizinha me imitasse: “bóoooo, bóoooo” - elas achavam graça. Fiquei tão constrangida, que com a ajuda do meu primo, resolvi soltar o papagaio. Por conta disso ele foi castigado e eu não porque consegui fugir correndo.

Durante esse tempo, fui colocada para sentar no canto da sala. Passei mais de um ano na mesma série e meus colegas sempre eram recompensados com um “minilápis” – algo que eu nunca ganhei. Os anos foram se passando e entre algumas consultas em hospitais e exames de audiometria se concluiu que eu não era surda, que meu comportamento era puramente psicológico. Durante todo esse tempo minha família não teve entendimento de que eu era de fato SURDA.

Fui aprender a ler com 11 a 12 anos de idade, com uma professora que se importou comigo e me ajudou a aprender as palavras, me dando o primeiro impulso para ser autodidata. Mesmo assim nesses anos, costumava copiar dos meus colegas as atividades e os trabalhos que o professor passava. Desde essa época eu sentia falta de identificação, me sentia inferior, sentia algo errado, algo diferente, mas não sabia o quê, esse foi o momento de minha vida em que me percebi diferente das outras crianças. Nessa época minha família começou a aceitar que de fato eu era surda – mas ninguém tocava no assunto.

Figura 1 - Com meus familiares quando eu era criança



Fonte: Arquivo pessoal.

Aos 18 anos quando perdi minha avó, fui de porta em porta tentar conseguir trabalho. Minha primeira tentativa foi nas empresas de macieiras. Onde eu vivia, os invernos eram muito rigorosos. Me lembro de ir andando pelas estradas carroçais, porque não tinha dinheiro para condução, na chuva e na lama, de empresa em empresa tentando conseguir um trabalho. Recebi um não atrás do outro pelo fato de eu ser surda. Eles não poderiam arriscar me contratar uma vez que quando as máquinas davam problemas, o alarme soava e algo poderia acontecer comigo por não ouvi-lo. Então fui de porta em porta para conseguir trabalhar como babá. Nenhuma mãe confiou na minha capacidade para cuidar do filho, questionavam como eu ouviria seus filhos chorarem. Foi uma época tenebrosa para mim, a sensação de impotência e incapacidade me assolava. Decidi então me mudar para Santa Catarina para tentar novas oportunidades.

Foi em Santa Catarina que conheci meu esposo, aos 21 anos. Até essa idade eu fingia que era ouvinte, tentava falar, mas não entendia muito do que eu falava – eu repetia o que eu via, mas, no geral me calava. Meu esposo foi a pessoa que mais me tratou bem e que tentou me compreender, e de certa maneira, me reeducou. Algo que até aquele momento eu não havia tido a oportunidade por outras pessoas. Comecei um tratamento mais sério e regular de fonoaudiologia e a usar aparelho – mas não me adaptei. O aparelho tinha um ruído perturbador, me sentia muito agitada e temperamental. Acomodei-me como deficiente. Costumava tocar meu marido e as pessoas perto da garganta, para sentir as vibrações e entender melhor o que a pessoa estava falando. Mas fazer isso me incomodava, me sentia estranha.

Engravidei de meu primeiro filho. Foi muito confuso porque eu não tinha qualquer informação ou experiência do que era estar grávida – do que esperar do período de gravidez. Aos 4 meses de gestação comecei a sentir muitas dores, mas algumas pessoas da minha família alegavam que eu estava sendo manhosa, porque gravidez não era doença. Suportei as dores até aos 6 meses. Durante uma madrugada, ao ir ao banheiro, senti que o bebê estava nascendo. Fui rapidamente para o hospital. Assim que cheguei ao hospital, meu filho nasceu. Foi rápido, intenso e doloroso, mas o sentimento que definia aquele momento era medo. Me lembro

que ao gritar de dor, recebi um tapa no rosto da enfermeira e ela me disse: “Fazer um bebê não é bom? Agora aguenta de bico calado.” Meu bebê ficou internado no hospital e eu fui liberada um dia após o parto. Eu ia ao hospital amamentá-lo. No quarto dia de internação dele no setor neonatal, fui visitá-lo como ia todos os dias. Ao chegar no setor e perguntar por meu filho, vi uma enfermeira vindo em minha direção com uma caixa de sapato na mão – era meu bebê morto. Sem explicações, sem empatia – humilhante e doloroso. Fui simplesmente mandada para casa com meu filho nas mãos. Ao chegar em casa, foi um alvoroço muito grande. Eu estava tão atordoada que minha reação foi fugir – ir para algum lugar longe de todos. Passado uns dias me encontraram na minha cidade natal. Não estava bem e estava com febre. O médico descobriu que eu precisava de uma curetagem porque o parto não havia sido bem feito. Por conta do tratamento horrível que tive no hospital quando do nascimento do meu primeiro filho e da curetagem logo em seguida, tive que esperar anos para engravidar novamente. Quando isso aconteceu, eu já estava mais experiente e sabia como era importante ter informação, entender meu corpo para que não acontecesse de novo tudo o que havia passado. Todo esse sofrimento foi advindo da falta de informação e de comunicação.

Ter meu primeiro filho me fez sentir mais força e vontade de mudar certas coisas. Eu queria escutar o choro do meu filho, ser um exemplo para ele, alguém em quem ele pudesse se espelhar. Fiz tratamento fonoaudiológico com mais afinco e determinação como eu nunca havia feito antes, troquei de aparelho algumas vezes até me sentir mais confortável. Nesse ínterim um familiar do meu esposo me disse que eu era a vergonha da família porque além de não saber falar português, ser surda, eu era a única sem estudo. Senti-me afrontada e desafiada a provar a minha capacidade.

Comecei a estudar no CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos e em seguida ingressei no curso de Pedagogia. Curso que se tornaria minha primeira graduação. Durante o curso, continuei a fazer o que havia feito em toda minha vida escolar – copiava, decorava e nem sempre entendia todos os conceitos abordados. No entanto, havia alguns profissionais docentes que me auxiliavam, mas em nenhum momento a universidade ou eu mesma entendi que necessitava de algum auxílio profissional extra, de forma integral.

Meu primeiro contato com a Libras foi em uma disciplina que tivemos; meu professor falou a respeito da surdez. Fui apontada como surda e não gostei. Para mim, ser deficiente era mais ameno que ser chamada de surda – afinal eu “falava” e usava aparelho. A disciplina não me ajudou a me identificar com o ser surdo ou com o idioma. No ano seguinte surgiu um curso de Libras e eu fui fazer com o intuito de computar horas para atividades complementares. Nesse curso o professor mostrou um vídeo em que aparecia um menino que através do Implante Coclear (IC) havia sido curado da surdez – começou a falar, a interagir – a ser “normal”. Pensei que era a minha saída. O professor disse que seria meu milagre pessoal. Recebi um folder e todas as informações dele.

Fui até o médico que realizava o implante e ele me disse que eu tinha 100% de probabilidade de voltar a escutar totalmente. Fiz a cirurgia e compreendi que tudo o que eu pensava que eu escutava até aquele momento na verdade eram vibrações – eu não escutava os sons. Depois de um mês de implantação chegou o momento de ligar os aparelhos. Para mim foi confuso e também devastador – eu odiei a minha voz e em contrapartida passei a escutar sons que não sabia identificar. Comecei a fazer o tratamento fonoaudiológico e a me adaptar com os sons e as vozes. Escutava chiado todos os dias e era muito perturbador e só depois de muito tempo percebi que era o barulho do mar – já que morávamos perto da praia.

É inegável que o implante coclear me proporcionou ALGUM acesso a sons que antes eu não tinha – porque ele faz os sons serem mais nítidos que o aparelho normal. Mas continua sendo mecânico, tem suas limitações e consequências. Às vezes me sinto desorientada, com dores no pescoço e cabeça e alguns desmaios – mesmo sendo algo avançado é um corpo estranho que está conectado à sua cabeça. Também o que me foi prometido – o acesso a conceitos e significados não veio automaticamente com ele. O abismo conceitual é imenso. A desculpa do médico é que como o implante foi tardio meu cérebro não codifica as palavras, ou seja, eu não crio links entre o que eu escuto e o que eu costumava ler labialmente.

Depois de um tempo me adaptando, fui convidada por uma colega da faculdade a fazer cursos de Libras no Centro de Apoio ao Surdo (CAS) para complementar nossas atividades. Mas quando comecei a ter as aulas eu entendi pela primeira vez o universo do idioma. A identificação que eu senti foi muito forte e comecei a compreender os conceitos que eu repetia automaticamente, mas não

entendia. Conheci outros surdos, outras pessoas que haviam passado por situações semelhantes à minha. Entendi por fim que a Libras era algo novo, mas, também, me abraçava de um jeito que o português não havia feito. Sempre deveria ter sido minha primeira língua, já que sou surda. Aos poucos fui me embrenhando nos novos significados, compreendendo coisas, conceitos, pessoas, que até aquele momento não tinham sentido para mim. Gradativamente fui entendendo e assimilando uma nova identidade – a surda. Um encontro entre meus pares. Infelizmente, não me foram oportunizados o acesso e o contato com essa língua na tenra idade.

Em 2015, soube de um curso de pós-graduação de Libras, em Laguna. Quando vi a programação do curso, percebi que os ministrantes seriam professores da Universidade Federal da Santa Catarina - UFSC, que alguns dariam suas aulas em língua de sinais e outros usariam o intérprete. Fiquei muito animada e logo me matriculei. Minha primeira estranheza foi não ser tratada como uma coitada ou deixada de lado como incapaz – algo que eu estava acostumada nos outros cursos – tampouco tive alguma atenção especial. Percebi que alguns professores mostravam para a turma as minhas dificuldades e a princípio eu sentia vergonha disso, porém, depois, percebi que na verdade eles estavam destacando minha luta e superação para estar naquele ambiente e isso me ajudou a reconhecer em mim mesma valor e merecimento. Esse incentivo, me encheu de coragem para lutar por intérprete em sala, quando a mesma instituição em alguns momentos do curso, me negava a presença desse profissional.

Foi nesse período de descoberta e de construção que comecei a batalhar pelos meus próprios direitos, e pensar em outros que vivenciavam as mesmas barreiras que eu. Com a ajuda dos professores da UFSC e dos colegas me engajei na luta pelos surdos em minha cidade. Ao procurar pelos surdos que residiam em Laguna me deparei com a triste realidade da alienação. A maioria não sabia língua de sinais muito menos quais eram seus direitos. A partir daí senti a necessidade de criar um espaço para que essas pessoas pudessem se reunir, aprenderem e usufruírem o sentimento tão necessário de pertencimento a uma comunidade. Eu queria que eles tivessem contato com surdos professores, mestres, doutores – que os modelos surdos que eles viessem a conhecer ampliasse seu universo. Que eles entendessem que poderiam ser o que quisessem.

Figura 2 - Em um evento na UFSC antes de me tornar acadêmica



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 2016, comecei a estudar no curso Letras Libras em Florianópolis. Foi um passo importante e vital para minha caminhada como pessoa surda e principalmente no entendimento do que eu queria ser – como profissional. Ainda hoje recordo o impacto do meu primeiro dia de aula. Fiquei deslumbrada com a aula toda em Libras e com meus pares – colegas surdos sinalizando e interagindo. Até aquele momento, eu sempre havia sido a única surda em todos os cursos que frequentei. Recordo que o professor, após explicar a temática da aula, começou a sondar os alunos e, apontando para mim, perguntou qual era minha opinião a respeito. Fiquei perplexa. Era a primeira vez que efetivamente alguém perguntava o que eu pensava – alguém que entenderia o que eu sinalizaria em um ambiente em que todos igualmente entenderiam – sem entraves. Ali, naquele exato momento, a sensação de pertencimento, de quem eu era, e o que eu pensava, importava. Foi muito forte. Foram 3 anos acordando todos os dias às 3 da madrugada para pegar o ônibus para a faculdade, na ânsia de conviver com meus pares e de redescobrir o mundo.

Mas a universidade também me mostrou que até dentro da comunidade surda pode existir preconceitos. Eu estava vivendo um conflito imenso de identidade – implantada, oralizada e recém sinalizante – que “tipo” de surda eu era afinal? Nesse ínterim, muitos surdos também me trataram com desdém porque eu era oralizada e implantada. Essa situação me afetou muito psicologicamente, porque demorei a entender que mesmo dentro da comunidade surda existem múltiplas identidades e que ser implantada, oralizada não deveria ser um rótulo definitivo – que eu era surda tanto quanto os que me discriminavam; apenas tinha percorrido uma caminhada diferente. Ainda assim, muitos surdos me abraçaram dentro da comunidade e me tratavam como igual a eles. Uma professora, com quem tive o primeiro contato na pós-graduação e de quem me tornei amiga, me garantiu que aquele espaço dentro da comunidade surda também me pertencia e que eu não devia renunciar a isso – que eu era Crisiane, surda. Foi uma época difícil que demandou muita coragem em meio à insegurança e o medo, porque eu estava reaprendendo a estudar, a refletir, a construir minha própria opinião acerca das coisas, e a entender quem eu era.

Nesse período me senti preparada para organizar o primeiro encontro de surdos em Laguna. Foi emocionante para mim. Consegui trazer visibilidade para a comunidade surda e a partir desse momento surgiram as primeiras mobilizações que culminariam na criação da Associação de Laguna. Além disso, esse encontro foi realizado como uma atividade de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o que trouxe visibilidade para nossa causa também no meio acadêmico.

Depois que entrei na UFSC e me engajei cada vez mais no movimento surdo em minha própria cidade, surgiu em mim uma nova necessidade – de entender, com apoio científico, algumas partes da minha história. Comecei a pesquisar o implante coclear e o efeito da aquisição tardia. Começaram a surgir inúmeros convites para palestrar e dividir minha história e minhas pesquisas. Esse passo também foi vital porque percebi que a pesquisa também era algo que me interessava e me motivava.

Enquanto me aprofundava em conhecimento na UFSC e aprendia essa nova faceta de pesquisar, também me deparava com muitas injustiças e problemas na aplicação das políticas linguísticas em Laguna. A inconformidade, me levou a ingressar no curso de Direito na Unisul através do recurso de retorno de graduado.



Ingressei no curso para ampliar meu conhecimento e de alguma forma poder ser útil e fazer a diferença na história dos surdos. Quando eu estava no terceiro semestre, surgiu a oportunidade de tentar o ingresso no Mestrado em Linguística da UFSC. Minha paixão pela pesquisa e meu desejo de falar sobre Laguna e documentar sua história, falaram mais alto. O curso de Direito foi trancado e eu penso que um dia talvez eu volte. Nesse ínterim, fui convidada a assumir o cargo de Coordenadora Geral de Políticas Pedagógicas da Educação bilíngue de Surdos na Diretoria de Políticas da Educação Bilíngue de Surdos (DIPEBS) no Ministério da Educação (MEC). Posteriormente, dentro dessa mesma diretoria, fui convidada a assumir o cargo de Diretora de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos.

Hoje, depois de todas essas experiências, eu compreendo que a comunidade surda é fundamental na minha vida, pois me possibilita a construção do meu ideal de futuro, redefinindo minha voz e atitude em relação às dificuldades, desafios e obstáculos. Revolucionaram: meus anseios, minha visão, a conscientização dos meus direitos, seja como cidadã plena, seja pelos direitos linguísticos, culturais da comunidade surda, para que mudem esses tabus e a padronização atual sobre o sujeito surdo.

Esses sentimentos trouxeram uma inquietação nessa luta. Que os meus pares surdos possam viver com mais dignidade, que não se sintam deficientes, incapazes e nem necessitados de uma educação especial, e, sim, como sujeitos surdos, que têm identidades surdas e culturais, como diz Laborit (1994, s/p), “recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, e meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente, nada me falta. É a sociedade quem me torna excepcional.”

Figura 3 - Com meu esposo e filhos



Fonte: Arquivo pessoal.

Incluída nessa luta, como surda e com a possibilidade de fazer mais pela comunidade surda, enquanto Diretora na DIPEBS/SEMESP/MEC, e como pesquisadora, vejo o quanto precisamos desmistificar os discursos de normalização e compreender o universo da surdez em toda sua riqueza e possibilidades nelas existentes. É preciso devolver constantemente aos surdos o poder de ser, de existir e de construir suas histórias com alteridade e com senso de pertencimento e quero através da minha pesquisa, fazer parte dessa construção.

## 1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

É direito da pessoa surda, como de todos os cidadãos, sentir-se e perceber-se parte integrante da vida social. Para que isso aconteça é importante que os surdos possam localizar-se na história, compreendendo a construção de sua identidade sociocultural. Sentir-se parte da história é passo essencial para a reflexão e questionamento do rumo que toma nossa realidade, e chave para construirmos novos projetos e iniciativas que solidifiquem ou modifiquem aspectos de nossa história. É imprescindível conhecermos a história dos povos surdos, porque conhecer o passado é um passo vital no entendimento do presente e na construção do futuro. A cidade de Laguna e região da Amurel possui uma comunidade surda

extensa. Infelizmente, durante muitos anos esses cidadãos foram privados de um espaço de educação, sociabilização e identidade cultural.

Com a fundação da ALPAS em 2016 esse quadro está sendo revertido progressivamente. Porém, reunindo os surdos na Associação percebi que pouco se sabia sobre a história dos surdos Lagunenses. Diante desse panorama, se faz necessário resgatar essa história, entender como se deram os constructos surdos atuais e devolver aos surdos lagunenses sua localização na corrente do tempo, ajudando-os a se identificarem com seus pares do passado.

### 1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Ao pensar em resgate histórico me inquietavam essas questões:

- Existem registros de surdos lagunenses em documentos oficiais nas instituições governamentais e educacionais?

- Há fotos que registrem pessoas surdas em atividades sociais e cotidianas no passado? Como se deu a participação dos surdos na sociedade Lagunense? Como se dava a relação entre família x surdo?

- Como os surdos participavam no contexto educacional? Como eram as metodologias educacionais utilizadas na cidade?

- O que os surdos mais velhos lembram do passado que possa ser registrado? Porém meu problema central de pesquisa é: como viveram os surdos lagunenses no âmbito familiar, educacional e laboral nos últimos 80 anos?

### 1.4 OBJETIVOS

O objetivo geral foi resgatar e registrar a história passada dos surdos lagunenses através de documentos, fotos e relatos através de entrevistas.

Decorrente deste, a pesquisa se desdobrou nos seguintes objetivos específicos:

- Buscar em instituições públicas e privadas (prefeituras, secretarias (da educação, saúde e assistência social), escolas e APAE) registros documentais de surdos.

- Coletar, armazenar, analisar, classificar e organizar todos os documentos obtidos.

- Entrevistar surdos mais velhos a respeito do *modo vivendis* dos surdos no passado.
- Entrevistar profissionais que trabalharam com surdos ou que participaram da educação de surdos.
- Entrevistar pessoas idosas ouvintes, buscando alguma referência aos surdos no passado.
- Cruzar os dados obtidos por documentos e entrevistas no intuito de chegar a um retrato próximo dos surdos lagunenses no passado.

## 1.5 JUSTIFICATIVA

Para nós surdos, é importante entendermos o universo no qual estamos inseridos e conseguirmos nos comunicar com ele. Isso vai além da comunicação, está relacionado ao sentimento de pertencimento a um povo. A identidade cultural é fator vital para nossa constituição enquanto pessoas e conseqüentemente cidadãos. Pertencer a um povo é conseqüência do uso de uma mesma forma de comunicação, mas além disso é poder olhar para o passado e encontrar raízes, perceber a história. Rangel (2004), explicita a importância desse resgate para o indivíduo surdo, a partir de sua própria experiência ao dizer:

Existe uma relação profunda entre meu histórico de vida, como militante de movimentos que constituíram minha identidade, com o resgate, no passado, da luta dos surdos que vieram antes de mim. É como querer traçar uma linha de continuidade do passado ao presente para que as futuras gerações saibam a trajetória do povo surdo. É sentir-se parte integrante de um povo. É poder olhar para trás e certificar-se do caminho feito, das evoluções, dos sucessos e fracassos, das conquistas, enfim é ter consciência da história da qual participo. (RANGEL, 2004, p.10).

A necessidade de poder ter um passado para refletir, idear e racionalizar faz parte da própria experiência humana. Larrosa, valendo-se do pensamento Foucaultiano explica:

(...) a experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo (...). (LARROSA, 1994. p.43).

Logo, o resgate da história se faz necessário para o povo surdo, mas também para cada surdo sob uma perspectiva individual. A princípio, quando me tornei pesquisadora, publicando alguns artigos em periódicos e apresentando-me em seminários, outros assuntos chamavam mais a minha atenção e também tinham a ver com minha história, como as questões ligadas ao implante coclear e os efeitos da aquisição tardia da Libras em surdos. Porém, quando descobri a Libras como uma chave para me conhecer melhor e acessar o mundo, senti necessidade de compartilhar tudo o que estava aprendendo nos cursos e dentro da Universidade com a comunidade na qual eu estava inserida – uma comunidade pequena situada em uma cidade histórica.

Comecei a perceber que as dificuldades que eu tinha em termos de acessibilidade, nos variados ambientes públicos da cidade de Laguna, certamente não eram só minhas, como também de toda a comunidade surda. Nessa época eu conhecia poucos surdos, porque meu ingresso no mundo sinalizante era recente. Mas comecei a me engajar na causa e a querer mudar a forma como o surdo era tratado e visto dentro da cidade. Passei a tentar contatar todos os surdos da cidade, tentando conhecer onde viviam, suas atividades e dificuldades. Desse relacionamento que foi sendo construído com a comunidade surda, senti a necessidade de fundar a Associação Lagunense de Pais e Amigos de Surdos (ALPAS), em 2016.

Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do censo realizado em 2010, Santa Catarina possui mais de trezentos mil deficientes auditivos, incluídos nesse número os surdos, denominados na pesquisa como deficientes auditivos que “não conseguem de modo algum” ouvir. Em Laguna, o mesmo censo apontou a existência de mais de três mil deficientes auditivos. Dado interessante uma vez que a maioria deles nunca esteve em nossa associação e os órgãos municipais desconhecem sua existência.

Tabela 1 - Dados do Censo Demográfico 2010

<b>Censo Demográfico 2010 – Características Gerais da População – Resultados da Amostra</b>				
População Residente Por Tipo de Deficiência				
<b>DEFICIÊNCIA AUDITIVA</b>				
<b>Local</b>	<b>Não consegue de modo algum</b>	<b>Grande dificuldade</b>	<b>Alguma dificuldade</b>	<b>Total</b>
Santa Catarina	10.403	62.121	233.309	305.833
<b>Laguna</b>	<b>96</b>	<b>800</b>	<b>2.211</b>	<b>3.107</b>

Fonte: Elaborada pela autora com base no Censo do IBGE 2010.

Eu sabia que há muitos anos, havia uma associação de surdos que tinha como papel principal formar uma rede de apoio ao colocar familiares de surdos em contato, em uma época em que não se sabia quais eram as melhores opções para a educação de surdos. Essa associação com o tempo foi desativada e alguns familiares e surdos perderam o contato.

Quando fundei a ALPAS, tentei realizar uma pesquisa para saber quantos surdos existiam na cidade, quem era o público, as pessoas que a associação atenderia. Todavia, meus esforços nesse sentido não renderam muitos frutos, porque a prefeitura não tinha dados de pessoas surdas em nenhuma de suas secretarias. Recorri às pessoas que faziam trabalhos religiosos com surdos e, aos poucos, fui aumentando o número de surdos cadastrados para serem informados da criação desse espaço de convivência, que eu pretendia que fosse um centro de acolhimento, ensino e luta.

Aos poucos comecei a pesquisar mais a respeito da história dos surdos da cidade para tentar entender por que a comunidade era tão dispersa, por que o domínio da Libras era tão pouco, por que os direitos dos surdos na cidade caminhavam tão lentamente. Quando passei a pesquisar sobre a história, percebi que havia poucos registros de fácil acesso para me ajudar a construir uma linha temporal e apresentar aos surdos a evolução de sua história.

Em Laguna não só existe um distanciamento entre os surdos, como não se conhecem uns aos outros e nem encontramos registros apreciados, sequer

aventados. Antes do surgimento da ALPAS, os surdos associados não podiam olhar para o seu passado enquanto povo surdo, porque não estava registrado sob nenhum aspecto. Das cidades que fazem limites com Laguna, mais precisamente, Tubarão e Imbituba, somente Tubarão tem associação de surdos, e até o que se sabe, poucos registros da história surda local. Dessa forma, o olhar ao passado poderia se dar mediante a história surda brasileira já aventada, a partir dos registros locais resgatados por pesquisas como essa, pela história feita diariamente pela recém-formada associação de surdos, e, obviamente, através de uma construção alinhavada a partir das memórias individuais dos surdos que participaram do desenrolar dessa história.

Além da falta de registro, ao longo do tempo percebe-se que a maior parte das narrativas existentes da história surda foram realizadas sob uma perspectiva ouvinte. Sá (2002), sintetiza essa situação ao dizer:

“(...) a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram descobertos pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem educados e afinal conseguem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos. (SÁ, 2004, p.3).

Minha experiência como pessoa surda, que foi redescobrimo sua própria história, me ajudou a ver a necessidade de trazer essa perspectiva para os surdos, individualmente, mas, principalmente, enquanto comunidade e povo. Minha trajetória me provou que isso é vital e, por isso, tive interesse em realizar essa busca para restaurar um pouco da história para essa comunidade, que também era minha. Assim, essa pesquisa se justifica na necessidade de resgatar a história sob a ótica surda – uma vez que tanto a pesquisadora quanto os principais narradores da história são surdos – propiciando uma visão interna – de quem vive o ser surdo. Dessa forma não só se fará um esforço no sentido de inventariar a história como também de devolvê-la aos sujeitos surdos lagunenses, através do compartilhamento dessa história pela ALPAS. Esse conhecimento pregresso, os instrumentalizará para conhecer-se enquanto indivíduos e enquanto comunidade e criando pontes para a implantação e implementação de novas políticas linguísticas visando sanar as lacunas linguísticas atuais, uma vez que a comunidade lagunense ainda é muito deficitária em acessibilidade.

## 1.6 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Minha dissertação foi organizada em uma seção introdutória e quatro capítulos. Na seção introdutória, explico qual o tema da minha pesquisa, e detalho quais fatores da minha vivência me levaram a ter interesse em pesquisá-lo. Detalho a metodologia utilizada no trabalho, quais foram as fontes de coletas de dados de minha pesquisa, e como essa coleta aconteceu. Na continuação, aclaro alguns conceitos que dão base à minha dissertação e que são imprescindíveis para entender o caminho que elegi para realizar esse resgate histórico.

No primeiro capítulo, abordo mais profundamente os conceitos que nortearam minha pesquisa. O que o direito e a política linguística impactam na construção de histórias surdas e o porquê da importância de registrar a história de surdos e que impacto isso tem sobre eles.

No segundo capítulo, faço um breve apanhado histórico do movimento surdo no estado de Santa Catarina. Também localizo o leitor na cidade de Laguna, foco da minha pesquisa, explanando alguns dados de sua população, cultura e de sua história. Também, nesse capítulo, conto como foi fundada a ALPAS e como sua implantação abriu meu caminho de pesquisa.

No terceiro capítulo compartilho o caminho da pesquisa, quais estratégias metodológicas utilizei, os entraves que aconteceram no decorrer das investigações como a pandemia do Covid-19, quais implicações existiram para a coleta de dados e pormenorizo em que fontes nossa busca foi, ou não, bem-sucedida.

Por fim, no último capítulo, compartilho o fruto das minhas pesquisas: os dados, documentos, fotos e a leitura que podemos fazer deles. Também, nesse capítulo, partilho as entrevistas realizadas, os relatos de memória partilhados das pessoas surdas e dos ouvintes que participaram da história dos surdos em Laguna. Todas as entrevistas realizadas foram filmadas para fins de fidelidade no registro. Ao final desse capítulo, realizo uma reflexão a respeito das descobertas apreendidas, de como a documentação e os relatos se entrelaçam e nos ajudam a criar uma versão histórica de algumas facetas da comunidade surda lagunense.



## 2 CONCEITOS NORTEADORES DE UM RESGATE HISTÓRICO

No decorrer dos anos, os povos surdos passaram por três marcas temporais importantes que trouxeram implicações sérias sobre a maneira de contar sua história. Segundo Strobel (2009, p.12) podemos nomeá-las e caracterizá-las como:

1. Revelação cultural: Nesta fase os povos surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso do Milão havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem-sucedidos. 2. Isolamento cultural: ocorre uma fase de isolamento da comunidade surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos surdos, nesta fase as comunidades surdas resistem à imposição da língua oral. 3. O despertar cultural: a partir dos anos 60 inicia uma nova fase para o renascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após de muitos anos de opressão ouvintista para com os povos surdos.

Esse período de Isolamento cultural, culminou numa grande lacuna na história dos surdos. Não houve praticamente nenhuma produção surda registrada na época, uma vez que a comunidade surda estava “banida” e os surdos em idade escolar submetidos a uma política oralizadora. As convenções do congresso de Milão colocaram os surdos sob a ótica dos ouvintes, uma vez que a educação se voltou para a visão medicalizadora da surdez. Rangel (2004, p. 23) narra a situação dos surdos e a consequência do congresso de Milão para sua história:

Foram anos e mais anos que os surdos ficaram sem poder difundir sua história. Somente com a adoção de novas metodologias de ensino a língua de sinais começou a ser estudada e com o tempo ser respeitada. Hoje, percebe-se que a história dos surdos não difere das histórias dos grupos de minorias, carregada de sofrimento e preconceito. Os movimentos sociais surgidos entre membros do povo surdo, hoje organizados, conseguiram mostrar que existe uma história e que essa deve ser contada aos outros surdos.

Além dessa situação grave, que calou temporariamente o registro da história dos surdos, percebeu-se que muitos dos registros existentes também foram realizados sob o mesmo ponto de vista – ligado à visão médica, reparadora. Esse entender, privava o registro da história por quem a viveu e por quem a compreende através da experiência da surdez. Strobel (2004, p.3) aclara:

(...) dependendo dos contextos da história em que os povos surdos estão inseridos, existem diferentes olhares de como se interpreta uma história. A

forma parcial dos registros dos vários pesquisadores mostra-nos sua preocupação em nos apresentar a história de surdos numa visão limitada que focalizam, na maior parte, os esforços de tornar os sujeitos surdos de acordo com os modelos ouvintes oferecendo “curas” para as suas “audições” danificadas.

Nessa conjuntura, se sinaliza a necessidade de compreender o surdo a partir de construções histórico-sociais, simbólicas e culturais, “para além de uma dimensão fisiológica” (NÓBREGA, 2012, p. 671). Outros autores apontam a importância da linguística histórica para a compreensão do indivíduo e de comunidades surdas. Segundo Skliar (2001), considerar apenas o surdo a partir do déficit auditivo conduz ao erro de desconsiderar variáveis da dimensão social, tais como: o tipo de experiência educativa dos sujeitos, a qualidade das interações comunicativas e sociais em que participam desde tenra idade, a natureza da representação social da surdez de uma determinada sociedade e a língua de sinais na família e na comunidade de ouvintes em que vive a criança.

Por esse viés simplificador, desconsidera-se também a importância do resgate dos valores surdos herdados através das gerações. Sacks (1998, p.11) caracteriza essa ideia ao explicar que boa parte do que é distintivamente humano no homem, suas capacidades de linguagem, pensamento, comunicação e cultura – não se desenvolvem de maneira automática, não se compõem apenas de funções biológicas, mas também têm origem social e histórica; essas capacidades são - “um presente – o mais maravilhoso dos presentes – de uma geração para outra”.

Supalla (2006) justifica a importância da linguística histórica para o que o autor chama de “uma abordagem científica para arqueologia das línguas de sinais”.

O estudo da gênese e evolução da língua é um “voo cego”, se tais interações humanas naturais não forem levadas em consideração na pesquisa em linguística histórica. (...) Essa pesquisa complexa exige fontes de documentação multidisciplinares e interpretação cuidadosa da linguagem e pensamentos da população surda no contexto da comunidade/sociedade surda da época. No campo mais amplo da sociolinguística, o estudo de comunidades humanas e da mobilidade e do contato geográfico e social é parte integrante da pesquisa histórica. Entretanto, na pesquisa histórica em língua de sinais, os variados padrões de experiências de indivíduos surdos lutando para modelar suas vidas na sociedade ainda permanecem desconhecidos à comunidade científica. (SUPALLA, 2006, p. 22-23).

Dessa forma, a pesquisa histórica é parte intrínseca do estudo linguístico, pois o situa dentro de contextos que moldam a construção não só da identidade

como também da língua. Ainda sobre a importância de resgatar a história, Supalla (2006, p. 24) assinala:

Apesar de sua complexidade, a pesquisa em linguística histórica possui muito a oferecer ao estudo da gênese e evolução das línguas de sinais. Felizmente, muitas escolas têm em seus arquivos registros históricos, revistas e filmes, tornando possível o traçado da história das comunidades sinalizantes e das línguas de sinais. A integração de ferramentas linguísticas, recursos impressos, narrativos e visuais e documentação podem resultar em uma análise cientificamente informada da história de uma língua. Essas técnicas serão úteis quando aplicadas tanto às línguas de sinais estabelecidas regionalmente, quanto às línguas de sinais recém-emergentes e às línguas de sinais em desenvolvimento. À medida que observarmos os processos naturais atualmente em andamento em línguas jovens, será possível preencher lacunas na história das línguas de sinais mais antigas.

Em alguns casos, a pesquisa histórica é facilitada quando seu registro foi realizado. Porém, mesmo constatando que parte dessa história está oculta ou em alguns casos perdida, é imprescindível resgatá-la. São esses registros histórico-culturais que perfazem o caminho do povo surdo e auxiliam no entendimento da realidade surda atual bem como em novos caminhos que podem ser trilhados.

As pesquisas histórico-linguísticas que compreendem a ecologia humana da história dos surdos, como por exemplo, os padrões de interação e o contato interlinguístico, prometem a realização de um “mapa rodoviário” para a construção de uma infraestrutura para a língua de sinais na sociedade. A aplicação da pesquisa promove credibilidade e visibilidade às línguas de sinais nativas existentes. Além disso, a pesquisa em um paradigma arqueológico de bases amplas fornecerá diretrizes para o planejamento e monitoramento das línguas de sinais, em todo o mundo. Com o avanço da pesquisa, estaremos mais familiarizados com certos tipos de situações de contato, seremos capazes de identificar situações similares já ocorridas na história mundial das línguas de sinais e seremos capazes de julgar os possíveis efeitos de uma variedade de línguas “importadas” e as estratégias de planejamento linguístico, a partir de nosso conhecimento do passado. (SUPALLA, 2006, p. 28).

A linguística histórica não somente auxilia na formação de novas estratégias de planejamento linguístico como também fortalece a construção dos chamados artefatos surdos, termo que segundo Strobel (2008a, p.35) “não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo.” Reconstituir a história também é um meio de fortalecer o povo surdo em suas lutas e ajudá-los a adentrar os espaços que lhe são de direito. Perlin e Strobel (2014) esclarecem:

(...) isto de pertencimento ao povo surdo leva a constituir uma política conjunta de luta por valores. Povo, por si mesmo, sempre é um movimento, algo que se firma, que não para que evidencie suas lutas, seus direitos, suas estratégias. E a história vai-se constituindo em meio a este “que fazer”. Vai surgindo uma condição histórica dentro do espaço dos surdos. Vai-se fazendo em direção ao movimento interno de ser. (PERLIN; STROBEL, 2014, p. 27).

Para alcançar esse saber histórico, precisa-se recuperar as marcas e os vestígios deixados por quem viveu no passado. Strobel (2009) chama esses vestígios de “Fontes históricas”. Em uma pesquisa de resgate histórico, segundo Saviani (2006) pode-se fazer uso de ao menos 3 tipos de fontes históricas:

Primeiro caso: (...) São documentos, vestígios, indícios que foram acumulando-se ou foram sendo guardados, aos quais recorreremos quando buscamos compreender determinado fenômeno”. (...) segundo caso: “(...) situa-se o nosso empenho em preservar os materiais de que nos servimos, seja como educadores, seja como pesquisadores, tendo em vista sua possível importância para estudos futuros quando esses materiais serão, eventualmente, tomados como preciosas fontes pelos historiadores em sua busca de compreender o seu passado que é o nosso presente.” (...) terceiro caso: “(...) estão os registros que efetuamos quando recorreremos, por exemplo, a testemunhos orais, cujo registro efetuamos para neles nos apoiarmos em nossa investigação. (SAVIANI, 2006, p. 3-4).

Algumas pesquisas importantes foram realizadas remontando a história dos surdos em diversos lugares e inclusive de instituições ligadas aos surdos utilizando-se de algum tipo de fonte histórica. Podemos pontuar os trabalhos de: Vilhalva (2009) - Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul, Rangel (2004) - História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural e Rocha (2007) – O INES e a educação de surdos no Brasil. São registros valiosos de história que foram possíveis a partir de documentação, fotografias e entrevistas. Nos casos em que não é possível reaver documentação escrita ou fotográfica, é possível utilizar-se das narrativas orais, conforme citado por Saviani (2006) uma vez que registradas, são excelentes formas de recontar o passado sob o olhar de quem viveu as experiências.

Resgatar a histórias dos povos surdos, principalmente em lugares pequenos e com pouco material disponível é um desafio, mas não se deve desistir da empreitada. Strobel (2009) assinala:

O povo surdo já existia, voltando muito mais no tempo, centenas de gerações antes de vocês desenvolverem conhecimentos e realizarem transformações que produziram a comunidade surda. No entanto, tem muito mais que ainda precisa ser aprimorado e criado, e para essa tarefa é de importância fundamental o conhecimento do passado, o saber histórico. Esta conquista, a memória viva que define o nosso presente, fornecerá artefatos culturais que permitirão alterar para melhor o mundo do povo surdo. A história da educação de surdos não é uma história difícil de ser analisada e compreendida, ela evolui continuamente apesar de vários impactos marcantes, no entanto, vivemos momentos históricos caracterizados por mudanças, turbulências e crises, mas também de surgimento de oportunidades. (STROBEL, 2009, p. 3).

Isso posto, em prol da compreensão da realidade, da constituição dos sujeitos de forma individual e como povo, e visando evoluir para transformar a realidade surda para melhor, faz-se imprescindível remontar o passado dos povos surdos e, nesse caso, do povo surdo de Laguna.

## 2.1 DIREITO LINGUÍSTICO

A linguística histórica surda, o direito e a política linguística convergem para um ponto único: dar voz ao povo surdo. Resgatar a história dos indivíduos surdos é um processo que se apoia no Direito linguístico. Segundo Skutnabb-Kangas et al. (1995, p. 1), “[...] os direitos linguísticos devem ser considerados direitos humanos básicos”. Infelizmente muitas minorias linguísticas não usufruem desse direito.

As maiorias linguísticas, falantes de uma língua dominante, geralmente usufruem de todos os direitos humanos linguísticos, considerados fundamentais, independentemente da forma pela qual são definidos. A maior parte das minorias linguísticas não tem acesso a tais direitos. Apenas algumas centenas das cerca de 6 a 7 mil línguas ao redor do mundo apresentam algum *status* oficial e somente falantes de línguas oficiais desfrutam de todos os direitos humanos linguísticos. (SKUTNABB-KANGAS et al., 1995, p. 1-2).

O entendimento de que o acesso e uso da língua é um direito básico fomenta avanços nas políticas linguísticas e se fortifica na legislação e nas convenções internacionais. Rodrigues e Beer (2016, p.11) apontam:

Temos a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, também chamada de Declaração de Barcelona, promulgada na Conferência Mundial sobre Direitos Linguísticos realizada entre 06 e 09 de junho de 1996 na Espanha. A Declaração é assinada pela UNESCO em conjunto com várias organizações não governamentais com o intuito de apoiar e promover os

direitos linguísticos. É evidente que a promulgação de um documento visando aos direitos linguísticos, em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), traz uma visão que considera tanto o todo, quanto suas múltiplas facetas particulares, já que reconhece, valoriza e promove as diferenças no que tange à variedade e à riqueza linguística.

O reconhecimento dos direitos linguísticos é vital para a promoção do respeito à diversidade e da equidade humana. Ações afirmativas nessa área são de suma importância porque grupos privados do seu direito linguístico podem por consequência serem privados de outros direitos. Os autores Skutnabb-Kangas, Phillipson, Rannut, (1995, p. 27) pontuam:

Pessoas que são privadas de direitos humanos linguísticos podem vir a ser impedidas de desfrutar de outros direitos humanos, incluindo a devida representação política, o julgamento justo, o acesso à educação, o acesso à informação e à liberdade de expressão e a continuidade de sua herança cultural. (...) a ausência de direitos linguísticos, muitas vezes, impede um grupo de alcançar a igualdade educacional, econômica e política como os outros grupos.

Quando pensamos na realidade da comunidade surda que tem sua centralidade na língua de sinais percebemos que mesmo com certos avanços, ainda existe a necessidade de legitimar o uso da língua, uma vez que existem inúmeras barreiras para que a comunidade surda possa se desenvolver bilíngue.

Pesquisadores da área como Brito (1985) e Grosjean (2001) aprofundam nas suas respectivas pesquisas quais são os direitos linguísticos de crianças surdas bem como o porquê de sua importância. Brito (1985) lista como vitais ao menos dez direitos linguísticos básicos, o direito: (1) à igualdade linguística; (2) à aquisição de linguagem; (3) à aprendizagem da língua materna (língua de sinais); (4) ao uso da língua materna; (5) a fazer opções linguísticas; (6) à preservação e à defesa da língua materna; (7) ao enriquecimento e à valorização da língua materna; (8) à aquisição aprendizagem de uma segunda língua; (9) à compreensão e à produções plenas; e (10) ao tratamento especializado para aprender uma língua oral. Mais tarde, Grosjean (2001) elucida que o crescimento bilíngue de uma criança surda só acontecerá mediante: a comunicação com seus pais e familiares o mais cedo possível; o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas durante a infância; a aquisição de conhecimento sobre o mundo; a comunicação plena com seu entorno e o pertencimento cultural a dois mundos. O pesquisador conclui:

[...] toda criança surda, independentemente do grau de perda auditiva, deveria ter o direito de crescer bilíngue. Ao dominar a língua de sinais e a língua oral (em sua modalidade escrita e, quando possível, falada), a criança alcança plenamente suas capacidades cognitiva, linguística e social. (GROSJEAN, 2001, p. 110)<sup>1</sup>.

Circunscrevendo o tema dentro da perspectiva de nossa pesquisa, focada exclusivamente na comunidade surda de uma cidade relativamente pequena, percebemos como a questão do direito linguístico pode ser abafada quando a minoria linguística que deveria ser favorecida por tal direito, não tem história visível para a comunidade majoritária. Como a comunidade surda lagunense nunca esteve em evidência, nem teve sua história documentada, observa-se a alienação dos surdos quanto a seus direitos humanos básicos. A retomada da história e dos direitos linguísticos dessa comunidade impulsionará a construção de políticas linguísticas – vitais para assegurar a equidade de direitos da comunidade surda, tendo como eixo norteador a língua de sinais e o reconhecimento dos surdos como cidadãos.

## 2.2 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

A partir da década de 80 os movimentos de resistência surda em prol do estabelecimento e manutenção de uma política linguística voltada para a aceitação da língua de sinais impulsionaram reformas importantes na educação dos surdos. Em 1999, no Pré-congresso do V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para surdos, realizado no Rio Grande do Sul, foi produzido um documento intitulado: A Educação que Nós Surdos Queremos (FENEIS, 1999). Esse documento registrou a demanda surda por uma educação que estivesse centrada no direito de usar a língua de sinais nas diversas esferas, bem como no direito de exercer sua cultura e identidade. Essas ações implicaram uma série de iniciativas para difundir e transformar em lei a língua de sinais brasileira, resultando na lei federal 10.436, 24/04/2002, que a reconhece no país.

O empoderamento da Comunidade Surda, por meio do reconhecimento da Libras, por exemplo, contribui com o deslocamento da Educação de Surdos para além da Educação Especial, conferindo-a um caráter central na

1 Tradução livre de Rodrigues e Beer: RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Direitos, Políticas e Línguas: divergências e convergências na/da/para educação de surdos. Educ. Real., Porto Alegre. 41,n. 3,p. 661-680,Set. 2016.

Educação Bilíngue de surdos e na formação linguística e cultural em nosso país. (RODRIGUES, 2014, p. 64).

A educação desejada pelos surdos é feita e pensada neles e por eles – baseada em sua cultura e língua – tendo “[...] a participação dos surdos na constituição de sua educação, não somente como alvo dessa educação, mas como intelectuais, professores e gestores, enfim, como seus agentes” (RODRIGUES; SILVÉRIO, 2013, p. 98). É um processo educacional cunhado no respeito ao outro, considerando a diversidade com vistas a permitir ao surdo ser presença ativa nas mais variadas esferas sociais.

Embora a Lei tenha sido um ponto de partida fundamental para repensar a política linguística brasileira para surdos, com ela apareceram alguns embates. Sobre as consequências dessa lei, Quadros (2006, p.142) esclarece:

As políticas públicas para a educação de surdos estão voltadas para a garantia de acesso e permanência do aluno surdo dentro das escolas regulares de ensino. Entende-se “dentro da rede regular de ensino” que o aluno surdo deverá ter condições de acesso à escola da esquina do seu bairro. No entanto, ao mesmo tempo, com a legislação vigente garantindo o direito linguístico ao surdo de ter acesso aos conhecimentos acadêmicos na língua de sinais, esse “dentro da rede regular na escola da esquina de seu bairro” passa a ser um problema. Imaginem ter aulas em uma língua que não é a língua falada na escola, em qualquer instituição onde haja, pelo menos, um surdo matriculado. (...) estamos diante de um impasse, uma vez que as orientações das políticas públicas são no sentido de garantir o acesso ao conhecimento na rede regular de ensino por meio da LIBRAS, via intérprete. (...) Percebe-se, portanto, uma política linguística que tem ainda como foco o ensino do Português, que pode ser mediado pelos sinais, mas mantendo-se centrado a língua da Nação.

Diante de uma política linguística centrada em atender ao surdo, porém em moldes ouvintistas, criou-se uma lacuna no atendimento dessa comunidade, fazendo-se necessárias novas articulações para a criação de políticas linguísticas que de fato atendessem o surdo de forma satisfatória.

No âmbito do Estado de Santa Catarina, do qual a cidade de Laguna (foco de nossa pesquisa) faz parte, a política linguística da educação de surdos até 2004 era focada na oralidade. Os surdos ficavam exclusivamente em sala de ouvintes, com no máximo três alunos surdos por sala. Tinham que desenvolver todas as suas atividades em português escrito e oral. A Libras não era reconhecida como uma língua que poderia ser o meio de desenvolvimento dos alunos surdos. Essa política gerou muito desconforto tanto nos professores como principalmente nos alunos



surdos. Esse descontentamento coligado aos movimentos sociais que se desenvolveram nas últimas décadas impulsionou as mudanças na política do Estado (SCHMITT, 2008). A atual política foi publicada sob a portaria E/19 de 04/05/2004 (Diário Oficial de Santa Catarina, 2004, p. 21). Foi produzida uma brochura pela Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) explicando algumas mudanças necessárias que aconteceriam na forma como a educação de surdos seria conduzida no estado.

(...) o movimento organizado pela comunidade surda, buscando otimizar, com políticas sociais, a educação de surdos em Santa Catarina, através do Fórum em Defesa dos Direitos dos surdos (...) propiciou a constituição de uma comissão designada pela portaria P/11541/SED, de 18/08/00, formada por representantes da FCEE, professores, surdos e pais, com o objetivo de realizar estudos e propor soluções que efetivem o acesso dos surdos ao conhecimento e profissionalização. Os constantes depoimentos dos professores de Salas de Recursos e do Ensino Regular, sobre a ausência de um sistema linguístico compartilhado capaz de transformar a atividade educativa de sala de aula em um importante processo interativo de difusão do conhecimento, levou a equipe da área da surdez da FCEE a perceber a necessidade de ressignificar o atendimento dos alunos surdos matriculados no sistema regular de ensino com a organização efetiva do trabalho a partir do uso de duas línguas. (SANTA CATARINA, 2004, p.11).

As principais mudanças sistematizadas por essa nova política foram publicadas na portaria E/19 de 04/05/2004:

Art. 1º §1º “A Política para Educação de surdos em Santa Catarina a que se refere este Artigo, deve garantir a utilização da Libras, de modo a respeitar a experiência visual e linguística do surdo no seu processo de aprendizagem, assegurando ao aluno o acesso e a permanência no sistema de ensino”.

Art. 2º “O processo de ensino/aprendizagem desenvolvido nessa política deve utilizar a Libras, como instrumento essencial, proporcionando condições didáticas e pedagógicas, para a apropriação do conhecimento sistematizado, fundamentado na Proposta Curricular de Santa Catarina”.

Art. 3º “Da organização da unidade escolar, para a implementação, da Política para Educação de surdos em Santa Catarina.

I – Turmas com ensino em Libras – são turmas constituídas no ensino regular onde os conceitos/conteúdos das disciplinas do currículo devem ser ministradas pelo professor bilíngue, através da Língua Brasileira de Sinais;

II – turmas mistas com professor intérprete – são turmas constituídas no ensino regular, por alunos surdos e ouvintes, onde os conceitos/conteúdos das disciplinas do currículo, devem ser ministradas pelo professor da disciplina e deve contar com um professor intérprete, que fará a interpretação em Libras dos conteúdos ministrados.

As mudanças citadas no artigo 3 da publicação, como a implementação de turmas com ensino em Libras e professor bilíngue, além de apenas a opção de sala

no ensino regular com intérprete, respeita, em partes, as demandas da comunidade surda. Porém, quando observamos a realidade dos municípios menores, como Laguna, detectamos que o ensino bilíngue é deficiente. A maior parte dos profissionais desconhece as possibilidades educacionais para surdos, geralmente se limitam ao intérprete ou à sala de recursos em contraturno. Há poucos profissionais ouvintes e surdos bilíngues e habilitados para atuar, fazendo com que existindo alguma demanda urgente, profissionais despreparados acabem atuando. Na cidade de Laguna, há pouco tempo, não havia nenhuma sala bilíngue algo que só foi mudado através da Associação de Surdos com luta, pesquisa e disseminação de um projeto voltado para expor as diretrizes já existentes.

Quando percebemos a situação de comunidades surdas em cidades pequenas como Laguna, notamos como as pesquisas voltadas para a linguística histórica como uma ponte para o futuro são extremamente necessárias para fazer valer não somente o direito linguístico dos surdos, mas também as políticas educacionais que já foram articuladas. Porém, acabam encobertas pela ignorância e desconhecimento de autoridades e profissionais das mais diversas áreas.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DO RESGATE HISTÓRICO NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

Quando iniciei as pesquisas em torno do conceito de identidade, percebi que não existem conceitos únicos que abarquem todos os contornos das idiossincrasias de cada indivíduo. Deparei-me, contudo, com algumas teorias que nos dão base para uma aproximação do que é identidade e que nos amparam para pensarmos na identidade surda.

Hall (1997), por exemplo, nos situa em três dimensões distintas de identidade: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Perlin (1998, p.8-9) conceitua:

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. (...) A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do

mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. A concepção do sujeito sociológico descrita por Hall demonstra sem dúvida, uma visão um pouco mais ampla sobre a importância do social para a formação do indivíduo. Apesar de admitir a influência do social na vida e construção do sujeito, esta concepção não abandona a ideia de essência. (...) O sujeito pós-moderno é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Ao nos aproximarmos do conceito de sujeito sociológico e pós-moderno, podemos construir um entendimento de identidade surda que se sustente a partir da influência da cultura e com as possibilidades da construção e desconstrução que são contínuas nessas relações. A história, a cultura, as relações entre grupos são vitais para a construção da identidade individual.

Para a construção da identidade, a linguagem é peça fundamental. Porém, a linguagem também não é fixa. Por isso podemos dizer que a identidade surda é múltipla e se constrói à medida que o surdo interage através da linguagem com seu entorno.

A linguagem não é um referente fixo, pois é construída a cada interpelação feita entre sujeitos. Seus sentidos variam de acordo com o tempo, os grupos culturais, o espaço geográfico, o momento histórico, os sujeitos, etc. (...) Não tendo uma base fixa de referência para explicar a identidade, parto do princípio de que é possível ver a comunidade surda de uma forma plural, onde as identidades que surgem no grupo são negociadas entre seus membros e com a história que cada um deles possui. A constituição da identidade dependerá, entre outras coisas, de como o sujeito é interpelado pelo meio em que vive. Um surdo que vive junto a ouvintes que consideram a surdez uma deficiência que deve ser tratada pode constituir uma identidade referendada nesta ótica. Mas um surdo que vive dentro de sua comunidade possui outras narrativas para contar a sua diferença e constituir sua identidade. A identidade nos meios culturais sempre foi afetada por um ou outro poder de controle em tempos e espaços determinados. (PERLIN, 1998, p.7).

Assim, a construção da identidade, se apoia nas interações produzidas pela linguagem. E a forma como essa interação linguística se estabelece – se é efetiva ou não, impactará diretamente sobre o indivíduo. Podemos pensar por exemplo, em surdos que são privados da aquisição da linguagem, que não têm acesso a outros surdos e que interagem com sua família de forma limitada, através de gestos. Esses surdos construirão sua identidade a partir das interações sociais que conseguem

estabelecer – porém, essas interações talvez não sejam ricas o suficiente para fazê-los sentir-se parte de um grupo ou de se inteirarem das histórias, representações e memórias compartilhadas por esse mesmo grupo no qual estão inseridos. Dessa forma, quando se inicia um resgate histórico, não se trata apenas de uma questão “meramente” documental – mas sim, há que se pensar que o resgate pode impactar de forma prática a vida das pessoas envolvidas. No caso da comunidade surda, isso é ainda mais necessário, por conta da falta de acessibilidade linguística. Pensar em resgate histórico é pensar também em identidades.

Nesse sentido, podemos trazer para essa discussão a importância da memória social na construção da identidade. O sociólogo Maurice Halbwachs (1950) desenvolveu a teoria de memória coletiva ou social, estabelecendo que o caráter específico que uma pessoa deriva de pertencer a uma sociedade e cultura distintas é resultado da socialização e dos costumes com os quais ela interage e se identifica. A memória cultural abarcaria todo conhecimento que é adquirido coletivamente através de gerações em práticas sociais repetidas, e que direciona o comportamento e a experiência dos grupos aos quais esse conhecimento é repassado e conseqüentemente dos indivíduos que formam esses grupos. Tomando como base o conceito de memória cultural, Assman (1995) adentra a uma delimitação que chama de memória comunicativa ou cotidiana. A memória comunicativa pode incluir as comunicações cotidianas, informais, de um relato de experiência a uma fofoca – a história oral. Nessas interações desorganizadas e não especializadas, o conhecimento é passado por interação entre quem conta e quem é receptor da mensagem. Por esse meio de comunicação, cada indivíduo compõe uma memória que, como Halbwachs demonstrou, é socialmente mediada e relacionada a um grupo. Pensando na realidade da comunidade lagunense, podemos perceber que a memória cultural da comunidade surda não foi construída, uma vez que, ao que tudo indica, os surdos estavam esparsos, sem organização social enquanto associação ou mesmo em contextos de grupos informais e sem reunir artefatos de sua língua e cultura. Porém, o resgate das memórias individuais depois de apresentadas para a atual organização coletiva de surdos em uma associação, pode criar um recomeço de uma memória cultural que poderá fazer parte da memória coletiva desses surdos e das próximas gerações. Assman (1995, p.127) explica em que ambientes essas comunicações criam a base para a construção das memórias:

Cada memória individual se constitui em comunicação com os outros. Esses "outros", entretanto, não são um conjunto qualquer de pessoas, mas sim grupos que concebem sua unidade e peculiaridade por meio de uma imagem comum de seu passado. Halbwachs pensa em famílias, bairros e grupos profissionais, partidos políticos, associações, etc., até e incluindo nações. Cada indivíduo pertence a vários desses grupos e, portanto, nutre várias autoimagens e memórias coletivas. (tradução nossa).

Assim, ao construirmos nossa identidade, partimos da memória construída na relação que estabelecemos com os outros e com os grupos dos quais fazemos parte e com os quais nos relacionamos. Enquanto surda, entendo o papel importante que as interações em língua de sinais e em lugares em que podemos nos encontrar com nossos pares ocupam na construção das nossas memórias e de quem somos. Segundo Assman (1995, p.128) a prática oral nos ajuda a ter uma visão da nossa memória coletiva. Porém, o horizonte temporal desse tipo de memória é limitado. Geralmente todo esse conteúdo que formam as memórias compartilhadas por determinado grupo remontam no máximo cem anos no passado. Além da memória social comunicativa caracterizada por essa informalidade e proximidade com o cotidiano, Assman (1995, p.129) também nos traz atenção à memória cultural. A memória cultural existe em dois modos, primeiro através de um compilado de textos, imagens e regras de conduta acumulados num horizonte total. É possível ter acesso a ela através de "textos, imagens, ritos, edifícios, monumentos, cidades ou até paisagens" (tradução livre).

No fluxo das comunicações cotidianas, tais como festivais, ritos, épicos, poemas, imagens, etc., se forma o tempo – são "ilhas de um tempo suspenso de uma temporalidade completamente diferente". Na memória cultural, essas ilhas de tempo se expandem em espaços de "contemplatividade retrospectiva" (...) Na formação cultural, uma experiência coletiva cujo significado, quando tocado, pode repentinamente se tornar novamente ao longo dos milênios. (ASSMAN, 1995, p.129, [tradução nossa]).

E em um segundo modo, a memória cultural na atualidade, em que cada contexto contemporâneo impõe uma leitura, ou um significado a esses textos, ressignificando-os dentro de uma nova realidade. Dessa forma, os indivíduos constroem suas identidades a partir das memórias conseguidas através das comunicações estabelecidas com o meio e da cultura objetificada ao longo dos anos e compartilhada nos grupos em que participam. Assman argumenta que unindo a

memória (passado contemporâneo), cultura e sociedade ocorre o que chama de “concretização da identidade”. Individual e coletivamente, baseiam sua consciência de unidade na especificidade por conta das memórias comunicativas e culturais compartilhadas, gerando impulsos formativos e normativos, o que permite, segundo Assman, reproduzir a identidade desses grupos. Santos (2012, p.27) explica:

Assim, a memória representa uma experiência vivida e revivida pelos sujeitos que a contam, estando também ancorada no tempo e no espaço, porque traz recordações de um passado que é revivido, se transformando assim em uma nova experiência com oportunidade de mudanças e de novas descobertas. Esse é um ponto muito relevante para este estudo, pois na medida em que os sujeitos da pesquisa se utilizam da memória, narram as experiências vividas e assim deixam registros de acontecimentos dentro da comunidade surda, mostrando como é produzida a cultura surda e como eles se constituem nesse meio.

A autora pontua o porquê falar da construção da identidade, da língua, e da memória individual, cultural e comunicativa num contexto de resgate da história de surdos é tão importante. Porque partimos de um pressuposto de que muitos surdos se veem privados dessa construção que é comum ao ser humano. Contar e conhecer histórias de outros, compartilhar experiências, conhecer o passado de suas gerações, organizar-se enquanto grupo, ter senso de pertencimento – é humano. Muitos surdos, por não aprenderem Libras e por estarem afastados de seus pares, dentro de famílias não sinalizantes, perdem a oportunidade de construir uma identidade que abarque essa linha temporal do passado, de realizar interações no presente tendo em vista a perpetuação da sua identidade no futuro. Resgatar a história das comunidades surdas é uma forma de devolver a elas a memória cultural que foi perdida. E de ajudar a posicioná-las na complementação de sua identidade com as dimensões que não lhe foram propiciadas – resgatando o passado, porém, pensando também no seu futuro.

### 3 RESGATANDO HISTÓRIAS

#### 3.1 CONHECENDO LAGUNA

A cidade de Laguna, no litoral do Estado de Santa Catarina, Brasil, leva seu nome devido à uma grande lagoa que abriga. Esta lagoa é Santo Antônio dos Anjos, cobre grande parte dos limites da cidade, e se une com o Mar Grosso no Oceano Atlântico através de um canal (MARCOMIN; SATO, 2016). A vida de Laguna se desenvolve em torno deste grande corpo de água, a cidade velha cresceu em sua margem norte, e a cidade real cresceu entre o centro histórico e o mar. O presente capítulo traz à luz um levantamento histórico desta cidade, em uma perspectiva das transformações basilares no espaço urbano da cidade, para que desta forma possa evidenciar, no tópico subsequente, os dados atuais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em prol de expor a situação contemporânea da cidade.

##### 3.1.1 Transformações do espaço urbano lagunense ao longo do tempo

O contexto histórico da ocupação da extensão de Laguna, conforme relatam Scheel-Ybert *et al.* (2020), teve seu surgimento na pré-história com os povos sambaqueiros, que deixaram grandes indícios arqueológicos, tais como áreas onde fabricavam artefatos líticos por meio de vários procedimentos, bem como os sambaquis situados neste local. No interior, as áreas mais altas abrigaram os grupos caçadores-coletores, nos quais se encontram vestígios líticos vinculados à tradição Umbu. Subsequentemente se encontram indícios culturais dos índios referentes à raça Tupi-guarani, que habitaram as regiões próximas às lagoas (SCHEEL-YBERT *et al.*, 2020).

A despeito de ser uma região afamada por viagens exploratórias em busca de ouro, prata e caçada de indígenas, além dos jesuítas à procura de áreas para designar suas missões (SANTOS, 1991), é a partir de meados de 1650 que se manifestam as expedições de bandeirantes em prol de consolidar o litoral da Capitania de Santana, assegurando o controle português do local. Os primeiros

povoados surgem em Santa Catarina no atual São Francisco do Sul, em 1658, em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, entre 1673 e 1675, e em Santo Antônio dos Anjos da Laguna, em 1684.

A área onde Laguna está localizada apresenta condições geográficas especiais por se tratar de um berço natural e por ser um ponto de inflexão das correntes e ventos oceânicos e, segundo Lucena (1998), tem atraído companhias marítimas europeias. Segundo a tradição portuguesa, o povoado está localizado no município de Barra da Lagoa de Santo Antônio e é protegido por uma altitude que liga a planície onde hoje se encontra a cidade, além de um conveniente e abundante abastecimento de água de alta qualidade. Ao longo da história, esta implantação benéfica irá proteger a região de ataques inimigos no mar, como a invasão espanhola em 1777, quando Laguna foi salva por ventos contrários, impedindo que os navios castelhanos cruzassem até o litoral (HUK, 2009).

Laguna foi outrora um posto avançado da família real portuguesa, uma base de operações militares e um hotel para os bandeirantes, e uma localização estratégica para a exploração e defesa do território português na região sul. Na época, foi definido como o último porto seguro do sul para abrigar a cabotagem (DALL'ALBA, 1979).

Para os conflitos existentes entre Portugal e Espanha, que têm territórios não desenvolvidos, Laguna também serviu de base. Devido à sua importância como base militar e colônia, Laguna ainda manteve contato frequente com outras aldeias - Desterro e São Francisco. Além disso, várias bandeiras de Vera também reconheceram o território e se tornaram o povoamento da nova colônia do Rio Grande. Como resultado, o comércio se desenvolveu mais rapidamente, usou a indústria pesqueira para a comercialização e forneceu carne seca a essas cidades antes de 1709 (DALL'ALBA, 1979).

No final do século XVII, foi construída a igreja de Santo Antônio dos Anjos, que foi um marco na conquista de Domingos Brito Peixoto. Em 1714, a vila foi elevada à categoria de Vila<sup>2</sup> quando realmente teve início a primeira fase de

<sup>2</sup> A história da independência alça a esta cidade a sua maior importância. Laguna foi a capital da República Juliana, aqui estão as bases da independência do estado de Santa Catarina. Laguna é a segunda cidade histórica mais importante do Brasil. Declarada Patrimônio Histórico Nacional, foi um dos primeiros assentamentos europeus no litoral do atual Estado de Santa Catarina, seu domínio foi disputado até o final do século XVIII por Espanha e Portugal. Em 1830 a cidade foi declarada capital da República Juliana. Fundada no século XVII por Domingo Brito Peixoto, que era chamada de San



urbanização. Em 1720, após visita de correção de Rafael Pires Pardiniho, foi implantado o primeiro código de postura, que, entre outras coisas, previa traçados viários e novo Regulamento de edificações (ARNS, 1975).

A Igreja de Santo Antônio dos Anjos e a Igreja do Campo de Manejo, a Igreja da Fonte da Carioca e o movimento do porto ao longo da praia (atual Rua Gustavo Richard) deram origem ao traçado urbano original. Posteriormente, em 1740, o Paço do Conselho foi construído em 1740 e passou a fazer parte desses polos de produção e formou um pilar cívico e cultural para Laguna.

Laguna se desenvolveu principalmente devido à pecuária. Desde 1725, o rebanho bovino é levado para Laguna desde "Campos do Viamão", na província de São Pedro (atual Rio Grande do Sul), onde era picado, marinado e transportado por via marítima para o Porto e São Vicente (ULYSSEÁ, 1943).

Com a criação do "Caminho das Tropas", foi criada uma nova rota para transportar o gado do sul até o planalto colonial e evitar o litoral, Laguna, portanto, foi perdendo gradativamente sua importância como porto de exportação de carne (DALL'ALBA, 1979).

A aldeia começou a depender exclusivamente do gado criado nas proximidades, mas a economia sofreu um declínio severo. Os seus residentes passaram a dedicar-se a outras atividades alternativas, como a produção de farinha de mandioca, peixe seco, corda de videira e algumas culturas de cereais. Durante este período, a população da Vila diminuiu consideravelmente. Desde 1728, parte de sua população foi convidada a construir estradas para as tropas ligando o sul a São Paulo para as batalhas que aconteceram em Sacramento em 1735 (GALVÃO, 1884).

Com o crescimento da atividade agrícola no Brasil e por conta da demanda dos mercados externos (principalmente a Revolução Industrial), a Coroa portuguesa promoveu mudanças na economia colonial, incentivando a atividade portuária. O rio Laguna (Vila de Laguna) posteriormente desempenhou o papel de exportação da produção agropecuária na parte sul da província, e a província também recebeu incentivos governamentais para fomentar o desenvolvimento (PRADO JÚNIOR, 1992). Com a migração do Porto, o desenvolvimento da Vila passou a ser impulsionado pelos negócios, o que criou uma classe social com maior poder aquisitivo, o que ficou evidente no início da construção de moradias mais robustas.

Antônio dos Anjos de Laguna, sua população cresceu rapidamente até que em 1714 adquiriu a categoria de Villa

As casas térreas passaram a dividir o espaço urbano com as casas de dois pavimentos, que geralmente ocupavam áreas comerciais no primeiro andar, enquanto os edifícios residenciais se localizavam nos andares superiores. Nessa época também surgiram armazéns ao longo do porto, destinados ao estoque de entrada e saída de mercadorias (ULYSSEÁ, 1943).

Em 1847, de acordo com o decreto imperial, Laguna foi elevada a cidade. O desenvolvimento comercial da época proporcionava melhores condições de vida às famílias ligadas ao setor. A pesquisa realizada por Lucena (1998) no jornal "O Pyrilampo" demonstra as condições físicas das ruas e praças urbanas, pode-se perceber claramente que o contraste entre a nova sociedade anteriormente organizada ainda como um "espaço urbano ruralizado".

Há dias sugerindo-me o desejo de dar o passeio pela Cidade, vesti meu domingueiro e saí de casa. Em meu trajeto comecei a incomodar-me por vêr o Senhor Fiscal consentir pelas ruas um grande número de cavalos, cabritos e cães, que além da moralidade que causão a todo o momento, servem de incômodo ao passeante... Haverá ou não posturas que proibão essas cousas! Se não há, pode-se crear e a Assembléia Provincial, que attenda, admire e veja a decadência, que marcha isso por aqui por falta de quem falle e velle sobre este lugar, que seu rendimento é transmitido à província sem a menor compensação (Jornal: O PYRILAMPO, 1/09/1864, apud LUCENA, 1998, p. 29).

Nesta época, também se registrou a chegada dos imigrantes da Itália e da Alemanha, que vinham pelo Porto no aguardo de embarcações que seguiam para o interior do país, pelos rios.

No final do século XIX, o aumento da produção de carvão proporcionou a Laguna um novo ciclo econômico e um forte movimento portuário, que foi reconhecido pela rica arquitetura eclética da cidade. Por volta de 1880, duas frentes de expansão começaram a formar novas comunidades, como Campo de Fora e Magalhães. Com a instalação da Ferrovia D. Tereza Cristina entre 1881 e 1884, a construção da ponte de ferro da Cabeçuda e a implantação do ramal ferroviário para Laguna, a cidade passou a ter um desenvolvimento urbano substancial.

Posteriormente, a linha férrea estenderia até ao centro da cidade nas proximidades do Porto, aonde chegavam grandes navios a vapor que transportavam carvão e passageiros, causando grande movimento na região. A estação ferroviária de Campo de Fora foi deslocada para o centro da cidade, junto ao mercado público e ao Porto.

A partir da década de 1920, Laguna vislumbrou a possibilidade de ser um terminal carvoeiro, que já era defendido há muito tempo. Vale ressaltar que na virada do século XIX, devido ao enriquecimento natural da população, Laguna testemunhou o mais importante desenvolvimento urbano e intelectual. Naquela época, via-se a surgimento da sede do primeiro jornal "A Verdade" (1879), Biblioteca Popular (1876), primeiro hotel da Rua da Praia, hospital (anos 1870), duas companhias de música, alguns clubes de entretenimento, Teatro Sete de Setembro (1858) e o antigo mercado público (1880) (LUCENA, 1998).

A abertura do porto foi proposta pela família real portuguesa em 1808, o que gerou o surgimento de novas influências da Europa nas novas cidades do Brasil, refletindo principalmente os detalhes arquitetônicos ricos em materiais importados na arquitetura eclética.

Laguna foi afetada por esse tipo de influência por volta do final do século XIX, mas teve grande influência no tipo de arquitetura urbana. O ecletismo tardio da cidade foi repleto de influências neogóticas e neoclássicas. Essas influências foram trazidas principalmente por imigrantes alemães e italianos, que se adaptaram aos novos costumes e regiões.

Nos anos 1940, que marcam o início do período coberto por essa dissertação, o Porto mudou-se do centro da cidade para o bairro de Magalhães. Segundo Lucena (1998, p. 37), esse foi o melhor recurso para evitar – [...] o problema do assoreamento da lagoa, pois esses navios maiores ficariam mais próximos do canal do mar. Este fato conduziu a um grande desenvolvimento do referido bairro, a par do prolongamento da linha ferroviária que se estende até o novo porto.

Figura 4 - Laguna nos anos 40



Fonte: Blog Projeto Memórias de Laguna.

A partir desse momento, a cidade passou a ter dois portos: a mina de carvão em Magalhães e o de carga geral e passageiros no centro. Esse fato, somado à transferência da estação ferroviária para o Campo de Fora, fez com que a Rua da Praia perdesse o acesso à ferrovia.

Figura 5 - Centro de Laguna em 1948



Fonte: Blog Projeto Memórias de Laguna

Após a Segunda Guerra Mundial, o porto de Laguna, que estava em quarto lugar em movimentação portuária em Santa Catarina na segunda metade do século XIX, perdeu espaço no porto de Imbituba, sendo o porto mais adequado para

receber navios maiores. No entanto, Laguna ainda era a espinha dorsal da região, pois possuía boa infraestrutura comercial, financeira e de serviços públicos, enquanto outras cidades do entorno não (DALL'ALBA, 1979). A pesquisa realizada por Lucena (1998) e Simon (2000) constatou que entre 1938 e 1956 a cidade pouco se expandiu e as áreas ocupadas foram adensadas.

Na década de 1950 a cidade de Laguna começa a receber influências mais substanciais culturais, foi construído o novo Mercado Público ocupando parte do novo aterro (de 1910), próximo ao antigo mercado. Ressalta-se o edifício do Cineteatro Mussi, inaugurado em 1950 e cabe mencionar outros pontos que fizeram a cidade se consolidar, tais como a Capitania dos Portos, a Sede dos Correios e Telégrafos e a sede do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina (INCO), além de casas comerciais e residenciais (NASCIMENTO, 2016).

Figura 6 - Vista da cidade de Laguna nos anos 50



Fonte: Blog Projeto Memórias de Laguna<sup>3</sup>

Entre as décadas de 1950 e 1960, a atividade portuária diminuiu, forçando sua dinâmica a mudar. O Porto passou a operar na zona de pesca, abrindo novas possibilidades (ELÍBIO, 2005). Desde a década de 1960, o espaço urbano na região central praticamente não mudou, e a estrutura urbana se manteve inalterada desde

<sup>3</sup> <http://projetomemoriasdelaguna.blogspot.com/>

então. As alterações feitas são limitadas ao nível de arquitetura e suas respectivas finalidades. Portanto, o ciclo de transformação do espaço urbano central de Laguna está superado.

### **3.1.2 A expansão urbana**

Na década de 1960, devido ao declínio da atividade portuária e ao declínio do centro comercial da cidade, a construção da ponte rodoviária da Cabeçuda e da BR 101 deslocaram o centro econômico da cidade para outras cidades, e o desenvolvimento econômico da cidade apresentou tendência de queda. Permaneceu, portanto, atividades de pescarias e pequenos produtos, indústrias e locais, já que o crescimento da cidade em si ficou estagnado. Mas isso também trouxe a possibilidade de um novo tipo de atividade econômica, qual seja, o turismo, principalmente no Balneário do Mar Grosso, já que a sua implantação urbana foi completamente diferente de outros bairros da expansão espontânea da cidade, estimulando a especulação imobiliária na área.

Na época, ocorreram diversas expansões urbanas, principalmente ao longo da rodovia que liga o centro à BR-101, expandindo os bairros Campo de Fora e Progresso, e formando novos bairros como Portinho e Cabeçudas (LUCENA, 1998).

O aumento do número de visitantes no verão estimulou a especulação imobiliária na praia e, com isso, o centro histórico da cidade também sofreu pressões desta natureza. Trata-se de um apelo ao desenvolvimento, foi um período de intensa urbanização na década de 1970. Da cidade velha surgiu um novo povoado cujos parâmetros eram exploratórios e não consideravam a inserção no pano de fundo da cidade.

Através de decretos municipais, as edificações dos bairros Magalhães e Centro passaram a fazer parte do patrimônio histórico e cultural da cidade de Laguna. Nesse período, várias melhorias foram realizadas em toda a cidade, como pavimentação de ruas, ampliação das redes de água, esgoto e energia, conclusão da conversão do antigo porto de carvão em porto pesqueiro e construção de hotel e restaurante no Mar Grosso.

Já no parecer de Franco (1984, p. 7-8) se referia à expansão urbana da cidade, como uma ruptura em relação ao núcleo urbano inicial:

Nos termos da analogia genética a que acenamos, ninguém haverá de negar que a expansão recente da Laguna, aquela, por exemplo, voltada para o oceano e para o turismo sazonal (Mar Grosso, ...), seja a forma final do processo evolutivo de um organismo cujo material genético é o mesmo do centro histórico. Mas as pressões seletivas se fizeram, não no sentido de um aperfeiçoamento ou especialização paulatina, mas sim com a força de uma ruptura do código genético, dando origem a uma espécie diversa.

Nessa obra, Franco faz uma associação de Laguna com as cidades europeias do século XIX. Benévolo a chama de "cidade neoconservadora", onde o surgimento de novas estruturas não confirma o desaparecimento do núcleo original:

Em Laguna, é ainda à peculiaridade do sítio que se deve, em grande parte, a contenção da hostilidade com que a nova cidade se contrapõe ao centro histórico. O mesmo sistema formado pelos morros do Rosário, da Caixa d'Água, do Moinho e da Glória, que os povoadores viram como abrigo acolhedor e derradeiro de uma costa inóspita, deixou documentada em modo excepcional a separação entre o centro histórico e os dois organismos novos que se lhe contrapõem morfológicamente: ao norte, os bairros de pequena indústria, serviços e habitação degradada – Campo de Fora, Portinho e Progresso – e, em sequência cronológica, a partir do começo do século com a expansão do embarque do carvão, os bairros em torno do morro da Glória – Ponta das Pedras, Magalhães, Navegantes até o desenvolvimento turístico recente de Mar Grosso. (FRANCO, 1984, p.8).

Desde o dia do tombamento, o desenvolvimento da cidade ocorreu basicamente no bairro do Mar Grosso, e com o aumento dos edifícios residenciais multifamiliares, muitos deles estão à disposição do turista. O número de espaços comerciais e de lazer também aumentou nas suas formas principais, e agora é neste local que se realiza a maior parte das atividades turísticas da cidade.

Figura 7 - Vista atual do litoral de Laguna a partir da praia do Mar Grosso



Fonte: Wikipedia.

### 3.1.3 O passado lagunense frente à cidade atual

De acordo com Bitencourt (1996), Laguna há um ar nostálgico dos tempos de como a cidade já foi em seu passado “glorioso” diante de seu percurso histórico em seu desenvolvimento. Laguna, em seu projeto desenvolvimentista destruiu o velho e produziu o novo.

E na colagem um tanto desconexa de vários momentos de sua trajetória histórica, numa montagem de episódios luminosos, que se sustentam os paradigmas dos exaltadores do ontem. E é justamente aí que se encontra a ambivalência desse discurso, a contradição intrínseca a qual me referi no início. A Laguna do “já teve” somente existe, dentro dessa discursividade, em relação à do “passado glorioso”, elas se completam dentro da mesma rede discursiva. Não há uma crítica da atualidade na atualidade. Os que julgam o presente são os mesmos que fazem apologia do passado. Assim, não ocorrem análises consistentes que olhem a cidade com perspectivas de futuro a partir do que ela é, como também esvaziam-se as responsabilidades, tanto políticas quanto de investimento econômico, pois a crítica desarma-se numa comparação temporal não relativizada. As possibilidades de cobrança de uma elite empreendedora são assim anuladas. (BITENCOURT, 1996).

Observa-se, face à ótica de Bitencourt (1996), que Laguna parou no tempo, segundo o autor supracitado, o século XX foi um período com bastante riqueza para a cidade, o que leva a atenção sobre os processos de modernização da Primeira República, procurando a percepção de como os componentes da



contemporaneidade foram compreendidos, reproduzidos, ou mesmo, retardados e contidos no dia a dia dos lagunenses no final do século XIX e início do século XX. Neste sentido, vê-se a inversão, conforme Bitencourt (1996) relata, de imagem da cidade que outrora era um polo econômico, para uma cidade histórica.

Figura 8 - Centro histórico de Laguna na atualidade



Fonte: Guia de Santa Catarina On-line.

Remontar esses dados históricos é importante para contextualizar a cidade onde se realiza a pesquisa e entender aspectos fundamentais da dinâmica do município, que nos últimos 80 anos, se modernizou muito pouco. Os dados do censo de 2010 do IBGE<sup>4</sup>, por exemplo, demonstram que atualmente, Laguna tem uma população de 51.662 habitantes e que quando comparada ao índice populacional de outros municípios do Estado, Laguna recebe a posição de 295º. Em 2020, o IBGE fez uma estimativa de que Laguna teria uma população de 46.122, isto é, uma diminuição populacional. A estagnação da cidade parece ser uma tendência quando se analisa várias esferas estatísticas, tais como a área da educação, na qual Laguna registra reduções nas matrículas escolares. Segundo os mesmos dados do IBGE citados anteriormente, houve uma redução substancial desde o ano de 2005 nas matrículas para ensino fundamental. A taxa de escolarização, mesmo sendo considerada elevada (97,7%) coloca Laguna na posição de 203º no ranking do Estado. Segundo dados atuais (2020-2021) da Gerência Regional de Educação – GERED de Laguna, responsável pelas escolas estaduais, há apenas um surdo

<sup>4</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/laguna/panorama>

frequentando a escola em toda a rede na cidade de Laguna, sendo acompanhado por um professor bilíngue (Anexo 1).

Obviamente, a estagnação da cidade da urbanização à educação se reflete também nas políticas públicas relacionadas às minorias – como a comunidade surda. Refletindo nesses dados não é à toa que a comunidade surda não possua até pouco tempo atrás, organização formal enquanto associação, tampouco representatividade em esferas políticas. Porém, esse retrato também está conjugado, não somente ao quadro municipal, como também ao contexto do estado de Santa Catarina enquanto organização do movimento surdo - assunto que adentrarei na próxima seção.

### 3.2 HISTÓRIA DO INÍCIO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E DE SUAS ASSOCIAÇÕES NO ESTADO DE SANTA CATARINA

A estruturação da educação de surdos em Santa Catarina, bem como de suas associações, foi resultado, como em outros lugares no país, em prol da alteridade, da identidade surda, e do desejo de poder se comunicar em língua de sinais. A história do movimento da comunidade surda em Santa Catarina, remonta a década de 50, com o destaque de algumas figuras, tais como a de Francisco Lima Júnior<sup>5</sup>.

#### 3.2.1 O surgimento das associações de surdos

As primeiras associações fundadas por surdos, foram fundadas na Europa e, assim, abriram caminho para novas associações em outros lugares do mundo, como na América Latina e no Brasil (SCHMITT, 2008).

A seguir são evidenciadas as influências entre as primeiras fundações de associações de surdos brasileiras, conforme descreve Schmitt (2008):

Tabela 2 - Influências para a fundação das associações de 1803 a 1956

<b>1803</b>	Inicia a vida de Ferdinand Berthier, idealizador de associações de surdos na França
-------------	---

<sup>5</sup> Professor surdo, que se mudou do Rio de Janeiro para Florianópolis em 1946, lutando pela criação da primeira escola de surdos e a primeira associação de surdos em Santa Catarina.

1811	Aos 8 anos, Berthier estudou no Instituto para surdos de Paris.
1834	Primeiro organiza o banquete silencioso em homenagem ao 122º aniversário do abade de L'Épée.
1838	Berthier funda a primeira sociedade de surdos do mundo.
1912	Don José Antorio Terry funda a Asociacion de Sordomudos de Ayuda Mutua Argentina é o início na América Latina
1935	Armando Melloni é Brasileiro reside em Campinas/SP, foi a Argentina e trouxe o modelo de Associações de Surdo-Mudos para o Brasil
1954	Foi fundada a Associação de Surdos-Mudos de São Paulo – ASMSP.
1955	Foi fundada a Associação dos Surdos-Mudos no Rio de Janeiro.
1955	<b>Francisco delegado para a região sul, funda Círculo Surdos-Mudos em Santa Catarina (CSMSC).</b>
1955	Fundação da Associação dos Surdos-Mudos do Rio Grande do Sul – ASMRGS
1956	Fundação da Associação dos Surdos-Mudos do Paraná – ASMP.

Fonte: Adaptado de Schmitt (2008).

Antigamente não existia uma entidade – como uma Associação Brasileira que representasse os surdos. No entanto, Armando Melloni, surdo que residia em Campinas-SP, na década de 1930, foi para a Argentina e lá conheceu a ASAM, Asociacion de Sordomudos de Ayuda Mutua, fundada em 30 de junho de 1912.

Conforme relata Schmitt (2008), Melloni, ao fazer a viagem para Buenos Aires - Argentina, conversou com dois surdos e importou o modelo da associação da Argentina para o Brasil, fundando, assim, a Associação dos Surdos-Mudos de São Paulo. Com o trabalho e seu reconhecimento fora do estado da associação supracitada, o surdo Mário Devisate decidiu criar a Associação dos Surdos-Mudos no âmbito nacional, intitulado Sr. Francisco Lima Júnior como Delegado para a região Sul.

Participe dos movimentos surdos pelo Brasil, o professor Francisco foi eleito, em São Paulo, delegado nacional para a organização dos surdos na Região Sul, o que o levou a fundar, com seus colegas, em Santa Catarina, o Círculo de Surdos-Mudos e a participar ativamente, em parceria com seu conterrâneo e amigo Salomão Watnick, em 1954, da organização da primeira Associação de Surdos em Porto Alegre. (SILVA, 2002, p. 95).

Cabe aqui, pela relevância e destaque de Francisco Lima Júnior na comunidade surda, um avanço em sua trajetória para assim expor a evolução do grupo de surdos em Santa Catarina.

### **3.2.2 Lima Júnior e sua contribuição para a comunidade surda em Santa Catarina**

Francisco Lima Júnior, surdo, filho de uma família rica de Florianópolis, estudou no Instituto Nacional de Escola de Surdos, no Rio de Janeiro em meados da década de 1940. Conforme descreve Silva (2002, p. 95):

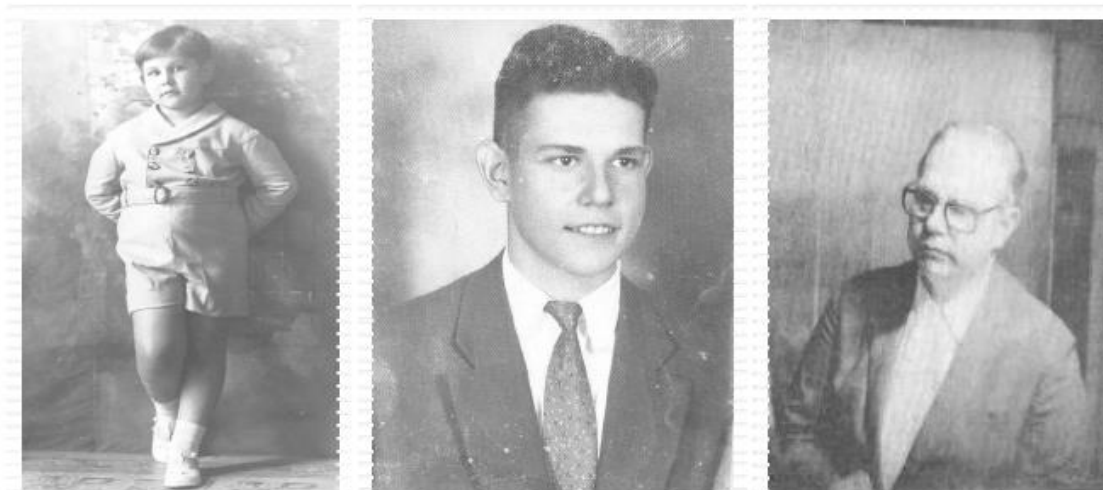
O Francisco é natural de Florianópolis em Santa Catarina, nasceu surdo em 01/06/1928. Para ser professor, estudou no Instituto Nacional de Surdos Mudos no Rio de Janeiro e no Instituto Paulista de Surdos, na cidade de São Paulo, de 1937 a 1946. A formação que recebeu nesses Institutos corresponde, nos dias atuais, ao ensino fundamental, com uma qualificação profissional na área de impressão. Durante esses anos, ele habilitou-se para as disciplinas de Desenho, Encadernação, Ginástica e Dactilografia. Mais tarde, aprofundado seus conhecimentos, habilitou-se também em contabilidade.

Após a conclusão de seus estudos, Lima Júnior retornou a Florianópolis com a intenção de reunir os surdos de sua cidade e da grande área metropolitana para dar aulas de alfabetização a este grupo. Francisco tomou para si, portanto, a tarefa de ensinar aquelas pessoas que até em então não tinham noção de ler e escrever. Começava, neste ponto, um dos primeiros movimentos rumo ao ensino através da língua de sinais em Santa Catarina. Em outros períodos, em sua residência, à noite, designou um espaço para lecionar aos surdos adultos, e começou a reunir os surdos. Desses encontros aumenta o desejo de criar uma associação.

Para sua surpresa encontrou um surdo que havia estudado com ele no INES e conversaram muito. Francisco perguntou-lhe se havia Associação de Surdos aqui e a resposta foi negativa. Então, Francisco perguntou quem era o líder dos surdos e estes lhe apresentaram o Salomão, junto com o

David, que, foi o primeiro professor surdo do Rio Grande do Sul. (RANGEL, 2004, p. 64).

Figura 9 - Francisco Lima Júnior



Fonte: Schmitt (2013).

Os encontros entre os surdos propiciaram a criação do primeiro time de futebol de campo, os treinos eram aos sábados, na Escola de Aprendizes de Marinheiros, em Florianópolis. Os jogos realizados eram contra os ouvintes, uma vez que se compreendia que o melhor modo de aprender seria jogar com pessoas que já tivessem intimidade com a bola.

Figura 10 - Primeiro time de futebol



Fonte: *Jornal do surdo on-line*.

É válido frisar que Francisco Lima Júnior compreendia que os surdos organizados poderiam promover a padronização dos sinais, para que a comunicação se desse de forma mais fluída com os surdos filiados de qualquer associação brasileira. Lima Junior esclarece:

Logo a nossa colônia de surdos-mudos entrou numa fase de padronização mímica, nos moldes da escola de São Paulo, abandonando os sinais peculiares a cada um, frequentemente bem diversos e inesperados, para a designação de dado objeto. Dessa forma, qualquer mudo filiado à associação não terá dificuldade de entender-se com qualquer outro do país, também associado. (LIMA JÚNIOR apud SILVA, 2001. p.30).

Considero que Francisco Lima Júnior atuou de forma expressiva no fomento ao movimento surdo em Santa Catarina. Lima Júnior, ao ver vários surdos em diferentes municípios catarinenses, resolveu ajudar este grupo, que ficava isolado em suas residências e na casa de familiares, sem o emprego da comunicação gestual. Lima Júnior apresentou o primeiro dicionário na língua de sinais em Santa Catarina em 1947.

O primeiro dicionário em Santa Catarina continha figuras do próprio Francisco Lima Júnior, o que evidenciava uma certa preocupação cultural e linguística para com a comunidade surda em Santa Catarina. Lima Júnior promoveu o uso da língua de sinais e, desta forma, buscava um modo de a comunidade surda ter aproximação com a língua de sinais. Lima Júnior ensinava em sua casa, onde também era estabelecida a associação (SCHMITT, 2013). Vê-se que o ensino de Francisco promovia o domínio da língua de sinais dos surdos em Santa Catarina:

Em Santa Catarina, o processo de educação de surdos se deu na década de 50 com serviços implementados na rede regular de ensino. Aconteceu que os surdos estudaram na escola regular juntamente com alunos ouvintes e eles não se compreenderam na sala de aula porque o professor falava a língua portuguesa e oralismo. A língua de sinais era proibida, por influência do congresso de Milão, na Itália, em 1880. Os alunos surdos ficaram isolados dos alunos ouvintes por causa das barreiras de comunicação. Os ouvintes não conheciam a cultura e a identidade surda. Por exemplo, na sala de aula muitos alunos ouvintes se comunicam em português e os surdos ficam isolados e excluídos na escola dos ouvintes. Porque o surdo procura a intervenção da cultura que se vive na língua de sinais, encontra outros surdos na comunicação, nos contados entre outros surdos e consegue juntamente na força política dos movimentos surdos. Na verdade, o Francisco teve força de vontade para estudar no INES. Ele é uma pessoa boa, com a responsabilidade de fundar associação de surdo. A trajetória de vida desde a infância marca e registra que Francisco tem procuração com o

povo surdo do interior, com os contatos na língua de sinais e mais valorização da cultura surda. (SCHMITT, 2008, p. 105).

Figura 11 - Primeiro dicionário na língua de sinais em Santa Catarina em 1947



Fonte: Schmitt (2013)

O ensino da língua de sinais no estado catarinense com a intervenção de Lima Júnior promoveu uma nova etapa da língua de sinais em Santa Catarina, trazendo influências de outras comunidades surdas do Brasil. Por meio desta intervenção, o modelo linguístico trazido do Rio de Janeiro foi otimizado a cada geração.

O Imperial Instituto dos Surdos-Mudos foi de extrema importância na propagação da língua de sinais em grande parte das regiões brasileiras. O Sr. Francisco, cidadão Catarinense, foi um aluno desta instituição, após retornar ao seu estado de origem, ele foi educador de surdos e responsáveis pela difusão da língua sinalizada usada nesse instituto. (CORREA; SEGALA, 2008, p. 32).

O Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina (CSMSC) – primeira associação de surdos em Santa Catarina, conhecida atualmente como Associação de Surdos da Grande Florianópolis - ASGF, é fundado em 1955, sendo esta uma

Instituição de Direito Privado, considerada uma das mais antigas Associações de Surdos do Brasil. De acordo com Rangel (2004, p. 64):

Francisco reuniu-se com esse grupo e explicou como funcionava uma Associação de Surdos e sua importância para a comunidade. Salomão interessou-se e fundaram a Associação de Surdos-mudos do Rio Grande do Sul em 5 de outubro de 1955, com a diretoria composta só por surdos. A sede funcionava em uma sala improvisada na casa dos sogros de Salomão. E posteriormente, mudou-se para a casa dele construída pela mãe dele onde ele morava junto com sua esposa.

A associação tinha como objetivo o viés educacional e o âmbito esportivo, propiciando para a comunidade surda mudanças substanciais oriundas do intercâmbio com outras Associações de Surdos do Brasil.

Figura 12 - Primeira turma de alunos surdos no Círculo de Surdos e Mudos de Santa Catarina



Fonte: Jornal do surdo on-line.

Desde esse marco, é uma luta dos surdos catarinenses continuarem a se organizar a fim de ter maior força para fazer a reivindicação de seus direitos. Já naquela época, havia o entendimento da importância dos espaços das associações como ambientes de convivência, para a organização política da comunidade bem como para a realização de atividades esportivas, sociais e culturais e o principal – que os surdos pudessem se reconhecer nos seus pares linguísticos utilizando livremente a língua de sinais.



Outro marco importante se deu em 1961, quando foi criado em Florianópolis, o primeiro espaço educacional para surdos em Santa Catarina, uma turma de surdos na Escola Celso Ramos. Mais tarde o governador Celso Ramos autorizaria a criação de uma escola para surdos-mudos em Florianópolis. A própria associação, CSMSC, abriu um espaço de ensino para surdos, com destaque para a contratação de tutor surdo para o ensino na língua de sinais com os discentes.

No final da década de 1960, foi fundada a Associação Brasileira para estudos da comunicação humana em Santa Catarina. Logo em seguida, transformou-se no Instituto de Audição e Terapias da Linguagem – IATEL, esta instituição ofertou atendimento nas áreas médica, fonoaudiológica, pedagógica, psicológica e de serviço social, auxiliando um grupo de pessoas que era totalmente desassistido pela esfera pública da época. Em alguns anos, a IATEL se tornaria referência central do estado de Santa Catarina para o auxílio à pessoa com transtorno da linguagem, voz, motricidade oral e audição, promovendo atividades em prol da atenção educacional especializada à pessoa surda e inclusive, fornecendo cursos de Libras para os surdos, que atualmente não mais são oferecidos.

Em 1968, por intermédio da Lei n. 4.156, foi criada a Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), uma instituição de “caráter beneficente, instrutivo e científico, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, responsável pela política de educação especial no Estado” (MELO; LUNA; RIBEIRO, 2015, p.144).

Em meados da década de 1980, o Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina se ampliou pelo território catarinense e surgiram novos núcleos, tais como em Lages, em Joinville, em Timbó, Chapecó e Blumenau, uma vez que por meio desses encontros a língua de sinais fluía e a comunicação entre os integrantes se fortalecia e, por conseguinte, os surdos foram ampliando seu espaço dentro de Santa Catarina (SCHMITT, 2013).

No início da década de 1980, um grupo de associados e profissionais ouvintes da área de “deficiência auditiva”, pela Fundação do Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina, fundou a Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo, no Rio de Janeiro. Contudo, a instituição perdurou sem grande conhecimento da comunidade surda de modo geral. Somente em 1983, a comunidade surda teve conhecimento da existência desta instituição, por meio da

Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, que reivindicava o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais em todo o território nacional.

Em meados de 1985, um grupo de surdos liderados por Niro de Souza iniciou um movimento que originou na fundação de uma nova associação - a Associação dos Deficientes Auditivos de Florianópolis - ADAF. Posteriormente, surge a Sociedade dos Surdos de São José, liderado por Walter Souza Filho; a Associação dos Surdos de Blumenau – ASBLU, a Associação de Surdos em Joinville – ASJ; a Associação de Surdos em Itajaí – ASI; a Associação de Surdos em Lages – ASL e a Associação de Surdos de Chapecó – ASC (SCHMITT, 2013).

Hoje em dia, há 18 associações registradas em Santa Catarina, sendo elas: ASC- Associação de Surdos de Chapecó; ASC- Associação de Surdos de Criciúma; ASPUVA- Associação Dos Surdos de Porto União da Vitória; ASBRU- Associação dos Surdos de Brusque; a ASBLU- Associação de Surdos de Blumenau; ASBAC - Associação de Surdos de Balneário Camboriú; ASJS - Associação de Surdos de Jaraguá do Sul; ACSJSC - Associação de Surdos de Joinville; ADESC- Associação de Surdos do Extremo Sul Catarinense de Araranguá; APAS - Associação de Pais e Amigos de Surdos de Joaçaba; APADAC- Associação de pais e amigos de Deficiente Auditivo de Curitiba; ACADAV- Associação Campovonense de Apoio aos Deficientes Auditivos e visuais de Campos Novos; ALPAS- Associação Lagunense de Pais e Amigos de Laguna; ASGF- Associação de surdos da Grande Florianópolis; ASPA- Associação dos Surdos de Palhoça; AASJLLE- Associação de Apoio aos Surdos de Joinville e Região; AASXXM- Associação dos Amigos dos Surdos de Xaxim e APADAVIX- Associação de Pais e Amigos dos Deficiente Auditivo e Visuais de Xanxerê. Essa expansão significativa é fruto de um longo processo histórico, de resiliência e de organização coletiva, abrindo caminho para as associações que hoje existem.

### 3.3 HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DE SURDOS EM LAGUNA

Essa seção pretende registrar parte da história dos surdos de Laguna a partir da fundação da Associação de Pais e Amigos de Surdos de Laguna – ALPAS no ano de 2016. Esse registro é importante porque embora seja consideravelmente

atual, cria um ponto de referência narrativo para as próximas histórias a serem contadas pela ALPAS.

Os movimentos pela criação de uma associação de surdos em Laguna aconteceram, segundo relatos de pais de surdos, mais de uma vez. Dentre essas tentativas, em 2001, houve reuniões de pais de surdos e de pessoas que simpatizavam com a causa surda para o intento de criar uma associação – denominada APAS. Na época, o objetivo era lutar pela melhoria educacional dos surdos e para garantir os seus direitos de acessibilidade dentro do município. Porém as reuniões foram rareando e essa iniciativa, infelizmente, a APAS não permaneceu em funcionamento. Além disso, no mesmo período, houve intensa comunicação, pleiteando melhorias para os surdos lagunenses, entre os pais e a Sra. Ivete Cadorin, primeira-dama do município na época, que simpatizava com a causa surda. Essas experiências serão relatadas com mais detalhes no Capítulo 4 por uma das três mães que participaram, em diferentes medidas, desse movimento pela associação. Acredito que esse movimento, ainda que não tenha se transformado em uma associação formal, somado à publicação da Lei 10.436 (Lei de Libras) no ano anterior, tenha provocado a criação da Lei nº 969, de 12 de setembro de 2003 – que reconheceu a Libras como língua e assegurou o intérprete para atendimento ao surdo em repartições públicas bem como a presença do intérprete e do professor de Libras nas escolas (No anexo 2 disponibilizo a lei para leitura na íntegra).

Somente em 2008, as escolas que tinham surdos matriculados passaram a ter intérpretes. Nesse ínterim, os pais dos alunos surdos precisaram lutar para manter profissionais fluentes na língua de sinais nas escolas, uma vez que, por conta de ainda não haver uma formação para intérpretes de Libras (a primeira iniciou nesse ano), e por conta do município e do estado não terem nomenclatura para o profissional intérprete de Libras, professores da educação especial formados nessa área pleiteavam as vagas para intérpretes. Uma das mães precisou apelar para o Juizado de menores do município e em audiência com a juíza, na presença da intérprete e do seu filho surdo, pleiteou que a profissional que era fluente não fosse substituída por um professor da educação especial não fluente. Por conta da intervenção da juíza, a intérprete pôde continuar atuando até a formatura dos alunos em 2010. Este caso mostra que, fazia falta uma Associação que pudesse lutar pelos

direitos dos surdos e que pudesse apoiar de forma institucional os pais, orientando sobre os procedimentos a seguir em situações como essa.

Um novo movimento a favor da criação de uma associação de surdos se reiniciou somente em 2015. Nesse ano, pessoalmente, estava envolvida em fazer um curso de pós-graduação em Libras e paralelamente cursava outra disciplina de Libras num curso de complementação de educação especial. Assim, eu estava em contato com diversos colegas que tinham interesse na educação de surdos e na língua de sinais. No mesmo ano, comecei o curso Letras Libras e passei a conhecer ainda mais profundamente a cultura surda, a ter contato com surdos acadêmicos, professores surdos bem como com a luta pelos direitos e pela igualdade da comunidade.

Estar em contato com essa nova realidade, me abriu os olhos para a situação que os surdos de nossa cidade viviam. No intuito de chamar atenção para a causa, organizei um curso de 60 horas de Libras básico – o primeiro da cidade - e convidei a Magali Tavares, surda, para ministrar as aulas em setembro de 2015. As aulas aconteciam no Colégio Estadual Almirante Lamego – CEAL, que gentilmente nos cedeu o espaço para a realização do curso. A primeira turma teve a participação de 25 alunos.

Figura 13 - Participantes do primeiro curso de Libras no CEAL



Fonte: Arquivo pessoal.

O contato com a comunidade surda de Florianópolis através das aulas, e a realização do primeiro curso de Libras em Laguna me fizeram pensar em outras questões. Não havia nenhuma associação organizada, não havia acessibilidade nos órgãos públicos, não havia nenhum movimento organizado para disseminar informação para a classe política e tampouco para a comunidade lagunense – era necessário mudar essa realidade.

Assim, contatei colegas que estudavam comigo e viviam em Laguna, e fizemos inúmeras reuniões para sondar a possibilidade de criar a associação de surdos. Eu mesma, conhecia poucos surdos na cidade, embora soubesse que havia muitos. Mas como eles não costumavam se reunir formalmente, procurei a ajuda de uma amiga Testemunha de Jeová que já havia feito trabalho voluntário religioso voltado para os surdos, para me indicar quantos surdos ela conhecia. Na época, esse grupo religioso havia ido de casa em casa procurar por surdos e tinham encontrado mais de cem pessoas. Recebi a indicação do endereço de alguns através dela e pedi que cada surdo me indicasse outro endereço de surdo a fim de conhecer mais surdos e de apresentar minha ideia de nos reunirmos como associação. Não consegui rastrear todos os surdos da cidade e não havia registro formal deles na prefeitura, ainda que para o IBGE, como já apresentei, o número de surdos da cidade fosse superior a trezentos. Porém, com essas visitas, consegui conhecer cerca de 80 surdos.

Porém, antes disso, resolvemos publicizar a causa através da organização de um evento, em que profissionais surdos e ouvintes da área de educação de surdos, palestraríamos e esclareceríamos vários pontos importantes da temática surda. Seria também uma oportunidade para que os surdos da cidade tivessem contato com surdos fluentes, politizados e acima de tudo, com desejo de ajudar no progresso de nossa comunidade. Com esse intuito, em 23 de abril de 2016, aconteceu o I Encontro dos Surdos de Laguna. Para mim e para todos os envolvidos na organização, foi um momento marcante, porque pela primeira vez, tínhamos na cidade, um evento com acessibilidade voltado para os surdos. Compareceram ao evento, muitos surdos da comunidade, autoridades de visibilidade no município, e muitos ouvintes que tinham interesse em aprender mais sobre a causa surda. Quando vimos o auditório lotado, os surdos lagunenses imersos no contato com os

surdos visitantes, e tantas pessoas apoiando aquele evento, percebemos que se armava o cenário ideal para concretizarmos a criação da associação.

Figura 14 - Programação do 1 Encontro Lagunense de surdos



**1º ENCONTRO LAGUNENSE DE SURDOS**

**PROGRAMAÇÃO - 23/04**

UFSC UDESC

ENTRADA FRANCA

**08:00** Credenciamento  
**09:00** Abertura  
**09:30** Palestra: *Educação de surdo em uma escola bilingue*  
 - Prof. Mestre João Paulo Ampessan  
**10:15** Coffee-Break  
**10:45** Palestra: *Caminhos percorridos na formação de um surdo*  
 - Prof. Doutor Deonísio Schmitt  
**12:00** Intervalo  
**13:30** Palestra: *O papel dos profissionais que atuam na educação de surdos no estado de Santa Catarina*  
 - Prof. Marcos A. Marquioto  
**14:15** Palestra: *O antes e o depois do Implante Coclear*  
 - Prof. Esp. Alexandre Bet R. Cardoso  
**15:00** Palestra: *Ensino e aprendizagem de surdos: a importância da língua de sinais*  
 - Prof.ª Mestre Juliana Tasca Lohn  
**16:00** Coffee-Break  
**16:30** Palestra: *Mãe surda e filho surdo: construindo um elo afetivo e de comunicação*  
 - Prof.ª Doutora Karin Strobel  
**17:45** - Encerramento

Inscrições apenas no dia e local do evento.  
 Todo o evento será interpretado para o português.  
 A certificação será emitida em até 15 dias após o evento para os que obtiverem 100% de frequência.

Imagem decorativa na base com rostos de pessoas e mãos coloridas.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 15 - Participante do I Encontro de Surdos de Laguna



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 16 - Plateia no 1 Encontro de Surdos de Laguna



Fonte: Elvis Palm.

Figura 17 - Professora Karin Strobel palestrando no evento



Fonte: Elvis Palm.

Figura 18 - Matéria no site da prefeitura de Laguna sobre o evento

← laguna.sc.gov.br →

**[Evento] Primeiro encontro de surdos de Laguna**  
*Postada em 18/04/2016 às 15:20:20*

Interação: Curtir 1 0

Com o intuito de quebrar o tabu de que surdos não aprendem e que não são capazes, um grupo de professores e pessoas com deficiência auditiva estão organizando o primeiro encontro de surdos de Laguna, no próximo dia 23, a partir das 8h, no auditório da Udesc.

No município, de acordo com dados dos organizadores são aproximadamente 60 surdos. Pais, amigos e professores estão sendo convidados para o encontro. Todos os palestrantes são surdos, alguns com pós-doutorado, professores de cursos de letras/libras e autores de vários livros. O objetivo é mostrar exemplos de pessoas surdas renomadas para as famílias e a sociedade e tentar quebrar estereótipos.

O aprendizado dos surdos passa pela língua de sinais, a Libras. Neste encontro a importância da mesma será enfatizada.

A educação do surdo numa escola bilíngue será ministrado por João Paulo Ampessan, graduado em Letras Libras e mestre em Linguística pela Ufsc, o professor é titular do Departamento de Artes e Libras da Ufsc.

Um dos primeiros surdos do Brasil a conquistar o título de doutor Deonísio Schmitt irá apresentar os caminhos percorridos na formação de um surdo. Ele é professor na Udesc, onde ministra aulas de Libras para diversos cursos de licenciatura e bacharelado, além de atuar na modalidade de ensino à distância para todo o Estado, por meio de videoconferências.

O professor Marcos Marqueto, licenciando em Letras/Libras na Ufsc, mostrará o papel dos profissionais que atuam na educação de surdo.

As dúvidas sobre implante auditivo poderão ser elucidadas por Alexandre Bet R. Cardoso, professor de ensino de Libras na Universidade Federal de Santa Catarina.

Juliana Tasca, graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), especialista em Educação de Surdos, autora do "As imagens do outro sobre a cultura surda", fará a antepenúltima palestra do dia sobre a importância da língua de sinais.

As emocionantes experiências sobre o elo afetivo entre uma mãe e filho surdos serão narradas pela doutora e professora Karin Strobel, da Ufsc.

**Cidadão Web**

- 2ª via carnê do IPTU
- Situação do contribuinte
- Validação e documentos
- Servidor público
- Livro Eletrônico
- Vídeo instrução Solicitação de Acesso
- Solicitação de Acesso Nota Fiscal Eletrônica
- Nota Fiscal Eletrônica
- Vídeo emissão nota fiscal eletrônica
- Decreto 4126 - Institui a nota fiscal eletrônica
- Consulta de Processos
- Solicitação de abertura de processos
- UFIRM
- Coleta de Lixo
- Horários de Ônibus e Taxis

**Pianos**

- Plano Diretor
- Plano Municipal de Assistência Social
- Plano Municipal de Educação
- Plano Municipal de Habitação
- Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo - SINASE

**Turista**

- Como Chegar
- Hotéis e Pousadas
- Balsa, Botes
- Agências de Turismo
- Imobiliárias
- Bares e Restaurantes
- Guia de Turismo
- Telefones Úteis
- Museus

**Fundação Lagunense de Meio Ambiente**

**AMUREL**

**FECAM**

**LIZ**

**Licitações**

**COSIP**

**OUVIDORIA**

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 19 - Matéria no jornal A Verdade sobre o Evento

**Jornal A VERDADE** 02 22/04/16 à 28/04/2016  
Paulo Lopes - Garopaba - Imaruí - Imbituba - Laguna - Pescaria Brava - Capivari de Baixo - Tubarão

**Gerais**

## Primeiro encontro de surdos de Laguna

além de atuar na modalidade de ensino à distância para todo o Estado, por meio de videoconferências. O professor Marcos Marquiotto, licenciando em Letras/Libras na UFSC, mostrará o papel dos profissionais que atuam na educação de surdo. As dúvidas sobre o implante auditivo poderão ser esclarecidas por Alexandre Bet R. Cardoso, professor de ensino de Libras na Universidade Federal de Santa Catarina. Juliana Tasca, graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), especialista em Educação de Surdos, autora do "As imagens do outro sobre a cultura surda", fará a antepenúltima palestra do dia sobre a importância da língua de sinais. As emocionantes experiências sobre o elo afetivo entre uma mãe e filho surdos serão narradas pela doutora e professora Karin Strobel, da UFSC. As inscrições são gratuitas e podem ser realizadas no dia do evento, sábado, dia 23. Todo o encontro terá interpretação para o português. Aos interessados terá certificação, que será emitida até 15 dias após o evento.

**Guerreira**  
Crisiane Aguiar, 35 anos, é surda, faz licenciatura em Letras/Libra na UFSC. Várias vezes na semana embarca na rodoviária na madrugada de Laguna para Florianópolis em busca de conhecimento, quer ser professora e está em busca dos seus ideais. A surdez não é problema, independente percorre o seu caminho.

Organizadora do encontro, junto com apoio dos professores, principalmente do coordenador, Marcos Luchi, da UFSC, quer mostrar a capacidade e igualdade de todos. "Somos capazes e isso que pretendemos mostrar", escreve ela.

**Libras**  
A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é utilizada por deficientes auditivos para a comunicação entre eles e entre surdos e ouvintes. O método não é apenas uma medida paliativa para se estabelecer algum tipo de comunicação com os deficientes auditivos, mas é uma língua natural como qualquer outra, com estruturas sintáticas, semânticas e morfológicas. A diferença básica é que ela também utiliza a imagem para expressar-se. Para determinar o seu significado, os sinais possuem alguns parâmetros para a sua formação, como por exemplo, a localização das mãos em relação ao corpo, a expressão facial, também a movimentação que se faz ou não, na hora de produzir o sinal entre outros. Outra particularidade simples, que facilita o entendimento da língua, os verbos aparecerem todos no infinitivo e os pronomes pessoais não serem representados, sendo necessário apontar a pessoa de quem se fala para ser entendido. Há ainda algumas palavras que não tem sinal correspondente, como é o caso dos nomes próprios. Nessa situação, as letras são sinalizadas uma a uma para expressar tal palavra.

**Salmo 30(31)**  
-Sede uma rocha protetora para mim, dum abrigo bem seguro que me salve! Sim, sois vós a minha rocha e fortaleza; por vossa honra orientai-me e conduzi-me!  
R: Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito.  
-Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito, porque vós me salvareis, ó Deus fiel!  
Quanto a mim, é ao Senhor que me confio. Vosso amor me faz saltar de alegria.  
R: Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito.  
-Mostrei serena a vossa face ao vosso servo, e salvai-me pela vossa compaixão! Na proteção de vossa face os defendeis bem longe das intrigas dos mortais.  
R: Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito.

**PROGRAMAÇÃO - 23/04**

**09:00** Credenciamento  
**09:00** Abertura  
**09:30** Palestra: *Abertura do evento e boas vindas*  
- Prof. Emerson José Paiva Argeles  
**10:15** Café  
**10:45** Palestra: *Como trabalhar no ambiente de um surdo*  
- Prof. Dora Dossantos Schmitt  
**12:00** Intervalo  
**13:30** Palestra: *O papel dos profissionais que atuam na educação de surdos no ensino de Santa Catarina*  
- Prof. Marcos A. Marquiotto  
**14:15** Palestra: *Impedimentos e desafios do Impedimento Cultural*  
- Prof. Exp. Alexandre Bet R. Cardoso  
**15:00** Palestra: *Dados e aprendizagem de surdos e importância da língua de sinais*  
- Prof. F. Moyses Juliana Tascá Leticia  
**16:00** Café  
**16:30** Palestra: *Mãe surda e filho surdo: construído com o espírito de comunicação*  
- Prof. F. Dora Dossantos Schmitt  
**17:45** - Encerramento  
Inscrições gratuitas em: [www.ufsc.br/ufsc/ufsc](http://www.ufsc.br/ufsc/ufsc)  
Tudo o que você precisa para participar.  
A realização do encontro será em 23 de abril, sábado, para as seguintes UFSCs: Florianópolis.

Com o intuito de quebrar o tabu de que surdos não aprendem e que não são capazes, um grupo de professores e pessoas com deficiência auditiva estão organizando o primeiro encontro de surdos de Laguna, no próximo dia 23, a partir das 9h, no auditório da Udesc. No município, de acordo com dados dos organizadores são aproximadamente 60 surdos. Pais, amigos e professores estão sendo convidados para o encontro. Todos os palestrantes são surdos, alguns com pós-doutorado, professores de cursos de letras/libras e autores de vários livros. O objetivo é mostrar exemplos de pessoas surdas renomadas para as famílias e a sociedade e tentar quebrar estereótipos. O aprendizado dos surdos passa pela língua de sinais, a Libras. Neste encontro a importância da mesma será enfatizada. A educação do surdo numa escola bilingue será ministrada por João Paulo Ampessan, graduado em Letras Libras e mestre em Linguística pela UFSC, o professor é titular do Departamento de Artes e Libras da UFSC. Um dos primeiros surdos do Brasil a conquistar o título de doutor Deonísio Schmitt irá apresentar os caminhos percorridos na formação de um surdo. Ele é professor na Udesc, onde ministra aulas de Libras para diversos cursos de licenciatura e bacharelado.

Fonte: Arquivo pessoal.

**A VERDADE**  
Edição, impressão e publicação  
Um veículo da Karol Publicidades Ltda  
Fone: (48) 3644-2710  
Rua: Osvaldo Aranha, 180 - Centro  
Laguna/SC - CEP: 88790-000  
jornalaverdade.2009@gmail.com  
karolpublicidadesltda@gmail.com

CNPJ:  
85.333.821/0001-00

**Diretor Geral:**  
Ricard Fernandes

**Diretora Administrativa:**  
Ivanete Ana Folchini

**Colaboradores:**  
Antônio Bento  
Wiliam Silva

Secretarias de Comunicações  
municipais e estadual  
**Diagramação:**  
Jheinniffer Fernandes

Juntamente com o a realização do evento, lançamos a oferta de um novo curso de Libras em parceria com a UFSC, nos níveis básico e intermediário com 80 e 60 horas de duração respectivamente. Os professores Marcos Luchi, João Paulo Ampessan e Marcos Marquiotto ministraram as aulas durante quatro meses e o curso formou 20 alunos.

Figura 20 - Turma do curso de Libras em parceria com a UFSC



Fonte: Arquivo pessoal.

Depois do I Encontro de surdos de Laguna, antes mesmo da fundação da ALPAS formalmente, outras associações em cidades vizinhas se animaram a fazer eventos e seminários. Sentimos orgulho de perceber que o primeiro passo dado com a organização do I Encontro de surdos de Laguna, foi um catalizador para outros eventos no sul do Estado vinculados às associações da região de Araranguá e Amarel. Por exemplo, em junho de 2016, a ASESC (Associação dos Surdos do Extremo Sul Catarinense – Araranguá), realizou o 1º Festival Cultural de Libras e estivemos presentes. Além desse encontro, sempre que possível, viajavamos para comparecer a eventos com a temática surda. Era meu desejo que os surdos de Laguna aprendessem com seus pares e ampliassem seus horizontes nessas ocasiões. Visitamos nesse ano o festival de teatro e o Florianópolis Audiovisual Mercosul – FAM, quando houve a exibição do filme *Crisálida*<sup>6</sup>, foram experiências incríveis e enriquecedoras.

<sup>6</sup> *Crisálida* é a primeira série brasileira de ficção, bilíngue em Libras e Português, abordando a cultura surda no sul do país. Estreou em 2019 na TV Cultura e em 2020, entrou para o catálogo da Netflix.

Figura 21 - Visita dos surdos ao FAM



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 22 - Plateia no FAM



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 29 de julho de 2016, foi fundada a ALPAS – Associação Lagunense de Pais e Amigos dos Surdos. Foi uma ocasião muito feliz, porque depois de muitos anos sem qualquer organização em prol dos surdos, havíamos conseguido nos reunir para direcionar os passos do movimento surdo da cidade. A comissão que se formou para a criação da associação era formada por mim, Crisiane Bez Batti, Elizete Moreira (professora), Karmesita Rocha (secretária da educação do Estado na época), Marcos Luchi (professor da UFSC), Juliana Jesus (professora da rede municipal) e Bruna Crescêncio (professora do IFSC). É importante deixar registrado esses nomes, porque essas pessoas foram parte da história da criação da associação pelo seu envolvimento e empenho nos primeiros passos. Por exemplo, a sede da ALPAS foi cedida pela secretária Karmensita, ela disponibilizou uma casa localizada na rua Prefeito Gil Ungareti - Bairro Esperança, uma vez que a Associação não tinha verba para prédio próprio. Essa casa era também local da Associação Ecos da Esperança – AEE. A professora Elizete, conseguiu na época, um advogado voluntário que nos auxiliou na criação de nosso estatuto constante no Anexo 3 desta dissertação.

Figura 23 - Plateia no dia da fundação



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 24 - Confraternização após a fundação



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 25 - Entrevista na rádio falando da fundação da ALPAS



Fonte: Arquivo pessoal.

Na ocasião da fundação, foi realizada uma votação que determinou qual seria a composição da direção da ALPAS. A primeira diretoria da ALPAS foi formada, por votação, por mim como presidente da associação, seguida por Grasiela de Campos Vieira Vitor, – vice-presidente (professora), Rita de Cássia Soares Oliveira – primeira secretária (professora), Juliana Silva de Jesus – segundo secretário (professora), Gabriela de Freitas Batista – primeira tesoureira, Bruna Muncinelli Santos – segunda tesoureira (intérprete), Maria Elizete Moreira Joaquim – primeira conselheira (professora e advogada) e Patrícia Moreira Joaquim – segunda conselheira (enfermeira). Na formação da primeira diretoria não havia outros surdos que se sentissem encorajados a fazer parte da direção da associação. Porém em 2018, isso mudaria, quando os surdos: Carlos Roberto de Souza, Cil Farney de Oliveira e Daniel David Rodrigues se incorporaram à nova diretoria por ocasião de nova eleição.

O referido estatuto, relaciona as atividades pelas quais a associação se empenharia, sendo elas:

- I. Reunir parentes e amigos de pessoas surdas para obter legitimidade e representatividade em todos os seguimentos da sociedade.
- II. Inserir o Surdo no mercado trabalho,
- III. Promover com ajuda do Poder Público e Privado Tratamentos: Fonoaudiólogos, Audiometrias, mantendo Assistência, não só Física, mas Social e Didática aos Surdos.

- IV. Promover Orientações através de Cursos, Palestras, Seminários, Congressos, Oficinas em Geral, com Professores Especializados, Campanhas de Conscientização, com folhetos explicativos em Libras, Orientação e Prevenção ao Uso Indevido de Drogas, criando Cursos Profissionalizantes, Ocupacionais, Cidadania, Comportamentos, que atendam às necessidades da população assistida;
- V. Prestação de serviços aos Poderes Públicos: Municipal, Estadual ou Federal;
- VI. Estabelecer Contratos com a Iniciativa Privada para viabilizar treinamento e abertura de postos de trabalho destinada à mão de obra qualificada ou não;
- VII. Estabelecer Convênios com Poderes Públicos e Entidades;
- VIII. Criar e Desenvolver Projetos Sociais;
- IX. Captar Recursos junto aos Órgãos Públicos (Prefeitura, Estado, Governo Federal), Empresas Privadas, Organização Não Governamental, Nacional e Internacional, Pessoa Física e Jurídica para obter verbas e doações destinadas à compra de Aparelhos Auditivos ou outros equipamentos, tudo o que for necessário para a manutenção da Entidade e de seu trabalho, captando recursos para a aplicação de Projetos Sociais;
- X. Criar e Promover Atividades Culturais, Esportivas, Religiosas, Turísticas, Educacionais, de Lazer, Eventos, Festas Temáticas, em parceria com outras Associações;
- XI. Promover Orientações Trabalhistas aos surdos para serem respeitados nos seus direitos garantidos por Lei;
- XII. Cadastrar VOLUNTÁRIOS para a Entidade, de diversas áreas, para atendimento do SURDO como um todo (na área da Saúde, Educacional e Social);
- XIII. Lutar pela implantação **da LIBRAS (LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS)**, nos meios de comunicação, promovendo, com ajuda do poder público, cursos para capacitar os professores, para com que esses possam ensinar os surdos em sala de aula.
- XIV. Lutar pelos Direitos dos SURDOS, garantidos por Lei, promovendo a ampla divulgação das Leis e decretos existentes ou que eventualmente forem criados, bem como a fiscalização do cumprimento desses direitos.
- XV. Lutar para que os Órgãos Públicos e Empresas em geral, tenham Legendas em Libras e Intérpretes de Libras para que os Surdos se inteirem e sejam incluídos na Sociedade.
- XVI. Lutar para que seja coibida qualquer **DISCRIMINAÇÃO** contra os SURDOS. (ALPAS, 2016, p. 01).

A partir da fundação da ALPAS, passamos a lutar para que essas ações fossem colocadas em prática. Ainda no ano de 2016, em parceria com a UFSC, aconteceram alguns cursos de extensão de Libras para que os surdos lagunenses começassem seu aprendizado linguístico. Sinto que esses cursos foram um grande divisor de águas para os alunos. Depois de muito tempo sem contato com surdos fluentes, tiveram a oportunidade de voltar a estudar e a se aprofundar em sua própria língua.

Também em 2016, nos atentamos às questões da vida prática dos surdos. Conseguimos com a mãe de um surdo, audiometrias gratuitas e depois do exame, fomos à FCEE em Florianópolis para conseguir o passe livre. Esse encaminhamento foi muito importante, porque conferiu a eles a oportunidade de se deslocarem com liberdade e garantiu um direito que por lei já existia, mas ao qual eles não tinham acesso por inúmeras barreiras.

Figura 26 - Visita à FCEE



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 27 - Laudos conseguidos em visita à FCEE



Fonte: Arquivo pessoal.



Além dos cursos de extensão da UFSC, começamos a realizar oficinas de Libras aos sábados na sede da associação ministradas por mim para ensinar Libras instrumental – para o cotidiano. Convidamos vários professores de Florianópolis para nos apoiar nesse início: Marcos Marquoto, João Paulo Ampessan, Marcos Luchi, Janaína Kosztrzepa, Diogo Pereira e Irozina Rauen. Eram ocasiões muito divertidas, porque além de serem oportunidades de aprendizado, eram também reuniões em que os surdos podiam conversar, interagir e sentíamos que tinham um valor que ia além do aprendizado linguístico, eram ocasiões que fortaleciam suas identidades.

Figura 28 - Turma animada na sede da Alpas



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 29 - Matéria do jornal *online* Meu Sul sobre o curso de Libras

meusul.com.br

05/08/2016 às 17:19.

## Associação Lagunense de Pais e Amigos dos Surdos vai oferecer aulas gratuitas sobre libras

Associação Lagunense de Pais e Amigos dos Surdos

cidadania

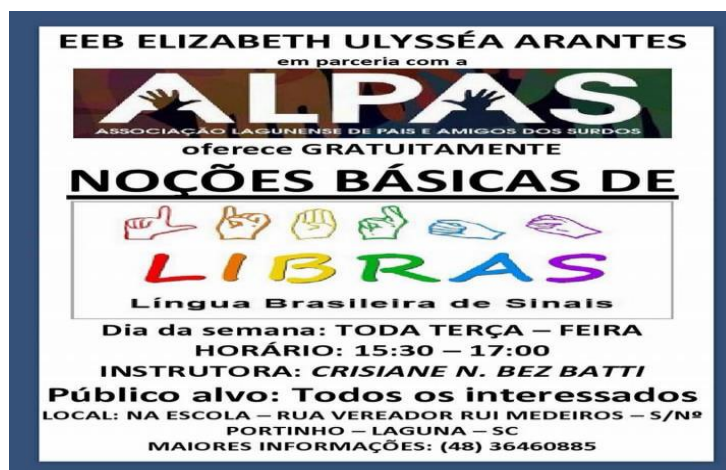
A photograph showing three people sitting around a table in a meeting room. One person is wearing a pink shirt, another a blue shirt, and the third a white shirt. They appear to be in a discussion. The room has a spiral artwork on the wall and framed pictures.

Os deficientes auditivos de Laguna tem agora uma entidade para buscar seus direitos, contribuir com a acessibilidade e, principalmente, com a inclusão social. Uma das primeiras ações da Associação Lagunense de Pais e Amigos dos Surdos (Alpas) será oferecer oficinas para surdos e familiares na sede da entidade no bairro Esperança, no sábado dia 13. Na sexta, terá curso intermediário de Libras com professores da Ufsc João Paulo Ampesson e Marcos Luchi.

Fonte: Arquivo pessoal.

Também realizamos uma parceria com a Escola de Educação Básica Elizabeth Ulysséa Arantes para oferecer cursos de noções básicas de Libras para a comunidade em geral.

Figura 30 - Folder do curso de Libras oferecido em parceria com a escola Elizabeth Ulysséa Arantes



Fonte: Arquivo pessoal.

Outro passo que logramos em 2016, foi levar os surdos lagunenses aos seminários de temática surda, em que haveria surdos se apresentando. Queríamos muito que eles continuassem a interagir com surdos fluentes, e vissem o lugar que eles mesmos poderiam ocupar – um lugar de fala, uma posição de ensino. Era nossa intenção fortalecer neles sua identidade e autoestima os expondo a situações em que os surdos eram protagonistas. Esses seminários tiveram um efeito muito positivo – ainda me recordo da empolgação com que sinalizavam nas viagens de volta.

Figura 31 - Viagem para um seminário



Fonte: Arquivo pessoal.

Até o final do ano de 2016, participamos como associação no desfile cívico do 7 de setembro, nos apresentando diante da cidade como organização. Também estivemos presentes na semana cultural promovida pelo município, apresentando um pouco de cultura surda para a comunidade geral.

Figura 32 - Desfile cívico 2016



Fonte: Arquivo pessoal.

E por fim, finalizando o ano, realizamos um novo evento – o II Encontro dos Surdos de Laguna, que contou com a participação de vários surdos e ouvintes profissionais da área de educação de surdos, com várias palestras interdisciplinares e atividades ao longo do dia.

Figura 33 - Folder dos palestrantes no 2 Encontro de surdos de Laguna

**2º ENCONTRO LAGUNENSE DE SURDOS**  
**PROGRAMAÇÃO - 1º/10**  
 ENTRADA FRANCA

**UFSC** Prefeitura Municipal de Laguna

**Profª e Assistente social Mª Auxiliadora Araújo – FENEIS/ IFC-Sombrio**

**Ms. Juliana Tasca Lon - UFSC**

**Profª Ms. Thaís Fleury Avelar - UFG**

**Dra. Simone Gonçalves de Lima - UFSC**

**Profª Eduardo Scheffer - Criciúma**

**Leticia Fernandes Granado  
 Mestranda em Tradução - Pós Graduação em Estudos de Tradução/UFSC  
 Lic. em Letras/Libras - UFSC**

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 34 - Plateia do evento



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 35 - Plateia do evento



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 36 - Professor Palestrante Marcos Luchi



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 2017, implementamos o Curso de Libras presencial anual, oferecido nos níveis básico, intermediário e avançado, em parceria e com certificação de horas pela UFSC, tendo fechado turmas efetivamente nos níveis básico e intermediário, desenvolvidos por professores surdos (Marcos Marquoto e Janaína Kosztrzepa) vindos de Florianópolis especialmente para ministrar as aulas. Também, ofertamos para a comunidade surda, a Oficina de alfabetização em L1 (língua 1 – Libras) e L2 (língua 2 – português) para crianças e adultos, ministrada por mim; como também uma nova edição do Curso de Libras presencial anual, oferecido nos níveis básico, intermediário e avançado, em parceria e com certificação de horas pela UFSC, ministrado por mim e por Janaína Kosztrzepa. Demos seguimento às participações cívicas, à presença na semana cultural do município, e passamos também a comemorar juntos na ALPAS, as datas importantes do calendário – como Páscoa, festa junina e Natal. Intensificamos as pesquisas no sentido de cadastrar a população surda de Laguna, para que a associação pudesse, efetivamente, atingir e beneficiar o seu público-alvo mais específico. Para tanto, oficiamos na época, a Secretaria de Saúde Municipal, solicitando, em resumo, o apoio no sentido de que, através dos agentes de saúde que visitam as famílias pelo Programa de Saúde Familiar, se facilitasse esse contato através do cadastramento dos surdos existentes nas famílias e residências visitadas.

Concomitantemente, tivemos o apoio de figuras políticas da região principalmente do vereador Petterson Crippa da Silva que, sensibilizado com o descaso que os surdos sofriam, na falta de acessibilidade linguística em qualquer serviço público, passou a nos apoiar para não só garantir a aplicação da lei, como também para nos dar visibilidade para a comunidade ouvinte. Esse apoio, culminou em nossa grande conquista em 2017, o engajamento enquanto representatividade política, dentro da câmara de vereadores, pleiteando que os direitos dos surdos que já eram garantidos por leis municipais, comesçassem a valer também na prática. Fomos até a câmara não só para esclarecer os vereadores a respeito de quem éramos enquanto surdos, como também para explicar quais eram nossas necessidades, firmando a necessidade de acessibilidade. Essa iniciativa foi muito importante, pois impulsionou o Projeto de Lei nº 028/17 que dispunha sobre a obrigatoriedade da inserção do intérprete de Libras, em todos os eventos públicos oficiais do Município de Laguna/SC. Em 12 de junho de 2017, a Lei nº 1924 foi publicada, garantindo uma vez mais, nosso direito à acessibilidade. (No anexo 4 disponibilizo a lei para leitura na íntegra).

Figura 37 - Discursando na Câmara de Vereadores



Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 38 - Com Sandra Amorim presidente da ASGF na câmara de Vereadores



Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda em 2017, realizamos o III Encontro de surdos de Laguna. Esse encontro foi bem especial, porque aconteceu no Teatro Cine Mussi, um prédio histórico da cidade e bastante representativo; além disso, porque tivemos a presença de vários professores de referência. Nessa ocasião, também tivemos a oportunidade de reproduzir o curta Crisálida lançado no ano anterior. Foi um evento muito prolífero e houve muita aceitação da comunidade e dos surdos - a assistência estava lotada.

Figura 39 - Folder com a programação do 3º Encontro de Surdos em Laguna

**3º Encontro Lagunense de Surdos**

**ALPAS**  
ASSOCIAÇÃO LAGUNENSE DOS PAIS E AMIGOS DOS SURDOS

08:30 - Credenciamento  
 09:00 - Abertura  
 09:30 - Palestra com Profª Mestre Carolina Pêgo  
 "A história do movimento surdo no Brasil"  
 10:00 - Coffe Break  
 10:40 - Curta-Metragem "Crisálida"  
 11:00 - Palestra com o Profª Mestre Rodrigo Custódio  
 "Minha história e minha profissão"  
 12:00 - Intervalo  
 13:30 - Palestra com a Profª Drª Aline Pizzio  
 "Aquisição de linguagem na criança surda: a importância do acesso precoce à língua de sinais"  
 14:00 - Poesia com Marcos Marquiotto e Victoria Pedroni  
 14:30 - Palestra com a Profª Drª Karin Strobel  
 "Relato de in(exclusão) de um surdo em escolas inclusivas e bilíngues"  
 15:00 - Coffe Break  
 16:00 - Palestra com Crisiane Bez Batti  
 "Opressão aos surdos no contexto Laboral Brasileiro"  
 16:30 - Palestra com Tiago Alves Carneiro Junior  
 "Direito dos surdos"  
 17:00 - Palestra com o Profª Mestre Roger Prestes  
 "Direitos humanos e legislação da política linguística"  
 17:30 - Encerramento

**LOCAL: CINE MUSSI (SESC) DE LAGUNA**  
**DATA: 10/06/2017**  
**ENTRADA GRATUITA**

Romário  
 Romário

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 40 - Professora Aline Pizzio palestrando



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 41 - Professor Rodrigo Custódio palestrando



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 42 - Plateia do evento



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 43 - Visão da plateia do Teatro Cine Mussi



Fonte: Arquivo pessoal.

Em paralelo com nosso movimento na Câmara de vereadores, iniciamos também as tratativas para conseguir a possibilidade de os surdos que não tinham mais idade para voltar à escola, pudessem voltar a estudar em uma oferta diferenciada – totalmente bilíngue para 2018. Essa iniciativa teve o apoio da

secretaria municipal de educação – Karmensita Cardoso, que possibilitou a abertura de um EJA bilíngue para o ano escolar seguinte (Anexo 5).

Figura 44 - Matéria no site da prefeitura de Laguna sobre a sala bilíngue

**PREFEITURA DE LAGUNA**

História | Pontos Turísticos | Localização | Praias | Museus | Hospedagens

**Governo**

- Prefeito
- Vice-Prefeito
- Secretarias
- Notícias
- Agenda
- Diário Oficial
- Prefeitura
- Fundações
- Publicações

**Sobre a cidade**

- Brasão
- Hino
- História
- Gastronomia
- Pesca

**Planos**

- Plano Diretor
- Plano Municipal de Assistência Social
- Plano Municipal de Educação
- Plano Municipal de Habitação
- Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo - SINASE

**Turista**

- Como Chegar
- Hotéis e Pousadas
- Balsa, Botes
- Agências de Turismo
- Imobiliárias
- Bares e Restaurantes
- Guia de Turismo
- Telefones Úteis
- Museus

**Notícias**

**[Educação] Projeto para incluir professor bilíngue na sala de aula será implantado em 2018**  
 Postada em 30/11/2017 às 14:19:53

Em reunião na tarde desta quarta-feira (29) o prefeito Mauro Candemil e a secretária de Educação e Esportes Karmensita Cardoso receberam na sala de reuniões do gabinete representantes da ALPAS - Associação Lagunense de Pais e Amigos Surdos para tratar sobre diversos assuntos que devem ser implantados em 2018, como:

- Plano de Inclusão de um professor bilíngue na sala AEE (Atendimento Educacional Especializado), que dará suporte para todas as crianças surdas do município;
- Abertura de uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) bilíngue para estudantes que não concluíram seus estudos;
- Possibilidade de convênio com a ALPAS para suporte nas oficinas complementares de alfabetização de crianças, jovens e adultos surdos e
- Abertura do curso de Letras Libras no Polo de Laguna EAD.

A ideia segundo Karmensita é discutir outros projetos com o intuito de ampliar as oportunidades na garantia de direito a todas as pessoas surdas.

Estiveram presentes na reunião a advogada e presidente da comissão de acessibilidade da OAB Tubarão, Luciellen Lima; o doutor em linguística aplicada, professor, coordenador da EAD Letras Libras da UFSC e diretor da FENEIS, André Reichert; a presidente da Associação de Surdos da Grande Florianópolis, Sandra Lúcia Amorim; a intérprete da Sandra, Cristina; a presidente da Associação Lagunenses de Pais, Amigos e Surdos, Crisiane Bez Batti; a coordenadora pedagógica da Associação de Surdos da Grande Florianópolis, Cristina Erthal e o vice-secretário da ALPAS, Vanildo Alves Machado.

"É um grande passo que a Educação de Laguna está dando. Oferecer oportunidade de conhecimento para todos é nosso maior objetivo e contamos com a ajuda da ALPAS para transformar estes projetos em realidade", salienta o prefeito.

**Webmail**

Cidadão Web

- 2ª via carnê do IPTU
- Situação do contribuinte
- Validação e documentos
- Servidor público
- Linha Eletrônica
- Video instrução Solicitação de Acesso
- Solicitação de Acesso Nota Fiscal Eletrônica
- Nota Fiscal Eletrônica
- Video emissão nota fiscal eletrônica
- Decreto 4126 - Institui a nota fiscal eletrônica
- Consulta de Processos
- Solicitação de abertura de processos
- UPIRM
- Coleta de Lixo
- Horários de ônibus e Taxis

Facebook RSS

Tour Virtual

Fotos

Videos

Audios

Portal da Transparência

Previsão do tempo

**OUVIDORIA**

Prestação de Contas TCE/SC

Fundação Lagunense de Arte e Cultura FLARAC

AMUREL

FECAM

LIZ

Licitações

COSIP SOLICITAÇÕES

Fonte: Arquivo pessoal.

De setembro a dezembro de 2017 também participamos em muitos eventos. Em alguns, eu figurei como representante da ALPAS palestrando e em outros estivemos presentes participando como espectadores. Abaixo realizo um compilado de algumas dessas participações.

Figura 45 - Palestra motivacional na UNISUL



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 46 - Palestrando na UNISUL



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 47 - Representando a ALPAS na Alesc

**ACESSIBILIDADE NO ATENDIMENTO AO CIDADÃO SURDO PELA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

**AUDIÊNCIA PÚBLICA**

**18 de outubro**  
às 18h30min no Plenarinho da ALESC

**André Reichert**  
Doutor em Linguística Aplicada pela UNISINOS. Atualmente é professor efetivo da UFSC - atuando nas áreas correlatas aos Cursos de Letras Libras desta instituição

**Ronice Müller de Quadros**  
Doutora em Linguística e Letras pela PUC do Rio Grande do Sul (1999), com estágio na University of Connecticut (1995-1998). Atualmente é professora adjunta da UFSC, pesquisadora do CNPq e coordenadora do Curso de Letras Língua Brasileira de Sinais

**Sandra Lúcia Amorim**  
Pedagoga (UCDESC) e Licenciada em Letras Libras (UFSC). Pós Graduada em Educação e Políticas para Surdos (UFSC, Palhoça Bilingue), Conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de SC, Conselheira do Conselho Municipal de Educação de Florianópolis, Conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Florianópolis  
Presidente da Associação de Surdos da Grande Florianópolis

Associação de Surdos da Grande Florianópolis

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 48 - Marcando presença do 2 Festival de Cultura Surda de Tubarão



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 49 - Evento em que participei representando a ALPAS

**1º MOVIMENTO CULTURAL DA LÍNGUA DE SINAIS - MOV CULT CAS FCEE -**

**6 DEZEMBRO DE 2017**  
**AUDITÓRIO DA FCEE**  
**PIADAS, POESIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

50 ANOS FCEE  
SANTA CATARINA

1º MOVIMENTO CULTURAL DA LÍNGUA DE SINAIS CAS / FCEE - 2017

**COMPETIÇÕES EM LÍNGUA DE SINAIS**  
**AVALIADORES SURDOS QUALIFICADOS**

**INSCRIÇÃO:**  
**MOVCULTCASFCEE@GMAIL.COM**

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 50 - Folder do evento em que participamos como Associação

**SEMINÁRIO DOS POVOS SURDOS**

A importância das Associações de Surdos como defensoras dos direitos e preservação da dignidade da comunidade surda

**DIA 30 / 11 / 2017**  
**13 horas às 17 horas**  
Assembleia Legislativa  
Auditório Dep. Antonieta da Barros

**PALESTRANTES:**

**Crisiane Nunes Bez Batti**  
Pedagoga e Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Direito pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Tem especializações em Prática Interdisciplinar: Educação Infantil e Series Iniciais; em Língua Brasileira de Sinais e educação especial pela FUCAP. Presidente da Associação de Surdos de Laguna-SC.

**Sandra Lúcia Amorim**  
Pedagoga (UDESC) e Licenciada em Letras Libras (UFSC). Pós Graduada em Educação e Políticas para Surdos (IFSC Palhoça Bilingue), Conselheira do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de SC, Conselheira do Conselho Municipal de Educação de Florianópolis, Conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Florianópolis. Presidente da Associação dos Surdos da Grande Florianópolis.

**André Ribeiro Reichert**  
Possui graduação em Pedagogia com ênfase em Orientação Educacional pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA - (2002). É Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - (2006) e Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Atualmente é professor efetivo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - atuando nas áreas correlatas aos Cursos de Letras Libras desta instituição.

**Rafael Polo Ferrer Ribeiro**  
Nascido na Espanha e ainda adolescente mudou-se para o Brasil. Historiador e pesquisador autodidata da história e geografia universal, apresentando vasto conhecimento acerca do contexto político e econômico mundial. Artesão com especialidade na fabricação de arte naval.

**INSCRIÇÕES NO SITE DA ESCOLA DO LEGISLATIVO: [escola.alesc.sc.gov.br](http://escola.alesc.sc.gov.br)**

**MAIS INFORMAÇÕES:**  
Associação dos Surdos da Grande Florianópolis: (48) 3322 - 0930 - E-mail: [asgsurdo@hotmail.com.br](mailto:asgsurdo@hotmail.com.br)  
Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência: (48) 3323 - 2898 - E-mail: [comissaoDireitosDeficiente@gmail.com](mailto:comissaoDireitosDeficiente@gmail.com)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA  
COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA  
Escola Legislativa  
Associação de Surdos da Grande Florianópolis

Fonte: Arquivo pessoal.



Em 2018, a partir do funcionamento do EJA Bilingue, os alunos tiveram a oportunidade de ter professores surdos, a princípio, o professor Eduardo Scheffer seguido de Janaína Kosztrzepa, selecionados com muito cuidado por uma banca, e de voltarem a estudar – sob uma nova perspectiva. Foi muito emocionante ver a animação dos sete surdos que frequentavam o EJA Bilingue ao terem aulas totalmente sinalizadas. Esse projeto foi um sucesso, inclusive publicizado pelas mídias da Amurel, durante o tempo que foi possível mantê-lo ativo – até meados de 2019. Foi um projeto único porque Laguna nunca contou com uma escola bilingue ou com uma sala bilingue de surdos com professores surdos fluentes. Até o momento, havia na cidade apenas salas de recursos funcionando em contraturno – antigamente chamadas salas de DA's (deficientes auditivos) e a partir de 2008, intérpretes trabalhando em inclusão. Mas um ensino totalmente bilingue nunca havia sido ofertado. Por isso, pode-se dizer que essa iniciativa, foi muito importante não só para mostrar aos profissionais da educação a diferença da proposta bilingue como, principalmente, para oportunizar aos surdos esse ensino.

Figura 51 - Matéria no site da prefeitura de Laguna sobre a sala bilingue

#educação

## Professor bilingue para alfabetização de jovens e adultos

Publicado em 28/02/2018 às 15:15 - Atualizado em 28/02/2018 às 17:42



\*Ao discutir inclusão para a pessoa surda precisamos falar de educação bilingue: as dinâmicas em sala de aula devem ser diferenciadas para o aluno surdo\*, defende Crisiane Bez Batti, presidente e professora voluntária da Associação Lagunense de Pais e Surdos de Laguna (Alpas).

Nesta semana, iniciou o processo para a contratação de um professor bilingue, através da Secretaria de Educação. O educador terá a missão de alfabetizar seis adultos surdos, entre 25 a 40 anos, que devido a inúmeras razões não frequentaram a sala de aula. A Associação e Secretaria de Educação pretendem oferecer diferentes metodologias para que a inclusão da pessoa surda aconteça.

Os candidatos deverão passar por uma banca de professores doutores da Ufsc, André Reichert e Carolina Pêgo, deficientes auditivos, e responder inúmeras perguntas e questionamentos sobre o processo educacional. Os professores interessados devem dominar a língua de sinais.

De acordo com Alexandra Carneiro, da Educação Inclusiva, da Secretaria de Educação, o processo está sendo um diferencial de acessibilidade. A proposta é facilitar cada vez mais o processo de aprendizagem dos alunos surdos.

Cadastrados na Alpas são 22, alguns já conhecem a língua dos sinais e estão tendo aulas aos sábados de libras. A ideia é abrir as portas do conhecimento, para geografia, português, matemática. A Associação esteve reunida com o Governo Municipal solicitando a contratação de um professor bilingue no ano passado.

Os seis adultos que não saber ler nem escrever serão alfabetizados, primeiro, na língua materna, a libras; depois, na segunda língua obrigatória, o português.

"Assim fica muito mais tranquilo: o surdo vai ser compreendido e o processo vai caminhar de igual para igual", afirma Crisiane Bez Batti.

Próxima etapa serão intérpretes, profissionais que utilizam libras, auxiliam na comunicação do deficiente auditivo na sala de aula, por exemplo. O intérprete tem a função de elucidar, através da língua de sinais, as explicações do professor para o aluno.

Crisiane utiliza uma intérprete nas aulas do curso de Direito, na Unisul. Também é graduanda em Letras e Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Legislação

<https://www.laguna.sc.gov.br/noticias/ver/2018/02/professor-bilingue-para-alfabetizacao-de-jovens-e-adultos>

1/3

Figura 52 - Dando aula na sala bilíngue



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 53 - Alunos surdos na sala bilíngue



Fonte: Arquivo pessoal.

O EJA Bilíngue também proporcionou a oportunidade de saídas de campo para eventos bilíngues e para apoiar outras associações que estavam realizando eventos voltados para surdos.

Figura 54 - Saída de campo



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 55 - Visita da ALPAS a uma Escola em Treze de Maio



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 56 - ALPAS presente em Araranguá



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 57 - Folder da programação do 1 Encontro Araranguense de Surdos



**1º ENCONTRO ARARANGUAENSE DE SURDOS**

**Data 04 de agosto de 2018**

**8h00min - Credenciamento**  
**9h00min - Abertura**  
**9h20min - Palestra "Políticas públicas e comunidade surda - Onde estão nossos direitos?", com a acadêmica Crisiane de Aguiar Nunes**  
**10h00min - Coffee break**  
**10h20min - Palestra "Os Surdos no Ensino Superior", com o professor doutor Rodrigo Rosso Marques - UFSC**  
**10h50min - Palestra "Caminhos percorridos na formação de um surdo", com o professor doutor Deonísio Schmitt - UFSC**  
**11h30min - Palestra "Cinema para Surdos", com o professor mestrando Germano Carlos Dutra Junior - UFSC**  
**12h00min - Intervalo**  
**13h30min - Palestra "O acesso do Surdo à Justiça", com a Advogada e intérprete de Libras Luciellen Lima Caetano Goulart**  
**14h10min - Palestra "Práticas Pedagógicas e Estratégias de ensino através de jogos na educação de Surdos", com a professora mestra Juliana Tasca Lohn - UFSC**  
**14h45min - Palestra "Percebendo o mundo do sujeito surdo: O letramento visual", com a professora mestra Jaqueline Boldo - UFSC**  
**15h20min - Coffee break**  
**15h45min - Palestra Palestra "Sim, já estudei em uma escola Bilingue para Surdos", com o professor Marcos Alexandre Marquiotto - FCEE**  
**16h25min - Palestra "Perspectiva Política Surda", com o professor doutor André Reichert - UFSC**  
**17h00min - Encerramento.**

  
**Crisiane**

  
**Rodrigo**

  
**Deonísio**

  
**Germano**

  
**Luciellen**

  
**Juliana**

  
**Jaqueline**

  
**Marcos**

  
**André**

**ENTRADA GRATUITA**

Todo o evento será interpretação em português e vice-versa em Libras.

A Certificação será emitida em 45 dias após o evento para os que obtiverem 100% de frequência.



**PERÍODO DE INSCRIÇÕES**  
 Data: 02 a 30/07/2018  
 E-mail: [encontrosurdosararangua@gmail.com](mailto:encontrosurdosararangua@gmail.com)  
 WhatsApp: (48) 99114-4665  
 Endereço: Av Capitão Pedro Fernandes- Centro (Teatro Celia Belizária de Souza) Araranguá - SC







Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 58 - Palestra na Escola Saul Ulysséa



Fonte: Arquivo pessoal.

Entre 2017 e 2018, estivemos bastante ativos enquanto Associação em contato com a prefeitura, vereadores e secretarias de educação. Em 2018, recebemos a primeira visita de autoridades: o prefeito Mauro Candemil, o vereador Petterson Crippa da Silva e a secretária Karmensita Cardoso. E fizemos um requerimento diretamente ao vereador Petterson Crippa da Silva pleiteando os intérpretes em repartições públicas – algo que foi expressamente garantido por lei, mas que não era implementado.

Figura 59 - Visita das autoridades à ALPAS



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 60 - Postagem do *Instagram* da ALPAS com nossa visita ao vereador Peterson Crippa *para entrega de requerimento*

Fonte: Arquivo pessoal.

Durante todo o ano de 2018 tentamos nos firmar como associação e militamos pela acessibilidade linguística diante da comunidade ouvinte. Para ter visibilidade, realizamos manifestações, pedágios solidários para permitir que as pessoas nos conhecessem e refletissem a respeito da cultura surda. Participamos do desfile cívico. Além disso, mantivemos nossos cursos e oficinas propagando nossa língua e cultura.

Figura 61 - Desfile cívico em 2018



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 62 - Desfile cívico em 2018



Fonte: Arquivo pessoal.

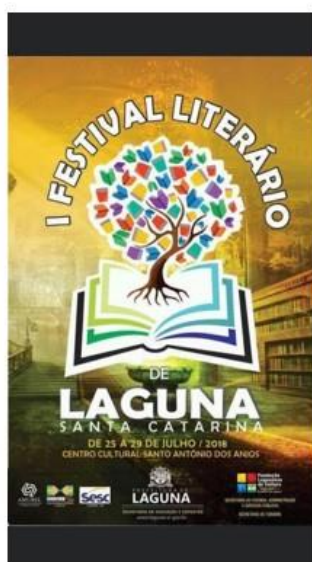
Figura 63 - Pedágio solidário



Fonte: Arquivo pessoal.

Também nos esforçamos para aumentar o alcance da associação no âmbito cultural, participando do Festival Literário realizado pelo município ajudando na organização da primeira Exposição Acessível de Laguna e marcando presença na Semana Cultural do município. Procuramos manter também nossa agenda cultural própria realizando a festa junina da ALPAS.

Figura 64 - Participação do I Festival Literário





Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 65 - Manifestação pela presença do intérprete de Libras



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 66 - Certificação da participação da ALPAS no Festival



Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 67 - Recebendo a certificação em nome da ALPAS

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 68 - Folder de nossa festa junina



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 69 - ALPAS na Semana cultural de Laguna



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 70 - ALPAS na Semana cultural de Laguna



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 2019, último ano em que estive a frente como diretora, lutamos para dar visibilidade à Libras dentro dos serviços públicos. Mediante a Lei nº 2071, de 17 de maio de 2019, a ALPAS foi reconhecida como uma associação de utilidade pública pelo prefeito Sr. Mauro Vargas Candemil, assegurando à nossa associação os benefícios e prerrogativas legais. (No anexo 6 disponibilizo a lei para leitura na íntegra)

Também, em parceria com o vereador Petterson Crippa da Silva, enviamos ofícios para várias instâncias explicando a importância do aprendizado da Libras por parte dos servidores públicos oferecendo parcerias. No anexo 7 disponibilizo alguns desses ofícios. E comparecemos na câmara para continuar lutando pelos nossos direitos.

Figura 71 - ALPAS na Câmara de Vereadores lutando pelos seus direitos



Fonte: Arquivo pessoal.

Realizamos também uma festa julina com os associados, para continuarmos fortalecendo a interação do grupo e conseguimos uma parceria com FENEIS para oferecer novos cursos de Libras em Laguna.

Figura 72 - Convite de nossa festa julina



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 73 - ALPAS reunida na festa julina



Fonte: Arquivo pessoal.

Como ponto alto de nossas atividades, mantivemos a tradição e começamos a organizar o IV Encontro de Surdos de Laguna. Porém, para conseguirmos recursos para o evento, fizemos um pedágio, que publicizamos em nossas redes. Com os recursos conseguidos e com o apoio de muitos, o IV Encontro foi realizado.

Figura 74 - Reunião de parceria para curso com a FENEIS



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 75 - Postagem no Instagram da ALPAS avisando sobre o Pedágio para angariar fundos para realizar o 4 Encontro de Surdos em Laguna



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 76 - Mesa de palestrantes do 4 Encontro



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 77 - Folder da programação do 4 Encontro de Surdos em Laguna

**4º Encontro de Surdos em Laguna** 15 JUN UDESC - LAGUNA

**Programação** CAFE DA MANHÃ & ALMOÇO GRATUITOS

**Palestrantes**

Aline Pizzio, Aline Souza, Bianca Pontin, Fabiano e Francielle, Flaviane Reis, Laiza Rebouças, Luciellen Lima, Ronice Muller, Carlos Roberto

**Mesa de Cerimonia**

Jamaina Kozetzka, Marcos Marquito, Marcelo Bertoluci

**Mesa de Abertura**

Aline Pizzio, Janaina Costa, Karmenlita Cardoso, Heuro Cardoso, Peterson Crippa, Sandra Lucia

**Hino Nacional em Libras** Bruno Ramos

**Poesia Surda** Diego Assis, Graciete Soares

**Programação**

8:00 - Credenciamento  
 8:30 - Solenidade de Abertura - Composição da mesa Hino Nacional Brasileiro em Libras - Bruno Ramos  
 9:30 - Palestra: "... Drª Aline Pizzio  
 10:00 - Coffee Break  
 10:30 - Palestra: "Os Direitos dos Surdos" Tradutora e Profª Laiza Rebouças  
 11:00 - Palestra: "A Língua Brasileira de Sinais como mediadora do processo ensino/aprendizagem de português para/por surdos Profª Drª Aline Nunes de Souza  
 11:30 - Palestra: "A importância da Língua de Sinais para as crianças com implante coclear" Profª Mestre Bianca Ribeiro Pontin  
 12:00 - Intervalo  
 13:20 - Poesia: "... Profª Graciete Soares Azevedo de Oliveira  
 13:30 - Palestra: "Educação Bilingue" Dr. Flaviane Reis  
 14:00 - Palestra: "Códas" Drª PhD Ronice Müller de Quadros  
 14:30 - Palestra: "Pais surdos e filhos surdos: causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua" Profª Drª Fabiano Souto Rosa  
 15:00 - Palestra: "Pais surdos e filhos surdos: causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua" Profª Mestre Francielle Cantarelli Martins  
 15:30 - Coffee Break  
 15:40 - Sorteios  
 16:10 - Palestra: "Reflexões sobre a presença da Libras no poder judiciário" Advogada Luciellen Lima  
 16:40 - Palestra: "Feneis" Profª Mestre Carlos Roberto Martins  
 17:10 - Sorteios  
 18:00 - Encerramento

UDESC - Laguna  
 R. Cel. Fernandes Martins, 270 - Progresso, Laguna - SC, 88790-000

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 78 - Equipe de organização do evento



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 79 - Com Luciellen Lima e Petterson Crippa



Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 80 - Palestra da professora Ronice M. de Quadros



Fonte: Arquivo pessoal.

Também, fomos a vários seminários e eu representei a ALPAS em palestras e inclusive em Brasília.

Figura 81 - Representando a ALPAS em palestra na ALESC



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 82 - ALPAS na ALESC



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 83 - ALPAS visitando a ASGF



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 84 - Representando a ALPAS em Brasília



Fonte: Arquivo pessoal.

No ano de 2020, a ALPAS não realizou atividades externas por conta da COVID-19. Porém, se manteve em diálogo com os representantes políticos da região e apoiando a discussão de projetos que envolviam surdos, dando seu parecer sobre as situações que surgiam. Essas discussões culminaram na Lei Complementar nº 419, de 13 de maio de 2020 que cria o cargo de professor bilíngue no quadro da educação municipal bem como na grande conquista, outorgada pela iniciativa de Petterson Crippa da Silva, a aprovação de recurso na Lei Orçamentária através de uma emenda exclusiva para a causa surda, algo inédito na cidade.

Figura 85 - Festival de Folclore Surdo em que a ALPAS esteve presente



Fonte: Arquivo pessoal.

É emocionante registrar a trajetória de fundação da ALPAS porque apesar de entraves que sofremos no decorrer do caminho, é fruto do esclarecimento da importância de reafirmarmos nossos direitos linguísticos. A organização de associações de surdos são possibilidades políticas de oferecimento de direitos através da representatividade – direitos que muitas vezes não são realmente garantidos pelas instâncias governamentais.

## 4 METODOLOGIA

Minha pesquisa se situa dentro da abordagem qualitativa. Trata-se de uma pesquisa tendo a memória como método, através de entrevistas semiestruturadas para levantamento de relatos das histórias dos surdos lagunenses (Anexo 8). Além disso, a pesquisa qualitativa tem um cunho exploratório, pois visa levantar documentos que ajudem a traçar um retrato próximo da história.

A abordagem qualitativa é muito utilizada em pesquisas de ciências humanas por sua flexibilidade. Godoy (1995) explica:

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Dessa forma, entendendo que a abordagem qualitativa permite que as realidades exploradas sejam abordadas e analisadas sob novos enfoques, me propus a encarar uma das bases da nossa pesquisa – a memória – Halbwachs (1950), Assman (1995) também enquanto método.

Abordar a memória como método de pesquisa envolve o entendimento que esse tipo de estudo tem caráter subjetivo, uma vez que está ligado aos sentimentos, experiências e percepções dos participantes da pesquisa. Segundo Das Dores (1999, p.113) esse tipo de pesquisa traz a questão da neutralidade do pesquisador para a pesquisa, posto que, seus sentimentos e percepções também interagem com os do participante. Penso que no caso da pesquisa de resgate realizada por mim e dessa dissertação, fruto da pesquisa, isso se torna evidente, uma vez que como surda, minha história de vida se confunde com as pessoas que entrevistei bem como com o local da pesquisa, que foi por muitos anos, a cidade onde vivi. E, portanto, foi necessário durante esse processo, frequentemente, realizar o movimento de descolamento da minha história pessoal com a história dos participantes, ainda que em muitos momentos tenhamos vivido situações semelhantes.

Pensar o estudo da memória também circunda a ideia que o que advém desse estudo, se baseia em relatos orais. É uma construção calcada no que as pessoas desejaram falar, dos recortes que lembraram, do como se lembraram e do

porquê se lembraram. E como pesquisadora, entendo que isso traz um olhar sobre um recorte do passado, porém, não uma verdade absoluta.

Existem formas diferentes de entender a memória. Como pontuei anteriormente, Halbwachs (1950) entende a memória como uma construção predominantemente coletiva – realizada pelo grupo e interiorizada pelo indivíduo. Em contraponto a essa ideia, Henri Bergson, analisado por Bosi (1994), aponta a memória como um fenômeno individual, íntimo. Bosi (1994, p. 411) comenta que “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”.

Halbwachs sinaliza algo crítico na memória individual, que é a reconstrução das lembranças com base nas percepções atuais do sujeito. E isso ocorre porque as pessoas mudam constantemente, suas percepções se alteram com o passar dos anos e os acontecimentos experienciados são reorganizados em base pessoal e social, quando “relembrados”.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (...) e que, às vezes, [é] estilizada pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado. (BOSI, 1994, p. 55).

E esse entendimento é pano de fundo ao realizar a análise do que os sujeitos da pesquisa trazem em seus relatos, como também se entrelaça com a construção da identidade, algo que já trouxe à baila no capítulo anterior. A memória individual é costurada e dimensionada pelo sujeito em constante relação com o seu entorno. Pollak (1992, p.204) explica que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz, em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”.

Para realizar esse resgate de memórias, serão arrolados 3 surdos de faixas etárias distintas que possam falar do que presenciaram no decorrer da história, bem como de 5 ouvintes (familiares e profissionais que atuaram com surdos no passado). Organizei entrevistas semiestruturadas no intento de conseguir relatos de memória. O roteiro é imprescindível para guiar o pesquisador e o participante nos assuntos

que podem despertar memórias. As perguntas não podem ser formadas para obter como resposta um sim ou um não, pelo contrário, devem estimular a conversação, permitindo que o entrevistado exponha suas opiniões e histórias pessoais - é, portanto, uma entrevista de cunho mais flexível. Contudo, não é totalmente livre, porque como salienta Thompson (1992, p.258): "a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado, e pelo menos uma pergunta inicial precisa ser feita". Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 258), "o método qualitativo inclui entrevistas semiestruturadas com objetivo de levantar a história de vida desses atores sociais". A respeito das entrevistas semiestruturadas, Boni e Quaresma (2005) pontuam:

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha "fugido" ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. (BONI; QUARESMA, 2005, p.75).

Assim, elaborei perguntas que permitissem explorar e acessar algumas memórias dos participantes, abrindo brecha para que outras informações fossem trazidas à tona durante a conversa. Antes de realizar as entrevistas, tentei registrar informações pessoais que já possuía de cada participante bem como tentei conseguir outras que desconhecia, para ter um contexto com o qual iniciar como também para me auxiliar nas análises posteriores de suas falas. As informações diziam respeito a gênero, idade, escolaridade, ocupação entre outras. Além de fichas individuais, criei uma espécie de diário de pesquisa, anotando cada ação tomada na coleta de dados que foi importante para a etapa da análise de dados.





muitas vezes são desconsideradas – mais do que memórias individuais, de testemunhas confiáveis, é necessário também correlacionar essas memórias com um chamado quadro de referências, o que Pollak (1992) especifica como homenagens, acontecimentos, lugares específicos, personagens etc. que reforcem e expliquem a memória social.

Por conta disso, nossa análise não se foca apenas nos relatos das memórias dos participantes como também se inter-relaciona com a pesquisa documental. É usual em pesquisas de cunho qualitativo, utilizar como procedimento metodológico o levantamento de documentos. Godoy (1995) explana da importância desse método ao dizer:

(....) a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo, portanto, atenção especial. Como comumente pensamos que o trabalho de pesquisa sempre envolve o contato direto do pesquisador com o grupo de pessoas que será estudado, esquecemos que os documentos constituem uma rica fonte de dados. O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental.

Ainda sobre a pesquisa documental, Figueiredo (2007) elenca a diferença entre uma pesquisa puramente bibliográfica e uma pesquisa documental:

Tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador. (FIGUEIREDO, 2007, p.250)

A pesquisa documental também tem características específicas em relação aos procedimentos utilizados entre coleta e análise. Gil (2016) com base em Bardin (1977, p. 95 apud GIL, 2016, p. 152) estabelece que três fases são vitais na

pesquisa documental: pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos dados, inferência e interpretação.

Apropriando-me desses conceitos, da importância à forma com que se materializa a pesquisa documental, realizei o levantamento de documentos na cidade de Laguna para levar a cabo o objetivo do projeto. Estabeleci uma janela de 80 anos, ou seja, a partir de 1940, para o rastreamento de documentos, fotos e afins. Através de visitas a: órgãos públicos, bibliotecas, jornais, acervos históricos públicos e particulares, além de pedidos de informações para secretarias municipais de educação e saúde, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) - APAE e instituições que cuidam de documentação histórica tais como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e a Fundação Lagunense de Cultura - FLC, vixi conseguir fotos, documentos, registros dos surdos lagunenses, de como viviam, trabalhavam e eram educados. Também realizei uma busca em blogs municipais históricos que compartilham fotos e registros históricos antigos de Laguna, bem como na hemeroteca catarinense que contém um catálogo de jornais antigos on-line.

Pensando na forma como analisarei os dados, entendi desde um princípio que como não poderia saber o que conseguiria resgatar em termos de documentos, informações, e relatos, não poderia fechar desde o começo do trabalho quais categorias seriam analisadas ou que relações poderia realizar. Entendi que essas relações se dariam progressivamente durante todo o desenvolvimento da coleta de dados e que eu construiria as relações a partir do que conseguisse resgatar, agrupando-as depois em categorias possíveis (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 170).

Concebo essa pesquisa, num processo intenso de triangulação de dados, uma vez que a coleta se dá em frentes distintas – documental e humana (MINAYO *et al.*, 2008; FLICK, 2004; BAUER; GASKELL, 2004). Antes de começar a pesquisa, imaginava que poderia alocar os dados em múltiplas categorias como: saúde, educação, trabalho e entretenimento. Porém, como registro na seção posterior, Análise preliminar dos dados, não consegui aventar muitas informações, documentos, fotografias e afins de múltiplos segmentos. Por conta disso, relatarei os dados, informando sua ordem cronológica bem como apontando principalmente questões levantadas com respeito a educação, trabalho e lazer dos surdos.

Também é importante registrar norteadores significativos na análise de dados das entrevistas, dos relatos de memórias. Como citei, criei um diário das ações relacionadas às entrevistas com informações que dariam complementaridade ao cenário que eu encontrei nos relatos dos participantes. Precisei refletir também em questões como meu background como surda e até que ponto isso poderia interferir na minha leitura das situações e essa reflexão se deu durante todo o processo, não apenas quando os dados já estavam coletados. Segundo Das Dores (1999, p.130):

A análise na pesquisa qualitativa não deve estar excluída durante todo o processo de investigação, ela deve caminhar junto em todas as fases, no trabalho de campo, nas entrevistas, ouvindo e refletindo sobre o que é dito, as interferências, as reações do investigado, enfim, em todo o processo. Na análise do material de campo, deve-se considerar todos os aspectos da situação de entrevista: interferência do pesquisador, a dialética entre os dois tipos de registro - escrito e oral - os instrumentos técnicos utilizados, as anotações do pesquisador, numa busca constante pela interpretação do fato, garantindo também uma fidelidade ao que foi dito.

Esse caminho foi o escolhido para essa pesquisa. O de refletir a respeito dos dados que estavam sendo resgatados, sejam de fonte histórica, documental ou seja de fonte humana – e de refletir qual era o entrelaçamento entre eles, como se costuravam no tempo e no espaço, se relacionavam no sentido de reforçar teorias ou eram excludentes. Realizei essas indagações durante todo o caminho e minhas reflexões acerca do que logrei, registro no último capítulo da minha dissertação. Porém antes, decidi em uma seção a parte, registrar os encaminhamentos dados e preliminarmente quais foram as respostas que consegui para que o leitor possa perceber como o resgate histórico pode ser um caminho por vezes frustrante, quando as informações estão guardadas há muito tempo, perdidas, espalhadas ou mesmo em mãos de pessoas que não tem o interesse de compartilhá-las.

#### 4.1 LEVANTAMENTO DE DADOS PRELIMINAR

Quando elegi Laguna como a cidade em que eu faria a pesquisa e tentaria levantar dados históricos da vida e da trajetória da comunidade surda, não imaginei que encontraria alguns entraves que atrapalhariam a pesquisa. Laguna é uma cidade histórica, e tem grande parte do seu patrimônio arquitetônico central

tombado. Nesse sentido, é vigiada de perto pelo IPHAN, responsável pela restauração de patrimônio arquitetônico bem como pela restauração de documentação relacionada ao patrimônio histórico. Além do IPHAN, Laguna conta com a Fundação Lagunense de Cultura (FLC), fundada em 1993. A esse órgão municipal, compete preservar, administrar e coordenar as atividades culturais no município. Recentemente, foi lançado um projeto da FLC na cidade – o Arquivo Público de Laguna, para restaurar e concentrar documentos históricos e assim tornar o acesso a eles mais fácil como também seguro.

No entanto, o projeto encontra-se em andamento, e os documentos ainda estão sendo restaurados, tornando impossibilitado o acesso a essa documentação nesse momento. Para mim, a falta desse arquivo histórico, foi um dificultador na coleta de dados.

Em Laguna, aconteceu algo que é bastante comum em cidades pequenas e históricas: grande parte do acervo de fotografias e documentos se concentrava na mão de particulares – pessoas de famílias abastadas que no passado comandavam a cidade. Por conta disso, ainda existem muitas dificuldades em conseguir levantar, restaurar e reunir documentação histórica; porque essa documentação se encontra espalhada, fora dos institutos e das fundações. Em outras pesquisas realizadas com o mesmo objetivo, de resgatar documentação histórica, essa mesma dificuldade se apresentou. Teixeira (1991, p.28) comenta as dificuldades de sua pesquisa sobre jornais antigos em Laguna:

A inexistência de títulos não catalogados e a dispersão documental das fontes provocaram perdas de tempo, e constantes revisões dos materiais pesquisados, exigindo-nos deslocamentos constantes de Tubarão para Laguna e Florianópolis, para tentar integrar melhor nossa compilação de dados básicos e procurar um apoio bibliográfico e metodológico mais consistente.

Assim, diferentemente da capital, Florianópolis, que possui biblioteca e arquivo mais organizados e completos, Laguna ainda não conta com esses recursos de pesquisa histórica. Quem se aventura a levantar a história de Laguna passa geralmente pelas mesmas dificuldades ao tentar conseguir documentos, fotos e jornais de épocas passadas.

Pensando em jornais, quando elenquei as possíveis fontes de dados para minha pesquisa, enumerei alguns jornais antigos que ainda estão ativos na cidade.

Acreditei que possivelmente estes tivessem um arquivo com suas edições e com sorte, eu conseguiria algum dado que me indicasse se em algum momento do passado, a comunidade surda esteve presente como grupo ou representada por algum surdo, nas páginas dos jornais.

Qual foi minha decepção quando descobri que os jornais mais antigos, como “O Correio”, não possuem mais arquivos de edições antigas. Segundo eles, tais edições foram enviadas para a Biblioteca Pública da cidade, numa tentativa de concentrar documentação histórica em um mesmo lugar, em que houvesse possibilidade de consulta pública.

Realizei algumas incursões pela Biblioteca Pública de Laguna, e descobri que de fato, a Biblioteca contava com alguns livros e edições de jornais antigos vitais na história de Laguna. Livros antigos e históricos como “Coisas Velhas” (1946) de Saul Ulysséa estavam presentes no acervo. Além dele, algumas edições de jornais antigos, periódicos e documentos aleatórios. Numa pesquisa extensa, manual, por cerca de 3 meses, analisei com a ajuda de um estagiário cedido pela biblioteca municipal, cada edição de jornal procurando por termos que remetesse aos surdos: surdos, mudos, surdinhos, mudinhos, surdos mudos e similares. Pesquisei da edição mais antiga disponível até a mais atual dentro da janela de pesquisa que escolhi para esse resgate. Nesses registros, não encontrei menção aos surdos ou evento ligado a eles.

Resolvi então, contatar as gerências de educação, do estado e do município, na tentativa de acessar arquivos escolares antigos e entender como os discentes surdos eram atendidos e como a escola descrevia e compreendia seus comportamentos e sua comunicação. Fui informada que os arquivos relacionados a estudantes surdos de Laguna estão na Escola Jerônimo Coelho, por ser uma das mais antigas escolas da cidade, com 107 (cento e sete) anos, e por ter atendido a esses alunos durante muito tempo, sendo a mais indicada para conseguir informações. Esta escola está atualmente em reforma e descobri que as caixas dos arquivos escolares foram removidas para a Gerência de Educação. Ao checar essa informação, fui informada que esses arquivos físicos não podem mais ser encontrados e que a única forma de acessar arquivos antigos é através de pesquisa digital, que não pode ser realizada por pessoas que não sejam funcionários da Gerência. Até o início da análise de dados da dissertação, após várias tentativas não

recebi acesso a esses arquivos e recebi apenas da Gerência de educação estadual uma informação da quantidade de surdos matriculados atualmente em Laguna. A secretaria municipal de educação não retornou meus contatos.

A APAE de Laguna, também foi um local visitado por mim, à procura de documentação que ajudasse a entender como as crianças e jovens surdos eram atendidos, como eram identificados e como funcionava a comunicação e a vida social deles. Consegui muitas informações relevantes que me ajudaram a entender a visão de surdez da comunidade lagunense no passado, os documentos, fotos e registros, além das percepções acerca desse material, estão compartilhadas no último capítulo dessa dissertação.

Depois de percorrer lugares físicos à procura de documentação, passei a pesquisar documentação em blogs de particulares lagunenses, voltados para a difusão do material histórico que está em mãos das famílias tradicionais da cidade. Nesses blogs há muito material documental bem como fotográfico. Contatei dois blogs distintos, o “blog do Valmir Guedes” e o blog “As mil e uma histórias de Laguna”. Infelizmente não recebi resposta aos meus contatos.

Além dos blogs, descobri como fonte de pesquisa documental, um projeto on-line realizado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC) em parceria com a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - “Hemeroteca digital catarinense”. Esse site, contém a digitalização de vários documentos antigos, jornais, boletins e revistas bem como cartilhas e livros. Da mesma forma que na pesquisa com os jornais em formato físico, procurei por palavras-chave como: surdos, mudos, surdinhos, mudinhos, surdos-mudos e similares. Não foi possível usar a ferramenta de busca porque nem todos os documentos suportam o formato que aceita busca por texto. Assim, tive que ler cada periódico disponível e buscar as palavras. Pesquisei nos jornais: A Atualidade, O Albor, O Anzol, O Arauto, Aurora, O blondinista. Embora minha dissertação tenha o objetivo de remontar os últimos 80 anos, ao realizar a busca nesses jornais, parti do ano 1900, e cobri um período de mais de 100 anos. Infelizmente não encontrei nenhuma menção à comunidade surda nessas publicações. A seguir, apresento através de uma tabela, as diversas fontes de dados procuradas durante a pesquisa e em quais tive êxito em conseguir informações.

Tabela 3 - Resumo do levantamento de dados

Fontes	Data da pesquisa	Situação	Período de anos	Documentos
FLC	Primeiro contato em Janeiro de 2020, segundo contato em fevereiro de 2021	Responderam em maio de 2021	-	Um documento com uma resposta às indagações nenhum documento histórico
IPHAN	Primeiro contato em Janeiro 2020, segundo contato em fevereiro de 2021	Não recebi resposta		-
Biblioteca Pública de Laguna	Março a Maio de 2019	Nenhum dado encontrado		-
GERED	Primeiro contato em: Março a Maio de 2019 Segundo contato em fevereiro de 2021	Responderam em maio de 2021	Últimos 80 anos	Um documento com as matrículas atuais de surdos, nenhum documento histórico
Secretaria Municipal de Educação	Primeiro contato em: Março a Maio de 2019 Segundo contato em fevereiro de 2021	Não recebi resposta	Últimos 80 anos	-
Secretaria Municipal de saúde	Primeiro contato em fevereiro de 2021	Não recebi resposta	-	-
Jornal "O Correio"	Março a Maio de 2019	Nenhum dado encontrado	-	-
Blogs – Blog do Valmir Blog as mil e uma histórias	Primeiro contato em Janeiro 2020 e segundo contato em fevereiro de 2021	Não recebi resposta	-	-
APAE	Março a junho de 2019	Dados encontrados	1960 -	Registros escolares/ prontuários médicos/ relatórios e laudos
Hemeroteca – Jornais:	Janeiro de 2020	Nenhum dado encontrado	80 anos	-

<p>Jornal – A atualidade ano 1905 – todos disponíveis não fazem nenhuma menção.</p> <p>Jornal – O Albor – 1915-1963 – todos disponíveis não fazem nenhuma menção.</p> <p>Jornal – O Anzol – 1917 - todos disponíveis não fazem nenhuma menção.</p> <p>Jornal – O Arauto – 1918 - todos disponíveis não fazem nenhuma menção.</p> <p>Jornal – Aurora – 1902 - todos disponíveis não fazem nenhuma menção.</p> <p>Jornal – O blondinista - 1900</p>				
Entrevistas com particulares	Maio de 2020 / maio de 2021	Termo de Consentimento livre e esclarecido – TCLE, enviado e assinado pelos participantes	-	8 pessoas

Fonte: Elaborado pela autora.

No andamento da pesquisa, tivemos que realizar uma adaptação metodológica. Uma vez que o mundo foi afetado pela pandemia do Covid-19, e não foi possível retornar presencialmente para captar documentação, uma vez que não só as viagens foram comprometidas como também muitos órgãos públicos passaram a funcionar de portas fechadas ou encerraram as atividades por tempo indeterminado, assim, para que não houvesse prejuízo no andamento da pesquisa, optei por dar mais ênfase para as entrevistas com surdos e ouvintes, a distância, por meio de ligações por webcam através do aplicativo ZOOM. As entrevistas foram gravadas para que eu pudesse analisá-las e transcrevê-las/traduzi-las depois. O



Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foi enviado para as pessoas entrevistadas em formato de texto e em formato de vídeo para os surdos. Ao final do levantamento de dados percebi que minha pesquisa se basearia nos documentos conseguidos pela APAE, nas fotos de arquivo pessoal bem como nas fotos que consegui com as pessoas que participaram dos eventos descritos, bem como dos relatos de memória logrados através das entrevistas.

## 5 ANALISANDO DADOS COLETADOS

Começo este capítulo me utilizando do Censo do IBGE para conseguirmos partir de um número de pessoas surdas na cidade de Laguna, a fim de visualizar como era a comunidade surda lagunense no passado.

As pesquisas focadas na pessoa com deficiência no Brasil, remontam os anos 1900. Segundo Cantorani *et al.* (2015, p.160),

As pesquisas nacionais que se ocuparam com levantamentos acerca das pessoas com deficiência foram os Recenseamentos de 1872, último Censo realizado na monarquia, 1900, 1920, 1940, 1991, 2000 e 2010 e também a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 1981, 1998 e 2003.

A lacuna existente entre os anos 40 até os 90, advém de uma mudança na forma como os Censos eram realizados. Durante esses anos, se deixou de perguntar sobre pessoas com deficiência. Somente em 1989, mediante a Lei nº 7.853, de 24 de outubro, definir a quantidade e os tipos de deficiência volta ser a importante, figurando no Censo de 1990. Além disso, o método de Censo também se alterou durante esses anos. Em 1940, o Censo foi realizado com a população total, já entre 1990-2010, período em que volta a se perguntar sobre deficiência, o Censo se realizou por amostra probabilística – ou seja, parte da população foi inquirida e esses números se projetaram para o restante da população (LENZI, 2016).

O censo de 1940, importante para mim no sentido de estabelecer um ponto de partida na quantidade de surdos que viviam em Laguna estava felizmente disponível para consulta no site do IBGE. Porém, os cadernos posteriores, do censo de 1991 e 2000, e do PNAD de 1981, 1998 e 2003, não estavam completamente disponíveis, impossibilitando minha busca por mais dados numéricos especificamente de Laguna.

No ano de 1940, segundo Censo realizado pelo IBGE, havia pelo menos 13 pessoas surdas em Laguna. Sendo desse número, dez homens e três mulheres. A tabela a seguir, retirada diretamente do caderno do Censo ratifica esses dados.

Tabela 4 – Recenseamento geral de 1940

MUNICÍPIOS	CEGOS										SURDOS-MUDOS*			
	Totais*			De nascença		Por doença		Por acidente		De origem não declarada		Total	Homens	Mulheres
	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres			
10. Canoinhas .....	30	18	12	1	-	9	8	8	2	-	1	59	34	25
11. Chapecó .....	46	26	20	2	4	14	13	8	3	2	-	77	42	35
12. Concórdia .....	34	19	15	1	3	10	9	8	3	-	-	44	22	22
13. Crescuma .....	28	21	7	4	3	5	3	10	1	2	-	13	6	7
14. Cruzeiro .....	7	5	2	-	1	2	1	3	-	-	-	41	21	20
15. Curitibaanos .....	29	19	10	4	1	2	5	11	3	1	1	28	12	16
16. FLORIANÓPOLIS .....	60	32	28	3	1	18	21	10	6	1	-	34	20	14
17. Gaspar .....	7	4	3	2	1	2	2	-	-	-	-	5	3	2
18. Hamônia .....	14	10	4	-	-	6	3	3	1	-	-	13	5	8
19. Imaruí .....	32	16	16	4	4	8	10	4	2	-	-	15	10	5
20. Indaial .....	20	12	8	2	-	9	7	1	-	-	-	11	5	6
21. Itaiópolis .....	23	13	10	2	2	5	4	6	2	-	2	25	9	16
22. Itajaí .....	73	43	30	8	5	23	21	9	4	3	-	26	14	12
23. Jaguaruna .....	4	4	-	-	-	3	-	1	-	-	-	14	8	6
24. Jaraguá .....	22	14	8	1	-	7	5	6	3	-	-	11	4	7
25. Joinville .....	74	40	34	2	4	19	24	18	5	-	1	20	9	11
26. Laguna .....	39	21	18	4	2	12	13	4	3	1	-	13	10	3

Fonte: Censo do IBGE 1940.

A comunidade lagunense, na época, era pequena, uma vez que o mesmo censo também revela que sua população era um pouco maior que trinta mil pessoas. Sendo uma comunidade pequena, me pergunto se os 13 surdos que lá viviam, não se conheciam. Informação que não pude confirmar, uma vez que nossa fonte de memórias mais antiga, é um surdo que nasceu 1971, também, a Associação de pais e amigos dos excepcionais - APAE denominada Solar da Ternura, fonte da maioria dos dados históricos que consegui na pesquisa, só haveria de ser fundada em 1974. Infelizmente essa lacuna fica em aberto, mas nos fornece um princípio interessante – havia surdos na cidade nos anos 40.

Tabela 5 - População de fato no censo de 1940 segundo os municípios

48. POPULAÇÃO DE FATO, POPULAÇÃO DE DIREITO  
E MORADORES PRESENTES, POR SEXO,  
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO DE FATO			POPULAÇÃO DE DIREITO			MORADORES PRESENTES NA DATA DO CENSO		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
ESTADO .....	1 178 340	596 142	582 198	1 177 149	595 397	581 752	1 169 197	590 178	579 019
1. Araranguá .....	59 273	29 898	29 375	59 203	29 862	29 341	59 061	29 741	29 320
2. Biguaçu .....	20 108	10 181	9 927	20 160	10 240	9 920	20 095	10 152	9 901
3. Blumenau .....	41 178	20 993	20 225	41 069	20 918	20 151	40 782	20 746	20 036
4. Bom Retiro .....	27 842	14 396	13 446	27 853	14 399	13 454	27 685	14 283	13 402
5. Brusque .....	23 428	11 791	11 637	23 453	11 822	11 631	23 315	11 726	11 590
6. Caçador .....	25 307	13 057	12 250	25 260	12 991	12 269	24 982	12 796	12 186
7. Camboriú .....	9 352	4 679	4 673	9 356	4 697	4 659	9 354	4 666	4 668
8. Campo Alegre .....	5 269	2 717	2 552	5 292	2 734	2 558	5 213	2 691	2 522
9. Campos Novos .....	52 689	26 924	25 765	52 778	26 981	25 797	52 527	26 818	25 709
10. Canoinhas .....	42 310	21 749	20 561	42 477	21 882	20 595	41 855	21 573	20 282
11. Chapecó .....	44 327	22 865	21 462	44 406	22 934	21 472	44 155	22 735	21 420
12. Concórdia .....	32 658	16 765	15 893	32 710	16 794	15 916	32 619	16 738	15 881
13. Cresciana .....	27 753	13 870	13 883	27 711	13 845	13 866	27 679	13 816	13 863
14. Cruzeiro .....	36 174	18 694	17 480	36 259	18 725	17 534	36 062	18 632	17 436
15. Curitiba .....	20 486	10 424	10 062	20 481	10 487	9 994	20 449	10 466	9 983
16. FLORIANÓPOLIS .....	46 771	22 330	24 441	46 057	21 955	24 102	45 731	21 726	24 005
17. Gaspar .....	10 648	5 563	5 085	10 637	5 558	5 079	10 598	5 528	5 070
18. Harmonia .....	19 235	9 901	9 334	19 362	9 976	9 386	19 024	9 777	9 247
19. Imaruí .....	16 871	8 260	8 611	16 379	8 264	8 115	16 861	8 253	8 608
20. Indaial .....	13 873	7 072	6 801	13 785	7 000	6 785	13 591	6 871	6 720
21. Itaiópolis .....	15 747	8 189	7 558	15 785	8 221	7 564	15 643	8 129	7 514
22. Itajaí .....	44 204	21 850	22 354	44 300	21 924	22 376	44 037	21 781	22 256
23. Jaguaruna .....	9 709	4 951	4 758	9 720	4 962	4 758	9 697	4 945	4 752
24. Jaraguá .....	23 495	12 103	11 392	23 442	12 069	11 373	23 335	11 999	11 336
25. Joinville .....	45 580	23 248	22 332	45 127	22 845	22 282	44 808	22 670	22 138
26. Laguna .....	33 218	16 790	16 428	32 982	16 063	16 917	32 772	15 928	16 844
27. Lages .....	52 607	27 067	25 540	52 652	27 082	25 570	52 313	26 820	25 493

Fonte: Censo do IBGE 1940.

## 5.1 DOCUMENTOS DA APAE – 1976 A 1995

A criação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em 1954, no Rio de Janeiro, como entidade filantrópica, veio como uma resposta à demanda de pessoas “excepcionais”, entre as quais os surdos passaram a fazer parte e ser atendidos. (ALBRES, 2005)

A APAE de Laguna, conhecida como Escola Especial Solar da Ternura, fundada em 11 de setembro de 1974, foi durante muitos anos o único lugar em Laguna que aceitava receber crianças surdas. Por conta disso, foi um dos primeiros lugares que procurei a fim de buscar informações e gentilmente fui atendida pela diretora Emeline Feuser Grüner, que conseguiu me repassar prontuários de alunos

que frequentaram a instituição no passado. Selecionei 17 prontuários sem revelar os nomes das pessoas as quais pertencem, me utilizando de uma combinação de 2 letras aleatórias para vincular os recortes às pessoas as quais pertencem. Ao colocar os recortes, haverá uma transcrição abaixo de alguns dos recortes quando estes não forem legíveis à primeira vista. Vou apresentar os dados dos prontuários, a partir da divisão em 7 categorias principais: a) ENCAMINHAMENTO - por quem haviam sido encaminhados até a instituição, b) QUEIXAS - o que trouxe a família até a APAE, c) DIAGNÓSTICO – como os surdos eram diagnosticados, d) FAMÍLIAS - como eram as famílias, sua dinâmica com os surdos e quais as aspirações para o surdo, e) SOCIABILIDADE - como era o lazer desses surdos, como eram suas interações sociais e se tinham contato com outros surdos, f) ESCOLA – se haviam frequentado a escola regular ou classe especial em algum momento, e por fim, g) PLANO PEDAGÓGICO DA APAE PARA SURDOS - quais eram as orientações pedagógicas da instituição para os surdos e suas famílias. Essas categorias foram organizadas dessa forma pela recorrência dos temas que as nomeiam ao analisar os recortes. Os recortes serão triangulados com as informações obtidas pelos relatos de memórias que consegui mediante as entrevistas.

Os 17 prontuários selecionados, pertencem a surdos nascidos entre 1959-1976. Suas histórias, contadas por esses documentos, preenchem um período que vai de 1971 a 1995 – data em que o último deles saiu da APAE. É importante frisar que segundo uma das profissionais que entrevistei, havia mais surdos na APAE nessa época. Ela chegou a essa conclusão porque muitos surdos com quem ela teve contato a partir de 2006, todos com idades entre 45 e 55 anos, haviam frequentado a APAE, porém seus nomes não estavam entre os 17 prontuários que arrolei. O que me faz pensar que esses prontuários não nos dão o número exato de surdos que frequentaram a instituição nesse período, mas sim nos fornecem informações interessantes que nos ajudam a pintar alguns traços no quadro da história dos surdos lagunenses.

Os 17 surdos conviveram entre si em algum momento – o que não fica claro é se frequentavam a mesma sala uma vez que, como aprofundarei mais tarde, alguns foram diagnosticados como deficientes mentais e alguns apenas como deficientes auditivos, e creio pela leitura dos prontuários que isso os colocava em

ambientes distintos e em contato com outras pessoas reunidas debaixo do mesmo diagnóstico.

### 5.1.1 Encaminhamento

Minhas pesquisas me forneceram poucos dados oficiais a respeito de como funcionava o encaminhamento do setor da saúde municipal para crianças surdas. Até o momento dessa redação não recebi resposta desse órgão para minhas perguntas sobre como era o processo. Porém, os prontuários lançam alguma luz nesse aspecto. Os recortes que apresentarei a seguir esclarecem que as crianças surdas poderiam ser encaminhadas aparentemente pelo Posto de Saúde do bairro como também poderiam ser encaminhadas pela Fundação Catarinense de Educação Especial – FCEE, que tinha um setor de triagem para crianças especiais.

Figura 87 – Prontuário

Atendido na Fundação Catarinense Ed. Especial → Encaminhado  
APAE.

Fonte: Prontuário de AB.

Figura 88 - Formulário de entrevista

#### FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

##### 1. IDENTIFICAÇÃO:

Nome: .....  
 Data e local de nascimento ..... 17/1 .....  
 Residência .. .....  
 .....  
 Ponto de referência .....  
 Encaminhado por Fund. Catarinense de Educ. Especial  
 Filiação: Pai: .....  
 Mãe: .....  
 Responsável: a mãe .....

Fonte: Prontuário de AB (Leia-se “Encaminhado por: Fund. Catarinense de Educ. Especial”).

Figura 89 – Excertos Prontuário

que a mãe não teve a chance  
 na escuta. Leva a Fpolis e n (sic) pode  
 colocar aparelho

Fonte: Prontuário de LM (Leia-se “Levou a Fpolis e n (sic) pode colocar aparelho”).

Figura 90 - Excertos Prontuários 2

Procurou o posto → filha → encaminhamento ~

Q. Qual encaminhou a criança a APAE?  
 A. mãe procurou o posto - Ficharam a menina e  
 encaminharam a APAE.

Fonte: Prontuário MF (leia-se “Procurou o Posto -> filha -> encaminhamento  
 A mãe procurou o posto – Ficharam a menina e encaminharam a APAE”).

Figura 91 - Excertos Prontuários 3

108

**FCEE** - CDH- I

RUA JOÃO GRUMICHÉ, 2705

ROÇADO - SÃO JOSÉ - SC

DE: Sitor Magum - **F.E.E.E**

PARA: **Escola Selar da temura**  
**APRE - baguma.**

ASSENTO: Encaminhamento do menino .....  
 ..  
 .. que passou pelo  
 Sitor de Magum desta Instituição no  
 dia .. 25.  
 Conforme exames apresentados, o menino  
 é portador de deficiência auditiva,  
 sendo esta Escola o local mais justo  
 para seu encaminhamento.

SÃO JOSÉ, 18/06/25

*Magum N. N.*  
RESPONSÁVEL

Fonte: Prontuário de SM

(FCEE -



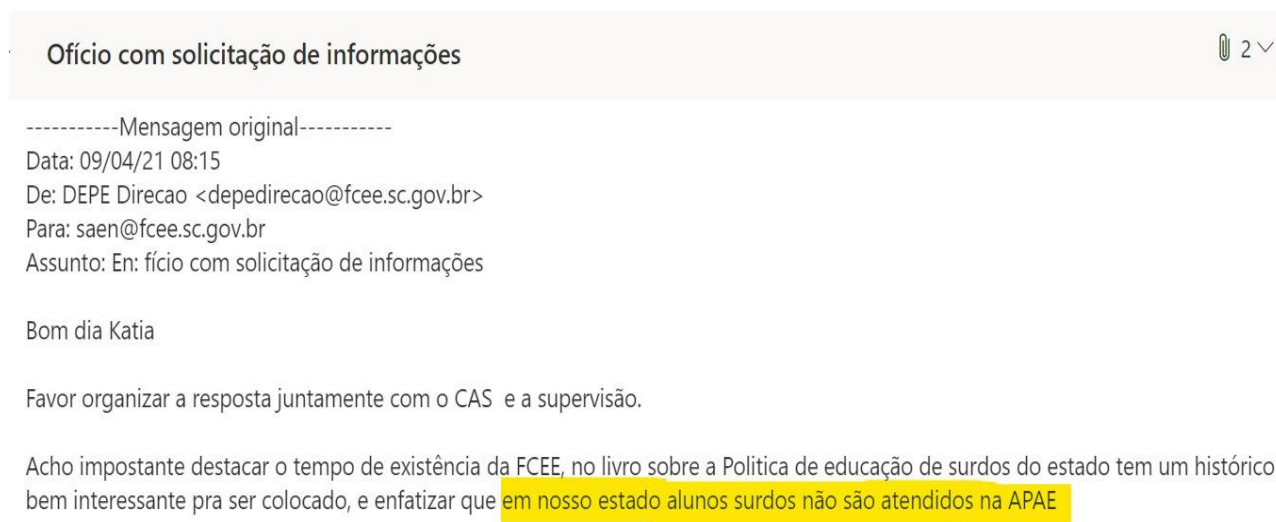
De: Setor de triagem – F.C.E.E  
 Para: Escola Solar da Ternura APAE – Laguna

Assunto: Encaminhamento do menor ----- que passou pelo Setor de triagem desta Instituição no dia -----/85.

Conforme exames apresentados, o menor é portador de deficiência auditiva – sendo esta Escola o local mais perto para seu encaminhamento.)

Como é possível observar nos recortes acima, aparentemente as crianças eram encaminhadas sobretudo pela Fundação Catarinense de Educação Especial - FCEE. Contatei a instituição perguntando qual tem sido o papel da FCEE nos últimos 80 anos junto ao município de Laguna e se a instituição tinha algum tipo de parceria com a APAE. (No anexo 9 está o ofício enviado) A instituição respondeu ao meu ofício contando um pouco de sua história, porém sem responder diretamente a nenhum dos questionamentos que realizei (Anexo 10). No corpo do e-mail enviado a mim com a resposta, havia uma mensagem da Direção da FCEE informando que em nosso estado, alunos surdos não são atendidos na APAE.

Figura 92 - Corpo do e-mail resposta da FCEE



Fonte: Arquivo pessoal.

A falta de respostas da FCEE e a afirmação realizada pela diretoria, me faz concluir que existe desconhecimento por parte da instituição de todas as práticas realizadas no passado, práticas que são claras nos prontuários quando estes citam o encaminhamento de surdos da FCEE para a APAE e inclusive como ficará visível

no decorrer dessa exposição, muitos dos documentos utilizados pela APAE – modelos de prontuários e de anamnese são originalmente da FCEE e cedidos para APAE utilizar; porém ao que parece esta não é mais a política atual da Instituição. Em alguns recortes é possível perceber que o profissional que preenche o prontuário, rasura o nome da FCEE e o substitui pelo da APAE, reforçando a ideia que existia um apoio mútuo de cooperação entre as instituições. O que é compreensível, uma vez que na época, não havia escolas especiais de surdos em Laguna, tampouco na região da Amurel e a única escola que definitivamente tinha um protocolo pedagógico para esses alunos era a Escola Solar da Ternura.

### 5.1.2 Queixas

Nas anamneses realizadas pela APAE, assim que os pais chegavam para pedir matrícula para seus filhos, uma das primeiras perguntas feitas era qual a queixa que os pais tinham para apresentar em relação a seus filhos. A seguir compartilho os recortes das anamneses.

Figura 93 - Excertos Prontuários 4

... não fala, mto distraído. " (surdo-mudo " ? )  
nervoso "grita mto " não conseguiu aprender

Fonte: Prontuário AB (leia-se "Não fala, "mto (sic - muito) distraído" "(surdo-mudo"?)", nervoso "grita mto (sic - muito)" não conseguiu aprender").

Figura 94- Excertos Prontuários 5

NÍVEL DE CONSCIENTIZAÇÃO DOS PAIS: .....  
queixa: não falava, muito distraído, apresentando problema mental.

Fonte: Prontuário AB (leia-se "Não falava, muito distraído, apresentando problema mental").

Figura 95 - Excertos Prontuários 6

b) História da Doença atual:.....  
 A mãe relata que desde os 3 anos, notou  
 que ela não ouvia. Só começou a falar  
 alguma coisa com 5 anos. Aos 7 anos come-  
 çou a falar melhor. Aos 8 anos

Fonte: Prontuário DF (leia-se “A mãe relata que desde os 3 anos, notou que ela não ouvia. Só começou a falar alguma coisa com 5 anos”).

Figura 96 - Excertos Prontuários 7

3 - Queixa Principal:  
 Não fala e não ouve. Um pouco nervoso quando contrariado.

Fonte: Prontuário ES (leia-se “Não fala e não ouve. Um pouco nervoso quando contrariado”).

Figura 97 - Excertos Prontuários 8

a) Queixa principal: É nervosa. Não aprendeu  
 na escola. fala pouco.

Fonte: Prontuário JG (leia-se “É nervosa. Não aprendeu na escola; fala pouco”).

Figura 98 - Excertos Prontuários 9

QUEIXA PRINCIPAL  
 Não escuta e é nervosa. É muito agitada  
 dentro de casa. Tem de levar todo o calor  
 se estiver a escola.

Fonte: Prontuário LM (leia-se “Não escuta e é nervosa. É muito agitada dentro de casa”).

Figura 99 - Excertos Prontuários 10

Queixas: "é nervosa", é surda-muda. Qdo não consegue o que quer fica mto agitada. Joga os objetos no chão, bate porta e grita.

Fonte: Prontuário LM (leia-se "É nervosa, é surda-muda. Qdo (sic - quando) não consegue o que quer fica mto (sic - muito) agitada e joga os objetos no chão, bate porta e grita").

Figura 100 - Excertos Prontuários 11

surda-muda. A mãe acha que não teria condições de rendimento em outra Escola. "Comunica bem por sinais (sic)" mto irritada. Grita mto qdo contrariada. Às vezes tbém avança vagarosa ao escutar tarefas, distraída. "Recorta bem e copia coisas" (sic).

Fonte: Prontuário MF (leia-se "Surda-muda. A mãe acha que não teria condições de rendimento em outra Escola. "Comunica bem por sinais". Mto (sic - muito) irritada. Grita mto (sic - muito) qdo (sic - quando) contrariada. Às vezes tbém (sic - também) avança vagarosa ao escutar tarefas, distraída. "Recorta bem e copia coisas").

Figura 101 - Excertos Prontuários 12

História atual: distraída, desligada, às vezes escuta outra não, nervosa, soltando para a mãe.

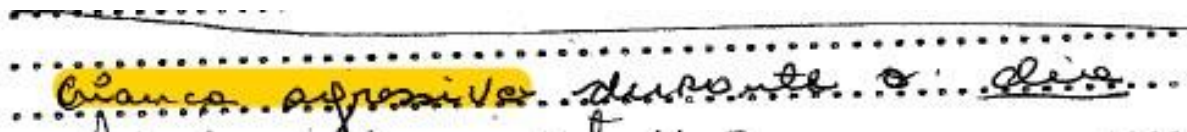
Fonte: Prontuário RA (leia-se "História atual: distraída, desligada, às vezes escuta outra não, nervosa").

Figura 102 - Excertos Prontuários 13

QUEIXA PRINCIPAL  
não fala e não escuta e em casa é agitada. Ela veio para APAE pq me disseram que aqui ensinava as crianças ficar + calma.

Fonte: Prontuário RA (leia-se "Queixa principal: Não fala e não escuta e em casa é agitada. "Ela veio para a APAE pq (sic - porque) me disseram que aqui ensinava as crianças ficar + calma (sic)").

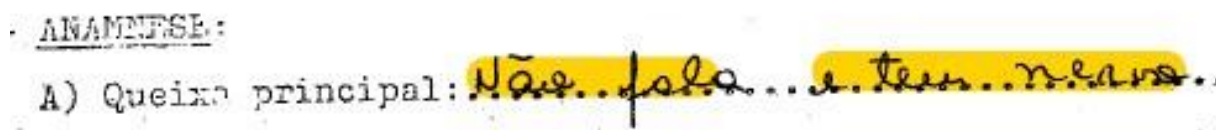
Figura 103 - Excertos Prontuários 14



Criança agressiva durante o dia

Fonte: Prontuário RS (leia-se “Criança agressiva durante o dia”).

Figura 104 - Excertos Prontuários 15



ANAMNESE:  
A) Queixa principal: Não fala e tem nervo

Fonte: Prontuário RS (leia-se “Anamnese: a) Queixa Principal: Não fala e tem nervo (sic)”).

Os recortes nos trazem dados interessantes da percepção da família sobre os filhos. Como é possível perceber, a queixa da família é decorrente da surdez, mas também envolve a caracterização de comportamentos negativos como consequência do não ouvir. Algumas das expressões usadas para caracterizar as crianças foram: nervosas, agressivas, agitadas, distraídas, que não conseguem aprender, desligadas. A pesquisa realizada por Silva, Pereira e Zanolli (2007) com mães de surdos aponta conclusões similares. As autoras enfatizam:

Alguns autores caracterizam os surdos como agressivos, outros como submissos, bem como se encontram afirmações de que são igualmente explosivos e tímidos, teimosos e obedientes, desconfiados e confiantes, enfatizando-se aspectos considerados negativos. (...) Como consequência destas afirmações, indivíduos surdos são rotulados, até pela própria família, como sendo nervosos, agressivos, agitados, como se estas características decorressem da surdez. (SILVA, PEREIRA E ZANOLLI, 2007, p.02).

Fica claro como a visão da surdez, principalmente no passado, era estigmatizada. É digno de nota que uma das mães assinala que sua busca pela APAE se deu após receber informações que lá ensinariam sua filha a ficar mais calma.

Também me chama a atenção que nos 17 casos, a frequência à APAE se iniciou depois dos 7 anos de idade. Alguns pais, como o recorte exemplificou, só percebiam a surdez de seus filhos muito tardiamente inclusive inferindo deficiência

mental concomitante. O fenômeno de inferir diagnóstico de deficiência mental é bastante comum, uma vez que crianças que sofreram privação linguística comprometem seu desenvolvimento em outras áreas. Estudos realizados por Boskis, Morozova, Korsunskaya citados por Luria e Yudovich (1971), demonstraram que em decorrência do déficit linguístico, pessoas com surdez modificam seus processos perceptivos afetando a formação de conceitos e à capacidade de abstração; personalidade, os sentimentos de identificação e à integração social, além de apresentarem dificuldades em estabelecer contatos interpessoais e de interação social. Assim, a forma como a criança surda se comporta, por conta de um longo período de privação linguística, pode levar a conclusões equivocadas por parte da família. Também é interessante perceber que já nesse primeiro momento da anamnese, uma mãe pontua que seu filho consegue se comunicar por gestos – nos dando um vislumbre que havia um intento de comunicação com a família pelo meio mais confortável para o surdo – os sinais.

### **5.1.3 Diagnóstico**

Depois que as crianças eram matriculadas na APAE, passavam por avaliações médicas e psicológicas e anualmente, eram submetidas a novas avaliações para confirmação ou retificação do diagnóstico anterior bem como para que fosse possível mensurar algum progresso pedagógico, físico e psicológico dos alunos.

Nos recortes que exponho a seguir a maioria dos surdos são diagnosticados com surdo-mudez – o que denuncia a visão limitada da época, em que os surdos eram considerados mudos por extensão – uma vez que não falavam. Também, o diagnóstico de deficiência mental é recorrente – muitas vezes sendo posteriormente revogado ou colocado em dúvida em virtude da surdez; ou em alguns casos sendo descrito como consequência da surdez.

Figura 105 - Excertos Prontuários 16

Deficiente mental treinável - Apresenta problema na área da linguagem e audição (surdo mudo)

Fonte: Prontuário JB (leia-se “Deficiente mental treinável. Apresenta problema na área da linguagem e audição (surdo mudo)”).

Figura 106 - Excertos Prontuários 17

Aluno portador de deficiência mental moderada (treinável), aliada a déficit na audição, linguagem e na psicomotricidade.

Fonte: Prontuário JN (leia-se “Aluno portador de deficiência mental moderada (treinável), aliada a déficit na audição, linguagem e psicomotricidade”).

Figura 107 - Excertos Prontuários 18

Surdo-muda apresentando deficiência mental (treinável).

08/11/80.

Fonte: Prontuário JN (leia-se “Surda-muda apresentando deficiência mental (treinável)”).

Figura 108 - Excertos Prontuários 19

Apresentando deficiência mental severa aliada a déficit na audição, linguagem e na psicomotricidade.

Fonte: Prontuário LB (leia-se “Apresentando deficiência mental severa aliada a déficit na audição, linguagem e na psicomotricidade”).

Figura 109 - Excertos Prontuários 20

AValiação Técnica Anual

NOME : [REDACTED]  
DN : [REDACTED] /71  
DATA DA AVALIAÇÃO : 28/03/88

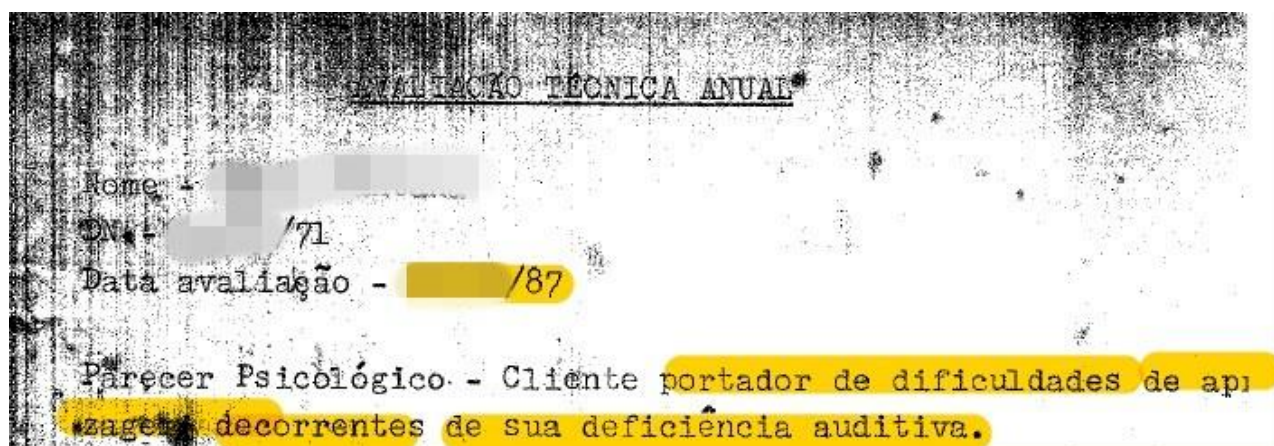
PARECER PSICOLÓGICO

Cliente portador de Deficiência Múltipla (retardo mental leve ( ? ) + distúrbio auditivo + problema físico).

Seu déficit intelectual é questionável, por ter sido o rapaz vítima de Hipo-estimulação no ambiente familiar durante toda a infância, sem ter tido assim, na sua condição de criança surda/muda, chances para acompanhar o desenvolvimento cognitivo de uma criança "normal" em termos mentais.

Fonte: Prontuário AB.

Figura 110 - Excertos Prontuários 21



Fonte: Prontuário ES.



Figura 111 - Excertos Prontuários 22

b) Psicológicos: o cliente é portador de deficiência auditiva e deficiência mental leve (

Os dados de observação indicam que o rendimento é compatível com o grupo de DA não portador de DM.

Portanto, sugere-se que a avaliação seja retomada após um período mais longo de observação.

Fonte: Prontuário ES.

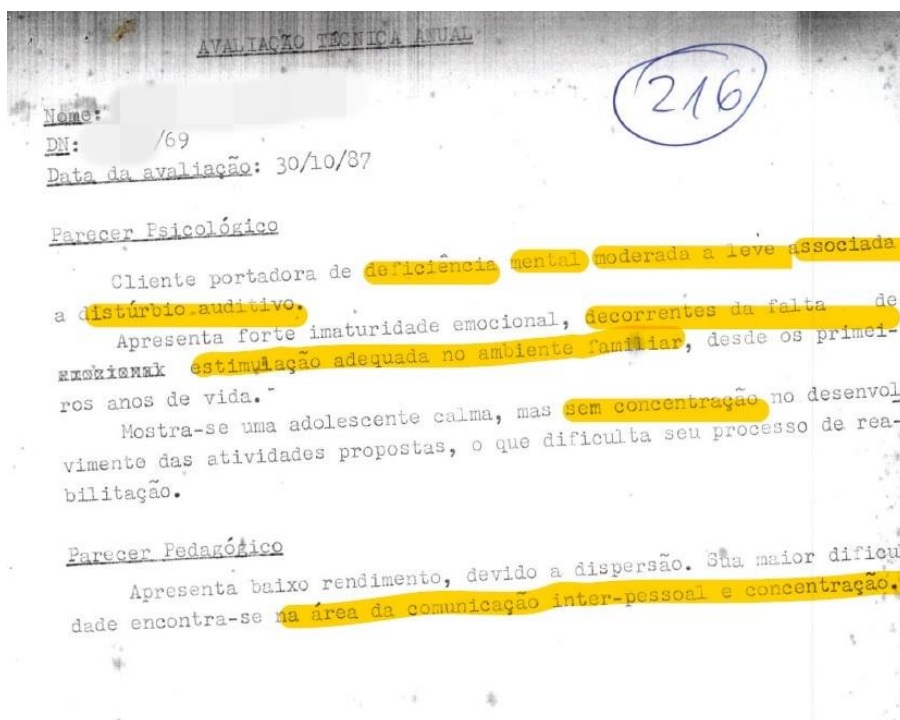
Figura 112 - Excertos Prontuários 23

~~em~~ faixa etária em torno de 10 anos.

Os dados de observação sugerem que o rendimento é compatível com o grupo de DA não portador de DM.

Fonte: Prontuário ES (leia-se "Os dados de observação sugerem que o rendimento é compatível com o grupo de DA não portador de DM").

Figura 113 - Excertos Prontuários 24



Fonte: Prontuário JG

Como foi possível notar nos excertos dos prontuários, o diagnóstico de surdez, nomeado como deficiência auditiva ou surdo-mudez, era muitas vezes associado, sem certeza (como é possível observar no prontuário de AB), com deficiência mental. Em outros excertos, como no prontuário de AB, ES e JG, a deficiência auditiva é colocada como motivo do desenvolvimento de atrasos na linguagem, na cognição levando à deficiência mental. Os diagnósticos parecem incertos, uma vez que em muitos casos os testes usados para mensurar o grau de “normalidade” não podiam ser concluídos com pessoas surdas – uma vez que os profissionais tinham dificuldades de realizá-los utilizando o português oral. No caso do prontuário de ES, a progressão do diagnóstico e a confusão acerca da presença ou não da deficiência mental ficam claros. Os excertos que apresentei acima, em ordem cronológica, mostram um primeiro diagnóstico de problemas de aprendizagem por conta da deficiência auditiva, depois disso ES é diagnosticado com deficiência mental leve com ressalvas de que provavelmente ele era apenas deficiente auditivo e em um terceiro momento de avaliação, chegam à conclusão que ES era apenas surdo. Dos 17 surdos que figuraram nessa pesquisa através dos prontuários, 16 deles ou não vivem mais em Laguna ou são falecidos – ES foi

encontrado por mim e no contato que tive com ele por mais de 4 anos, pude atestar que o mesmo não se comporta como deficiente mental e sim, como surdo.

É claro que como pesquisadora, não posso me colocar no lugar de médica e inferir que todos os surdos que a APAE diagnosticou como deficientes mentais eram somente surdos. Porém, as discrepâncias de diagnóstico, a dificuldade de testagem utilizando-se do português oral e a visão médica da surdez que fica escancarada nos prontuários, me levam a crer que em muitos casos, surdos foram tratados como deficientes – sendo que na verdade, necessitavam, em primeira instância, aprender uma língua que lhes fosse confortável – a língua de sinais.

É também interessante o caminho pedagógico tomado pela APAE nesses casos. Uma vez encarados como deficientes mentais, eram encaixados em categorias baseadas no nível de treinabilidade e produtividade que poderiam adquirir. A pesquisa realizada por Vieira et al (1994), aborda essas categorias em uma tabela, que reproduzo abaixo:

Tabela 6 - Níveis de deficiência mental

	EDUCÁVEL	TREINÁVEL	PROFUNDO
ETIOLOGIA	Predominantemente considerada uma combinação do fator genético com más condições econômicas e sociais.	Grande variedade de problemas ou distúrbios neurológicos glandulares ou metabólicos que podem resultar em retardo moderado.	Grande variedade de problemas ou distúrbios neurológicos glandulares ou metabólicos que podem resultar em retardo grave.
EXPECTATIVAS EDUCACIONAIS	Terá dificuldade no programa escolar normal para uma educação adequada.	Necessita maiores adaptações nos programas educacionais, foco em cuidar de si mesmo ou nas habilidades sociais. Esforço limitado nas matérias tradicionais.	Necessitará treinamento para cuidar de si mesmo (alimentação, vestuário, toalete).
EXPECTATIVAS PARA A VIDA ADULTA	Com treinamento, pode se adaptar produtivamente a nível qualificado ou não qualificado.	Pode se adaptar social e economicamente em oficinas especiais, ou, em alguns casos, em tarefas rotineiras sem supervisão.	Sempre precisará de assistência.

Fonte: Adaptada de Vieira *et al.*(1994).

Os históricos presentes nos prontuários passam em sua maioria pelo diagnóstico de deficientes mentais treináveis – o que, segundo a tabela, corresponde a pessoas com uma grande variedade de problemas ou distúrbios neurológicos, restando como expectativa para esse grupo, a adaptação em oficinas para o treino de tarefas rotineiras e aprendizados manuais a fim de conseguir a manutenção da independência financeira. Questiono, ao analisar essas informações, se o encaminhamento dado a essas pessoas teria sido distinto se fossem desde o princípio diagnosticados apenas (nos casos sem ocorrência de mais de uma deficiência) como surdos. Como se sentiam ao serem educados em salas com pessoas com deficiência mental, sem que eles o fossem? Em que medida isso comprometia sua autoimagem, identidade e desenvolvimento interpessoal? São questões que ficam suspensas nessas histórias passadas.

#### **5.1.4 Famílias**

Essa parte da análise dos prontuários é bastante sensível porque revela muitas situações difíceis pelas quais os surdos passaram e infelizmente ainda hoje em dia passam. A família que geralmente é o primeiro amparo de todo ser humano, pode ser também o primeiro lugar de conflito para crianças surdas – principalmente quando os pais são ouvintes. A interação dos surdos com sua família pode ser muito prejudicada dependendo da forma como a família lida com o diagnóstico de surdez.

(...) o processo de socialização da criança surda com pais ouvintes é, muitas vezes, conflitante desde o início. O conhecimento da surdez em uma criança supõe longos processos, tanto no estabelecimento do diagnóstico, como para que os pais elaborem sua frustração e comecem a aceitar a criança diferente do imaginado. São processos extremamente complexos e interferem no modo como os pais e especialistas vão construir uma determinada imagem social do que é a surdez e do que é a criança surda. (SILVA; PEREIRA; ZANOLLI, 2007, p.01).

As diferentes formas de como as famílias internalizam a ideia de ter um filho surdo oscilando entre extremos – apatia e falta de afetividade, negação e superproteção ficam evidentes nos excertos abaixo.

Figura 114 - Excertos Prontuários 25

Relacionamento:

entre pai e criança. Não há entendimento. A criança  
 entre mãe e criança. A mãe não tem muita paciência  
 entre irmãos e criança. Sente-se inferior  
 Impressão de mãe sobre sua família: Ela aceita...  
 Como os pais lidam com o sintoma: Não possuem muita tolerância

Fonte: Prontuário DF (leia-se "Relacionamento:

Entre pai e criança: Não há entendimento. A criança sente pavor

Entre mãe e criança: a mãe não tem muita paciência

Entre irmãos e criança: sente-se inferior

Impressão de mãe sobre sua família: ela aceita a família com os problemas que tem

Como os pais lidam com o sintoma: não possuem muita tolerância").

Figura 115 - Excertos Prontuários 26

É um adolescente revoltado com sua situação sócio - econômica  
 é muito precária, e vítima de problemas emocionais vivenciado  
 ambiente familiar.  
 Pais e irmãos não dão importância às suas dificuldades, cobra  
 lhe atitudes que não tem condições de assumir.

Fonte: Prontuário ES (leia-se "É um adolescente revoltado com sua situação sócio-econômica, é muito precária, e vítima de problemas emocionais vivenciado no ambiente familiar. (...) irmãos não dão importância às suas dificuldades, cobram lhe atitudes que não tem condições de assumir").

Figura 116 - Excertos Prontuários 27

Relacionamento Familiar: Regular, mto prejudicado  
 pelas cpto do pai e pela situação  
 financeira da família

Fonte: Prontuário ES (leia-se "Relacionamento familiar: Regular mto (sic - muito) prejudicado pelo cpto (sic - comportamento) do pai e pela situação financeira da família").

Figura 117 - Excertos Prontuários 28

... Qto à superproteção da mãe p/ c/ o cliente, esta admite dizendo que em casa ele briga até c/ os irmãos p/ conseguir o que quer. Ela não vê outra maneira p/ atendê-lo.

Fonte: Prontuário JB (leia-se “Qto (sic – quanto) à superproteção da mãe p/ c/ (para com) o cliente, esta admite dizendo que em casa ele briga até c/ (com) os irmãos p/ (para) conseguir o que quer. Ela não vê outra maneira p/ (para) atendê-lo (...).”).

Figura 118 - Excertos Prontuários 29

... realização da programação terapêutica. Percebe-se um certo desinteresse por parte da família em proceder tratamento da Instituição.

Fonte: Prontuário LM (leia-se “Percebe-se um certo desinteresse por parte da família em proceder tratamento da Instituição”).

Figura 119 - Excertos Prontuários 30

Tentamos orientar a mãe no sentido de deixar a filha mais independente. Salientamos a importância do estímulo e apoio a xxxxxxx para que continue frequentando a Instituição.

Fonte: Prontuário JG (leia-se “Tentamos orientar a mãe no sentido de deixar a filha mais independente. Salientamos a importância do estímulo e apoio a xxxxxxx para que continue frequentando a Instituição”).

Figura 120 - Excertos Prontuários 31

Relacionamento: Mãe x Filho  
 Procura evitar bater na filha, mas diz que tem dias que é impossível devido às suas teimosias e "gritos".

Relacionamento Familiar: os irmãos pequenos brigam muito c/ a menina. A mãe evita que eles agredam a irmã.

Fonte: Prontuário LM

(leia-se "Relacionamento mãe x filho

Procura evitar bater na filha, mas diz que tem dias que é impossível devido às suas teimosias e "gritos".

Relacionamento Familiar: os irmãos pequenos brigam mto (sic – muito) c/ (com) a menina. A mãe evita que eles agredam a irmã").

Figura 121 - Excertos Prontuários 32

A mãe sente muita dificuldade em dar a devida assistência à filha, pois tem os outros filhos para atender, aliando-se a isto, o baixo grau de escolaridade, o baixo nível sócio - econômico e a deficiência da mesma.

Fonte: Prontuário LM.

Figura 122 - Excertos Prontuários 33

A situação permanece a mesma, a mãe não demonstra interesse em participar do processo de reabilitação do filho.

Fonte: Prontuário LB (leia-se "A situação permanece a mesma, a mãe não demonstra interesse em participar do processo de reabilitação do filho").

Figura 123 - Excertos Prontuários 34

de 3.000,00 mensais.

O irmão de 17 anos não trabalha. O relacionamento entre mãe e a filha é bom, porém a mãe superprotege as atitudes da filha.

O relacionamento da cliente com o irmão é influenciado pela atitude de proteção que a mãe dispensa à filha que se mostra nervosa e revoltada pelo fato de ser deficiente.

Fonte: Prontuário RA.

Figura 124 - Excertos Prontuários 35

Relaciona-mento co os pais: co a mã  
é bu - O pai não dá carinho porque  
não quer dar confiança para ela não  
leve de.

A mãe não bate nem o pai.  
Pelo relato da mãe ela não tem pro-  
blemas de audição, mas é bom ver'fic.

Fonte: Prontuário RA (leia-se "Relacionamento com os pais: com a mãe é bom – O pai não dá carinho por que não quer dar confiança para ela não ser levada.

"A mãe não bate" nem o pai. Pelo relato da mãe ela não tem problemas de audição").



Figura 125 - Excertos Prontuários 36

A mãe se comunica com mímica. Insiste muito para que ele fale. Às vezes a mãe diz para falar papai, ele começa a rir.

Fonte: Prontuário ES (leia-se “A mãe se comunica com mímica. Insiste muito para que ele fale. Às vezes a mãe diz para falar papai, ele começa a rir”).

Figura 126 - Excertos Prontuários 37

Relacionamento: Mãe x filho  
 A mãe tem pena da filha e desgosto. Somente queixa-se da situação. Parece alheia ao problema.  
 Relacionamento familiar: Prejudicado pelo baixo nível sócio-econômico e pouca compreensão dos pais.

Fonte: Prontuário RS (leia-se “Relacionamento: mãe x filho  
 A mãe tem pena da filha e desgosto. Somente queixa-se da situação. Parece alheia ao problema.  
 Relacionamento familiar: Prejudicado pelo baixo nível sócio-econômico e pouca compreensão dos pais”).

Ao analisar os prontuários são indubitáveis os conflitos existentes nas famílias. Percebi de forma muito presente a apatia de muitos pais apresentando-se como falta de participação nas atividades propostas e reuniões da APAE, a alienação e falta de preocupação quando os profissionais davam os feedbacks sobre os filhos. Outro sentimento presente nos recortes é a raiva e frustração apresentados através da falta de tolerância, paciência dos pais. É interessante notar que a causa apontada para os comportamentos dos pais é a deficiência da criança, ou a forma negativa como a criança interagia e reagia às situações. Novamente a surdez aparece sob um triste estigma social - como anormalidade e conflito. Além disso, os prontuários relacionam a falta de poder econômico com a falta de interesse e envolvimento, o que me parece na verdade estar relacionado à falta de esclarecimento dos pais acerca da surdez.

Está presente também a alienação emocional, o olhar de “desgosto” bem como a falta de afetividade, sob o pretexto de não endossar comportamentos negativos que as crianças poderiam ter – geralmente a figura paterna aparece como mais distante, figurando com comportamentos violentos, agressivos ocasionando “pavor” ou “revolta”. As situações de agressividade e conflito se estendem ao restante da família – aos irmãos, em situações de possível agressão física, ciúmes e cobranças. Aparecem também as famílias que superprotegem seus filhos surdos e não conseguem vê-los como independentes. O negacionismo também figura nas anotações, com mães que dizem que seus filhos escutam, mesmo sendo claramente surdos ou quando, mesmo se comunicando com o filho por gestos, ainda assim o força a falar – como se as tentativas repetidas pudessem mudar a surdez do filho.

Abro uma lacuna nessa descrição sobre relações familiares, para narrar a história de um surdo específico que estava presente nos prontuários. A história desse surdo é um quebra-cabeça de relatórios de assistentes sociais, psicólogos e de prontuários da APAE. Os relatórios apontam que CM, jovem surdo foi encontrado em dois municípios distintos, em duas ocasiões diferentes, fugindo de sua família que morava em Laguna. As cidades nas quais o adolescente foi encontrado eram distantes de Laguna. A seguir compartilho o primeiro relatório do caso, quando foi encontrado em Porto União:

Figura 127 - Laudo de Porto União



ESTADO DE SANTA CATARINA  
 PODER JUDICIÁRIO  
 COMARCA DE PORTO UNIÃO

Of. nº 15/89

Porto União, 20 de março de 1989.

Sra. Psicóloga  
 (Este segue somente para  
 que se confirme sua  
 identidade. Sua conhecida  
 em Porto União como  
 se vê em sua cidade, seu nome completo é  
 Adeline  
 Tenho a honra de encaminhar a Vossa  
 Excelência o menor [redacted] com 12 anos de idade, surdo  
 que não fala, que foi encontrado no ônibus da Empresa Reunidas  
 S/A, que faz a linha Frederico Westfalen-RS a São Paulo-SP, com  
 passagem por esta Cidade e Comarca.

Fonte: Prontuário CM.

Não fica claro o encaminhamento dado nesse caso, e o relatório a seguir revela uma nova fuga, dessa vez para o município de Timbó, sendo o adolescente encaminhado para Blumenau onde recebeu atendimento especializado.

## Figura 128 - Relatório de Blumenau – Parte A

RELATÓRIO

Nome do menor: não identificado -

- D. N.

/ 76

Idade: aproximadamente 13 anos

País:

Com relação a situação atual do menor deficiente auditivo que se encontra detido desde novembro/89 no R.P.M. (Recolhimento Provisório do Menores) da Comarca de Blumenau, informamos que:

O menor foi encaminhado a sub-coordenação de Reintegração Social do menor através do Juizado de Menores do Município de Timbó, uma vez que se encontrava detido na Delegacia por estar perambulando, machucado, sem nenhuma identificação que possibilitasse localizar a sua procedência.

Os técnicos da Coordenadoria Regional de Blumenau mantiveram contato com o Plantão de atendimento, que providenciou o seu encaminhamento ao R.P.M. até que se efetuasse as medidas necessárias. Na ocasião a criança portava uma mochila com algumas peças de roupa, bem como alguns produtos de higiene pessoal. Estava de cabeça raspada, e com alguns machucados no corpo.

O Plantão de Atendimento manteve contato com as Delegacias de Polícia de Blumenau e através da prévia autorização do Juiz de Menores em exercício solicitamos a ajuda do Jornal de Santa Catarina e R.B.S. TV que notificou matéria sobre o seu desaparecimento.

Os técnicos da sub-coordenação encaminharam o menor para consulta no departamento de Deficientes Auditivos do Colégio Pedro II, e junto a Fonoaudióloga da Prefeitura Municipal de Blumenau - Saúde escolar (vide relatório).

Foi mantido contato com diversas APAES da região, sem muito resultado uma vez que se encontravam em período de férias. Paralelamente conversamos com a Prefeitura de Benedito Novo, pois havia uma pequena possibilidade de que o menor morasse próximo à essa região.

## Figura 129 - Relatório de Blumenau – Parte B

Conclusão:

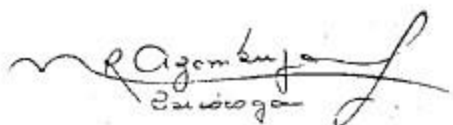
Durante o período de permanência do menor no R.P.M. pudemos observar me lhoras, principalmente na área comportamental. No início se mostrava arredio, ner voso, com dificuldade no contato. Aos poucos, sentindo-se aceito pela equipe de monitores, passou a auxiliar nas tarefas solicitadas estabelecendo um relaciona mento mais amistoso com os funcionários e com os outros menores que se encontra vam detido no mesmo local. Em nenhum momento tentou fugir, muito embora tivesse tido oportunidade para fazê-lo quando de suas idas para consultas com os terapeu tas, jornal, colégio...

Esses fatos nos levam a crer que o retorno a família talvez não seja a alternativa mais adequada nesse momento. Mencionamos ainda que em nenhum momen to o menor manifestou desejo em voltar para casa. Em contato com o Comissário de Laguna sabemos que os pais não deram queixa do desaparecimento do filho. Soub ram do ocorrido através dos vizinhos que viram a sua foto no jornal.

INDICAÇÃO:

Uma vez que a família parece não ter a mínima condição econômica e af tiva de estimular o filho a frequentar a APAE, sugerimos que o mesmo seja enca minhado a uma CBEA DE REGIME FECHADO. No caso de Laguna não contar com esse tipo de Entidade, indicamos o Lar São Gabriel- Florianópolis, que mantém na sua equipe funcional técnicos especializados para atuar com esse tipo de clientela.

A Coordenadoria Regional de <sup>B</sup> Blumenau se coloca a disposição caso surjam necessidade de outras e diferentes orientações.

  
R. Aguiar  
Psicóloga

O relatório preliminar da Coordenadoria Regional de Blumenau, dá conta de aspectos pontuais acerca da situação de CM. É possível observar que o jovem novamente estivesse fugindo de casa, em uma situação crítica uma vez que estava machucado e com a cabeça raspada, e o fato de os pais não terem sequer reclamado seu desaparecimento revela o distanciamento afetivo – “a família não tem a mínima condição econômica e afetiva de estimular o filho...”. A conclusão do relatório desaconselha a volta do jovem para a família. Além disso, aponta que o jovem foi acolhido em uma instituição para menores durante um tempo e que passou por uma consulta no Departamento de deficientes auditivos do Colégio Pedro II. O relatório seguinte a essa consulta, apresento a seguir.

Figura 130 - Relatório – Parte 1



**PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU**  
ESTADO DE SANTA CATARINA

Secretaria de Saúde  
e Bem Estar Social  
Serviço de Saúde Escolar

LAUDO FONOAUDIOLÓGICO

Nome da criança: não identificado (é chamado de Zé  
Idade: aproximadamente 12 anos (13 anos - [redacted] 76)  
Escolaridade: desconhecida  
Fonte: RPM

Dados do Histórico:  
Data da Avaliação: 9/01/90 e 11/01/90  
Informante: Psicóloga Regina e atendente Nair

O menor foi encontrado em Novembro de 1989 em Timbõ, com uma mochila e uma sacola contendo seus pertences (muda de roupa e material de higiene). Nenhuma identificação acompanhava o menor. Foi levado ao RPM, onde permanece até hoje. Não apresentou problemas de interação no período. Executa as tarefas do dia a dia sob comando. **Comunica-se através de gestos indicativos e representativos. Protestos são expressos através de gritos. É independente, relaciona-se bem, e não apresentou comportamentos inadequados. Aparenta apresentar uma Deficiência Auditiva.**

Fonte: Prontuário CM.

Figura 131 - Relatório – Parte 2

E chamado de " " no RPM, e, através de gestos disse que havia fugido de casa, por ser obrigado a trabalhar na roça e apanhar. No entanto, devido à dificuldade de confirmar as informações, há dúvidas sobre a fidedignidade das mesmas.

As tentativas de elucidação do caso incluem:

- a) Exame efetuado por uma professora especializada do Colégio Pedro II;
- b) Contato com um Deficiente Auditivo adulto.

Ambas as tentativas foram infrutíferas.

Segundo a psicóloga, apresentou bom desempenho em provas de construção .

Dados do Exame de Comunicação:

Examinadora: Bernadete F. Mazzucca, Fonoaudióloga.

Fonte: Prontuário CM.

Figura 132 - Relatório – Parte 3



PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU  
ESTADO DE SANTA CATARINA

cont.

Provas aplicadas: Audiometria tonal liminar, amostra de comunicação espontânea com a terapeuta, atendente e psicóloga.

A audiometria tonal liminar não pode ser efetuada de maneira adequada em virtude de o equipamento não se encontrar funcionando. Foi dado um estímulo de 100 dB, em ambos os ouvidos, mas a resposta não foi consistente. A atendente do RPM referiu que "Zé" aumenta o volume do rádio, e às vezes reage à sons.

Sua vocalização foi escassa no primeiro contato, e aumentou no segundo, em virtude de o menor estar envolvido em atividade lúdica. A vocalização é pobre, consiste principalmente de gritos e resmungos não articulados. A expressão facial é rica em mímica. Sua comunicação se dá predominantemente através de gestos indicativos e representati sendo bastante efetiva para comunicar necessidades e noções concreta:

Apresentou dificuldade em imitar posturas articulatórias modeladas pela terapeuta. No entanto, na segunda visita, conseguiu com mais facilidade. Aprendeu com facilidade o procedimento do jogo, e esforçou-se para manter a comunicação.

No que tange à comunicação gráfica, ele consegue imitar formas geométricas, com facilidade e traço firme, mas teve dificuldade em reproduzir vogais. Além disso, recusou-se a prosseguir a avaliação gráfica.

Fonte: Prontuário CM.

Figura 133 - Relatório – Parte 4

**Conclusão e Indicação:**

como é chamado, apresenta uma deficiência auditiva aparentemente moderada, associada a um déficit de comunicação carencial. Apresenta bom potencial para o aprendizado da comunicação, e sua performance sugere bom potencial intelectual geral.

Foi sugerido que a atendente e o pessoal do RPM utilizassem a fala associada aos gestos para motivar "Zé" à comunicação oral. Uma vez que ele deverá ser transferido a outra entidade, seria válido aumentar a demanda sobre sua comunicação enquanto ele está em ambiente protegido e conhecido.

Sugestões para o manejo futuro incluem realização de testagem audiométrica, treino em comunicação gestual (linguagem de sinais) e aproveitamento do seu potencial no aprendizado de uma profissão.

Fonte: Prontuário CM.

A consulta realizada no Departamento de deficientes auditivos do Colégio Pedro II gerou o relatório acima e este também é fonte de informações interessantes. Por exemplo, que CM usava de mímicas e expressões, além de sinais indicativos para poder se comunicar e que esse tipo de comunicação lhe era efetiva. Me chama muito a atenção a tratativa que os profissionais de Blumenau deram ao caso através de um encaminhamento que refletia conhecimento prévio das necessidades da pessoa surda, da língua de sinais como fator importante para o conforto linguístico. Esse fator fica evidente quando CM é encontrado e os profissionais chamam um surdo adulto para conversar com o jovem. Embora as primeiras tentativas tenham sido infrutíferas segundo o documento, essa decisão foi de muita sensibilidade – o de deixar um jovem surdo em fuga da família mais calmo na presença de um par adulto surdo. As orientações dadas pela entidade também são muito avançadas diante das orientações costumeiramente dadas pela APAE, que abordarei mais adiante. A Coordenadoria sugere para o jovem o “treino em comunicação gestual (linguagem de sinais)”, algo que vai na contramão da tendência oralista nas instituições especiais. Os maus tratos vindos da família são contados pelo jovem, quando este explicou que era obrigado a trabalhar na roça e que apanhava – o que a instituição não confirmou. O que fica tangível é que o ambiente familiar não propiciava afeto, comunicação e tampouco aceitação.



Na sequência, os documentos nos contam como a história desse jovem prossegue, ao ser reencaminhado para a família com o aconselhamento de frequentar a APAE.

Figura 134 - Prontuário CM APAE Parte 1

- Paracer Social

Cliente: [REDACTED]

Idade: 13 anos

O menor [REDACTED] procede de família numerosa, composta pelo casal e 8 filhos. Desse total de filhos, o menor e mais 4 irmãos são da primeira esposa [REDACTED], que abandonou o lar. Os outros 3 filhos são da segunda esposa do pai do menor.

O pai, [REDACTED] (66 anos), é natural da cidade de Orleans, não tendo no momento renda fixa, já que trabalha como [REDACTED]. O ambiente familiar não apresenta favorável (ativa e financeiramente) ao desenvolvimento do menor.

Família de nível sócio-econômico inferior, residente numa área do município de Laguna extremamente carente de recursos.

Figura 135 - Prontuário CM APAE Parte 2

PARECER PSICO-PEDAGÓGICO

Cliente: [REDACTED] Data nascimento: 01/08/76

Trata-se de menor portador de deficiência auditiva moderada (provável discusia neuro - sensorial), apresentando uma inteligência motora inferior à idade cronológica, e com fortes indicativos de comprometimento neurológico (a confirmar).

Apesar de não ter sido possível a aplicação de um teste de inteligência, suspeita-se que seu desempenho intelectual tenha sido prejudicado pelo déficit de comunicação que apresenta pela falta de atendimento pedagógico adequado e constante, falta de estimulação no lar e pela privação sócio-econômica da família.

Acredita-se que o aluno possa vir a desenvolver seu potencial intelectual caso estas condições sejam atendidas. No entanto, o atendimento do menor nesta instituição tem sido prejudicado pela sua frequência irregular, e pela falta de condições materiais e financeiras da família em contribuir no atendimento de suas necessidades mais prementes.

Sugere-se a internação do menor em obra de regime fechado onde seria possibilitado o atendimento integral e permanente nas áreas física, afetiva, social e pedagógica.

Fonte: Prontuário CM.

O relatório da APAE, através dos prontuários de acompanhamento, revelam que a situação da família de CM continua a mesma. E que o jovem, privado de estímulo familiar e com frequência irregular à APAE, se prejudica ao não se comunicar. O ambiente familiar desajustado para CM fica marcado na frase final do relatório quando se sugere uma internação em regime fechado para que na área física, afetiva, social e pedagógica, suas necessidades sejam atendidas. Mais tarde no mesmo ano, a APAE registra que o jovem abandonou a instituição. E nesse

ponto, ressalto mais uma vez, as tristes consequências do comportamento familiar tóxico para crianças e jovens surdos – que já se observavam no passado e que infelizmente ainda se fazem presentes no cotidiano de muitos surdos.

A APAE, ao realizar as anamneses com as famílias, também questionava qual era o intuito ao matricularem seus filhos na instituição, quais eram suas aspirações e como imaginavam o futuro dos filhos. Nas respostas, observei um retrato da necessidade de normalização, causado, talvez, pela visão médica predominante no século passado com a que os pais de surdos tinham contato, pela frustração de expectativas por não terem filhos “normais”, pelo desamparo e negacionismo da real identidade de seus filhos, o que fica evidente na falta de expectativas em relação ao futuro.

Figura 136 - Excertos Prontuários 38

6. Nível de aspiração em relação à criança:  
 O que espera da APAE.....  
 ..... pro. f. normalização. .....

Fonte: Prontuário AB (leia-se “Nível de aspiração em relação à criança: O que espera da APAE: profissionalização”).

Figura 137 - Excertos Prontuários 39

NÍVEL DE ASPIRAÇÃO EM RELAÇÃO À CRIANÇA:  
 O que espera da <sup>apae</sup> F.C.E.B. .. que aprenda a falar um ..  
pouco ..

Fonte: Prontuário AB (leia-se “Nível de aspiração em relação à criança: O que espera da APAE: que aprenda a falar um pouco”).

Figura 138 - Excertos Prontuários 40

NÍVEL DE ASPIRAÇÃO EM RELAÇÃO À CRIANÇA:  
 O que espera da ~~APAE~~ ..... queria que o filho aprendesse

Fonte: Prontuário ES (leia-se “Nível de aspiração em relação à criança: O que espera da APAE: queria que o filho aprendesse”).

Figura 139 - Excertos Prontuários 41

.....  
 Pretensões: quer que o filho aprenda a escrever  
e a falar.

Fonte: Prontuário JB (leia-se “Pretensões: Quer que o filho aprenda a escrever e a falar”).

Figura 140 - Excertos Prontuários 42

.....  
 6. Nível de aspiração em relação à criança:

O que espera da APAE:

..... que se alfabetize.

Fonte: Prontuário JB (leia-se “Nível de aspiração em relação à criança: O que espera da APAE: que se alfabetize”).

Figura 141 - Excertos Prontuários 43

.....  
 Pretensões: acha que a filha qdo usar apa-  
relho vai falar.

Fonte: Prontuário LM (leia-se “Pretensões: acha que a filha qdo (sic quando) usar aparelho vai falar”).

Figura 142 - Excertos Prontuários 44

A cliente, devido à sua deficiência é bastante agressiva com as pessoas e se irrita facilmente quando não consegue o que quer. A mãe acha que com o uso do aparelho, a filha consiga se comportar mais ou menos dentro da normalidade, porém a família não dispõe de recursos financeiros para a aquisição do mesmo, pois a única renda que possuem é o apesento do pai.

**DIAGNÓSTICO:**

A família da cliente apresenta nível sócio-econômico inferior. Não dispõe de recursos financeiros para a compra do aparelho. O uso do mesmo é essencial para a reabilitação da cliente.

Fonte: Prontuário LM.

Figura 143 - Excertos Prontuários 45

**NÍVEL DE ASPIRAÇÃO EM RELAÇÃO À CRIANÇA:**

O que espera da P.C.E.L. <sup>apae</sup> ~~que aprenda alguma coisa~~ .....

Fonte: Prontuário LB (leia-se "Nível de aspiração em relação à criança: O que espera da APAE: que aprenda alguma coisa").

Figura 144 - Excertos Prontuários 46

Como prevem o futuro de seu filho <sup>nao pensaram sobre isso</sup> .....

Fonte: Prontuário MN (leia-se "Como prevem o futuro do seu filho: Não pensaram sobre isso").

Figura 145 - Excertos Prontuários 47

**NÍVEL DE ASPIRAÇÃO EM RELAÇÃO À CRIANÇA:**

O que espera da P.C.E.L. <sup>apae</sup> ~~que aprenda a ler e a escrever~~ .....

Fonte: Prontuário MN (leia-se "Nível de aspiração em relação à criança: que aprenda a ler e a escrever").

Figura 146 - Excertos Prontuários 48

Como preveem o futuro de seu filho Esperam que aprenda alguma coisa para poder sustentar a si mesmo um dia, qdo eles tiverem falecido.

Fonte: Prontuário RA (leia-se “Como preveem o futuro de seu filho: Esperam que aprenda alguma coisa para poder sustentar a si mesmo um dia qdo (sic quando) eles tiverem falecido”).

Figura 147 - Excertos Prontuários 49

O que você espera da escola?  
— Principalmente que ela ouvisse e falasse

Fonte: Prontuário RA (leia-se “O que você espera da escola: Principalmente que ouvisse e falasse”).

Figura 148 - Excertos Prontuários 50

NÍVEL DE ASPIRAÇÃO EM RELAÇÃO À CRIANÇA:  
O que espera da APAE que ela se torne + esperta.

Como preveem o futuro de seu filho ... não pensou nisso.

Fonte: Prontuário RD (leia-se “Nível de aspiração em relação à criança: O que espera da APAE: que ela se torne + (mais) esperta.

Como preveem o futuro de seu filho: não pensou nisso”).

Figura 149 - Excertos Prontuários 51

Pretensões: *que a filha aprenda a fazer qualquer atividade*

Fonte: Prontuário RD (leia-se "Pretensões: que a filha aprenda a fazer qualquer atividade").

Figura 150 - Excertos Prontuários 52

NÍVEL DE ASPIRAÇÃO EM RELAÇÃO À CRIANÇA  
O que espera da APAE: *que aprenda algo de útil*

Como preveem o futuro de seu filho: *esperam que possa tornar-se independente*

Fonte: Prontuário VV (leia-se "Nível de aspiração em relação à criança: O que espera da APAE: que aprenda algo de útil

Como preveem o futuro de seu filho: Esperam que possa tornar-se independente").

Os excertos demonstram com clareza que a os pais que buscavam a APAE tinham a esperança e o desejo que seus filhos voltassem a ouvir e a falar, que se alfabetizassem, que aprendessem a escrever, que aprendessem algo de útil, se possível algo que pudesse garantir sua independência, que se tornassem mais espertos e na menor das expectativas - que aprendessem qualquer atividade. É bastante impressionante perceber que no entendimento das famílias, o universo de aprendizagem dos filhos era reduzido ao fato de serem surdos. É claro que, como comentei anteriormente, essa perspectiva foi provavelmente influenciada pela própria visão da maior parte dos profissionais da saúde da época, mas ainda assim, é flagrante a limitação do entendimento acerca de outras possibilidades de vida para os surdos envolvendo uma forma diversa de comunicação e com isso, outra forma de acessar os aprendizados que alguns pais almejavam.

É digno de nota que ao falar de futuro, muitos, com uma atitude desenganada, diziam não ter pensado a respeito. Será que pensavam não haver possibilidade nenhuma? Seria um ato de desesperança? Dentre os 17 arquivos dos surdos, não houve nenhum pai que vislumbrou algo de positivo para o futuro de seu filho.

### 5.1.5 Sociabilidade

A forma como os surdos interagiam também foi objeto de registro nos documentos. Também através de alguns registros podemos inferir se os surdos tinham contato uns com os outros.

Figura 151 - Excertos Prontuários 53

.....  
 Como tomou conhecimento sobre o problema do seu filho *Começou...*  
*... a nota e... que... quase... não... falava... dizendo*  
*algumas palavras com dificuldade e etc.....*  
*... muito triste e mais quieto que os outros.*

Fonte: Prontuário AB (leia-se “Como tomou conhecimento do problema do seu filho: Começou a nota que quase não falava dizendo palavras com dificuldade e era muito triste e mais quieto que os outros”).

Figura 152 - Excertos Prontuários 54

Repercussões sociais (família, escola, vizinhança, etc) e  
 subjetivas na criança: *A... menina... sentia-se*  
*inferior... às... crianças... de... sua... faixa etária*  
*o que... deixa-lhe bastante revoltada.*

Fonte: Prontuário DF (leia-se “Repercussões sociais (família, escola, vizinhança, etc.) e subjetivas na criança: A menina sentia-se inferior às crianças de sua faixa etária o que deixa-lhe bastante revoltada”).



Figura 153 - Excertos Prontuários 55

Tem amigos? *Sim*  
 Fica muito tempo sozinho? *Sim*

Fonte: Prontuário DF.

Figura 154 - Excertos Prontuários 56

**9. Conclusão Diagnóstica Final.**  
 - Cliente portador de deficiência auditiva por supurada com alguns indicadores de deficiência mental leve (pouco evidentes). **Registre-se dificuldades emocionais ligadas à condição de DA que estão interferindo na auto imagem.** DMA

Fonte: Prontuário ES

Figura 155 - Excertos Prontuários 57

Qual a maior preocupação em relação ao filho: *o problema de surdez, vive perguntando p/ a mãe porque não fala e reza muito*

Fonte: Prontuário ES (leia-se “Qual a maior preocupação em relação ao filho: o problema de surdez, vive perguntando p/ (para) a mãe porque não fala e reza muito”).

Figura 156 - Excertos Prontuários 58

*É revoltado com a surdez, às vezes fica agressivo.  
 Reza muito para que possa falar como os outros.*

Fonte: Prontuário ES (leia-se “É revoltado com a surdez, às vezes fica agressivo. Reza muito para (...) que possa falar como os outros”).

Figura 157 - Excertos Prontuários 59

O cliente mostra dificuldades em aceitar a própria deficiência e às vezes reage com revolta e agressividade.

Fonte: Prontuário ES (leia-se “O cliente mostra dificuldades ao aceitar a própria deficiência e às vezes reage com revolta e agressividade”).

Figura 158 - Excertos Prontuários 60

Apresenta dificuldades de relacionamento e pouco interesse.

Fonte: Prontuário JB (leia-se “Apresenta dificuldades de relacionamento e pouco interesse”).

Figura 159 - Excertos Prontuários 61

PARCELA PSICOLÓGICA  
Desempenho muito lento em todas as áreas. Dificuldade de relacionamento decorrentes da deficiência auditiva - este

Fonte: Prontuário LB (leia-se “Parecer psicológico: Desempenho muito lento em todas as áreas. Dificuldade de relacionamento decorrentes da deficiência auditiva”).

Figura 160 - Excertos Prontuários 62

11) Contatos lúdicos e sociais : Brinca com crianças maiores que ela, começa brincar com as crianças, mas sempre termina brigando.

Fonte: Prontuário LB (leia-se “Contatos lúdicos e sociais: Brinca com crianças maiores que ela, começa a brincar com as crianças, mas sempre termina brigando”).

Figura 161 - Excertos Prontuários 63

Lazer: se brinca ... sim ...  
com quem ... com objetos (fios, pedaços de pano) ... não tem

Fonte: Prontuário RS (leia-se “Lazer: se brinca – sim Com quem – com objetos (fios, pedaços de pano)”).

Figura 162 - Excertos Prontuários 64

Lazer: se brinca ... nos ...  
com quem ... do muito es...

Fonte: Prontuário VV (leia-se “Lazer: se brinca – não  
Com quem –”).

Figura 163 - Excertos Prontuários 65

mativo se que entendia as informações de técnica ...  
bem relacionamento familiar e na escola comunicação por gestos.

Fonte: Prontuário VV (leia-se “Fez sinal afirmativo de que entendia as informações da técnica, bom relacionamento familiar e na escola comunicação por gestos”).

Os registros apontam para o isolamento que esses surdos sofreram enquanto crianças. É duro observar nos registros a solidão da falta do brincar, da falta de registro do contato desses surdos com seus pares, de perceber que muitos ficavam tão sós que brincavam com objetos. Também, os problemas de autoimagem, de revolta com a própria surdez, os pedidos de reabilitação auditiva para Deus, as revoltas, agressividades podem ser entendidas como resultados da falta de comunicação apropriada da qual essas crianças foram privadas durante tanto tempo. Surdos que não convivem com seus pares, se sentem desiguais e podem sim, se sentir inferiores como bem descreveu um dos excertos do prontuário. Destaco aqui, a confusão de foco no momento da descrição da situação dessas crianças e jovens: as dificuldades de relacionamento não eram decorrentes da deficiência auditiva e sim da falta de oferecimento de uma outra possibilidade comunicativa – a Libras. O último excerto, do surdo VV, oferece pistas de como a interação e comunicação se estabelecia em casa e na escola e se mostrava possível: “por gestos”.

Pelo que analisei dos documentos, alguns surdos eram colocados juntos na mesma sala de aula – acredito que provavelmente foi para muitos dos que estavam

ali, o primeiro contato com outros surdos e entre si estabeleciam comunicação. Parece que de fato não havia contato com outras surdos – de qualquer faixa etária – fora da APAE. Entre os 17, 2 surdos tinham familiares surdos. A seguir, compartilho os excertos de onde parte essa análise.

Figura 164 - Excertos Prontuários 66

O irmão tbém é surdo mudo e frequenta  
APAE

Fonte: Prontuário AB (leia-se “O irmão tbém (sic também) é surdo mudo e frequenta APAE”).

Figura 165 - Excertos Prontuários 67

Entrevista com a mãe:  
Em 20/03/80 - A família acha que separando os dois renderá melhor, uma vez que apresentou maior produtividade e rendimento escolar que o irmão.

Lucia  
LUCIA DE ANDRADE LEI  
Psicóloga  
CRP05 - Registro nº 1941

Fonte: Prontuário AB (leia-se “Entrevista com a mãe em 20/03/80 – a família acha que separando os dois renderão melhor, uma vez que apresentou maior produtividade e rendimento escolar que o irmão”).

Figura 166 - Excertos Prontuários 68

A mãe esteve na escola para saber como a filha iria para a APAE. Explicamos que iria com xxxxxx que mora na mesma localidade.

offreio.

Fonte: Prontuário DF (leia-se “A mãe esteve na escola para saber como a filha viria para a APAE. Explicamos que viria com xxxxxx que mora na mesma localidade”).

Figura 167 - Excertos Prontuários 69

3. Bom relacionamento familiar e na escola. comunica-se com professores e com o grupo de colegas (através de gestos) e consegue fazer-se entender pelos mesmos. É muito prestativa.

Fonte: Prontuário VV (leia-se “Bom relacionamento familiar e na escola. Comunica-se com professores e com o grupo de colegas (através de gestos) e consegue fazer-se entender pelos mesmos. É muito prestativa”).

Figura 168 - Excertos Prontuários 70

A FAMÍLIA TEM CONHECIMENTO DE ALGUMA CRIANÇA COM ALGUMA DEFICIÊNCIA NA COMUNIDADE ?

SIM

NÃO

Fonte: Prontuário MF.

Figura 169 - Excertos Prontuários 71

Casos de 4 pessoas surdo-mudas na família, inclusive a avó que reside com o aluno.

Fonte: Prontuário JN (leia-se “Casos de 4 pessoas surdo-mudas na família, inclusive a avó que reside com o aluno”).

Os surdos que foram arrolados através desses documentos percebi que estes não viviam próximos. E que com exceção de dois casos, viviam em bairros distintos. Mesmo os surdos que viviam no mesmo bairro não moravam perto um do outro, inclusive nesse caso, a APAE orientou que viessem juntos para a escola. Isso me faz pensar que pudessem desenvolver sua comunicação e interação nesses momentos. É notável que a maior parte das famílias registraram não conhecer

outros “deficientes”. Os excertos nos mostram que em duas famílias havia surdos. Em uma, os dois irmãos surdos frequentavam a APAE juntos e mais tarde a família resolveu separá-los para que o que “rendia melhor” na escola não fosse afetado pelo que não apresentava o mesmo rendimento. Infelizmente essa ideia desconsidera o vínculo importante de comunicação que os irmãos poderiam estabelecer entre si, convivendo. Embora não possa realizar nenhum tipo de análise de cunho médico, me parece que separar dois irmãos surdos é mais uma forma de isolamento. Outro dado bastante importante, é o da família de JN em que havia 4 surdos, sendo que uma era sua avó. Levando em consideração que a avaliação foi realizada entre os anos de 78-90, e que provavelmente a avó teria mais que 40 anos, é possível pressupor que ela seja uma das surdas aventadas no censo de 1940 e que suas filhas também, embora essas últimas não se possa ter certeza porque não consegui registro de suas idades.

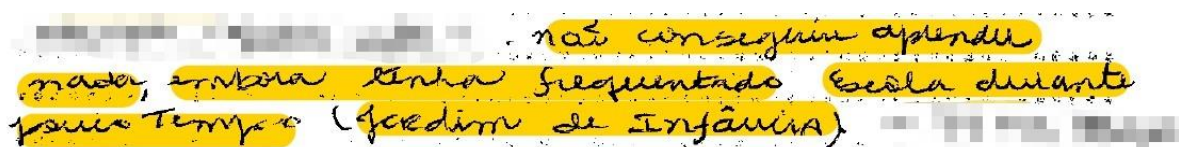
Novamente o registro nos traz a ideia de que os surdos que estavam na APAE socializavam entre si usando sua língua de sinais, a qual a técnica denomina “gestos”, e que “se faziam entender pelos mesmos”. Embora nos prontuários eu tenha encontrado poucos registros do benefício da língua de sinais para os surdos, alguns recortes como os que consegui apresentar até agora reforçam a ideia de que por meio dela os surdos podiam se expressar e interagir com seus iguais.

### **5.1.6 Escola**

Por conta da COVID 19 e das restrições impostas à maior parte das escolas bem como aos setores administrativos, não consegui receber informações das escolas nem tampouco das gerências de educação estadual e municipal acerca do histórico de atendimento aos surdos em Laguna. Por isso, não foi possível estabelecer com certeza a partir de que ano, algumas escolas lagunenses passaram a receber surdos em seus quadros discentes. O que é certo afirmar, é que ao menos a partir de 1979, a Escola Saul Ullysea, a Escola de Educação Básica Jerônimo Coelho e a Colégio Ana Gondim já haviam recebido surdos em suas classes. Não havia nessa época, ao que tudo indica, um serviço especializado como o oferecido pela Escola Pedro II em Blumenau. Porém, por conta de poucas informações, opto por deixar em aberto quando que as matrículas de surdos começaram a ser aceitas

e qual era a natureza do atendimento realizado. Os recortes dos documentos apontam, em sua maioria, que os surdos não conseguiam permanecer em classes regulares e que poucos haviam ido a outra escola antes da APAE.

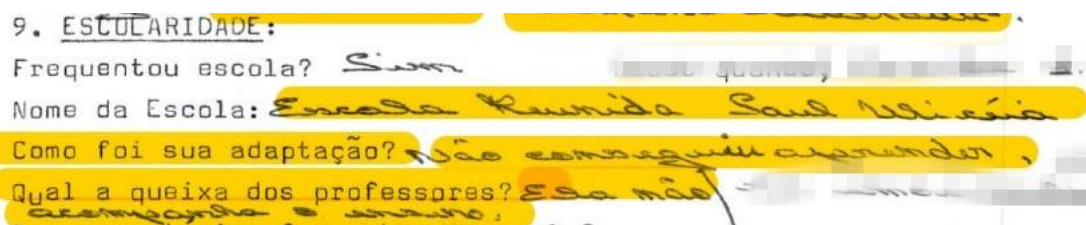
Figura 170 - Excertos Prontuários 72



não conseguiu aprender nada, embora tenha frequentado escola durante pouco tempo (Jardim de Infância)

Fonte: Prontuário AB (leia-se “Não conseguiu aprender nada, embora tenha frequentado a Escola durante pouco tempo (Jardim de Infância)”).

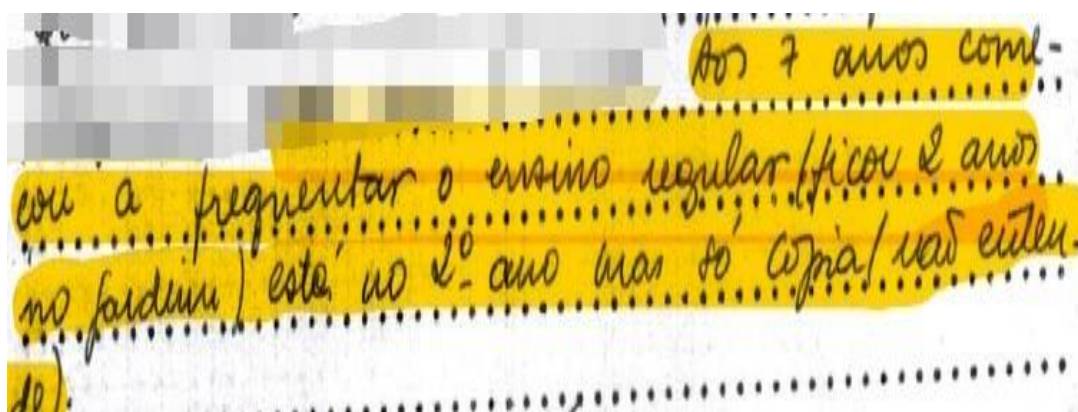
Figura 171 - Excertos Prontuários 73



9. ESCOLARIDADE:  
 Frequentou escola? Sim  
 Nome da Escola: Escola Reunida Saul Ulicéia  
 Como foi sua adaptação? Não conseguiu aprender  
 Qual a queixa dos professores? Ela não acompanha o ensino

Fonte: Prontuário DF (leia-se “Escolaridade: Frequentou a escola? Sim. Nome da Escola: Escola Reunida Saul Ulicéia (sic Ulysséa) Como foi sua adaptação? Não conseguiu aprender Qual a queixa dos professores? Ela não acompanha o ensino”).

Figura 172 - Excertos Prontuários 74



Aos 7 anos começou a frequentar o ensino regular / ficou 2 anos no jardim / está no 2º ano mas só copia / não entende

Fonte: Prontuário DF (leia-se “Aos 7 anos começou a frequentar o ensino regular / ficou 2 anos no jardim / está no 2º ano mas só copia / não entende”).

Figura 173 - Excertos Prontuários 75

Origem do encaminhamento: .....  
 Instituição que frequenta: .. não frequentou nenhuma .....  
 .. instituições antes de ir para a APAE: .....

Fonte: Prontuário JB (leia-se “Instituição que frequenta: não frequentou nenhuma instituição antes de ir para a APAE”).

Figura 174 - Excertos Prontuários 76

10.03.88 A mãe nos procurou para receber orientações sobre sala de D.A. numa escola de ensino regular (Jerônimo Coelho). Explicamos que ela poderia matricular seu filho nesta escola para a alfabetização e à tarde prosseguiria na APAE na área de profissionalização. A mãe nos parece satisfeita pois o filho está cobrando dela este caso de frequentar um escola há tempo”

Fonte: Prontuário ES (leia-se “10/03/88 – A mãe nos procurou para receber orientações sobre a sala de D.A. numa escola de ensino regular (Jerônimo Coelho). Explicamos que ela poderia matricular seu filho nesta escola para a alfabetização e à tarde prosseguiria na APAE na área de profissionalização. A mãe nos parece satisfeita pois o filho está cobrando dela este caso de frequentar uma escola há tempo”).





Figura 175 - Excertos Prontuários 77

Como tomou conhecimento sobre o problema do seu filho .....  
 O pai que matriculou na escola normal  
 foi que notou e as professoras tbém (sic também)  
 disseram que não tinha condições nenhuma de  
 acompanhar a aula

Fonte: Prontuário MN (leia-se “Como tomou conhecimento sobre o problema do seu filho: Depois que matriculou na escola normal foi que notou e as professoras tbém (sic também) lhe disseram que não tinha condições nenhuma de acompanhar a aula”).

Figura 176 - Excertos Prontuários 78

Estado de Santa Catarina  
 Secretaria de Estado da Educação  
**ESCOLA «SOLAR DA TERNURA» - APAE**  
 Laguna - Av. João Pinho 785 - Bairro Mar-Grosse

### FICHA DE MATRICULA

01.	Nome do Aluno	Local e data de nascimento	Sexo
		Laguna, 1963 (1963)	Masc.
	Frequentou outra escola? Qual?		Quanto Tempo?
	Sim (1 semana) Ana Gondim		1 semana

Fonte: Prontuário VV (Frequentou outra escola? Qual? Sim (1 semana) Ana Gondim. Quanto tempo? 1 semana”).

Figura 177 - Excertos Prontuários 79

Escolaridade: ficou uns 15 dias, mas chegava  
 chorando porque as outras crianças o maltravam  
 muito.

Fonte: Prontuário VV (leia-se “Escolaridade: Ficou uns 15 dias, mas chegava chorando porque as outras crianças o maltravam”).

Pelo que é possível compreender dos documentos, os pais chegavam até a APAE em duas situações distintas: depois de uma tentativa frustrada de que o filho frequentasse a escola regular ou escolhendo a APAE como única instituição possível para o filho. Aparentemente das 3 escolas citadas, a Escola Ana Gondim (atualmente Escola de Educação Básica Ana Gondim) e a Escola Reunida Saul Ullysea (atualmente Escola de Educação básica Saul Ullysea) não tinham atendimento específico para surdos uma vez que as mães relataram que as professoras disseram que os filhos não conseguiam aprender nada ou que não conseguiam acompanhar o ensino, o que leva a crer que tanto a metodologia quanto os conteúdos eram os comuns e correntes para crianças ouvintes. Já em relação à Escola Jerônimo Coelho (hoje transformada em um colégio militar baixo outro nome) pelo que a mãe do aluno surdo informa, havia serviço para D.A – o que subentendo como um atendimento pedagógico para deficientes auditivos – e que o filho desejava estudar lá. De qualquer forma, fica evidente que o atendimento para surdos se concentrava na APAE e que nas escolas regulares sem serviço especializado citadas não havia metodologia específica e aparentemente tampouco comunicação em Libras. Somada a essa situação, pontualmente, o documento cita o bullying sofrido pelo aluno surdo e sua reação aos maltratos: “chegava chorando”. Embora não tenha encontrado mais registros de bullying, infiro que o desconhecimento dos docentes, aliado à visão da anormalidade, propiciassem o ambiente propício para esse tipo de situação com outros surdos.

#### **5.1.7 Plano pedagógico da APAE para os surdos**

Diante das queixas dos pais, dos encaminhamentos advindos de postos de saúde ou da FCEE, e dos diagnósticos engendrados dentro da APAE, eram realizados um plano de tratamento e um planejamento pedagógico que periodicamente poderiam ser reavaliados de acordo com as necessidades dos alunos. A seguir compartilharei algumas orientações repassadas pelos profissionais que realizavam as avaliações para a família e para a equipe de professores.

Figura 178 - Excertos Prontuários 80

- 9. Programação Terapêutica:**
- Audiometria
  - Avaliação clínica semestral
  - Atendimento das intercorrências
  - Exames laboratoriais quando necessários
  - Treinamento específico em audio-comunicação.
  - Desenvolvimento de programas visando a preparação profissional para futuro encaminhamento ao mercado de trabalho.
  - Acompanhamento individual para melhorar a aceitação pessoal
  - Orientação à família, preparando-a para lidar com a DA de modo mais positivo.
  - Promover integração com pessoas não deficientes.

Fonte: Prontuário DF.

Figura 179 - Excertos Prontuários 81

Orientação à mãe com objetivo de minimizar os problemas apresentados pelo cliente. Intensificar a comunicação verbal.

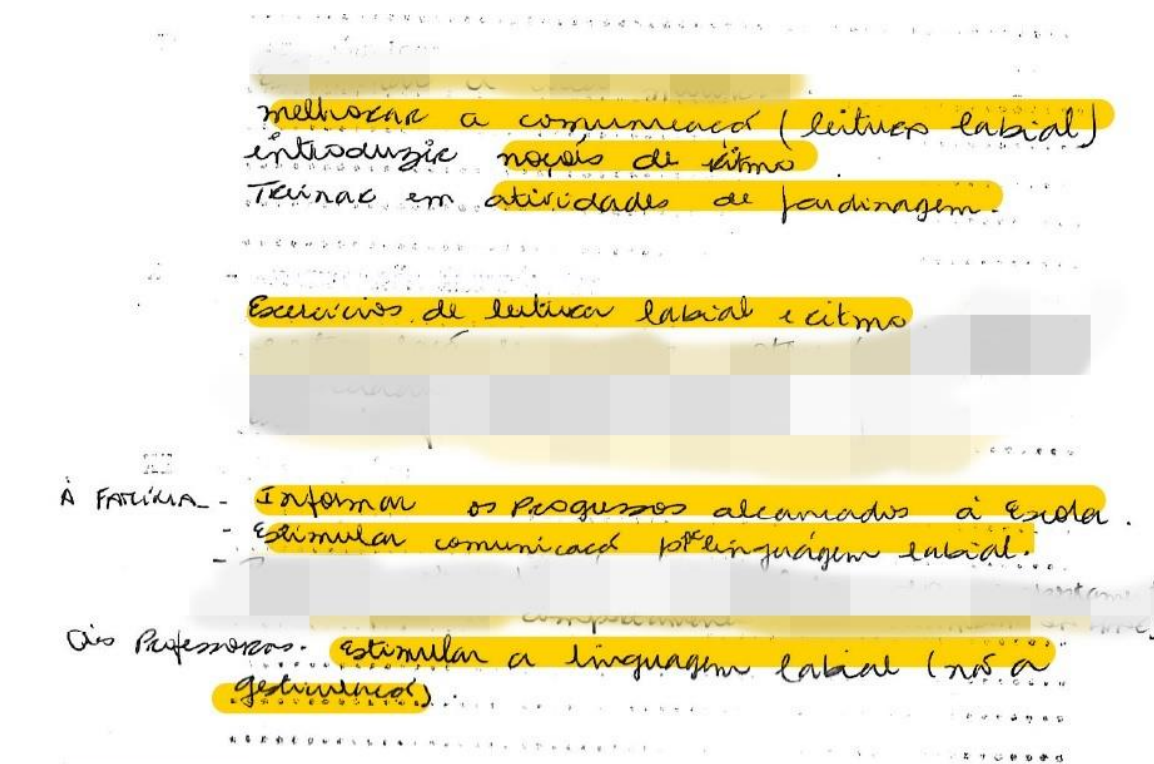
Fonte: Prontuário ES (leia-se "Orientação à mãe com objetivo de minimizar os problemas apresentados pelo cliente. Intensificar a comunicação verbal").

Figura 180 - Excertos Prontuários 82

Deve ser intensificada a programação na área de comunicação e expressão oral

Fonte: Prontuário JB (leia-se "Deve ser intensificada a programação na área de comunicação e expressão oral").

Figura 181 - Excertos Prontuários 83



Fonte: Prontuário LB (leia-se "Melhorar a comunicação (leitura labial) introduzir noções de ritmo. Treinar em atividades de jardinagem. Exercícios de leitura labial e ritmo.

À família: informar os progressos alcançados à Escola. Estimular comunicação por linguagem labial. Às professoras: Estimular a linguagem labial (não a gesticulação)"

Figura 182 - Excertos Prontuários 84

#### 4. PARECER:

Considerando a situação apresentada, torna-se necessário a consecução de prótese para a cliente [redacted], pois, o uso do aparelho ajudará a minimizar os problemas decorrentes de sua deficiência.

Fonte: Prontuário MF.

Figura 183 - Excertos Prontuários 85

O uso da prótese pela cliente desempenha papel fundamental em su desenvolvimento, razão pela qual torna-se necessária sua aquisição.

Fonte: Prontuário RA

Figura 184 - Excertos Prontuários 86

Prosegue c/ programação - trabalhos manuais para uma possível profissionalização (confeção de toalhas de prato)

Fonte: Prontuário APAE (leia-se "Proseguir c/ (com) programação – trabalhos manuais para uma possível profissionalização (confeção de toalhas de prato)").

Figura 185 - Excertos Prontuários 87

Responde favoravelmente a programação desenvolvida. Necessidade de orientar à família em relação ao uso excessivo de gestos para a comunicação que está interferindo no rendimento escolar

Fonte: Prontuário RA (leia-se "Responde favoravelmente a programação desenvolvida. Necessidade de orientar à família em relação ao uso excessivo de gestos para a comunicação que está interferindo no rendimento escolar").

Figura 186 - Excertos Prontuários 88

- Às professoras - Estimular a linguagem labial e não a gesticulação.

Fonte: Prontuário RA (leia-se “Às professoras – Estimular a linguagem labial e não a gesticulação”).

Figura 187 - Excertos Prontuários 89

Apresenta condições de treinamento em qualquer tipo de atividade tendo em vista não apresentar def. mental, atraso, tendo em vista a deficiência física.

Desenvolve a comunicação através de leitura labial

Exercícios de leitura labial

À família -

NÃO comunica-se com a aluna por gestos e sim através de leitura labial. Às professoras - Estimular a linguagem labial

Fonte: Prontuário VP (leia-se “Apresenta condições de treinamento em qualquer tipo de atividade tendo em vista não apresentar def. (deficiência) mental, (...) atraso, tendo em vista a deficiência física. desenvolver a comunicação através da leitura labial. exercícios de leitura labial. à família – não comunicar-se com a aluna por gestos e sim através de leitura labial. às professoras: estimular a linguagem labial”).

Os recortes que apresentei acima confirmam o que a historiografia dos surdos tem registrado. A trajetória da educação de surdos no Brasil a partir da década de 1950 foi predominantemente marcada pelo Oralismo como método na educação de surdos. O entendimento de que os gestos “eram prejudiciais às pessoas surdas” era prevalecente (ALBRES, 2005, p.28). Soares (1999) esclarece que o trabalho clínico era priorizado em relação ao pedagógico. E que o foco do atendimento, através do método oral, não se preocupava com conteúdos escolares, mas sim com o desenvolvimento da linguagem oral. Além disso, havia preocupação em treinar os surdos em atividades produtivas para que por fim, “reabilitados” oralmente e sabendo alguma atividade pudessem entrar no mercado de trabalho. Essa ideia está presente em várias orientações passadas aos familiares e aos professores: “estimular a leitura labial”, “necessidade de orientar a família sobre o uso excessivo de gestos para a comunicação está interferindo no rendimento escolar”, “não comunicar-se com a aluna por gestos e sim através de leitura labial”, entre outros. Quando analisei esses documentos, me pus a imaginar como deve ter sido duro para aqueles alunos, que não tinham contato com outros surdos fora da APAE, que muitas vezes estavam em famílias com pouco intento de comunicação, chegarem a uma instituição em que o contato que poderiam ter com professores e colegas surdos, através da língua de sinais, fosse podado e que suas famílias fossem orientadas a não se comunicar com eles – do único jeito que lhes era possível. O caminho da reabilitação oral era de fato, nessa época, a orientação fornecida – uma vez que na grande maioria dos prontuários encontrei indicações para a compra do aparelho como único caminho possível, “fundamental para o desenvolvimento”, ajudando a “minimizar os problemas decorrentes da deficiência”.

Fica palpável também, conforme Soares (1999) pontuou, a programação de aprendizado laboral a que todos eram submetidos. Alguns aprendiam a jardinagem, o ofício de manicure, outros marcenaria, produção de vassouras e de panos de prato. A questão era: reabilitação oral e inserção no mercado de trabalho.

### 5.1.8 Relato de memória de ES

Nessa primeira seção apresentei algumas impressões de como viviam os surdos da década de 70 a 90 a partir da análise documental. Porém, é muito importante podermos validar essas impressões com as memórias e experiências de quem de fato viveu nesse período e foi parte nesses acontecimentos. Dos 17 surdos, 15 não estão mais em Laguna. Os relatos de memória serão detalhados na seção seguinte. Porém, adianto aqui um trecho de uma entrevista com o surdo ES que viveu na época em que os prontuários da APAE foram produzidos e cujo prontuário está entre os que foram arrolados. Na entrevista, pedi que me relatasse um pouco do que se lembrava dessas experiências, de como era sua vida e de como se sentia a respeito de sua surdez. ES entrou na APAE em 1976, aos 5 anos e ficou lá até 1990.

*“Meu nome é ES. Sou surdo. Eu nasci surdo porque tive catapora. Quando criança eu desejei não ser surdo. Às vezes ficava chamando meu pai para que ele me explicasse o que eles ficavam falando. Eu estudei na APAE durante muitos anos. Entrei na APAE com 5 anos e fiquei lá até meus 17 anos. Na APAE tinha alguns surdos que estudavam comigo. Lembro de 7 surdos (ED faz os sinais deles). Mas hoje não tenho mais contato com eles, foram embora daqui. Lá eu não aprendi a ler ou a escrever, mas eu aprendi algumas coisas de marcenaria e a fazer vassouras. Eu gostava da APAE. Também estudei um pouco na Escola Jerônimo Coelho, mas não pude continuar... a situação financeira era muito difícil e eu precisava trabalhar. Eu comecei a trabalhar cedo... com 15 anos eu comecei a trabalhar em uma construção como pedreiro. Eu não era casado ainda, mas já trabalhava. Mais tarde, com 17 anos comecei a namorar e um pouco depois minha namorada ficou grávida. Então precisei trabalhar mais, trabalhei sozinho e em algumas obras. Hoje estou aposentado. Para me comunicar e resolver as coisas do dia a dia, minha filha ia comigo. Ela que resolvia para mim as coisas no banco. E eu trabalhava para trazer comida para casa. Agora não estou mais trabalhando porque não quero que cortem meu benefício. Já ouvi dizer que podem cortar.”*



Figura 188 - Relatório para desligamento

RELATÓRIO PARA DESLIGAMENTO

NOME: [REDACTED]  
 Nº. da G.E. - 111  
 Data de Nascimento - [REDACTED] /1971  
 Data de Desligamento - [REDACTED] 1990

JUSTIFICATIVA DO DESLIGAMENTO

Justifica-se o presente desligamento pelo fato de aluno estar exercendo atividades de "Serrote de Pedreiro" em período integral, contribuindo assim com a renda familiar.  
 Encontra-se portanto impossibilitado de prosseguir com o atendimento especializado.

Laguna, 23 de Outubro de 1990.

Fonte: Prontuário ES.

O relato de memória, realizado por vídeo chamada, com uma produção sinalizada que mescla Libras e gestos, retrata de forma objetiva os sentimentos e a visão de ES sobre os acontecimentos. Na próxima seção, a partir de outros relatos de memória, tentarei trazer algumas luzes sobre como era a vida dos surdos lagunenses a partir dos anos 1990.

## 5.2 RELATOS DE MEMÓRIA – 1995 A 2010

A APAE seguiu funcionando depois de 1995. Porém, consegui arrolar apenas documentos de surdos que não estavam com matrículas ativas – e pelo que percebi durante minha pesquisa, havia outros dos quais não consegui documentos. Segundo a diretora, ainda há 3 surdos que estudam atualmente na instituição.

A minha participação na história dos surdos de Laguna começa em 2015, e de lá para cá, temos registro através da atuação da ALPAS dos principais

acontecimentos para a comunidade surda. Restava essa lacuna, dos anos 90 até essa removimentação pela causa surda em 2015. Por isso tentei através de outros relatos de memórias, tentar preencher essas lacunas. A seguir apresento todos os relatos e ao fim deles faço uma análise do que eles revelam. Assim como os prontuários foram organizados em categorias, aqui, aproveito algumas delas para agrupar dados importantes que foram trazidos através dos relatos de memória. Escolhi como categorias pela recorrência dos temas nos relatos: a) FAMÍLIAS - como eram as relações familiares, b) SOCIABILIDADE - como era o lazer desses surdos, como eram suas interações sociais e se tinham contato com outros surdos, e por fim, c) ESCOLA – se frequentaram a escola regular ou classe especial em algum momento. Em cada categoria, apresento alguns excertos relevantes e anexo cada relato de memória completo ao final da dissertação (Anexo 11). Assim, o leitor poderá apreciar alguns pontos altos mas também terá acesso à inteireza do que foi dito, podendo tirar suas próprias conclusões.

As entrevistas para obter os relatos de memórias foram realizadas com 8 pessoas, 3 surdos e 5 ouvintes. Eu havia tentado realizar entrevistas com mais surdos, porém, por conta da pandemia e pela dificuldade de acesso deles à internet, não foi possível. Abaixo, resumo as principais características das pessoas entrevistadas através de uma tabela e em seguida procedo as análises organizadas nas categorias supracitadas.

Tabela 7- Resumo dos participantes das entrevistas

PARTICIPANTES	IDADE	RELAÇÃO COM A COMUNIDADE SURDA	CONTATO COM A LIBRAS
ES	50 anos	surdo	Preponderantemente após a fundação da ALPAS
YS	28 anos	ouvinte - CODA	Preponderantemente após a fundação da ALPAS
WV	31 anos	surdo	Aprendeu alguns sinais na escola Jerônimo Coelho, mas, o real aprendizado se deu em contato com os surdos da cidade de Tubarão e em contato com a intérprete em Laguna no ensino médio.
MV	48 anos	mãe de surdo	contato relativo através do filho
NP	33 anos	surdo	Aprendeu alguns sinais com professores mas, o real aprendizado se deu em contato com os surdos da cidade de Tubarão
AP	não informado	mãe de surdo	contato relativo através do filho
KL	35 anos	intérprete	Formada no bacharelado Letras Libras
CR	não informado	mãe de surdo	contato relativo através do filho

Fonte: Elaborado pela autora.

### 5.2.1 Família

A realidade das famílias que recebiam o diagnóstico de surdez para seus filhos nos anos 90, não era muito diferente das famílias que anos antes eram encaminhadas para a APAE. O diagnóstico chegava para alguns com tristeza, confusão e medo.

***“Minha mãe tomou um susto! Tentou bater palma, fazer estímulos visuais, mas nada. Eu não tinha reação nenhuma. Foi aí que ela disse pra minha mãe me levar pro médico. Aí me levaram pra Tubarão mas o médico disse que não sabia dizer o motivo disso. Fomos também pra Porto Alegre e nada de descobrir o que tinha. Até que em São Paulo foi que descobriram que eu era surda. Isso deixou minha mãe angustiada. Ela chorou muito. Quando voltamos pra casa contamos pro resto da família que também choraram muito. Então começaram a ver as barreiras que eu ia enfrentar.”***

***(Relato de NP)***

***“Marcamos outra consulta em Criciúma que tinha uma aparelhagem melhor e realmente confirmaram que ela era surda. Eu voltei pra casa chorando.”***

***(Relato de AP)***

Além dos sentimentos encontrados, as famílias ficavam desorientadas pelo desconhecimento que ainda existia em Laguna de quais eram as possibilidades para uma criança surda. Assim, a maior dificuldade após o diagnóstico era certamente encontrar um caminho e muitas vezes, algumas famílias pensavam que o único era a APAE.

***“Nós tínhamos aquelas mães muito desmotivadas que diziam que os filhos mesmo tinham que ir pra APAE (...). E todo mundo com dificuldade de sobrevivência e não teve aquele engajamento e teve aquele não acreditar no suporte. Parecia que tínhamos poucas pessoas envolvidas. Não tinha uma câmara de vereadores apoiando, a própria família da gente não acreditava, foi uma coisa muito difícil assim.”***

***(Relato de CR)***

Os relatos mostram que cada família, por falta de orientação social e pedagógica mais adequada, tentava encontrar a melhor forma de encaminhar seus filhos e ao mesmo tempo de se comunicar com eles – o que também era algo vital e urgente – uma vez que o tempo ia passando. A busca por mães na mesma situação engendrou a criação de uma primeira Associação que, infelizmente não vigorou. Ademais, havia as diferentes perspectivas entre os próprios familiares. Os relatos deixam implícito que as mães eram mais presentes na vida dos filhos surdos o que abre a reflexão para a não aceitação da surdez em alguns progenitores. Na falta de educação bilíngue adequada nos primeiros anos, as famílias desenvolviam suas formas de comunicação com os filhos – o que não necessariamente garantia um ambiente sem conflitos.

***“Tive bastante dificuldade de aprender a linguagem. Não conseguia entrar num curso, não tinha tempo, por causa do meu envolvimento, da família, meu pai e mãe ter morrido, mas me esforço pra me comunicar com o RR, do meu jeito, com dificuldade. A minha família mesmo não tinha tempo pra ouvir o RR, tentar entender o que ele tá dizendo, mesmo que não seja na língua de sinais. Eu me sinto assim (...) me incentivaram a criar a APAS que seria uma associação de surdos. Aí a gente conseguiu essa associação de surdos que tinha uns 18 associados. As mães que participavam né. Nenhum pai.”***

***(Relato de CR)***

***“(...) na época que o RR nasceu, os surdos só ficavam em casa e disseram pra ir pra APAE. Lá eles diziam que iam preparar eles pra aprender a fazer vassouras pra depois vender. Não era aquela coisa assim de ter funcionários capacitados pra ajudar eles de forma diferenciada até mesmo pra ter formação no estudo né. Então eles falavam muito nessa parte de desenvolver artesanato e ter uma renda. Eu achava que os surdos tinham uma capacidade que poderia ser explorada num momento diferente né. Mas não foram explorados. Eu senti na APAE que a gente oferece isso e vamos seguir isso, todo mundo igual, mas eles não eram iguais. Eram diferentes, cada um tinha um jeito de ser e que tinha que ser explorados como eles eram. E por isso que eu não queria”.***

***(Relato de CR)***

***“A comunicação com meu pai e irmão sempre foi difícil. A própria comunicação com a minha mãe também era complicada. Nós falávamos apenas por gestos pois assim como eu ela também não sabia Libras ainda. Eu também não sabia quase nada de Português. Sabia pouquíssimas palavras. Mais tarde minha mãe aprendeu a se comunicar comigo em Libras.”***

***(Relato de WV)***

***“Os surdos que conheci em sua grande maioria usavam uma língua de sinais própria, criada dentro da família, com gestos e mímicas para se comunicar.”***

***( Relato de KL)***

A situação era ainda mais complexa em famílias compostas por surdos adultos e filhos ouvintes. Em uma cidade em que não havia assistência clara para pessoas surdas – que não a APAE, a falta de acessibilidade imperava. O que gerava para filhos CODAS<sup>7</sup> uma medida de estresse e de amadurecimento precoce.

***“Era bem difícil, porque como expliquei antes, era tudo eu quem fazia, tudo na minha infância era só eu para os dois. Eles só tinham eu na época para fazer tudo, não tinha mais ninguém por eles, ninguém entendia eles. Era tudo eu principalmente quando minha avó percebeu a facilidade que eu tinha de comunicação com meus pais aí me largou pra resolver tudo até questão de advogado quando eu tinha 8 anos de idade. A comunicação era difícil, nós tínhamos nossa própria maneira, de apontamentos, uma forma de se comunicar. Vou ser sincera, eu ficava muito triste queria que meus pais falassem só comigo né, queria ser a filha e não a mãe deles.”***

***(Relato de YS)***

As entrevistas também revelam o preconceito social que havia em relação ao surdo. Um preconceito que oscilava entre uma visão limitante que entendia os surdos como pessoas que deveriam invariavelmente estar na APAE ou como pessoas que mereciam caridade e pena. Ambas as situações implicavam em

<sup>7</sup> Sigla para Children of Deaf Adults. Que nomeia filhos ouvintes de pais surdos.

maiores barreiras para as famílias como também para os surdos, que podiam ter dificuldades de sair da caixa em que haviam sido colocados pela sociedade.

***“Quando levei ele pro Jerônimo Coelho a gente comprou o uniforme. Aí na parada do ônibus as pessoas viam e comentavam do porquê eu botava o uniforme do Jerônimo Coelho nele. Isso me entristecia. Acho que Laguna é isso mesmo, sabe. Faltou inserir os surdos dentro da realidade do dia a dia. Algumas mães que tiveram ainda um pouquinho de, sei lá, carinho, tempo, Deus tocou no coração, tem poucas mães, e a gente conseguiu fazer alguma coisa a mais pra eles.”***

***(Relato CR)***

***“O que me recordo com muita clareza na época em que atuei, era que havia com o advento da inclusão dos surdos na escola – um olhar de caridade e de compaixão dos que estavam ao redor. Esse olhar assistencialista, muitas vezes inconsciente, era uma constante na vida desses surdos.”***

***(Relato KL)***

***“Acho que até hoje a sociedade não enxerga bem os surdos. A gente ainda sofre preconceito. Hoje as pessoas até procuram saber mais de Libras pra entender alguma coisa, mas no geral a gente precisa muito para ter os direitos dos surdos. Senti alguma mudança na trajetória. No passado era muito mais difícil. Até porque hoje eu sei cobrar...”***

***(Relato de MV)***

É indubitável que esses relatos desvelam a falta de conhecimento, de apoio, de profissionais habilitados e de políticas públicas voltadas para o surdo, gerando desamparo e desorientação nas famílias, impactando diretamente na aquisição linguística e nos relacionamentos familiares. Além do mais, o desconhecimento da própria comunidade geral ampliava os abismos através do preconceito, limitando as possibilidades que os surdo poderiam ter na vida. Para mais, a falta de uma associação, bem como a ausência dos organismos governamentais em difundir conhecimento, gerava, em lares de surdos com filhos ouvintes, a situação

vivenciada por YS, de ter que se responsabilizar pela comunicação dos pais, desde criança.

### **5.2.2 Sociabilidade**

A descrição das relações familiares, influenciadas pelo desconhecimento das instâncias governamentais e do preconceito social, deixam implícita a falta de organização política da comunidade surda, herança dos anos anteriores. Os relatos mostram que dos anos 1990 até 2016, não havia uma associação de surdos na cidade, apesar das tentativas dos familiares de surdos de criar uma. Também, mesmo os surdos que estudavam juntos anteriormente na APAE, não costumavam se encontrar como grupo. Em 2006, houve um movimento realizado pelas Testemunhas de Jeová de encontrar os surdos da cidade e de convidá-los para suas reuniões e foi através dessas visitas inclusive, que muitos surdos passaram a se conhecer. Muitos surdos lagunenses também relatam que conheceram outros surdos em Tubarão e que foi através deles que conseguiram desenvolver sua língua de sinais – que até o momento, privados de sociabilidade com outros surdos – era deficiente.

***“Em todo esse tempo, de 1995 até 2010 que foi o período em que conheci surdos e atuei profissionalmente em Laguna, nunca houve uma associação de surdos na cidade. Eu soube por meio das mães dos surdos para os quais eu interpretava que por volta de 2003 houve a intenção de fundar uma associação. Mas não conseguiram dar prosseguimento. Na época em que eu atuei como intérprete entre 2008-2010, havia apenas eu nessa função no município e a professora que atuava no SAEDE do Jerônimo Coelho. Não havia uma organização dos surdos – poucos se conheciam, alguns da infância na APAE por haverem estudado juntos. Havia uma geração de 40-50 anos que havia convivido na escola especial – APAE e uma geração posterior que havia convivido no SAEDE. Mas eles não se encontravam. A geração dos surdos mais velhos e a dos mais novos não tinha um espaço de encontro. (...) Em 2006, iniciei com uma amiga um trabalho voltado para os surdos de cunho religioso. Fomos em todas as localidades de Laguna, de casa em casa,***

*procurando por surdos. Sabíamos que não havia nenhum órgão voltado para eles e tampouco a secretaria de saúde ou educação tinha qualquer informação sobre. Foi a partir daí que comecei a ter maior contato com os surdos lagunenses porque passei a encontrá-los. Nessa época conheci inúmeros.”*

*(Relato de KL)*

*“Lembrei agora que por parte de pai, que estudou na APAE, e cresceu em contato com um surdo que eu conheci bem pouco, e o nome dele era JB. (...) O tempo foi passando, nunca tive contato com outros surdos além de meus pais. Na minha cabeça era só os dois que eram surdos. Com o tempo eu fiquei mais responsável pelos dois, era eu que fazia comunicação pra tudo, na escola, mercado, médico, era tudo eu que fazia a comunicação. Fui descobrir outros surdos quando um grupo religioso, as Testemunhas de Jeová, esteve aqui em casa e junto com eles outras duas surdas. Aí a gente descobre que existem mais pessoas e na minha cabeça era só os dois.”*

*(Relato de YS)*

*“A primeira vez que tive contato com outro surdo, eu não lembro bem o ano, mas foi lá em Tubarão quando eu e minha mãe fomos visitar uma escola. Na ocasião eu tava meio nervoso pois não era fluente em Libras ainda. É tanto que eu só sabia falar “sim” “sim” e “sim”. Eu me senti um pouco envergonhado porque até então eu não tinha tanto contato com surdos.*

*Porque até então eu só conhecia Laguna”.*

*(Relato de WV)*

*“Lá em Tubarão quando a gente ia, foi lá que a gente desenvolveu a Libras. Eu senti alegria. Foi uma sensação diferente. Eu comecei a perceber que com a Libras nossa comunicação não era mais limitada.”*

*(Relato de WV)*



***“Depois de muito tempo, quando tinha 20 anos, eu encontrei surdos sinalizantes em Tubarão. Eles sinalizavam tão rápido que eu não conseguia acompanhar. Ficava pedindo pra eles sinalizarem mais devagar. Perguntaram se eu tinha sinal, aí eu respondia “sinal? Não conheço”. Eles que me ensinaram Libras o que eu sei até hoje”***

***(Relato de NP)***

***“Eu não sentia que a comunidade lagunense enxergava os surdos. Os surdos no passado sempre estavam escondidos.”***

***(Relato de MV)***

Seguramente, a criação da ALPAS em 2016, foi um marco na história dos surdos da cidade porque pela primeira vez tinham a oportunidade de um espaço de interação, de identificação com seus pares surdos. A ALPAS promoveu o encontro de gerações de surdos e também permitiu que muitos destes pudessem aprender a Libras, possibilitando que pudessem por fim se socializar, algo que antes se concentrava entre eles e a figura dos profissionais intérpretes ou das pessoas que os visitavam realizando um trabalho de cunho religioso.

***“Mas o que mais me recordo era a necessidade de se comunicar. Eu trabalhava até as 10 da noite e inúmeras vezes quando eu chegava em casa, havia surdos me esperando para conversar. Nos finais de semana, alguns surdos mais velhos iam de bicicleta até minha casa para simplesmente falar do que haviam feito naquele dia... os surdos para os quais interpretava muitas vezes não me deixavam ter recreio porque queriam conversar. Por conta do meu trabalho religioso, nos encontrávamos em grupos e muitos surdos começaram a se conhecer assim – convidados para nossas reuniões. Eu estaria mentindo se dissesse que não me sentia esgotada às vezes – mas eu me sentia muito privilegiada por eles me procurarem para conversar – para se abrir, desabafar, falarem de um bolo feito durante a tarde ou do quanto era bom andar de bicicleta. A questão era que essas pessoas haviam passado anos sem poderem encontrar pares linguísticos com quem pudessem se identificar e com quem pudessem se comunicar em Libras e mesmo que eu não fosse esse par, que como ouvinte eu não fosse uma igual nessa relação, eu havia sido***

***mediadora do encontro de muitos deles e eles me permitiram entrar para a comunidade por conta disso – algo pelo qual sempre serei grata.”***

***(Relato de KL)***

***“Não houve outra associação de surdos, a única que teve foi a ALPAS, que trouxe muitas mudanças, a alta estima dos meus pais e a minha também, a alegria dos meus pais em frequentar em ir pra escola, em aprender coisas novas e ter contato com mais pessoas, porque antes eles eram isolados e nunca saiam de casa. Então a ALPAS, tipo assim, abriu mais pra eles, puderam usufruir de novas oportunidades. Quando eu vi que havia mais surdos eu fiquei tipo assim, de cara, pensei meus Deus de onde vieram tudo isso, eu pensei que somente meus pais que eram surdos!”***

***(Relato de YS)***

***“Voltei a estudar na ALPAS e foi só depois de mais velho que aprendi Libras.”***

***(Relato de ES)***

É interessante notar em todos esses relatos como a privação de aprendizado linguístico através da socialização com pares surdos impactou de forma negativa nas vivências dos surdos. Torna-se evidente a necessidade do contato com o outro – com pares surdos – para a identificação, aprendizado linguístico e interações sociais significativas – motor primário da construção das memórias em comunidade e da própria identidade pessoal.

Outro aspecto notável, é esse distanciamento entre os surdos de gerações diferentes. Obviamente, já havia um distanciamento geral entre os surdos, mas nos relatos percebi que os surdos mais velhos, com apenas uma exceção, não eram conhecidos. Devo isso à falta de organização de uma associação em que os surdos pudessem se conhecer e se socializar. Mesmo com o intuito em 2001 da criação da APAS, por familiares de surdos, o objetivo era mais voltado para trazer melhorias para os surdos da cidade em termos de serviços e suporte no atendimento escolar – e não focada em reunir os surdos em si. A criação da ALPAS de fato foi um divisor de águas para reunir gerações surdas num mesmo espaço. A organização política das comunidades surdas continua sendo algo fundamental para garantia de um

direito humano tão básico – de poder se comunicar com pessoas que partilham da mesma língua e cultura – em comunidade.

### **5.2.3 Escola**

Pelo visto, desde meados da década de 90, a dinâmica de como os surdos eram educados e da falta de interação e formação de uma comunidade surda permaneceram as mesmas das décadas anteriores. A APAE seguiu em funcionamento, utilizando os métodos oralistas e com pouca visibilidade para a Libras e a nova geração de surdos, havia o recurso da sala de DA (deficientes auditivos) que funcionava na Escola de Educação Básica Jerônimo Coelho. Ao parecer, embora alguns professores tenham se empenhado nesse percurso educacional pelos surdos, o desconhecimento de como ensiná-los é notadamente grande. Nas escolas regulares não havia uma proposta de como fazê-lo e na própria sala de recursos, conforme os surdos e familiares apontaram, não havia um ensino de língua de sinais contudente. Alguns sem saber como lidar com os alunos surdos, apelavam para métodos pouco convencionais, ou os excluía das atividades. Somente a partir de 2008, os surdos passaram a ser atendidos por intérpretes em sala de aula.

***“Lembro que a professora de educação física sempre levava uma fruta linda, gostosa, para dar pra eles na hora da educação física, principalmente pro G. porque as crianças achavam que ele gritava muito. A professora levava a fruta pra ele e deixava ele dentro da sala que ele sentia muito sabe. Essas coisas foram muito tristes para nós na batalha deles pra conseguir levar eles pra escola, pra oitava série, pro segundo grau...como foi difícil!”***

***(Relato de CR)***

***“Eu tinha 10 anos e comecei a estudar na quinta série do ensino fundamental na Escola de Educação Básica Jerônimo Coelho. Lá havia surdos frequentando as classes regulares, mas também uma sala de recursos que na época se denominada D.A e mais tarde se transformou em SAEDE. No***

*Jerônimo Coelho, como funcionava o SAEDE, tinha nas paredes alfabetos manuais e os alunos ouvintes tinham o costume de ver os surdos sinalizando. Na época eu só percebia que os alunos quando ficavam em sala passavam grande parte do tempo a copiar. Não havia intérpretes e os professores não sinalizavam. A diferença daquela escola é que eles podiam desenvolver os trabalhos e as atividades no SAEDE com a professora ouvinte em contraturno.”*  
*(Relato de KL)*

*“O Jerônimo Coelho era uma escola que tinha pouquíssimos surdos e os professores não sabiam nada de Libras e tentavam conversar com a gente apenas em mímica. Não eram fluentes só sabiam um sinal ou outro. Quando cheguei na escola e conheci outra surda, NP, vi que ela era como eu. Tanto pra mim como pra ela era difícil. Nem a gente era fluente em Libras nem as pessoas ao redor eram. Então a gente ficava com dúvida, não entendíamos nada, e isso acabava deixando a gente pra baixo como se a gente não conseguisse progredir. Logo no primeiro ano eu já tava acostumado a permanecer em silêncio pois o professor não era fluente em Libras. Depois melhorou com a presença da intérprete no ensino médio. Porém antes eu ficava angustiado por não estar compreendendo nada da aula, por não conseguir evoluir. Apenas ficava tentando assimilar as coisas que via e escrevia e tentava aprender com isso.”*  
*(Relato de WV)*

*“Na escola a gente era incentivada a falar e ficar copiando o que passavam pra nós. Tinha pouquíssima Libras e ainda não era tão boa assim. O foco era ensinar o Português pra gente, mas o básico. Libras, era quase inexistente. Eu até demorei a ter meu sinal. A gente sabia alguns sinais como o sinal de Pai que nem era mais usado. Mas antes foi um pouco sofrido porque faltava intérprete, faltava conversas pra gente compreender o significado de algumas coisas. Às vezes chegava em casa chorando perguntando pra minha mãe por que me sentia desprezada, por que eu não conseguia...porque nunca me chamavam pra passear. (...) Então minha trajetória foi um pouco difícil.”*

(Relato de NP)

*“A relação com a educação do WV e a alfabetização achei que foi difícil porque não havia professor especializado. Tanto que ele teve que voltar da quarta série pra segunda novamente porque ele aprendeu a copiar...desenhar a letra. (...) Até que chegou uma professora, que já tinha percebido que ele não tava alfabetizado, a professora M., ela me chamou pra conversar e nós resolvemos então...nós resolvemos dar toda autoridade pra ela tomar rumo da alfabetização do W. Concordei com tudo que ela fez até ele ser alfabetizado e enquanto ele estudou no Jerônimo Coelho. (...) Então ele teve bastante dificuldade na alfabetização. (...) Eu não tinha muito conhecimento sobre os direitos dele e sobre acessibilidade. Ele teve contato com Libras já no Jerônimo Coelho depois ele veio aprender mais alguma coisa depois que conheceu a KL (Intérprete). Quando ele foi pro segundo grau a gente começou a sofrer preconceito porque a escola não tinha intérprete e não sabia como trabalhar com eles...os três né. Foi nesse momento que a KL entrou na nossa vida e me deu os caminhos e eu o levei pra escola que foi a CEAL que pediu uma intérprete pro Estado pois ele tinha direito.”*

(Relato de MV)

*“Com três anos eu coloquei ela na escola de surdos em Laguna porque ela era DA. Era no Jerônimo Coelho, uma sala só para surdos. Acho que tinham uns sete surdos...por aí. Não usavam muito a Libras, os professores queriam que eles falassem. Ela ficou até os 14 anos lá. Foi muito bom pra ela. Mas os professores queriam que ela falasse ao invés de Libras. Hoje ela fala, não como a gente, mas foi difícil mesmo. Depois ela começou na escola aqui...no primeiro aninho. Aí eu sempre falava com a orientadora que tinha medo de que ela fosse rejeitada...que as crianças não fossem amigas dela por ela ser surda. Ela disse pra eu tirar isso da cabeça porque ia dar certo. Realmente, todos foram muito legais com ela. Na escola eles tratavam bem elas. Ela não era discriminada. Sempre foi muito amada. Só que eles não tinham a capacidade de atender os surdos, porque nunca tiveram uma pessoa surda na escola. Pro professor foi difícil. Só que as amigas dela entendiam ela.”*

*(Relato de AP)*

*“No Jerônimo Coelho tinha uma sala de apoio aos deficientes auditivos. Tinha uma professora, não lembro o nome dela, ela era muito querida. Ela conseguiu evoluir os alunos. Depois ela saiu, ficamos pouco tempo com ela. Depois entrou outra professora, a G. Ela era boazinha, paciente e calma. Mas ela não conseguiu evoluir o que a outra professora estava evoluindo neles. Sentia que eles não estavam motivados né. Faltava uma coisa a mais para eles irem pro segundo grau. Só aquela sala do Jerônimo não tava conseguindo que eles pudessem compreender os estudos. O RR mesmo tinha muita dificuldade, quando ele chegava na sala, faltava aquele empenho pra conversar mesmo, de desenvolver eles, como a outra professora que teve que sair, não sei por que, mas ela dava um apoio bem maior. A G. passou muitos anos com ele. Aí a gente sentiu a vontade de ter um intérprete em sala de aula. Foi onde a gente foi buscar né. Os meninos já estavam indo pro segundo grau. Novamente buscamos o engajamento da prefeitura e fomos atrás dessa intérprete. Foi aí que a KL, intérprete, entrou pra ajudar os meninos na sala. Eu sempre falo que ela foi um anjo que veio pra ajudar pela paciência, entendimento né?”*

*(Relato de CR)*

*Em 2008 passei a atuar profissionalmente com 3 surdos no Colégio Almirante Lamego – CEAL. E somente a partir desse ano, começou a se esclarecer o papel do intérprete educacional. (...) mais tarde colegas vindos de outras cidades passaram a atuar em outras escolas de ensino regular entre 2009-2011.*

*(Relato de KL)*

Como é possível observar, a trajetória escolar da comunidade surda dos anos 90 para cá, passou por muitos momentos desafiadores – de desconhecimento sobre o que fazer em relação aos surdos. Havia poucas opções para os surdos: APAE, sala de recursos da escola Jerônimo Coelho e estar em escolas regulares onde os profissionais não sabiam como atuar com o público surdo.

É marcante aqui, a importância de profissionais que estejam preparados para atuar através de formação. O contato com uma profissional da interpretação a partir de 2008, com certeza fez diferença na trajetória desses alunos. E isso só foi possível porque a intérprete tinha formação – na época cursando Letras Libras na UFSC. Formação é parte essencial para oportunizar a educação que os surdos têm direito, só através de formação de profissionais será possível construir uma educação bilíngue de fato. Educação que permite que os surdos interajam, aprendam e se expressem usando a língua de sinais e que se alfabetizem no português escrito através de um método adequado.

Mesmo com todas essas barreiras, em 2010, 3 surdos se formaram no ensino médio em Laguna e 2 deles conseguiram se graduar na universidade. Certamente foi o início da mudança de um paradigma que esperamos que se mantenha, para que o universo dos surdos lagunenses se expanda e se possibilite a eles, a garantia de ensino bilíngue e da possibilidade de encontro entre seus iguais, num espaço de pertencimento surdo mediado e reivindicado pela associação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um resgate histórico é uma tarefa dúbia – grata e ingrata. Isso acontece porque aventar informações, dados, documentos, fotos e memórias, passa pela boa vontade de muitas pessoas. Conseguir informações está – na maioria das vezes – na dependência do outro. E é por isso que concluindo esse trabalho, sinto que ele ainda não está completo.

Quando iniciei a pesquisa havia alguns objetivos traçados: buscar em instituições públicas e privadas (prefeituras, secretarias (da educação, saúde e assistência social), escolas e APAE) registros documentais de surdos; coletar, armazenar, analisar, classificar e organizar todos os documentos obtidos; entrevistar surdos mais velhos a respeito do *modo vivendis* dos surdos no passado; entrevistar profissionais que trabalharam com surdos ou que participaram da educação de surdos; entrevistar pessoas idosas ouvintes, buscando alguma referência aos surdos no passado; cruzar os dados obtidos por documentos e entrevistas no intuito de chegar a um retrato próximo dos surdos lagunenses no passado. Consegui nesse resgate documentos vindos da APAE, registrar fotos de acervo pessoal que contaram a história da fundação da ALPAS, também foi possível entrevistar surdos, familiares e profissionais ainda que com as dificuldades causadas pela pandemia.

Sei que ainda há muitos documentos importantes a serem descobertos, muitos surdos e profissionais a mais para serem entrevistados, muitas fotos para serem encontradas. Porém, infelizmente, nem todas as Instituições e pessoas que contatei puderam me fornecer em tempo hábil suas contribuições e o agravante da pandemia da COVID-19, dificultou maiores buscas e o contato pessoal com possíveis participantes da pesquisa. Por isso deixo em aberto aqui a possibilidade de uma continuidade desse resgate histórico – encaro o que realizei nessa dissertação como uma porta aberta para novas investigações.

Também concebo que essa pesquisa histórica, por se tratar de resgatar memórias, fatos a fim de reconstruir um retrato do passado, se mescla com minha própria história. Ao ler os prontuários, ver os depoimentos dados pelas famílias, ao entrevistar os surdos e ouvintes que participaram com suas memórias, me identifiquei em muitos aspectos com o que vi. Isso aconteceu porque minha trajetória



de vida coincide com a trajetória da história dos surdos de Laguna, no momento que iniciei minha luta pela fundação da Associação. E obviamente, as narrativas se confundem com minha própria história como surda, por eu haver passado por muitos sentimentos e situações com as quais me deparei na pesquisa.

Esse resgate histórico tem algumas nuances tristes, mas entendo que sobretudo traz à tona a esperança, quando nos deparamos com uma expressiva trajetória de progresso em Laguna. Estamos em um processo de mudança. O registro que tentei realizar através dessa pesquisa, mostra claramente as poucas condições de garantia de direitos da comunidade surda no passado, impactando diretamente na sua qualidade de vida — desde a educação até seus relacionamentos familiares. O direito linguístico existe em lei, mas se não existirem políticas linguísticas e organização das comunidades através das associações, pode se perder em um emaranhado de ignorância e preconceito. E seguramente, a fundação da ALPAS foi um grande divisor de águas na manutenção dos direitos dos surdos em Laguna. Portanto, além do entendimento acerca do bilinguismo surdo, dos direitos que a comunidade tem poder de pleitear, de uma associação que pode lutar pelos direitos dos surdos, de um espaço de troca e interação entre os surdos, devolvo para a comunidade surda lagunense um olhar sobre o seu passado registrado.

Espero que esse documento seja um lembrete da importância de nunca retrocedermos enquanto comunidade e que seja também amparo para a manutenção de nossos direitos, pela melhora de nossas condições de vida. Precisamos continuar lutando para que as políticas linguísticas, os direitos linguísticos e sobretudo humanos dos surdos sejam garantidos no cotidiano da comunidade surda. E que para além, registros como esse, sirvam +como mola motriz para que continuemos aventando nossa história, uma vez que vidas surdas importam, e através de nossas memórias, interações, “re-conhecimentos” e conexões sigamos construindo nossa identidade, alcançando sonhos maiores e melhores.

## REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. de A. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2005.
- ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1998
- ARNS, A.B. **Laguna, uma esquecida epopeia de franciscanos e bandeirantes, e a história de uma velha igreja.** Curitiba: Imprimax, 1975.
- ASSMANN, J.; CZAPLICKA, J. **Collective memory and cultural identity.** New german critique, n. 65, p. 125-133, 1995.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** 3. edição. 2004.
- BITENCOURT, J. B. **Uma cidade de história Laguna: o passado e o presente nas engrenagens do discurso.** Esboços, v. 4, n. 4, p. 47-54, jun./dez. 1996.
- BRITO, L. F. Os Direitos Linguísticos dos Surdos. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, Vozes, n. 5, p. 388-391, 1985. Disponível em: <<http://www.feneismg.org.br/doc/LinguadeSinaiseoutros.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- BRASIL. **Lei n.º 7.853, de 24 de outubro de 1989.** Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Brasília, DF, 24 out. 1989.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**, lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANTORANI, J. R. H. *et al.* A Dimensão da Deficiência e o Olhar a Respeito das Pessoas com Deficiência a Partir dos Recenseamentos no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, n. 1, p. 159-176, 2015.
- CORREA, R. B.; SEGALA, R. R. **A Perspectiva Social na Emergência das Línguas de Sinais: A noção de “Comunidade de Fala” e Idioleto segundo o modelo teórico Laboviano.** Estudos Surdos IV, Editora Arara Azul, Petrópolis/RJ, 2008.

DA COSTA, M. A. F.; DA COSTA, M. de F. B. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça**. Editora Vozes Limitada, 2017.

DALL'ALBA, J. L. **Laguna antes de 1880**. Documentário. Florianópolis: Lunardelli/UDESC, 1979.

DAS DORES, Fabíola Gaspar. A memória como método de pesquisa. **Cadernos de Campo**: Revista de Ciências Sociais, n. 4, 1999.

DE SOUZA MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F. **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2008.

ELÍBIO, Soraya Vieira et al. **Trajetórias de desenvolvimento**: porto de Laguna e porto de Imbituba.. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Sócio-Econômico. Economia. 2005.

FENEIS-FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **A Educação que nós surdos queremos**. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO BILÍNGÜE PARA SURDOS, 5. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

FLICK, U. **Triangulation in qualitative research**. A companion to qualitative research, v. 3, p. 178-183, 2004.

FRANCO, L. F. P. **Informação nº 107/84**, Arquivo Noronha Santos/IPHAN, Rio de Janeiro, 1984.

GALVÃO, M. N. F. **Notas Geográficas e Históricas sobre Laguna**. Desterro: Desterro, 1884.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GROSJEAN, F. The Right of the Deaf Child to Grow Up Bilingual. **Sign Language Studies**. v.1, n.2, p.110-114, Win. 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HUK, S. R. **A História de Laguna**. Oficinas Culturais IPHAN. Laguna, 2009. Apostila. Fotocopiado.

IBGE. **Recenseamento geral do Brasil - 1940**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

IBGE. **Censo demográfico de 1991**. Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisas-IBGE, 1992.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios - acesso e utilização de serviços de saúde 1998**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE. **Censo demográfico 2000 - características gerais da população**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

IBGE. **Censo 2010 município de Laguna**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/laguna.html>. Acessado em 05 Mar. 2021

IBGE. **Tendências demográficas - uma análise dos resultados da amostra do censo demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios - suplemento saúde, 2003**. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

IBGE. **Censo demográfico 2010 - características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LAGUNA. **Lei n.º 969, de 12 de setembro de 2003**. Dispõe sobre a oficialização, no âmbito deste município, da língua brasileira de sinais – Libras e dá outras providências. Laguna, SC, 12 set 2003.

LAGUNA. **Lei nº 1811 de 11 de junho de 2015**. Aprova o Plano Municipal de Educação de Laguna e dá outras providências. Laguna, SC, 11 jun 2015.

LAGUNA. **Lei nº 1924, de 12 de junho de 2017**. Dispõe sobre a inserção do intérprete da língua brasileira de sinais (Libras), em todos os eventos oficiais do município de Laguna/SC. Laguna, SC, 12 jun 2017.

LAGUNA. **Lei nº 2071, de 17 de maio de 2019**. Reconhece de utilidade pública a associação lagunense de pais e amigos dos surdos – ALPAS. Laguna, SC, 17 maio 2019.

LAGUNA. **Lei complementar nº 419, de 13 de maio de 2020**. Dispõe sobre a criação do cargo de professor auxiliar bilíngue, língua portuguesa e língua brasileira de sinais - libras, no quadro do magistério da rede pública de educação municipal, alterando a lei complementar nº 138/2006, dando outras providências. Laguna, SC, 13 maio 2020.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. da (Org.) 3 ed. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LENZI, M. B. Os dados sobre deficiência nos censos demográficos brasileiros. **Anais**, p. 1-20, 2016.

- LUCENA, L. M. F. **Laguna: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- LURIA, A.R.; YUDOVICH, F.la., **Speech and the Development of Mental Processes in the Child**, trans. O. Kovasc & J. Simon, London: Staples, 1959.
- LURIA, A.R.; YUDOVICH, F.la., **Speech and the Development of Mental Processes in the Child.** Harmondsworth: Penguin Books, 1971
- MARCOMIN, F. E.; SATO, M. Percepção, paisagem e educação ambiental: uma investigação na região litorânea de Laguna-SC, Brasil. **Educação em revista**, v. 32, n. 2, p. 159-186, 2016.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. Ed.-São Paulo: Atlas, 2003.
- MELO, D. TM de; LUNA, J. M. F. de; RIBEIRO, V. P. **Uma historiografia da educação linguística de surdos.** *Entrelinhas*, v. 9, n. 2, p. 137, 2015.
- NASCIMENTO, F. B. do. Patrimônio Cultural e escrita da história: a hipótese do documento na prática do Iphan nos anos 1980. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 24, n. 3, p. 121-147, 2016.
- NÓBREGA, J. D. *et al.* Identidade surda e intervenções em saúde na perspectiva de uma comunidade usuária de língua de sinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 671-679, 2012.
- PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1992.
- PERLIN, G. **Histórias de vida surda: identidades em questão.** Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- PERLIN, G.; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, n. Especial 2, 2014. p. 17-31.
- POLLAK, M. **Memória e identidade social.** *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v 2, n 3, 1992.
- QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. **Cad. Cedes**, v. 26, n. 69, p. 141-161, 2006.
- RANGEL, G. M. M. **História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural.** 2004.
- ROCHA, Solange. O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. In: **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto**

**Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos.** 2008. p. 140-140.

RODRIGUES, C. H. A realidade plurimultilíngue brasileira: línguas de sinais e políticas linguísticas. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 19, p. 43-69, 2014.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Direitos, Políticas e Línguas: divergências e convergências na/da/para educação de surdos. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 3, 2016.

RODRIGUES, C. H.; SILVÉRIO, C. C. de P. Pensando a Educação Bilíngue de/com/para Surdos. In: RODRIGUES, C. H.; GONÇALVES, R. M. (Org.). **Educação e Diversidade: questões e diálogos**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. p. 81-97.

SÁ, N. R. L. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SACKS, O. **Vendo Vozes: uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTA CATARINA. **Política de Educação de surdos no Estado de Santa Catarina**. São José, Fundação Catarinense de Educação Especial, 2004. 33 p.

SANTOS, S. C. **Nova História de Santa Catarina**. 2ª ed. São Paulo: Símbolos, 1991.

SANTOS, T. S. dos. **Narrativas surdas: experiências na comunidade e na cultura surda e a constituição de identidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

SAVIANI, D. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, p. 3-12, 2004.

SCHMITT, D. **Contextualização da Trajetória dos Surdos e Educação de Surdos em Santa Catarina**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30371945.pdf>. Acessado em 16 jun. 2021

SCHMITT, D. **A história da língua de sinais em Santa Catarina: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SCHEEL-YBERT, R. *et al.* Mudanças e permanências no Sambaqui de Cabeçuda (Laguna, SC): das escavações de Castro Faria às questões atuais. **Revista de Arqueologia**, v. 33, n. 1, p. 169-197, 2020.

SILVA, A. B. de P.; PEREIRA, M. C. da C.; ZANOLLI, M. de L.. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 279-286, 2007.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

SILVA, V.. **História dos Surdos. Caderno Pedagogia para Surdos**. UDESC – Florianópolis – SC, CEAD, 2002.

SIMON, L. M. **Documentação e monitoramento de sítios urbanos históricos com apoio do cadastro técnico multifinalitário e da fotogrametria digital**. Estudo de caso: Laguna. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

SOARES, M. A. L. **A educação do Surdo no Brasil**. Campinas, SP: ADSF, 1999.

SKLIAR, C. B. Educação & Exclusão, Abordagens Sócio-Antropológicas em Educação Especial. In: SKLIAR, C. B. (Org.) **Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SKUTNABB-KANGAS, T.; PHILLIPSON, R.; RANNUT, M. (Ed.). **Linguistic Human Rights: overcoming linguistic discrimination**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1995.

STROBEL, K. História da educação de surdos. **Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância**. Florianópolis, 2009.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.

SUPALLA, T. **Arqueologia das línguas de sinais: Integrando Linguística histórica com pesquisa de Campo em Língua de Sinais Recente**. University of Rochester, TISLR9. Florianópolis/SC, UFSC, 2006.

TEIXEIRA, A. **Catálogo analítico descritivo dos jornais de Laguna (1864/1900) o jornal como fonte histórica**. 1991.

TEIXEIRA, E. B. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em questão*, v. 1, n. 2, p. 177-201, 2003.

THOMPSON, P. **A voz do passado - história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992

ULYSSÉA, S. **A Laguna de 1880**. Edição do autor, 1943.

VIEIRA, N. M. G. *et al.* **A Assistência social prestada ao portador de deficiência mental e sua família da APAE de Florianópolis**. 1994.

VILHALVA, S. *et al.* **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.



## ANEXO 1



ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO

07/05/21 18:10:23  
SISGESC

**Professor e Alunos de 2º Prof. Bil.**

Regional - LAGUNA					Sit. Func.
Unidade Escolar	Município	Matriz/Curso	Turno/Etapa/Turma		
95044-EEB PROF JOSE RODRIGUES LOPES	GAROPABA	1181-ENSINO FUNDAMENTAL V	9 - ANO - 7 - 22/12/2021	Prof.: 680704-6-02 Aluno: 4501151810	ACT
94153-EEM ENG ANNES GUALBERTO	IMBITUBA	2862-TÉCNICO EM INFORMÁTICA	1 - SÉRIE 1 - 22/12/2021	Prof.: Aluno: 454448665	
93521-EEB SAUL ULYSSEA	LAGUNA	1181-ENSINO FUNDAMENTAL V	7 - ANO - 702 - 22/12/2021	Prof.: 672096-0-02 Aluno: 4542163597	CAA
Regional Total Efetivos:	0	Total ACT:	2	Total Alunos Atendidos:	3
		Total Unidades Escolares:	3	Total de Município:	3

## ANEXO 2

LEI Nº 969, DE 12 DE SETEMBRO DE 2003.



### DISPÕE SOBRE A OFICIALIZAÇÃO, NO ÂMBITO DESTE MUNICÍPIO, DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE LAGUNA, SC., Faz saber a todos os habitantes que a Câmara de Vereadores aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

**Art. 1º** A Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS fica reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, a ela associados neste Município de Laguna, Estado de Santa Catarina.

§ 1º. Entenda-se como Língua Brasileira de Sinais a forma de comunicação e expressão, o sistema lingüístico de natureza visual-motora, como estrutura gramatical própria, constituindo uma maneira lingüística de transmissão de idéias e fatos e outros de expressão gestual codificada das comunicações surdas do Brasil.

§ 2º. A Língua Brasileira de Sinais não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

**Art. 2º** Deve ser garantido por parte do Poder Público Municipal, o devido apoio para uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais, como meio de comunicação objetiva e de utilização correntes das comunidades surdas neste Município.

**Art. 3º** A administração pública direta ou indireta do município assegura o atendimento aos surdos e/surdez na Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, em repartições públicas, estabelecimentos de ensino, hospitais e assistência jurídica, pelos profissionais intérpretes de Língua de Sinais, professores de Língua de Sinais.

Parágrafo único. O Município manterá profissionais aptos ao atendimento aos surdos na comunidade e nas repartições públicas.

**Art. 4º** O cargo de Professor de Língua de Sinais é prioridade, os surdos devido à necessidade de preservar a cultura surda na constituição lingüística.

**Art. 5º** O intérprete de Língua de Sinais é profissional que efetua a comunicação entre surdos e ouvintes que não compartilham a mesma língua, com o propósito de dar acesso às pessoas surdas a informação e participação social.

**Art. 6º** Para fins desta lei e da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, os interpretes serão preferencialmente ouvintes e os instrutores e/ou professores preferencialmente surdos.

**Art. 7º** Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

ADILCIO CADORIN  
Prefeito Municipal

**ANEXO 3****ESTATUTO SOCIAL****ASSOCIAÇÃO LAGUNENSE DE PAIS, AMIGOS E SURDOS****“ALPAS”****CAPÍTULO I****DENOMINAÇÃO, SEDE, FINALIDADES E DURAÇÃO**

**ARTIGO 1º A ASSOCIAÇÃO LAGUNENSE DE PAIS, AMIGOS E SURDOS**, também designada pela Sigla “ALPAS”, fundada em **29 de julho de 2016**, com sede, foro e domicílio fiscal na Rua Gil Ungarete, nº 511, bairro Esperança, CEP 88790.000, na cidade de Laguna- SC, com personalidade jurídica civil de direito privado, associação de caráter social, assistencial, cultural, educativo, sem fins lucrativos, políticos e religiosos, de duração por tempo indeterminado, composta de número ilimitado de associados, podendo ser dissolvida por decisão da maioria dos seus Associados, caso assim deliberem em Assembléia Geral, convocada especialmente para este fim, reger-se-á pelo presente Estatuto.

**ARTIGO 2º A “ALPAS”**, foi fundada por iniciativa e cooperação de Surdos, Pais e Amigos e pessoas dispostas à **LUTAR PELOS DIREITOS DOS SURDOS** e são finalidades da associação:

- I. Reunir parentes e amigos de pessoas surdas para obter legitimidade e representatividade em todos os seguimentos da sociedade.
- II. Inserir o Surdo no mercado trabalho,
- III. Promover com ajuda do Poder Público e Privado Tratamentos: Fonoaudiólogos, Audiometrias, mantendo Assistência, não só Física, mas Social e Didática aos Surdos.
- IV. Promover Orientações através de Cursos, Palestras, Seminários, Congressos, Oficinas em Geral, com Professores Especializados, Campanhas de Conscientização, com folhetos explicativos em Libras, Orientação e Prevenção ao Uso Indevido de Drogas, criando Cursos Profissionalizantes, Ocupacionais, Cidadania, Comportamentos, que atendam às necessidades da população assistida;
- V. Prestação de serviços aos Poderes Públicos: Municipal, estadual ou Federal;
- VI. Estabelecer Contratos com a Iniciativa Privada para viabilizar treinamento e abertura de postos de trabalho destinada à mão de obra qualificada ou não;

- VII. Estabelecer Convênios com Poderes Públicos e Entidades;
- VIII. Criar e Desenvolver Projetos Sociais;
- IX. Captar Recursos junto aos Órgãos Públicos (Prefeitura, Estado, Governo Federal), Empresas Privadas, Organização Não Governamental, Nacional e Internacional, Pessoa Física e Jurídica para obter verbas e doações destinadas à compra de Aparelhos Auditivos ou outros equipamentos, tudo o que for necessário para a manutenção da Entidade e de seu trabalho, captando recursos para a aplicação de Projetos Sociais;
- X. Criar e Promover Atividades Culturais, Esportivas, Religiosas, Turísticas, Educacionais, de Lazer, Eventos, Festas Temáticas, em parceria com outras Associações;
- XI. Promover Orientações Trabalhistas aos surdos para serem respeitados nos seus direitos garantidos por Lei;
- XII. Cadastrar VOLUNTÁRIOS para a Entidade, de diversas áreas, para atendimento do SURDO como um todo (na área da Saúde, Educacional e Social);
- XIII. Lutar pela implantação da **LIBRAS (LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS)**, nos meios de comunicação, promovendo, com ajuda do poder público, cursos para capacitar os professores, para com que esses possam ensinar os surdos em sala de aula.
- XIV. Lutar pelos Direitos dos SURDOS, garantidos por Lei, promovendo a ampla divulgação das Leis e decretos existentes ou que eventualmente forem criados, bem como a fiscalização do cumprimento desses direitos.
- XV. Lutar para que os Órgãos Públicos e Empresas em geral, tenham Legendas em Libras e Intérpretes de Libras para que os Surdos se inteirem e sejam incluídos na Sociedade.
- XVI. Lutar para que seja coibida qualquer **DISCRIMINAÇÃO** contra os SURDOS.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** A Associação Lagunense de Pais e Amigos dos Surdos, ALPAS, não distribui entre os Associados, Diretores, Empregados ou Doadores, eventuais excedentes Operacionais, bruto ou líquido, dividendos, bonificações, participações ou parcelas de seu patrimônio auferidos mediante o exercício de suas atividades e os aplica integralmente na consecução do seu objeto social.

**ARTIGO 3º** No desenvolvimento de suas Atividades, a Entidade não fará distinção alguma de raça, sexo, cor, condição social, credo, político e religioso.

**ARTIGO 4º** A Entidade terá um REGIMENTO INTERNO que, aprovado pela Assembléia Geral, disciplinará o seu funcionamento.

## CAPÍTULO II

## DOS ASSOCIADOS, DIREITOS E DEVERES

**ARTIGO 5º** A “ALPAS” é constituída de número ilimitado de associados, podendo gozar de seus direitos, desde que estejam com situação em ordem com a Entidade, sendo dispostos em 04(quatro) categorias:

- I- **FUNDADORES:** Serão considerados aquelas pessoas que estiveram presentes na Assembléia Geral convocada para este fim e assinarem o Livro de Atas.
- II- **HONORÁRIOS:** Os propostos pela Diretoria e aprovados na Assembléia Geral.
- III- **BENEMÉRITOS:** Aqueles que tenham prestado relevantes serviços e contribuições financeiras à Entidade e que sejam referendados pela Diretoria.
- IV- **PARTICIPANTES:** Todos os que se inscreverem após a Fundação da Entidade.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** O associado será admitido após aprovação da Diretoria.

**ARTIGO 6º** Os associados, seja qualquer categoria a que pertençam, não respondem de qualquer forma, mesmo que subsidiária, pelas obrigações e encargos sociais.

**ARTIGO 7º SÃO DIREITOS DOS ASSOCIADOS:**

- I- Requerer, discutir e votar proposições na Assembléia Geral.
- II- Votar e ser votado para encargos eletivos da Diretoria, desde que os associados participem e tenham prestado serviços à ALPAS, por 6(seis) meses, e estejam em ordem com a Entidade.
- III- Beneficiar-se dos serviços criados pela Entidade e tomar parte nas atividades culturais, sociais, esportivas, cívicas, assistenciais e outras.
- IV- Apresentar novos associados para aprovação da Diretoria.
- V- Solicitar à Diretoria, dentro das normas Estatutárias, a convocação da Assembléia Geral e Extraordinária, com justificação de motivos, acompanhada das assinaturas de 1/3 (**um terço**) dos associados com direito à Voto.

**ARTIGO 8º SÃO DEVERES DOS ASSOCIADOS:**

- I- Respeitar e cumprir as disposições estatutárias e regimentais.
- II- Acatar as determinações e as resoluções da Assembléia Geral da Diretoria e comparecer as mesmas.
- III- Dar pleno desempenho aos cargos para o qual foram eleitos ou designados, uma vez aceitos.
- IV- Comunicar à Secretaria Eventual mudança de endereço.

- V- Oferecer à Entidade disponibilidade para trabalhos gratuitos.
- VI- Zelar pelo patrimônio moral e material da Entidade.
- VII- Interessar-se pelo cumprimento da finalidade e prestar serviços à Entidade.
- VIII- Respeitar todos os demais associados e zelar pela harmonia no seio da Entidade.

**ARTIGO 9º.** Os associados que infringirem as normas estatutárias estarão sujeitos a penalidades, que serão aplicadas em conformidade ao grau da infração, na seguinte ordem: advertência por escrito; suspensão, exclusão.

**Parágrafo único.** As penalidades serão aplicadas pela diretoria obedecendo às disposições estatutárias depois de apuradas as causas, com amplo direito de defesa, cabendo, entretanto aos associados envolvidos, recursos a serem apresentados, num prazo de 08 (oito) dias após tomarem ciência da punição, devendo o recurso ser apreciado pela assembleia geral.

**ARTIGO 10.** O associado, será excluído do quadro social da Associação:

- I- Mediante solicitação por escrito, estando em dia com a tesouraria;
- II- Quando prejudicar o bom nome da Associação em virtude do descumprimento das disposições estatutárias, assim como a prática de atos lesivos aos interesses e objetivos da mesma da associação;
- III- por falecimento;

**Parágrafo único.** Os associados que, se desligarem do quadro social na forma do inciso "I", poderão ser readmitidos, mediante requerimento escrito e após aprovação da diretoria.

### **CAPÍTULO III**

#### **DA ADMINISTRAÇÃO**

**ARTIGO 12.** SÃO ÓRGÃOS ADMINISTRATIVOS:

- I- A ASSEMBLÉIA GERAL;
- II- A DIRETORIA ADMINISTRATIVA;
- III- O CONSELHO FISCAL

#### **DA ASSEMBLÉIA**

**ARTIGO 11.** A Assembléia Geral é Órgão soberano da Entidade, sendo composta por todos os associados participantes e fundadores no gozo de seus direitos, tendo a faculdade de deliberação e resolução dentro da legislação vigente e das disposições deste Estatuto, sobre todos os assuntos referentes as atividades e fins da Entidade.

**ARTIGO 12.** Realizar-se-á até a segunda semana de janeiro de cada ano a Assembléia Geral Ordinária, para tomar conhecimento e deliberar sobre as contas, balanços, relatórios da Diretoria, referentes ao exercício anterior.

**ARTIGO 13.** A Assembléia Geral Ordinária proceder-se-á a **cada DOIS ANOS**, à eleição da Diretoria e Conselho Fiscal.

**ARTIGO 14.** Compete à Assembléia Geral:

- I- Eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal e seus Suplentes;
- II- Decidir sobre reformas do Estatuto;
- III- Decidir sobre a extinção da Entidade nos termos do Artigo 31;
- IV- Decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar e permutar bens patrimoniais;

**ARTIGO 15.** A Assembléia Geral reunir-se-á extraordinariamente a qualquer época, quando convocada:

- I- Pela Diretoria, através da maioria de seus membros;
- II- Pelo Conselho Fiscal;
- III- Por Requerimento **de 1/5 dos Associados**, em gozo de seus Direitos, para tratar de assuntos de competência exclusivamente da Assembléia.

**ARTIGO 16.** A Convocação da Assembléia Geral Extraordinária, será convocada mediante requerimento **de 2/3 dos associados**, pertencentes as categorias de fundadores e beneméritos, onde constará os motivos e problemas a serem deliberados.

**ARTIGO 17.** A Convocação da Assembléia Geral é feita pela publicação de edital na imprensa ou através de editais fixados na sede da Entidade, designando com antecedência mínima de 07(sete) dias, horas e local da convocação, bem como a ordem do dia.

**Parágrafo Primeiro:** Instalar-se-á a Assembléia Geral, em primeira convocação com a presença de 2/3 (dois terços) dos associados em dia com suas contribuições, ou na falta de número legal meia hora após, em segunda convocação com a presença de qualquer número de associados, devendo ser assinados por estes, o livro de presença.

**Parágrafo Segundo:** A Assembléia Geral será dirigida por uma mesa composta de um Presidente e um Secretário.

**ARTIGO 18.** A Assembléia Geral apreciará devidamente constituída os nomes a serem compostos à Diretoria e o Conselho Fiscal para o exercício seguinte.



## **CAPÍTULO IV - DA PRESTAÇÃO DE CONTAS**

**Artigo 19.** A prestação de contas da associação observará no mínimo:

I- Os princípios fundamentais da contabilidade e normas brasileiras da contabilidade;

II- A publicidade, por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, incluindo as certidões negativas de débitos junto ao INSS e ao FGTS, colocando-os a disposição para o exame de qualquer cidadão, quando for o caso;

III- a realização de auditoria, inclusive por auditores externos independentes se for o caso, da aplicação dos eventuais recursos objeto de termo de parceria, conforme previsto em regulamento;

IV- A prestação de contas de todos os recursos e bens de origem pública recebidos será feita, conforme determina o parágrafo único do artigo 70 da Constituição Federal.

**Parágrafo único.** Fica a Diretoria autorizada a contratar e remunerar profissional de contabilidade para a confecção dos balanços e dos documentos junto à Receita Federal do Brasil, caso não haja alguém que o faça voluntariamente.

### **DA DIRETORIA**

**ARTIGO 19.** A Diretoria será constituída por um Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro, 2º Tesoureiro,

**PARÁGRAFO ÚNICO:** O mandato da Diretoria será de **02 (DOIS ANOS)**, sendo os membros votados pela Assembleia Geral.

**ARTIGO 20. Compete a Diretoria:**

- I- Elaborar programa anual de atividades e executá-lo;
- II- Elaborar e apresentar à Assembléia Geral, o Relatório Anual;
- III- Entrosar-se com Instituições Públicas e Privadas para mútua colaboração em Atividades de interesse comum;
- IV- Contratar e demitir Funcionários;
- V- Aprovar as propostas para admissão de novos associados, admitindo ou recusando se for o caso, bem como determinar a exclusão dos mesmos, dentro dos critérios estabelecidos pelo Estatuto;
- VI- Exercer a Administração da Entidade dentro das normas legais dos Estatutos e do Regulamento Interno, tomado as medidas necessárias para a conservação dos fins sociais;
- VII- Resolver casos omissos e propor à Assembléia Geral, as modificações que se fizerem necessárias aos Estatutos.

**ARTIGO 21.** A Diretoria reunir-se-á no mínimo uma vez por mês.

**ARTIGO 22. Compete ao Presidente:**

- I- Cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o Regimento Interno;
- II- Presidir a Assembléia Geral;
- III- Convocar e Presidir as reuniões da Diretoria;
- IV- Autorizar o Pagamento das contas pelo Tesoureiro;
- V- Assinar os cheques juntamente com o Tesoureiro, e documentos relativos à movimentação do dinheiro;
- VI- Solucionar questões urgentes, submetendo-as assim que possível à apreciação da Diretoria;
- VII- Coordenar todos os projetos, sendo responsável pela aplicação dos mesmos, firmando contratos, convênios e parcerias;
- VIII- Convocar reuniões extraordinárias da Diretoria, quando julgar necessários.

**ARTIGO 23. Compete ao Vice-Presidente:**

- I- Substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos;
- II- Assumir o mandato, em caso de vacância, até o seu término;
- III- Prestar, de modo geral, a sua colaboração ao Presidente.

**ARTIGO 24. Compete ao Primeiro Secretário:**

- I- Secretariar as reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral e Redigir as competentes Atas;
- II- Publicar todas as notícias das atividades da Entidade;
- III- Auxiliar o Vice- Presidente em suas atividades;
- IV- Substituir o Vice-Presidente e o Tesoureiro da Diretoria na falta ou impedimento de ambos.

**ARTIGO 25. Compete ao Segundo Secretário:**

- I- Substituir o primeiro Secretário em suas faltas ou impedimentos;
- II- Assumir o mandato, em caso de vacância, até o seu término;
- III- Prestar, de modo geral, a sua colaboração ao primeiro Secretário.

**ARTIGO 26. Compete ao Primeiro Tesoureiro:**

- I- Arrecadar e Contabilizar as contribuições dos associados, rendas, auxílios e donativos em dinheiro ou em espécie, mantendo em dia a escrituração, toda comprovada;
- II- Pagar as contas das despesas, autorizadas pelo Presidente;
- III- Apresentar Relatórios de Receita e despesas, sempre que forem solicitados;
- IV- Apresentar o Relatório financeiro para ser submetido à Assembléia Geral;
- V- Apresentar semestralmente o Balancete ao Conselho Fiscal;
- VI- Conservar sob a sua guarda e responsabilidade, o numerário e documentos relativos à Tesouraria, inclusive contas bancárias;

- VII- Manter, em Estabelecimentos de Crédito, quantias arrecadadas em nome da Entidade;
- VIII- Assinar junto com o Presidente, cheques e demais papéis relativos ao movimento de valores;
- IX- Ter sob a sua guarda o Livro Caixa.

**ARTIGO 27. Compete ao Segundo Tesoureiro:**

I- Auxiliar o primeiro Tesoureiro, no desempenho de suas funções, substituindo-o nas faltas e impedimentos e em caso de vacância, assumir o mandato até o seu término.

**ARTIGO 28.** As atividades dos Diretores serão **INTEIRAMENTE GRATUITAS**, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro.

### **DO CONSELHO FISCAL**

**ARTIGO 29.** O Conselho Fiscal, será composto de 03(três) membros efetivos, sendo um Presidente, um Vice- Presidente/Secretário, 3. Membro Efetivo e um Membro Suplente, eleitos pela Assembléia Geral.

&1. O mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da Diretoria.

&2. Em caso de vacância, o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até o seu término.

**ARTIGO 30. Compete ao Conselho Fiscal:**

- I- Examinar os livros de escrituração da Entidade;
- II- Examinar o Balancete Semestral, apresentado pelo Tesoureiro, opinando a respeito;
- III- Apreciar os balanços e inventários que acompanham o Relatório anual da Diretoria;
- IV- Opinar sobre a aquisição e Alienação de Bens, por parte da Instituição.

**PARÁGRAFO ÚNICO:** O Conselho fiscal reunir-se-á ordinariamente à cada 06 (seis) meses, e extraordinariamente por convocação de seu Presidente, Vice-Presidente ou do secretário da Diretoria.

**ARTIGO 31.** As atividades dos Diretores e Conselheiros, serão inteiramente gratuitas, sendo-lhes vedado o recebimento de qualquer lucro, bonificação ou vantagens.

**ARTIGO 32.** As deliberações do Conselho Fiscal serão tomadas por maioria simples e de votos de seus membros presentes, registrando-se a ata das reuniões em livro próprio.

## **CAPÍTULO V**

### **DO PATRIMÔNIO**

**ARTIGO 33.** O Patrimônio da Entidade “ALPAS”, será constituído de:

- I- Bens imóveis, móveis e utensílios, veículos e semoventes que a Entidade possua ou venha a possuir;
- II- Bens Financeiros oriundos de: Contribuições de associados, subvenções, auxílios e donativos em dinheiro ou espécie, legados, rendas patrimoniais, resultados de atividades sociais.

**ARTIGO 34.** A **dissolução** da Entidade somente poderá realizar-se por decisão de mais de 2/3 (**dois terços**) dos associados, que estejam em pleno gozo de seus direitos, nos termos do Capítulo II, em Assembléia Geral Extraordinária, convocada para este fim.

**ARTIGO 35.** No caso de dissolução social da Instituição, os bens remanescentes serão destinados à outra Instituição congênere, com personalidade jurídica, sede e atividades na cidade de Laguna/ Santa Catarina.

## **CAPÍTULO VI**

### **DAS ELEIÇÕES E POSSES DOS DIRIGENTES**

**ARTIGO 36.** As eleições para dirigentes da Entidade realizar-se-ão a cada **02 (DOIS ANOS)** na PRIMEIRA QUINZENA DE JANEIRO, pelos integrantes da Assembléia geral, para eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal.

**ARTIGO 37.** Será admitida a reeleição dos dirigentes em período subsequente ao que ocuparem cargos de direção.

**ARTIGO 38.** Em caso de demissão coletiva de dirigentes, ou em número que impossibilite a continuação dos trabalhos da Entidade, na forma que dispõe este Estatuto, os substitutos eleitos nesta hipótese, a duração de seu mandato reduzida ao tempo que restava da gestão dos Diretores demissionários.

**ARTIGO 39.** O direito à voto é pessoal e intransferível, não podendo ser exercido através de procuração.

**ARTIGO 40.** Os recursos contra os trabalhos do processo eleitoral deverão ser interpostos até 10(Dez) dias após às eleições, e deverão ser julgados em Assembléia Geral Extraordinária, convocada com este fim específico.

**PARAGRAFO ÚNICO:** A Assembléia Geral Extraordinária a que se refere este Artigo, deverá ser realizada no prazo máximo de 10(dez) dias, contados do último dia para a apresentação de recurso.

**ARTIGO 41.** A posse dos eleitos será dada pela Assembléia, através de seu Presidente, através de termo lavrado em livro próprio, onde deverá constar a assinatura de todos os eleitos e seus respectivos cargos.

**ARTIGO 42.** Os casos omissos neste Estatuto, serão resolvidos pela Diretoria.

## **CAPÍTULO VII**

### **DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS**

**ARTIGO 43.** Os membros da “ALPAS”, seja a que título for, **não serão responsáveis** nem mesmo subsidiariamente pelas obrigações que expressa ou tacitamente, forem contraídas em nome da ASSOCIAÇÃO, pelos seus representantes legais.

**ARTIGO 44.** A Associação Lagunense de Pais, Amigos dos Surdos, “ALPAS” **não responderá** pelas obrigações ilegalmente contraídas em seu nome.

**ARTIGO 45.** Este Estatuto somente poderá sofrer alterações através de Assembléia Geral, com a presença **dos seus membros** e votada pela maioria dos presentes.

**Parágrafo Primeiro:** A Assembléia Geral deverá ser convocada pelo Presidente, ou pela maioria absoluta dos membros da Diretoria, garantindo à **2/3 (dois terços) dos associados** o direito de promovê-la.

**Parágrafo Segundo:** Ressalta-se que quando o assunto for alteração do estatuto, a convocação da Assembléia Geral ocorrerá mediante requerimento, onde se consignará os artigos a serem alterados e os motivos, bem como, a assinatura do Presidente, ou da maioria dos membros da Diretoria.

**ARTIGO 46.** A convocação da Assembléia Geral será publicada em edital na imprensa local ou através de editais fixadas na sede da entidade, designando com antecedência mínima de 10 (dias), data, hora e local da convocação.

**Parágrafo Primeiro:** Instalar-se-á a Assembléia Geral em primeira convocação com a presença de **2/3 (dois terços)** dos seus membros em dia com suas contribuições, ou na falta de número legal meia hora após, em segunda convocação com a presença

de qualquer número de seus membros, devendo ser assinados por estes o livro de presença.

**Parágrafo Segundo:** As deliberações das Assembleias serão aprovadas pelo voto da maioria dos presentes.

**ARTIGO 47.** Podem participar da Assembléia Geral, no que tange à votação, todas os associados, maiores de 16 anos, idôneas e residentes nesta comarca.

**ARTIGO 48.** Este Estatuto entrará em vigor na data de sua aprovação.

**LAGUNA, 29 DE JULHO DE 2016.**

**Presidente:** Crisiane Nunes Bez Batti brasileira, casada, estudante, residente e domiciliado na Rua: Urussanga 127 apto 301 - Mar Grosso, inscrita no CPF, sob o número RG

**Vice-Presidente:** Grasiela de Campos Vieira Vitor, brasileira, casada, professora, residente e domiciliada rua: Serafim Fernandes S/N - Barranceira. Inscrita no CPF sob o número RG:

**1º Secretario:** Rita de Cássia Soares Oliveira, brasileira, casada, professora, residente e domiciliada na Estrada Geral - Barbacena . , S\N inscrita no CPF sob o n. , RG

**2º Secretario:** Juliana Silva de Jesus, brasileira, Casada, professora, residente e domiciliada na rua: Vereador Euclides Moraes nº 129 – Progresso. Inscrita no CPF sob o número RG

**1º Tesoureiro:** Gabriela de Freitas Batista, brasileira, casada, do lar, residente e domiciliada no Morro da Glória, nº 07 – Centro. Inscrita no CPF sob o n. , RG

**2º Tesoureiro:** Bruna Muncinelli , brasileira, casada, professora, residente e domiciliada na rua: João José Fermino nº77 - cabeçuda. Inscrita no CPF sob o n. , RG

**Advogado:** Santos Pedroso Filho, brasileiro, casado, OAB/SC 12108, com escritório na Av. João Pessoa, 35, Bairro Mar Grosso, 88790-000, Laguna-SC:

---



**ANEXO 4**

LEI Nº 1924, DE 12 DE JUNHO DE 2017

**"DISPÕE SOBRE A  
INSERÇÃO DO INTÉRPRETE DA  
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS  
(LIBRAS), EM TODOS OS  
EVENTOS OFICIAIS DO MUNICÍPIO  
DE LAGUNA/SC".**

O PREFEITO DE LAGUNA/SC., Sr. Mauro Vargas Candemil, no uso de suas atribuições legais, faz saber a todos os habitantes do Município, que a Câmara de Vereadores aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

**Art. 1º** Todos os eventos públicos oficiais realizados pelo Município de Laguna deverão contar com intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

**Art. 2º** O objetivo desta Lei é garantir mecanismos de ampliação da inclusão social da pessoa portadora de necessidades especiais, particularmente as surdas.

**Art. 3º** As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias.

**Art. 4º** O Poder Executivo regulamentará o disposto nesta lei em até 60 (sessenta) dias a contar de sua entrada em vigor.

**Art. 5º** Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Mauro Vargas Candemil  
Prefeito



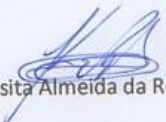
**ANEXO 5**

Laguna, 14 de agosto de 2019

Declaração

Declaro para os devidos fins que eu Karmensita Almeida da Rocha Cardoso, casada, domiciliada neste Município confirmo que Crisiane Bezz Batti, é voluntária em várias ações referente à Secretaria Municipal de Educação e Esportes, no que diz respeito à Linguagem de sinais, Libras, o que ocasionou a abertura no sistema da EJA (Educação de Jovens e Adultos) - Sala bilíngue para os adultos surdos não alfabetizados em Língua Portuguesa e semi alfabetizados em Libras em sua configuração oficial. Cabe informar ainda que acompanho os trabalhos e voluntariado desde o ano de 2014 a 2016, quando fui Gerente de Educação da 19ª ADR e de 2017 a 2019 quando fui Secretária Municipal de Educação e Esportes do Município de Laguna.

Por ser verdade assino a presente declaração.

  
Karmensita Almeida da Rocha Cardoso

**ANEXO 6**

LEI Nº 2071, DE 17 DE MAIO DE 2019

**RECONHECE DE  
UTILIDADE PÚBLICA A  
ASSOCIAÇÃO LAGUNENSE DE  
PAIS E AMIGOS DOS SURDOS -  
ALPAS**

OPREFEITO MUNICIPAL DE LAGUNA/SC., Sr. Mauro Vargas Candemil, no uso de suas atribuições legais, faz saber a todos os habitantes do Município, que a Câmara Municipal iniciou, aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

**Art. 1º** É reconhecida de utilidade pública a "Associação Lagunense de Pais e Amigos dos Surdos - ALPAS", CNPJ nº 27.077.857/0001-66, com sede na Rua Gil Ungaretti, nº 511, Bairro Esperança, neste Município de Laguna, fundada em 29 de julho de 2016 e registrado no Cartório de Pessoas Jurídicas sob o nº 4268, folhas nº 131 no Livro A - 16, em 16 de setembro de 2016.

**Art. 2º** A "Associação Lagunense de Pais e Amigos dos Surdos - ALPAS" ficam asseguradas todas as vantagens, prerrogativas, isenções e outros benefícios da legislação vigente.

**Art. 3º** Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

**MAURO VARGAS CANDEMIL**  
Prefeito Municipal

## ANEXO 7



ESTADO DE SANTA CATARINA  
CÂMARA MUNICIPAL DE LAGUNA  
PAÇO REPÚBLICA CATHARINENSE "ROBERTO PEDRO PRUDÊNCIO"  
GABINETE VEREADOR PRETO CRIPPA

Ofício Nº 129/19

Laguna, 27 de Junho de 2019.

Major Rogério Piovesano Bartolomei  
Comandante do 28º Batalhão de Polícia Militar de Laguna  
Laguna - SC

Venho através deste sugerir parceria entre a Associação Lagunense de Surdos – ALPAS, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e a sua entidade, para capacitação de alguns profissionais desta corporação afim de avançarmos na comunicação com os brasileiros surdos.

A motivação principal se faz, pois a surdez é uma especialidade que atinge mais de mil pessoas em nosso município e a falta da possibilidade de se comunicar causa sérios problemas tanto para o cidadão surdo quando quer expressar ou pedir algo, quanto para o militar que se sente limitado. E Laguna ainda sendo um destino turístico também recebe muitos turistas, onde diversos também não ouvem.

Desta forma, mais que uma língua estrangeira que busca melhorar a comunicação com estrangeiros, a Libras permite que falamos com nossos conterrâneos brasileiros. E este foi o objetivo, por exemplo, que fez outros municípios avançarem na capacitação de seus servidores, para que tenham apriori o mínimo de condições de conversar com o brasileiro surdo. Segue abaixo uma matéria que exemplifica o que escrevo.

No mais, há como construir estes cursos de uma forma que todos possam contribuir e aprender e, com certeza, esta possibilidade de avanço nos tornará mais desenvolvidos e atualizados perante a realidade do nosso povo. Assim, envio este ofício para darmos início a proposição e fico no aguardo da sua resposta, para que possamos dar o passo seguinte reunindo os impactados desta proposta.

Sendo isso para momento e compreendendo sua sensibilidade para o objetivo deste é que agradeço a atenção, me deixando sempre à disposição.

PROCOLO Nº 385

Recebido em: 27/06/2019

Às: 16:25 hs

*Valdeir Carlos Pereira*  
Valdeir Carlos Pereira  
SGT PM nº 7-8  
AUX

*Peterson Crippa da Silva*  
PETERSON CRIPPA DA SILVA  
Vereador

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Av. Roberto Pedro Prudêncio, s/n - Bairro Esperança - Fone/Fax (48) 3647-7500 – Laguna-SC  
E-mail: contato@camaradelaguna.sc.gov.br  
www.camaradelaguna.sc.gov.br



ESTADO DE SANTA CATARINA  
CÂMARA MUNICIPAL DE LAGUNA  
PAÇO REPÚBLICA CATHARINENSE "ROBERTO PEDRO PRUDÊNCIO"  
GABINETE VEREADOR PRETO CRIPPA

Ofício Nº 0128/19

Laguna, 27 de Junho de 2019.

**Sr. Tenente Henrique José Schulfer Nunes**  
Comandante Corpo de Bombeiros de Laguna  
Laguna - SC

Venho através deste sugerir parceria entre a Associação Lagunense de Surdos – ALPAS, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e a sua entidade, para capacitação de alguns profissionais desta corporação afim de avançarmos na comunicação com os brasileiros surdos.

A motivação principal se faz, pois a surdez é uma especialidade que atinge mais de mil pessoas em nosso município e a falta da possibilidade de se comunicar causa sérios problemas tanto para o cidadão surdo quando quer expressar ou pedir algo, quanto para o militar que se sente limitado. E Laguna ainda sendo um destino turístico também recebe muitos turistas, onde diversos também não ouvem.

Desta forma, mais que uma língua estrangeira que busca melhorar a comunicação com estrangeiros, a Libras permite que falamos com nossos conterrâneos brasileiros. E este foi o objetivo, por exemplo, que fez outros municípios avançarem na capacitação de seus servidores, para que tenham apriori o mínimo de condições de conversar com o brasileiro surdo. Segue abaixo uma matéria que exemplifica o que escrevo.

No mais, há como construir estes cursos de uma forma que todos possam contribuir e aprender e, com certeza, esta possibilidade de avanço nos tornará mais desenvolvidos e atualizados perante a realidade do nosso povo. Assim, envio este ofício para darmos início a proposição e fico no aguardo da sua resposta, para que possamos dar o passo seguinte reunindo os impactados desta proposta.

Sendo isso para momento e compreendendo sua sensibilidade para o objetivo deste é que agradeço a atenção, me deixando sempre à disposição.

  
PETERSON CRIPPA DA SILVA  
Vereador

RECEBI CÓPIA  
EM: 27/06/19  
  
João Michalotto  
Sub-Tenente - Mat. 922330-4

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Av. Roberto Pedro Prudêncio, s/n - Bairro Esperança - Fone/Fax (48) 3647-7500 – Laguna-SC  
E-mail: contato@camaradelaguna.sc.gov.br  
www.camaradelaguna.sc.gov.br

## ANEXO 8

### ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

- Nome
- Idade
- Ocupação
- Surdo ou Ouvinte

#### **Perguntas para Surdos:**

- Quando você se descobriu surdo?
- Como era sua relação e comunicação com sua família?
- Você tinha muitos amigos surdos?
- Qual foi seu primeiro contato com outros surdos?
- Em algum momento do passado você conheceu e/ou frequentou alguma associação de surdos?
- Havia alguma festa, reunião ou excursão realizada para os surdos, que você tenha participado ou presenciado?
- Quando foi seu primeiro contato com a Libras?
- Você frequentou a escola? Que escolas você frequentou? Como era a sua interação com os colegas e professores? Usavam a Libras?
- A Libras teve ou não importância na sua vida?
- Você frequentava uma escola regular e uma sala de recursos ou frequentava a escola especial?
- Se frequentou uma escola especial, lá você estudava com outros surdos?
- Você tem fotos de alguns desses momentos (escola, família, amigos surdos, associação de surdos)?

#### **Perguntas para ouvintes:**

- Qual é sua primeira lembrança em relação aos surdos em Laguna?
- Qual foi seu primeiro contato com um surdo?

- Teve contato com mais surdos? Quantos?
- Em algum momento do passado você conheceu e/ou frequentou alguma associação de surdos?
- Havia alguma festa, reunião ou excursão realizada para os surdos, que você tenha participado ou presenciado?
- Você frequentou a escola com algum surdo? Como era a interação entre ele e os colegas e professores?
- Como funcionava a educação deles? Somente na sala regular ou havia algum momento de ensino complementar para os surdos?
- Utilizavam a Libras para se comunicar?
- Você tem fotos de alguns desses momentos (escola, família, amigos surdos, associação de surdos)?
- Se você trabalhava na área de educação de surdos, como funcionava seu trabalho e quantos surdos atendeu?
- Como os surdos eram vistos pela comunidade na época que você interagiu com eles?
- Você tem ou sabe de alguma história envolvendo os surdos lagunenses que poderia nos contar?

**ANEXO 9**

Fundação Catarinense de Educação Especial  
Florianópolis/ SC

OFÍCIO 003/21

Laguna, 05 de abril de 2021.

Prezados,

Venho através do presente, solicitar informações relacionadas à atuação da FCEE junto aos surdos de Laguna nos últimos 80 anos. No momento, estou desenvolvendo uma pesquisa de mestrado cujo tema é “História dos surdos de Laguna – resgatando o passado e construindo o futuro. Objetivo resgatar dados históricos. Em pesquisa junto à APAE, percebi que os prontuários continham laudos da FCEE em anexo. Percebi que havia algum tipo de parceria entre as instituições. Assim, visando compreender melhor o processo de atendimento aos surdos e buscando informações para minha pesquisa, gostaria de saber:

- 1 – Nos últimos 80 anos, qual tem sido o papel da FCEE junto ao município de Laguna para atendimento aos surdos?
- 2 – Como é o processo de atendimento?
- 3 – Qual parceria tem a FCEE com a APAE?
- 4 – Quantos surdos lagunenses foram atendidos pela FCEE nesses últimos 80 anos?

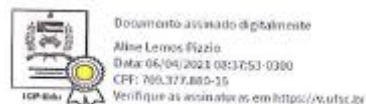
Os resultados desta pesquisa, darão base histórica necessária para a construção de ações positivas para a comunidade surda de Laguna.

Agradeço, de antemão a atenção de Vossa Senhoria ao exposto, ao passo que solicito, seja enviado a resposta por ofício para que possa ser anexada nos autos da pesquisa se possível até 01/05/2021.

Atenciosamente,

  
Crisiane Nunes Bez Batti

Mestranda em Linguística



Profa. Dra. Aline Lemos Pizzio

Orientadora da pesquisa

## ANEXO 10



ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
DIRETORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO  
GERÊNCIA DE PESQUISA E CONHECIMENTOS APLICADOS



**Informação nº 039** GEPCA/FCEE

São José, 30 de abril de 2021.

**Referência:** E-mail encaminhado à Supervisão de Atividades Educacionais Nuclear.

**Análise:** Ofício com solicitação de informação acerca da atuação da FCEE na área da surdez

**Parecer:**

Em resposta ao Ofício 003/21, encaminhamos as informações relacionadas à atuação da Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), na área da surdez.

O atendimento educacional à pessoa com surdez, em Santa Catarina, data de 1956, com a implantação de 3 salas de alfabetização no então Grupo Escolar Dias Velho, atual Escola Básica Barreiros Filho, em Florianópolis.

Com o surgimento da Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), no ano de 1968, que mantinha em sua estrutura Centros de Desenvolvimento Humano (CDHs), em meados da década de 1970 o atendimento educacional à pessoa com surdez passou a ser realizado CDH5, por meio do Serviço de Áudio-Comunicação.

O CDH5, além de assessorar a rede regular de ensino, ofertava as seguintes modalidades de ensino: salas de terapia de linguagem, cabine de avaliação audiológica, sala de reforço pedagógico, sala de estimulação precoce, jardim e pré-alfabetização.

Com a reestruturação do CDH5, em 1982, o atendimento passou a ser realizado por meio do Serviço de Atendimento ao Deficiente Auditivo (SADEA). Para aqueles matriculados na rede regular de ensino o atendimento ocorria através do Programa de Atendimento ao Deficiente Auditivo (PRODEA).

Em 1986, o SADEA passa a ser denominado Unidade de Atendimento à Deficiência Auditiva (UADA); sendo que em 1991 esta Unidade passa a ser incorporada à Unidade de Atendimento aos Deficientes Sensoriais e Físicos (UNASF). Com a necessidade de reestruturação da UNASF, o atendimento específico à pessoa com deficiência auditiva passa a ser realizado pelo Centro de Audição e Linguagem (CAL).

Com a deflagração da matrícula compulsória, em 1988, ficou assegurado a todas as pessoas com deficiência a frequência na rede regular de ensino. Sendo assim, no intuito de dar





ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
DIRETORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO  
GERÊNCIA DE PESQUISA E CONHECIMENTOS APLICADOS



suporte técnico-pedagógico a este público, foram implantadas as salas de recursos para deficientes sensoriais.

Neste período, com a realização da pesquisa “Avaliação do Processo de Integração de Alunos com Necessidades Especial na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina no Período de 1988 a 1997”, pela FCEE, junto à rede regular de ensino, ficou evidenciado a ocorrência de poucos avanços no processo educacional de surdos, seja do ponto vista acadêmico como social.

A partir daí, a FCEE, tendo como competência orientar as modalidades de atendimento às pessoas com deficiência, com base, inicialmente nos princípios da integração e, posteriormente da inclusão, estabeleceu diretrizes para nortear o atendimento a estas pessoas, no âmbito institucional. Sendo assim, no ano de 2000, é implantado o Centro de Estudos e Atendimento da Deficiência Sensorial (CEADS), com o objetivo de desenvolver estudos e atendimento na área da deficiência auditiva, visual e surdocegueira.

Em 2004, através do estabelecimento de convênio entre Secretaria de Estado da Educação e o Ministério da Educação, representado pela Secretaria de Educação Especial e pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, foi implantado no campus da FCEE, no CEADS, o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), que em 2006 desvincula-se do CEADS, e passa a se constituir como um centro de atendimento com estrutura própria. Tal evento teve como fator contributivo a implantação da Política de Educação de Surdos no Estado de Santa Catarina.

No período entre 2009 e 2011 a FCEE realizou a pesquisa “Implementação e acompanhamento do desenvolvimento da educação Bilíngue no Estado de Santa Catarina”, em 3 escolas da rede regular de ensino do Estado, envolvendo os municípios de São José, Chapecó e Joinville, com o objetivo de analisar o atendimento proposto a partir da implantação da Política, identificar a situação destes atendimentos realizados, bem como estabelecer um plano de capacitação.

Os resultados desta pesquisa apontaram para a necessidade de readequação das unidades escolares no sentido de promover o efetivo desenvolvimento cognitivo, social e intelectual do aluno surdo, matriculado nos anos iniciais do ensino fundamental.

Assim sendo, em 2020, por meio da parceria entre FCEE e Secretaria de Estado da Educação foi elaborado o documento “Implementação da Educação de Surdos no Estado de



ESTADO DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
DIRETORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO  
GERÊNCIA DE PESQUISA E CONHECIMENTOS APLICADOS



Santa Catarina por meio da Implantação de Turmas Bilíngues em Tempo Integral em Escolas Polos”.

No presente momento, tendo em vista a abrangência da FCEE em nível estadual, esta mantém Acordos de Cooperação e fomento com mais de 200 CAESPs, mantidos pelas Associações de Educação Especial, bem como com 9 (nove) Associações voltadas ao atendimento e ou apoio às pessoas surdas.

Quanto ao atendimento ofertado no campus da FCEE, este é realizado através do CAS, que tem por objetivo promover estudos, pesquisas, assessorias e capacitações na área da Surdez e Surdocegueira, com o intuito de propiciar um melhor atendimento às necessidades dessa clientela, buscando uma intervenção eficaz no processo educativo com foco no ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), do Português na modalidade escrita, de metodologias de atendimento e da reabilitação auditiva, além de promover a acessibilidade e a difusão da LIBRAS.

Dispõe dos seguintes serviços:

- Atendimento Educacional Especializado- AEE Infantil;
- Atendimento Educacional Especializado- AEE Surdez;
- Atendimento Educacional Especializado- AEE Surdocegueira;
- Serviço de Reabilitação Auditiva;
- Laboratório de Capacitação e Produção de materiais em Língua de Sinais – LIBRAS; e
- Central de Interpretação de Libras.

Também é de sua competência desenvolver estudos e pesquisas na área da surdez, bem como capacitar e assessorar tanto as associações como também os serviços ofertados na rede regular de ensino.

Sendo o que tínhamos para o momento, colocamo-nos à disposição.

*Katia Regina Ladewig*  
Supervisora de Atividades  
Educativas Nucleares  
Matr. 238.972-0-01 FCEE

Katia Regina Ladewig  
Supervisora de Atividades Educativas Nucleares  
Gerência de Pesquisa e Conhecimentos Aplicados  
Fundação Catarinense de Educação Especial

**ANEXO 11****RELATO DE MEMÓRIA DE ES**

*“Meu nome é ES. Sou surdo. Eu nasci surdo porque tive catapora. Quando criança eu desejei não ser surdo. Às vezes ficava chamando meu pai para que ele me explicasse o que eles ficavam falando. Eu estudei na APAE durante muitos anos. Entrei na APAE com 5 anos e fiquei lá até meus 17 anos. Na APAE tinha alguns surdos que estudavam comigo. Lembro de 7 surdos (ED faz os sinais deles). Mas hoje não tenho mais contato com eles, foram embora daqui. Lá eu não aprendi a ler ou a escrever, mas eu aprendi algumas coisas de marcenaria e a fazer vassouras. Eu gostava da APAE. Também estudei um pouco na Escola Jerônimo Coelho, mas não pude continuar... a situação financeira era muito difícil e eu precisava trabalhar. Eu comecei a trabalhar cedo... com 15 anos eu comecei a trabalhar em uma construção como pedreiro. Eu não era casado ainda, mas já trabalhava. Mais tarde, com 17 anos comecei a namorar e um pouco depois minha namorada ficou grávida. Então precisei trabalhar mais, trabalhei sozinho e em algumas obras. Hoje estou aposentado. Para me comunicar e resolver as coisas do dia a dia, minha filha ia comigo. Ela que resolvia para mim as coisas no banco. E eu trabalhava para trazer comida para casa. Agora não estou mais trabalhando porque não quero que cortem meu benefício. Já ouvi dizer que podem cortar. Voltei a estudar na ALPAS e foi só depois de mais velho que aprendi Libras.”*

**RELATO DE MEMÓRIA DE YS**

*Meu nome é YS, tenho 28 anos. Minha mãe me contou que quando nasci os médicos falaram para minha vó que se minha mãe tivesse outro filho, teria 99 por cento de chance de nascer surdo/mudo, assim sendo resolveram fazer laqueadura na minha mãe para não ter mais filhos além de mim. Os médicos também orientaram os meus avós, que era mais seguro ser criada por eles até eu desenvolver a fala, porque se eu fosse criada pelos meus pais eu não aprenderia a falar. O tempo foi passando, nunca tive contato com outros surdos além de meus pais. Na minha cabeça era só os dois que eram surdos. Com o tempo eu fiquei mais responsável*

*pelos dois, era eu que fazia comunicação pra tudo, na escola, mercado, médico, era tudo eu que fazia a comunicação. Fui descobrir outros surdos quando um grupo religioso, as Testemunhas de Jeová, esteve aqui em casa e junto com eles outras duas surdas. Aí a gente descobre que existem mais pessoas e na minha cabeça era só os dois.*

*Lembrei agora que por parte de pai, que estudou na APAE, e cresceu em contato com um surdo que eu conheci bem pouco, e o nome dele era JB. Acho que foi o primeiro surdo que conheci além dos meus pais e da minha mãe e aquele grupo de religiosos que esteve aqui em casa com outras 2 surdas. Era bem difícil, porque como expliquei antes, era tudo eu quem fazia, tudo na minha infância era só eu para os dois. Eles só tinham eu na época para fazer tudo, não tinha mais ninguém por eles, ninguém entendia eles. Era tudo eu principalmente quando minha avó percebeu a facilidade que eu tinha de comunicação com meus pais aí me largou pra resolver tudo até questão de advogado quando eu tinha 8 anos de idade. A comunicação era difícil, nós tínhamos nossa própria maneira, de apontamentos, uma forma de se comunicar. Vou ser sincera, eu ficava muito triste queria que meus pais falassem só comigo né, queria ser a filha e não a mãe deles. Eu queria que em todos os lugares tivesse mais respeito por eles, que agregasse mais e tivessem acessibilidade nas farmácias, mercados, hospitais e etc... Que eles pudessem ter mais autonomia sem depender de mim pra tudo, que eles pudessem ser mais independentes como nós ouvintes de ir e vir sem depender de ninguém. Não houve outra associação de surdos, a única que teve foi a ALPAS, que trouxe muitas mudanças, a alta estima dos meus pais e a minha também, a alegria dos meus pais em frequentar em ir pra escola, em aprender coisas novas e ter contato com mais pessoas, porque antes eles eram isolados e nunca saiam de casa. Então a ALPAS, tipo assim, abriu mais pra eles, puderam usufruir de novas oportunidades. Quando eu vi que havia mais surdos eu fiquei tipo assim, de cara, pensei meus Deus de onde vieram tudo isso, eu pensei que somente meus pais que eram surdos!”*

## RELATO DE MEMÓRIA DE WV

*“Meu nome é WV, tenho 31 anos e sou surdo. Moro em Florianópolis e trabalha numa farmácia há sete anos mas nasci em Laguna. Descobriram que eu era surdo mais ou menos quando eu tinha 3 ou 4 anos de idade...lembro um pouco. Lembro que quando tinha uns 3 anos de idade mais ou menos eu ia com minha mãe à fono. Acho que em Tubarão. Na época devia ter surdos lá em Tubarão mas não os conhecia. Também fazia fisioterapia na APAE. A comunicação com meu pai e irmão sempre foi difícil. A própria comunicação com a minha mãe também era complicada. Nos falávamos apenas por gestos pois assim como eu ela também não sabia Libras ainda. Eu também não sabia quase nada de Português. Sabia pouquíssimas palavras. Mais tarde minha mãe aprendeu a se comunicar comigo em Libras. A primeira vez que tive contato com outro surdo, eu não lembro bem o ano, mas foi lá em Tubarão quando eu e minha mãe fomos visitar uma escola. Na ocasião eu tava meio nervoso pois não era fluente em Libras ainda. É tanto que eu só sabia falar “sim” “sim” e “sim”. Eu me senti um pouco envergonhado porque até então eu não tinha tanto contato com surdos. Porque até então eu só conhecia Laguna. O Jerônimo Coelho era uma escola que tinha pouquíssimos surdos e os professores não sabiam nada de Libras e tentavam conversar com a gente apenas em mímica. Não eram fluentes só sabiam um sinal ou outro. Quando cheguei na escola e conheci outra surda, NP, vi que ela era como eu. Tanto pra mim como pra ela era difícil. Nem a gente era fluente em Libras nem as pessoas ao redor eram. Então a gente ficava com dúvida, não entendíamos nada, e isso acabava deixando a gente pra baixo como se a gente não conseguisse progredir. Daí eu fiquei pensando em conhecer a escola lá em Tubarão na época. Eu tinha contato com surdos da minha faixa etária. Fora da escola eu não conhecia surdos mais velhos. Lá em Tubarão quando a gente ia, foi lá que a gente desenvolveu a Libras. Eu senti alegria. Foi uma sensação diferente. Eu comecei a perceber que com a Libras nossa comunicação não era mais limitada. Logo no primeiro ano eu já tava acostumado a permanecer em silêncio pois o professor não era fluente em Libras. Depois melhorou com a presença da intérprete no ensino médio. Porém antes eu ficava angustiado por não estar compreendendo nada da aula, por não conseguir evoluir. Apenas ficava tentando assimilar as coisas que via e escrevia e tentava aprender com isso. Sou*

*formado na UFSC hoje. Quando cheguei lá foi bem chocante pra mim! Ver vários surdos chegarem na faculdade com sinais até diferentes do que eu sabia. Por exemplo, eles usavam esse sinal [VERDE ou FRIO?]. Daí numa ocasião eu perguntei “esse sinal é [FRIO?]”. Responderam: não, é [VERDE?]. Isso me fez lembrar como tudo aqui era diferente do meu passado. E entender até as diferenças de sinais que podem existir. Como também a cultura de cada lugar. Eu pretendo continuar os estudos, vou lutar pra isso.”*

### RELATO DE MEMÓRIA DE MV

*“Meu nome é MV, sou técnica de enfermagem e tenho 48 anos. Além de meu filho, eu não tinha tido contato com surdos antes. Quando soube que meu filho era surdo não senti nada de diferente, porque continuava sendo meu filho igual. Pra mim foi tudo normal. A partir do WV não conheci surdos de mais idade, só conhece um que estudava no Jerônimo Coelho, a NP depois a K. na infância. Depois na adolescência conheci outro surdo, o RR.*

*No passado tinha uma associação de surdos formada pela MR, mãe do RR. Não lembro se foi pra frente. Acho que a ideia partiu dela. Foram feitas algumas reuniões. Eu participei de três reuniões, mas houve mais. Lembro que na época, elas estavam tentando aprovar uma lei, uma coisa assim. Fazíamos reuniões na prefeitura e tinha alguns políticos...não sei se chegaram no prefeito. Talvez tenha sido depois. Mas teve bastante reuniões sabe?! Eu tinha interesse mas sempre trabalhei muito né. O hospital toma muito o tempo da gente. Eu e o WV tomamos outro rumo. Mais ou menos no segundo grau dele. Ele passou no vestibular e fomos pra Florianópolis. A relação com a educação do WV e a alfabetização achei que foi difícil porque não havia professor especializado. Tanto que ele teve que voltar da quarta série pra segunda novamente porque ele aprendeu a copiar...desenhar a letra. Ele sempre foi muito cuidado, amado. As professoras sempre deram um carinho imenso de mãe a ele, mas pecaram na alfabetização. Até que chegou uma professora, que já tinha percebido que ele não tava alfabetizado, a professora M., ela me chamou pra conversar e nós resolvemos então...nós resolvemos dar toda autoridade pra ela tomar rumo da alfabetização do W. Concordei com tudo que ela fez até ele ser*

*alfabetizado e enquanto ele estudou no Jerônimo Coelho. Ele estudou com ela e depois com a G. que foram quem alfabetizaram de verdade o W. Então ele teve bastante dificuldade na alfabetização. Agora, ele sempre foi muito bem tratado. Sempre foi muito bem aceito. Foi tão bem aceito que até “estragavam” ele. Eu não tinha muito conhecimento sobre os direitos dele e sobre acessibilidade. Ele teve contato com Libras já no Jerônimo Coelho depois ele veio aprender mais alguma coisa depois que conheceu a KL (Intérprete). Quando ele foi pro segundo grau a gente começou a sofrer preconceito porque a escola não tinha intérprete e não sabia como trabalhar com eles...os três né. Foi nesse momento que a KL entrou na nossa vida e me deu os caminhos e eu o levei pra escola que foi a CEAL que pediu uma intérprete pro Estado pois ele tinha direito. Mas eu sempre lutei pelos direitos do W. Eu não sentia que a comunidade lagunense enxergava os surdos. Os surdos no passado sempre estavam escondidos. Nunca tinha nada. Acho que até hoje a sociedade não enxerga bem os surdos. A gente ainda sofre preconceito. Hoje as pessoas até procuram saber mais de Libras pra entender alguma coisa, mas no geral a gente precisa muito para ter os direitos dos surdos. Senti alguma mudança na trajetória. No passado era muito mais difícil. Até porque hoje eu sei cobrar...”*

#### RELATO DE MEMÓRIA DE NP

*“Meu nome é NP, e tenho 33 anos. Sou surda. Eu tive pneumonia e fiquei 12 dias no hospital quando nasci. Depois quando voltei pra casa eu tive uma gripe, mas minha mãe não soube exatamente o que me levou a ser surda. Oito meses depois foi minha tia quem percebeu que ficava meio imóvel sem reação nenhuma. Aí ela chamou minha mãe e disse o que tinha percebido em mim. Minha mãe tomou um susto! Tentou bater palma, fazer estímulos visuais, mas nada. Eu não tinha reação nenhuma. Foi aí que ela disse pra minha mãe me levar pro médico. Aí me levaram pra Tubarão mas o médico disse que não sabia dizer o motivo disso. Fomos também pra Porto Alegre e nada de descobrir o que tinha. Até que em São Paulo foi que descobriram que eu era surda. Isso deixou minha mãe angustiada. Ela chorou muito. Quando voltamos pra casa contamos pro resto da família que também choraram muito. Então começaram a ver as barreiras que eu ia enfrentar. Quando completei 3*

anos de idade minha mãe saiu em busca de uma escola até que, por fim, encontraram a escola Jerônimo Coelho e me matricularam lá aos 3 anos. Em Laguna, eu não tive contato com surdos mais velhos. Só com K. WV, RR e M. Ah! Conheço o ES e a A. que são surdos mais velhos. Ah e conhecia o G. também que é mais velho que eu. O WV era quem encontrava mais surdos em Tubarão. Mas ele não me falava nada deles. Na escola a gente era incentivada a falar e ficar copiando o que passavam pra nós. Tinha pouquíssima Libras e ainda não era tão boa assim. O foco era ensinar o Português pra gente, mas o básico. Libras, era quase inexistente. Eu até demorei a ter meu sinal. A gente sabia alguns sinais como o sinal de Pai que nem era mais usado. Depois de muito tempo, quando tinha 20 anos, eu encontrei surdos sinalizantes em Tubarão. Eles sinalizavam tão rápido que eu não conseguia acompanhar. Ficava pedindo pra eles sinalizarem mais devagar. Perguntaram se eu tinha sinal, aí eu respondia “sinal? Não conheço”. Eles que me ensinaram Libras o que eu sei até hoje. Mas antes foi um pouco sofrido porque faltava intérprete, faltava conversas pra gente compreender o significado de algumas coisas. Às vezes chegava em casa chorando perguntando pra minha mãe por que me sentia desprezada, por que eu não conseguia...porque nunca me chamavam pra passear. Eu tinha uma amiga, a C., que me ajudou muito nessa época. Então minha trajetória foi um pouco difícil. Agora sinto que melhorou porque eu já me envolvo com os surdos e a gente se apoia um pouco. Graças a Deus! Porém ainda há necessidade de intérpretes para nos auxiliar em várias situações como em reuniões de trabalho por exemplo. É ruim ficar recebendo só a informação resumida. Eu já até falei com você, Crisiane, que é uma necessidade nossa de termos intérpretes, mas há uma demora muito grande! Eu lembro quando conheci você Crisiane na faculdade. Foi uma luta muito grande. Até na faculdade que não tive intérprete, mas mesmo assim me dediquei e consegui me formar nesses três anos de faculdade. Estudávamos uma ao lado da outra e só nos encontramos quase no final da faculdade. Parece que em Laguna os surdos ficam escondidos. Eu nunca frequentei a APAE. Mas eu agradeço muito minha mãe que me ajudou nos períodos difíceis. Hoje eu tenho dois filhos e sou casada com um surdo de Capivari que estudou em Tubarão.”



## RELATO DE MEMÓRIA DE AP

*“Eu acho que NP nasceu ouvinte. Ela nasceu de oito meses. Com doze dias ela teve pneumonia. Ela ficou uma semana na incubadora. Quase morreu. Com dois meses de idade ela ficou gripada. Eu coloquei remédio na narina dela, enquanto ela estava deitada, e ela ficou paralisada. Eu a levei ao médico que ficou examinando ela pra ver se ela melhorava. Graças a Deus ela melhorou, mas eu tive que ficar a noite acordada para ver a reação dela. Quando ela foi crescendo, assim...toda criança com três meses começa a se assustar e ela não se assustava. Com 5 meses a gente chamava ela e ela não ligava. Minha irmã que me visitava me falou que achava que ela era surda. Eu achei que não. Achei era só porque ela era novinha. Com 8 meses levamos ela a um otorrino em Tubarão. Realmente constatou-se que ela era surda. Marcamos outra consulta em Criciúma que tinha uma aparelhagem melhor e realmente confirmaram que ela era surda. Eu voltei pra casa chorando. Com 2 anos e 10 meses eu levei ela em São Paulo para uma outra consulta que constatou que ela era surda mesmo. Eles falaram que não tinha aparelho. Com três anos eu coloquei ela na escola de surdos em Laguna porque ela era DA. Era no Jerônimo Coelho, uma sala só para surdos. Acho que tinham uns sete surdos...por aí. Não usavam muito a Libras, os professores queriam que eles falassem. Ela ficou até os 14 anos lá. Foi muito bom pra ela. Mas os professores queriam que ela falasse ao invés de Libras. Hoje ela fala, não como a gente, mas foi difícil mesmo. Depois ela começou na escola aqui...no primeiro aninho. Aí eu sempre falava com a orientadora que tinha medo de que ela fosse rejeitada...que as crianças não fossem amigas dela por ela ser surda. Ela disse pra eu tirar isso da cabeça porque ia dar certo. Realmente, todos foram muito legais com ela. Na escola eles tratavam bem elas. Ela não era discriminada. Sempre foi muito amada. Só que eles não tinham a capacidade de atender os surdos, porque nunca tiveram uma pessoa surda na escola. Pro professor foi difícil. Só que as amigas dela entendiam ela. Agradeço muito os amigos dela. Com respeito à associação em Laguna, começaram mas não deu em nada. Começaram e parou. No ensino médio ela foi pro CEAL e os amigos ajudavam ela. Ela sempre foi uma menina muito esperta e inteligente. Não depende da gente. Ela fez faculdade. Só que até na faculdade não teve intérprete. Hoje pro surdos é bom ter o bilíngue né. É essencial pra eles.”*

## RELATO DE MEMÓRIA DE KL

*“Meu nome é KL, sou tradutora intérprete de Libras e tenho 35 anos. Minha primeira lembrança de surdos data de 1995. Eu tinha 10 anos e comecei a estudar na quinta série do ensino fundamental na Escola de Educação Básica Jerônimo Coelho. Lá havia surdos frequentando as classes regulares, mas também uma sala de recursos que na época se denominava D.A e mais tarde se transformou em SAEDE. Lá conheci pela primeira vez uma surda que me ensinou meus primeiros sinais em Libras, e conheci um outro surdo que viria a ser o aluno para o qual eu interpretaria no ensino médio. Lá eu tinha contato com outro surdo, WV. No Jerônimo Coelho, como funcionava o SAEDE, tinha nas paredes alfabetos manuais e os alunos ouvintes tinham o costume de ver os surdos sinalizando. Na época eu só percebia que os alunos quando ficavam em sala passavam grande parte do tempo a copiar. Não havia intérpretes e os professores não sinalizavam. A diferença daquela escola é que eles podiam desenvolver os trabalhos e as atividades no SAEDE com a professora ouvinte em contraturno. Mais tarde, aos 19, comecei a dar aula na mesma escola em que eu havia estudado, e na primeira série havia 1 surdo. Em 2006, iniciei com uma amiga um trabalho voltado para os surdos de cunho religioso. Fomos em todas as localidades de Laguna, de casa em casa, procurando por surdos. Sabíamos que não havia nenhum órgão voltado para eles e tampouco a secretaria de saúde ou educação tinha qualquer informação sobre. Foi a partir daí que comecei a ter maior contato com os surdos lagunenses porque passei a encontrá-los. Nessa época conheci inúmeros. Em 2008 passei a atuar profissionalmente com 3 surdos no Colégio Almirante Lamego – CEAL. E somente a partir desse ano, começou a se esclarecer o papel do intérprete educacional. Na época não havia nem nomenclatura para nosso cargo. Eu comecei a atuar no CEAL e mais tarde colegas vindos de outras cidades passaram a atuar em outras escolas de ensino regular entre 2009-2011. O que me recordo com muita clareza na época em que atuei, era que havia com o advento da inclusão dos surdos na escola – um olhar de caridade e de compaixão dos que estavam ao redor. Esse olhar assistencialista, muitas vezes inconsciente, era uma constante na vida desses surdos – que inclusive ao chegarem na escola e se depararem comigo – uma pessoa que estava tendo contato com uma outra realidade de surdos em*

*Florianópolis e que exigia deles o mesmo que dos ouvintes – se assustaram. Passamos por um período de adaptação porque eles estavam tão acostumados a não serem cobrados nas atividades, a passarem de ano independente do rendimento escolar e acostumados com a atitude assistencialista dos professores - que quando perceberam que podiam ter acesso a tudo em Libras e que iriam receber o mesmo tratamento que os alunos ouvintes ficaram em choque. Lembro que passamos meses nesse impasse, meses com eles se acostumando a ter aulas interpretadas e com uma nova dinâmica e se acostumando a serem pela primeira vez – assim entendo – alunos de verdade.*

*Em todo esse tempo, de 1995 até 2010 que foi o período em que conheci surdos e atuei profissionalmente em Laguna, nunca houve uma associação de surdos na cidade. Eu soube por meio das mães dos surdos para os quais eu interpretava que por volta de 2003 houve a intenção de fundar uma associação. Mas não conseguiram dar prosseguimento. Na época em que eu atuei como intérprete entre 2008-2010, havia apenas eu nessa função no município e a professora que atuava no SAEDE do Jerônimo Coelho. Não havia uma organização dos surdos – poucos se conheciam, alguns da infância na APAE por haverem estudado juntos. Havia uma geração de 40-50 anos que havia convivido na escola especial – APAE e uma geração posterior que havia convivido no SAEDE. Mas eles não se encontravam. A geração dos surdos mais velhos e a dos mais novos não tinha um espaço de encontro. Os surdos que conheci em sua grande maioria usavam uma língua de sinais própria, criada dentro da família, com gestos e mímicas para se comunicar. A sinalização deles era muito focada no concreto e básica se comparada aos surdos fluentes que eu havia tido contato ao ir para a universidade. Isso me fez pensar que essa lacuna havia se agrandado pela falta de professores surdos e pelo escasso contato da comunidade surda lagunense com surdos de outros lugares com mais acesso à informação. Como em 2008 eu era a única intérprete na cidade, tudo o que envolvia surdos – boletins de ocorrência, audiências, leitura de exames, interpretação de eventos – me envolvia. Eu era chamada para atuar em todas as esferas – mesmo sem experiência e no começo de minha formação. Eu conhecia surdos que tinha uma sinalização própria – advinda de sinais caseiros e conhecia surdos mais jovens que tinham uma sinalização mais próxima da Libras que eu conhecia. Eram gerações distintas e com necessidades diferentes. Mas o que mais*

*me lembro era a necessidade de se comunicar. Eu trabalhava até as 10 da noite e inúmeras vezes quando eu chegava em casa, havia surdos me esperando para conversar. Nos finais de semana, alguns surdos mais velhos iam de bicicleta até minha casa para simplesmente falar do que haviam feito naquele dia... os surdos para os quais interpretava muitas vezes não me deixavam ter recreio porque queriam conversar. Por conta do meu trabalho religioso, nos encontrávamos em grupos e muitos surdos começaram a se conhecer assim – convidados para nossas reuniões. Eu estaria mentindo se dissesse que não me sentia esgotada às vezes – mas eu me sentia muito privilegiada por eles me procurarem para conversar – para se abrir, desabafar, falarem de um bolo feito durante a tarde ou do quanto era bom andar de bicicleta. A questão era que essas pessoas haviam passado anos sem poderem encontrar pares linguísticos com quem pudessem se identificar e com quem pudessem se comunicar em Libras e mesmo que eu não fosse esse par, que como ouvinte eu não fosse uma igual nessa relação, eu havia sido mediadora do encontro de muitos deles e eles me permitiram entrar para a comunidade por conta disso – algo pelo qual sempre serei grata.”*

#### RELATO DE MEMÓRIA DE CR

*“Meu nome é CR, sou ouvinte e mãe de um surdo, o RR. Tive bastante dificuldade de aprender a linguagem. Não conseguia entrar num curso, não tinha tempo, por causa do meu envolvimento, da família, meu pai e mãe ter morrido, mas me esforço pra me comunicar com o RR, do meu jeito, com dificuldade. A minha família mesmo não tinha tempo pra ouvir o RR, tentar entender o que ele tá dizendo, mesmo que não seja na língua de sinais. Eu me sinto assim. Acho que agora tem muitas tecnologias desenvolvidas, mais pessoas envolvidas. Mas na época que o RR nasceu, os surdos só ficavam em casa e disseram pra ir pra APAE. A APAE, eu fui lá. Eu não levei o RR. Quando eu cheguei lá eu não vi isso assim. Lá eles diziam que iam preparar eles pra aprender a fazer vassouras pra depois vender. Não era aquela coisa assim de ter funcionários capacitados pra ajudar eles de forma diferenciada até mesmo pra ter formação no estudo né. Então eles falavam muito nessa parte de desenvolver artesanato e ter uma renda. É a questão do L. até hoje.*

*Ele vai lá faz algumas, aí ajuda um pouquinho na renda familiar. Eu achava bonito o que faziam que era maneira deles de entender. Mas acho que deveria ser uma coisa maior, pensar num surdo médico, num surdo professor, pensar numa capacidade maior para os surdos. Eu sei que se eu falar dentro da sociedade muitos podem me chamar de louca, mas o RR por exemplo ele tinha uma facilidade no desenho, desenhava tudo tão perfeito e porque não se voltar num aprofundamento maior nisso?! Eu achava que os surdos tinham uma capacidade que poderia ser explorada num momento diferente né. Mas não foram explorados. Eu senti na APAE que “a gente oferece isso e vamos seguir isso, todo mundo igual”, mas eles não eram iguais. Eram diferentes, cada um tinha um jeito de ser e que tinha que ser explorados como eles eram. E por isso que eu não queria. Foi onde fui na prefeitura, eu lembro que chorei e briguei muito também, falei um monte de coisas que a sociedade não tá preparada pra receber essas crianças mas elas foram colocadas na nossa porta. E agora como é que a sociedade vai lidar com eles e com a gente juntos. Acho que foi ali que eles se comoveram um pouco pra tentar ajudar e colocar uma fonoaudióloga em Laguna, mas a APAE eu não senti isso de querer colocar a língua de sinais, uma fono, uma sala específica para os surdos, era todos juntos naquela época. Não tinha Libras na APAE. Era só desenvolver os desenhos. O que eu percebi que eles davam desenhos pra eles fazerem, joguinhos, sabe. E já eram crianças grandes e isso me chamou a atenção, já eram grandes e estavam ali naquela coisinha pequena. Pra mim eram pequenas pois a idade deles ia avançar, iam ter que aprender né. Eu tive resistência e falava que ele tinha que ir pra uma sala normal. Mas pensa bem uma professora que não sabia nada do que ele tava fazendo. Lembro que a professora de educação física sempre levava uma fruta linda, gostosa, para dar pra eles na hora da educação física, principalmente pro G. porque as crianças achavam que ele gritava muito. A professora levava a fruta pra ele e deixava ele dentro da sala que ele sentia muito sabe. Essas coisas foram muito tristes para nós na batalha deles pra conseguir levar eles pra escola, pra oitava série, pro segundo grau...como foi difícil! A faculdade também foi complicada. Mesmo depois da formação do RR eu ainda sinto a dificuldade porque pra emprego pros surdos tá muito difícil para pessoas querem o serviço deles, colocar ele numa função. É muito difícil! Na comunidade tinha um surdo, o L. Era o único surdo mais velho que eu conhecia. Não é que a gente não encontrasse. Mas a gente não se*

*inteirava. De ir na casa era só o L. - que era bem tímido pouco se desenvolveu. Ele frequentava só a APAE. A mãe dele também bem tímida já tinha uma filha com deficiência mental. Era uma família bem problemática. Era o único que conhecia antes do RR. Hoje o L. é muito esperto. Todas as coisas que ele quer me contar ele me procura. Só que ele não fala na língua de sinais. É sinais daquele jeito, me conta, me leva pra ver as coisas, sabe, aí a gente faz uma maratona para se entender. Ele é muito bacana! Ele frequentava a APAE e ele é um menino muito assim... a mãe dele faleceu. Acho que ele deve ter uns 37. Mas ele vive só. Faleceu a mãe, faleceu a irmã que tinha deficiência mental. Ele ficou sozinho na casa dele. A casa dele é bem arrumadinha, caprichadinha. Tudo muito certinho. Ele busca as coisas na comunidade, fez a casinha dele muito bonita, plantinha, hortinha...muito legal. Quando o RR estava na escola, na quinta série, acho, a gente criou uma associação, faz 20 anos, foi em 2001. A gente criou uma associação de Laguna, mas ela não tinha fono. Daí o RR com 5 anos eu comecei a levar ele pra Florianópolis para ir a IATEL né, tinha todo aquele trabalho com os surdos, o RR começou a aprender as cores, os animais. A gente ia toda terça e quinta pra lá. Quando o RR ia lá para IATEL, a gente sentiu que, uma coisa gostosa desde que a gente chegava...o primeiro dia que levei ele pra ser matriculado, eu fui lá e queria ver como era. Lá que a gente conseguiu assim que eu senti que era uma coisa boa só que ficava muito longe e ficava difícil pra levar o RR. A própria IATEL viu que...a gente ia numa kombi da prefeitura, às vezes pegou fogo, e na segunda vez que ela pegou fogo a gente ficou com medo porque foi bem lá no morro dos cavalos naquela subida e aí a gente vinha descendo e ficamos meio agoniados porque a porta não queria abrir né. Quando a gente chegou lá a gente tava tenso, o RR tava tenso, não aprendeu nada naquele dia. Aí eles começaram a ver se tinha um outro mecanismo que a gente pudesse usar pro RR. Aí eles falaram que a sala dos deficientes auditivos e oficinas tava melhor, tinha professores mais capacitados que era em Tubarão e que eu poderia ver uma vaga pra ele. Aí eu vi ali oficinas, então eles começaram a trabalhar Libras com o RR, entender do mesmo jeito que eles estavam fazendo na IATEL de cores, de bichos, de nomes, juntar as sílabas, formar as palavras. A gente ficou um tempo ali. Só que depois, a aula do RR tinha que ser, eles tinham que estudar de manhã, mas o RR só podia a tarde porque não tinha como, só tinha um ônibus. E aí as mães não queriam que os filhos estudassem de*

*manhã, as crianças da terceira série, elas achavam que os filhos eram pequenos pra se acordar cedo no inverno, aí começou uma polêmica, aí foi difícil a gente conciliar né. Teve mãe que tirou e colocou o filho em outro colégio. O RR sentiu falta do coleguinha quando ia pra aula e não tava o coleguinha. Aí a gente teve que parar de estudar em Tubarão. Aí a gente começou a lutar aqui por Laguna pra ver o que a gente conseguia né. Foi assim tudo muito sacrificado, difícil mesmo. Aí eu falei com o Adílson Cadorin, prefeito da cidade, que tava muito difícil levar o RR para Florianópolis porque Laguna não tinha nada, não tinha fono para atender. Aí eles me incentivaram a criar a APAS que seria uma associação de surdos. Aí a gente conseguiu essa associação de surdos que tinha uns 18 associados. As mães que participavam né. Nenhum pai. Na verdade, quando a gente criou a associação, as mães começaram a participar pra criar a diretoria. Nosso objetivo era encontrar uma fono pra Laguna que os surdos pudessem ser atendidos por essa fono. Esse era nosso primeiro objetivo. Então pela prefeitura de Laguna, pela assistente social, as meninas faziam parte na época da prefeitura, a Fundação irmã vera, a gente conseguiu trazer uma fono que foi a Maricélia Brito. Ela começou a entender as crianças pela prefeitura. O único avanço foi esse. Depois a gente queria um trabalho que fosse mais direcionado a isso. Mas a gente não conseguiu avançar, sabe. O fato de a Maricélia vir foi muito importante. A gente cresceu com o fono. Em 2001, solicitamos reunião com a UNISUL, para pedir apoio para a APAS uma preparação técnica, uma formação melhor para os surdos. Dizia assim que o melhoramento só poderá ser alcançado através de um trabalho de capacitado por um fonoaudiólogo, ensino especial, serviços sociais, diz aqui na ata. Mas não fala nada de uma lei que foi criada. Fala do desejo dos pais solicitando a Unisul. Estavam presentes na ocasião, o professor José Rafael dos Santos, a Professora pedagoga Cláudia, e a diretoria da APAS. Trataram desse assunto junto a Unisul para fortalecer, uma preparação melhor aos surdos. Isso foi em 18 de outubro de 2001. 20 anos atrás. Se essa lei fosse olhada no município talvez a gente tivesse avançado melhor. Essa lei lagunense criada em 2003 tem a ver com o trabalho desenvolvido pela APAS nesse tempo. Porque a nossa associação foi criada em 2000. Depois ela começou a se organizar em 2001 e foi na gestão do Cadorin. A doutora Ivete ficou à frente disso e foi dando as coisas pra gente continuar crescendo. Acho que se tivéssemos ficado com o mesmo governo da época, porque logo em seguida teve eleição, e eles*

*ficaram com outro governo. Talvez se tivéssemos continuado com aquela, talvez esse segmento dos surdos tivesse sido mais forte dentro do município. Associação fechou porque assim, as mães...houve uma dificuldade de mães que eram mais atuantes. Nós tínhamos aquelas mães muito desmotivadas que diziam que os filhos mesmo tinham que ir pra APAE. E aquelas que estavam mais pra frente como a S., ela teve um problema bem sério com o casamento, ela tinha os outros filhos, aí deu um impacto muito grande nela sobre isso. A gente tinha a R. que trabalhava no INSS que sempre foi muito compromissada com o trabalho. A mãe do WV foi para formação de enfermeira, foi pra área da medicina e começou a fazer esses cursos. E todo mundo com dificuldade de sobrevivência e não teve aquele engajamento e teve aquele não acreditar no suporte. Parecia que tínhamos poucas pessoas envolvidas. Não tinha uma câmara de vereadores apoiando, a própria família da gente não acreditava, foi uma coisa muito difícil assim. A gente teve pontos positivos com a associação que foi a contribuição da língua de sinais vir pra Laguna através da associação. A fono veio pra Laguna através da associação. Mas a gente não conseguiu evoluir mais talvez por troca de governo e as pessoas não se sentirem mais motivadas. Às vezes quem tá a frente já quer fazer outro projeto que são projeto deles de governança, outros que saíram já vão pra outras...agora eu não tô mais dentro do município então vou cuidar da minha vida de forma diferenciada. E a gente que estava só começando ficou numa dificuldade maior né? De aproveitar mais. A gente tentou seguir, várias vezes conversar. A associação andou um pouco. Mas a gente viu isso, muito falta de acreditar numa coisa maior. Nós queríamos uma sede e íamos construir isso numa igreja, Santo Antônio, que disse que ia dar uma sala depois não deram fecharam as portas. Depois a gente tentou buscar dentro da prefeitura, o pessoal tinha uma sede no centro social urbano, mas depois alguém disse que aquela sala era pra outra coisa. Aí não deu. Aquilo foi desmotivando um pouco o trabalho. Aí esbarramos no problema de interpretação da Libras na escola. A maioria das crianças ingressaram né. A gente já tinha o WV que já estava na frente um pouco. Depois o RR alcançou ele. Mas a gente não tinha intérpretes nas salas de aula. No Jerônimo Coelho tinha uma sala de apoio aos deficientes auditivos. Tinha uma professora, não lembro o nome dela, ela era muito querida. Ela conseguiu evoluir os alunos. Depois ela saiu, ficamos pouco tempo com ela. Depois entrou outra professora, a G. Ela era boazinha, paciente e calma. Mas ela não*



*conseguiu evoluir o que a outra professora estava evoluindo neles. Sentia que eles não estavam motivados né. Faltava uma coisa a mais para eles irem pro segundo grau. Só aquela sala do Jerônimo não tava conseguindo que eles pudessem compreender os estudos. O RR mesmo tinha muita dificuldade, quando ele chegava na sala, faltava aquele empenho pra conversar mesmo, de desenvolver eles, como a outra professora que teve que sair, não sei por que, mas ela dava um apoio bem maior. A G. passou muitos anos com ele. Aí a gente sentiu a vontade de ter um intérprete em sala de aula. Foi onde a gente foi buscar né. Os meninos já estavam indo pro segundo grau. Novamente buscamos o engajamento da prefeitura e fomos atrás dessa intérprete. Foi aí que a KL, intérprete, entrou pra ajudar os meninos na sala. Eu sempre falo que ela foi um anjo que veio pra ajudar pela paciência, entendimento né? O que ajudou o RR não foi bem eu. Nem a própria família, O RR teve um elo muito grande com os surdos em Florianópolis que tem outra visão, outro aprendizado. São como uma família. Eles se ajudam, se buscam, se encontram. Por exemplo, o aniversário do RR é dia 14, mas eles socializaram que um não pode, outro não pode, a data melhor é 3 de junho. Então ele faz aniversário em 14 de maio, mas eles já combinaram que a festa vai ser 3 de junho porque todos podem nesta data. Acho bacana porque eles são uma família mesmo. Quando eles vêm pra cá é como se fosse meus filhos. É todo mundo sorrindo. O RR conversa muito com eles. Dão boas risadas. Isso é muito importante. E aqui em Laguna não tão nesse espaço de convivência. Quando ele vem pra cá eu até peço que ele venha por causa da situação financeira porque a gente tem casa, não precisamos pagar aluguel, nada disso. Acho que aqui em Laguna não teve mesmo aquele suporte como os surdos de Florianópolis com a IATEL que tivesse a disposição deles, para que pudessem interagir, uma proximidade. Eu senti que a IATEL tinha uma proximidade dos pais, bem envolvidos. Quando participei lá me senti mais...com uma pessoa que pudesse conversar mais, desabafando falando das dificuldades. Era cada mãe em sua casa. A própria associação não conseguia fluir porque uma mãe tinha outro filho menor que o surdo e precisava cuidar, trabalhar. O próprio pai não entendia por que tinha que fazer isso. Eles achavam que tinha que ir pra APAE como os outros iam. Aquele comodismo das pessoas. Leva pra APAE e volta pra casa. E deu! Acho que faltou acreditar que eles podiam evoluir mais. Quando levei o RR pra faculdade muitas pessoas ignoraram. Falavam que eu queria igualar o RR*

na sociedade como os ouvintes. Falavam que a faculdade não era um local para uma pessoa sem som, não emitia som. Várias vezes as pessoas comentavam sobre isso. Diziam que ele só ia pra lá, mas não iria aprender nada. Aquilo me doía quando diziam isso, as pessoas mais próximas da gente na comunidade que não conseguiam entender que os surdos pudessem estar inseridos. Quando levei ele pro Jerônimo Coelho a gente comprou o uniforme. Aí na parada do ônibus as pessoas viam e comentavam do porquê eu botava o uniforme do Jerônimo Coelho, mas (cortou o som). Isso me entristecia. Acho que Laguna é isso mesmo, sabe. Faltou inserir os surdos dentro da realidade do dia a dia. Algumas mães que tiveram ainda um pouquinho de, sei lá, carinho, tempo, Deus tocou no coração, tem poucas mães, e a gente conseguiu fazer alguma coisa a mais pra eles. Mas os surdos em Laguna não têm visão nenhuma, são agressivos com os pais, ficam no mundinho que não conversam com ninguém, longe da sociedade. O G. que tem a idade do RR é totalmente diferenciado. Ganhou um notebook e quebrou tudo porque queria fazer acontecer, mas não conseguia. Existe isso ainda nesses surdos. Em Laguna há pouca evolução, principalmente naqueles que têm surdez severa. Quem tem menos ainda conseguem ficar melhor né? Hoje eu não sei quantos surdos tem na cidade por que teve outros que vieram. Teve uma época que fizemos um levantamento e tinha um total de 27. Hoje eu não sei o total. Mas acredito que hoje deve ter mais pois já faz tempo. Eu lembro que por volta de 2001, a gente fez uma pressão muito forte pra que tivessem os intérpretes em sala de aula. Fizemos uma luta muito grande. Quem fez tudo isso dentro da prefeitura, nós tínhamos um apoio de algumas pessoas que se engajaram nessa luta. A doutora Ivete, esposa do prefeito, deu muita ajuda pra isso. A professora Ilda, que era vice, também apoio muito. Aí que conseguimos ter o amparo do município que na verdade se apoiou na associação para criar essa lei que tivéssemos intérpretes de sinais. Tudo isso porque quando comecei acompanhar a IATEL eu vi que tinha tudo isso pros surdos e pra nós não tinha nada. Quando coloquei ali dentro da prefeitura sobre isso, a doutora Ivete falou que íamos começar a organizar o estatuto pra gente começar a criar esse tipo de Lei para vocês serem beneficiados. E foi ali que começou. Essa lei foi importante porque ela conseguiu trazer a professora KL durante todo o acompanhamento do segundo grau deles. Eles se sentiram o máximo dentro do CEAL. Eles se sentiam os meninos que sabiam tudo e voltavam felizes pra casa diferente de quando eles estavam na

*oitava série, aquela preocupação de que não ia conseguir entender. Eu mesma, aqui na Passagem da Barra, quando o RR foi pro primário e vi que ele não conseguia aprender nada, eles queriam que eu fosse presidente da colônia de pescadores de Laguna. Eu abri mão de ser presidente da colônia de pescadores para ser merendeira do colégio, porque sendo merendeira, eu que não tinha formação de professor, poderia estar perto do G., do meu filho e ajudar eles no momento da prova, ali dentro da sala de aula.”*

É interessante notar que aparentemente, a educação de surdos bem como a comunidade surda da cidade vizinha, Tubarão, já estava mais avançada e é por isso que nos relatos, o contato com os surdos e a frequência às aulas em uma escola que tinha uma sala para atendimento aos surdos – teve impressões importantes nas memórias de alguns dos entrevistados.

Outro aspecto notável, é esse distanciamento entre os surdos de gerações diferentes. Obviamente, já havia um distanciamento geral entre os surdos, mas nos relatos percebi que os surdos mais velhos, com apenas uma exceção, não eram conhecidos. Devo isso à falta de organização de uma associação em que os surdos pudessem se conhecer e se socializar. Mesmo com o intuito em 2001 da criação da APAS, o objetivo era mais voltado para trazer melhorias para os surdos da cidade em termos de serviços e suporte no atendimento escolar – e não focada em reunir os surdos em si.